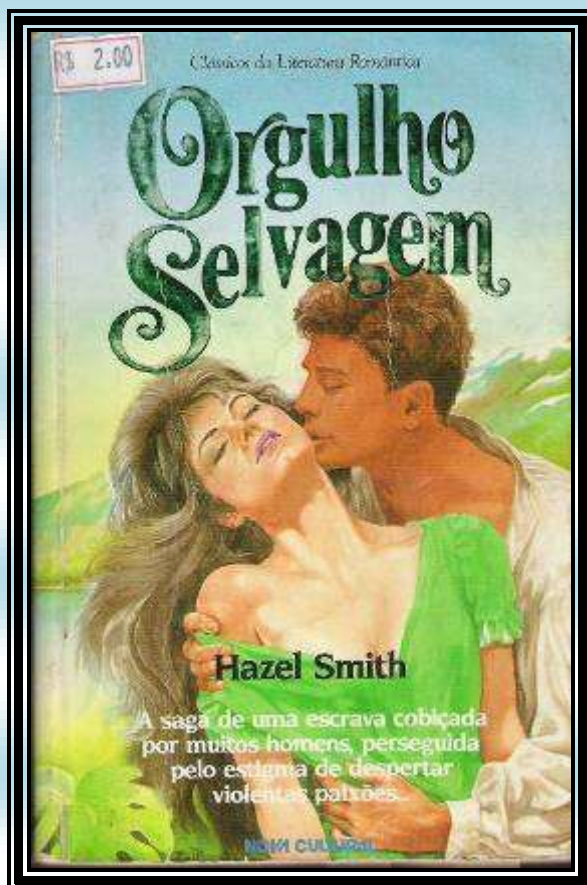


Orgulho Selvagem

(Hazel Smith)

Título original: *A Savage Pride*



Do alto da colina, Melody avistou Windhaven, a estranha casa onde viveria com Paul Savage, o homem que a comprara num leilão de escravos nos Estados Unidos... Por um instante, rememorou o destino que a trouxera até aquela região selvagem, no coração da Nova Zelândia.

Assassina para defender a própria honra, marcada pelo estigma da escravidão... Seria o recomeço do pesadelo? Ansiosa, voltou os olhos para Paul, silencioso ao seu lado, ao mesmo tempo fascinante e assustador. Era seu dono agora. O que exigiria dela esse enigmático aventureiro, que, apesar de resgatá-la da sanha de homens sanguinários, recusava-se a conceder-lhe a liberdade? Que preço precisaria ainda pagar pelo direito de amar e ser feliz?



Disponibilização do livro: Nutri.Rosangela

Digitalização: Polyana

Revisão: Nádia

A Autora e sua obra

Hazel Smith, apaixonada por História e Literatura, encontrou no romance histórico a fórmula ideal para exercitar sua criatividade e imaginação. Autora de muitos bestsellers, consagrou-se junto ao público por suas histórias envolventes, densas na trama, perfeitas na reconstituição de várias épocas.

Ainda muito jovem morou nos Estados Unidos, percorrendo o país inteiro e trabalhando em cidades como San Francisco, Houston, Los Angeles, Las Vegas e Miami. Desse período guarda recordações inesquecíveis, que muitas vezes aparecem em cenas de suas obras.

Atualmente Hazel Smith vive com o marido e um filho de quinze anos ao sul de Londres, Inglaterra, dividindo o tempo entre as tarefas de casa, o trabalho como contadora e o ofício de escritora.

Copyright: Hazel Smith

Publicado originalmente em 1987 pela World wide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: Dulce de Andrade

Copyright para a língua portuguesa: 1989

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av, Brigadeiro Faria Lima, 2000 — 3 andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda. e impresso na Cia. Lithográfica Ypiranga

PRÓLOGO

Gotas de suor cobriram a testa lisa de lady Arabella Fortesque-Savage quando as dores do parto atingiram o ponto máximo. Quase com indiferença, ela refletiu que, como acontecerá em todos os grandes fatos de seu casamento, seu marido estava ausente. Sentia-se além de qualquer dor. Trinta e seis horas antes, mordera o lábio até feri-lo, mas agora esperava, tranqüila, a morte. Dava-lhe algum conforto saber que a linda mulata, a quem chamava Nanny — uma pálida substituta do anjo gorducho e sorridente de sua infância—, continuava a seu lado, apesar de ter uma filha também dando à luz, no alojamento dos escravos.

Lá embaixo, houve uma súbita comoção e o barulho de madeira se quebrando, quando a porta da frente cedeu. Gritos ressoaram pelo pavimento inferior, e, no mundo de paz que Arabella havia atingido — muito acima da cama onde lhe parecia ser outra a mulher que se retorcia, sem esperanças —, ela registrou o som.

— Minha gente...

— ...está livre — Nanny completou, baixinho. — É a vez deles e a sua de lutar pelo que está para acontecer. Deus os ajude, pois a hora deles será mais demorada que a sua. Calma, agora, menina. Não deve falar. Respire fundo. Expire. Mais depressa. Estamos quase lá. Estou sentindo. Respire mais depressa. Empurre, agora. De novo.

A dor dilacerou Arabella por dentro, arrancando um grito abafado de seus lábios de lady inglesa, que se recusava a dar sinais de fraqueza. Quando sua carne foi rasgada, ainda assim ela lutou contra a agonia e a escuridão que se aproximavam, enquanto a mulata amparava a criança e a colocava em seus braços.

— É...

— Uma menina adorável, miss Arabella.

Nesse instante, ouviram o som de madeira despedaçada, enquanto os negros pilhavam a casa lá embaixo, destruindo as lindas portas entalhadas e as delicadas cadeiras em estilo Luís XV, que Arabella trouxera da Inglaterra e das quais tanto gostava. Foi quando a dona de St. Clare tomou consciência de que aqueles gritos bestiais de ódio a teriam avisado de seu fim, se o bebê arrancado de seu corpo esbelto já não lhe estivesse causando a morte.

Os escravos haviam finalmente se livrado de seus grilhões, encorajados pelos seguidores do pastor negro Nat Turner, cuja revolta, oito anos atrás, em 1831, levava à morte mais de sessenta brancos e incontáveis negros inocentes. Desde aquela época, vários focos de rebelião tinham explodido em violência, no

sul do país. Mesmo agora, o marido de Arabella e um grupo de vigilantes vasculhavam as matas, a procura dos negros que haviam matado a família de um plantador, a oeste dali.

Era realmente irônico, Arabella pensou, que ele estivesse naquela missão, percorrendo as colinas verdejantes da Carolina do Norte, enquanto seu próprio lar era destruído.

À medida que as sombras abençoadas a envolviam, a lady inglesa pensava no que fora sua vida com o homem forte e imponente com quem se casara. Um homem que se revelara um bruto em seu território natal. Ela ficara horrorizada com a crueldade com que ele tratava os escravos, chicoteando-os diariamente pelas menores ofensas, arrancando crianças dos braços das mães para vendê-las a outros plantadores, e, principalmente, satisfazendo sua luxúria insaciável com qualquer menina que lhe despertasse o desejo.

Arabella tentara dialogar com ele uma vez, dizendo que estava acostumada a ser tratada com amor e respeito. Ele rira, retrucando que a respeitava tanto quanto aos outros objetos lindos de sua propriedade, e que, se o que ela queria era amor... Ele a possuía então, brutalmente, no hall em que estavam. Arabella nunca mais tocara nesse assunto, suportando-lhe os toques repugnantes e alegrando-se. Quando o interesse dele se focalizava em outros assuntos.

Ah, se pelo menos...

Brilhante como a aurora, veio-lhe à lembrança o jovem inglês, Alexander Davenport, um conhecido de sua juventude, que, por incrível que pudesse parecer, apaixonara-se por uma selvagem com um oitavo de sangue negro, em vez de por ela. Lágrimas encheram-lhe os olhos, quando pensou no fruto ilegítimo daquela união chocante, que devia estar nascendo agora, num leito de palha, no interior de uma cabana de madeira.

"Devia ter sido meu", pensou. "Devia ter sido meu. É um menino, na certa. O filho de um lorde inglês e uma lady."

Nesse ponto, ela se lembrou do primeiro filho a que dera à luz. O garoto que tanto desapontara seu marido, devido à delicadeza e à beleza frágil.

— E Brett? — indagou à mulher que lavava as mãos na bacia de louça, decorada com flores.

— Eu o levarei comigo.

— Ele só tem sete anos. Vai sentir medo.

— Ele estará seguro.

Arabella assentiu fracamente, já quase sem forças. O chorinho da criança em seus braços chegou-lhe aos ouvidos, e ela sentiu o coração apertar-se ao perceber que nem teria tempo de amamentá-la. Ergueu a mão, num gesto sem vivacidade, e de imediato Nanny aproximou-se, inclinando-se sobre a cama. Olhos azuis encontraram-se com olhos castanhos.

— Salve-a — Arabella murmurou, lutando contra as sombras por um momento mais. — Não me importa como, mas... salve-a!

Reconfortada pelo gesto rápido de assentimento, Arabella se deixou envolver, afinal, pelo manto da escuridão eterna. Inclinando-se, a mulata beijou-a na testa.

— Nunca pude fazer isso quando a senhora estava viva, patroinha. Adeus. Que Nosso Senhor a tenha a salvo.

Os olhos aveludados estavam úmidos quando ela pegou a criança, embrulhou-a num pano limpo e caminhou para a escada, levando-a nos braços.

— Mister Brett! Onde é que você está, menino? — chamou, aflita, bem baixinho, para que os invasores não a ouvissem.

Ruído de garrafas estilhaçadas, misturado a risos e palavrões ocasionais, quando os cacos de vidro feriam um pé nu, indicaram-lhe que eles tinham encontrado a adega. Sua busca tornou-se mais apressada. Não sentia nada além de desprezo pelos intrusos, mas sabia que, uma vez bêbados, nem os líderes conseguiriam controlá-los.

— Brett! Venha cá, menino! E depressa, porque eu tenho de tirar este bebê daqui.

Nenhuma resposta. Nanny já se virava para procurar-nos outros cômodos, quando uma figurinha animada saiu de trás das cortinas, no fundo do corredor, e correu para o quarto da mãe.

— Mamãe! Mamãe! — ele sussurrou, os cachos dourados brilhando à luz das velas. — Nanny está com o bebê de que você me falou, e há uns homens maus na adega. Estou com medo, mamãe! — Ao chegar junto à cama, ele se interrompeu, arregalando os olhos azuis» apavorado. — Mamãe?

Ela parecia dormir tranquilamente, mas havia um cheiro estranho e desagradável no quarto, e sangue nos lençóis. Dava medo tocá-la. Mas o som da voz de Nanny, baixinho, do lado de fora, fez com que ele escorregasse depressa para debaixo da cama. Nanny sempre representara a segurança, protegendo-o da zanga do pai e dos amigos dele, que viam sua delicadeza como fraqueza, mas desta vez estava decidido a ser firme. Não abandonaria a mãe nas mãos daqueles

homens maus, por nada no mundo!

A mulata realizou mais uma busca rápida pelo quarto, e em seguida tomou uma decisão: proteger, em primeiro lugar, o bebê. O garoto estaria a salvo, enquanto permanecesse em silêncio e no lugar onde se escondera. Levaria o bebê de miss Arabella para mamar em sua filha e depois, quando o saque acabasse, voltaria à procura de mister Brett. Conhecia seu povo: eles estavam interessados apenas em saquear e descarregar a raiva num punhado de móveis, antes de fugir para o norte; Os negros de St, Clare não eram assassinos, embora muitos, se tivessem oportunidade, matariam Locke Savage, o Touro Selvagem, com alegria e fariam sofrer a mulher branca.

— Eles não vão pôr fogo na casa, é o Sr. Savage estará de volta, assim que Cato o encontrar — a mulata disse para si mesma.

Rapidamente-, ela desceu a escada e saiu pela porta dos fundos, atravessou a área da cozinha e correu pelos campos, em direção ao alojamento dos escravos.

Nem todos os negros tinham se juntado aos revoltosos. Um ou dois permaneciam, num silêncio desconfortável, junto à cabana de sua filha. Eram homens velhos para lutar, e com muito medo ou cansados demais para procurar a Estrada da Liberdade. Um deles foi ao encontro de Nanny.

— Ela não deixa a gente entrar.. Teve-o filho agora a pouco, mas não quer ninguém lá, só você.

Nanny sorriu-lhe com simpatia.

— Está bem, Rufus. Espere aqui. Talvez possa ajudá-la, depois.

— Ela não gritou como a minha Bessie, quando teve o nosso Josiah — o homem informou, preocupado.

Nanny apertou os lábios, antes de dizer:

— Ela é uma coramantin. Não demonstra a dor.

E nesse aspecto, a mulata refletiu, havia pouca diferença entre sua linda filha-e a aristocrática lady inglesa, que acabava de deixar. Ambas agüentariam com estóica indiferença toda a dor que a vida lhes mandasse.

No quarto minúsculo, Ereanora dera à luz com facilidade e sozinha. Sua mãe viera num dos carregamentos ilegais de escravos, contrabandeados para o interior do país, desde que a lei de 1808 acabara com o comércio de escravos africanos. Ereanora era forte, orgulhosa e, aos dezesseis anos, estava no auge de sua mocidade, mas apanhar algodão o dia inteiro causara problemas em sua

coluna.

Ela mordeu o lábio, recusando-se a reconhecer as dores estranhas, que não eram como a mãe dissera. Mas logo tudo acabou, restando apenas a vontade de dormir. Como num sonho, viu a mãe entrar com um embrulho nos braços. Fracamente, indicou a criança mal coberta, a seu lado, que não queria sugar seus seios.

— Ela...-não quer... mamar...

Um olhar, e os lábios de sua mãe se apertaram. Os olhos aveludados fecharam-se por um instante, como se ela estivesse sofrendo.

— Vai dar tudo certo — ela tranqüilizou a filha num tom educado, copiado da patroa. — Vê? Vou acordá-la. Ela só está cansada, depois desse trabalho duro. Os bebês fazem uma longa viagem para entrar no mundo, e depois só querem dormir. Como você.

Ereanora permitiu que a mãe pegasse a criança, e ouviu um vagido. Um grito sadio, faminto. O recém-nascido foi colocado em seu seio e sugou, com força. Ela sorriu, erguendo os olhos marejados para a mãe.

— Tive uma garotinha bonita e sadia. Eu lhe disse que seria fácil para mim, quando você teve de ajudar a patroa,. Eu lhe disse que teria um bebê bonito e sadio!

— É, sim, minha filha — a mulata murmurou, com um nó na garganta. — Você estava certa. Ela é um bebe lindo! Saiu-se muito bem, mulher guerreira! E não podia ser de outro modo; Você é uma coramantin, e nunca se esqueça disso. Os mais cobiçados escravos da Costa do Ouro, os de maior coragem, os melhores no trabalho. Não recebemos as chicotadas do homem branco com gritos e choro. Nós o encaramos nos olhos, como encaramos a vida.

Ereanora sorriu e cerrou as pálpebras, aceitando as palavras da mãe. Só então, com o nó na garganta ameaçando sufocá-la, Nanny olhou para a filha de lady Arabella, que mamava com voracidade. Seu olhar voou para a própria filha, que agora sorria, feliz.

— Eu volto logo — falou. — Tenho mais uma coisinha a fazer.

Inclinando-se, ela pegou o corpinho sem vida que estava sobre o chão de terra e, sem deixar que a filha o visse, saiu.

A Casa Grande encontrava-se em silêncio, com os invasores saciados de sua sede de vinho e vandalismo. Chegando ao quarto da senhora, a mulata envolveu a criança num pedaço de seda, encontrada numa das gavetas destruídas.

— Nada de enterro escravo para você, pequenina. Você é uma lady, agora.

O rosto molhado de lágrimas, Nanny rezou aos deuses de seus ancestrais, na língua que aprendera com eles. Em seguida, endireitou o corpo e respirou fundo. Havia um futuro a planejar. Por mais forte que fosse seu amor pela linda senhora que sempre a tratara com bondade e respeito, maior era seu ódio pelo senhor.

— Ele não a terá — murmurou, pensando na criança que dormia nos braços de sua filha. — Antes ser uma escrava que filha de Touro Selvagem. Vou tirá-la daqui. Levá-la a um dos "condutores" da Rede.

A Rede. Composta de homens e mulheres corajosos, negros e brancos, sulistas e nortistas, que ajudavam os escravos foragidos a alcançar a liberdade. O caminho era longo e cheio de perigo, mas todos os anos milhares conseguiam chegar ao norte, e Nanny estava decidida a fazer com que sua filha e a criança também conseguissem.

Seu coração apertou-se por um momento, quando pensou na outra criança, Brett, o menino de sete anos e cabelos dourados como os da mãe, que jamais poderia passar por negro e ser levado para longe do pai. Ele só aumentaria o risco para os outros. O bebê, no entanto, tinha os cabelos negros e a pele dourada do pai.

— Ela se salva — a mulata murmurou, assentindo para si mesma. — Além disso, o sr. Alex volta logo. Talvez ele tenha alguma idéia. Ele pode ser branco, mas amava a minha Ereanora como um cavalheiro. Sempre foi gentil com ela e nunca a forçou a na-da, como Touro Selvagem fez uma vez.

Nanny sorriu, lembrando-se do modo como o amor atingira os dois, em seu primeiro encontro. A orgulhosa mestiça, que trabalhava no campo, e o jovem lorde inglês, que cavalgava por lá.

— Deus, seria uma criança digna de se ver! — murmurou, já começando a se movimentar. Tinha muito trabalho pela frente.

Dois cavalos corriam na noite. O primeiro, um mustang, levava um rapaz claro, que o guiava apenas com palavras; o segundo, um baio, carregava um homem moreno, que o castigava com esporas e chicote.

O mustang parou diante de uma cabana de madeira, onde aipins negros logo se adiantaram para segurá-lo, ansiosos por prestar um pequeno favor a Ereanora e ao jovem lorde, que tinham aprendido a amar e respeitar. A sela foi retirada, e o pêlo do animal, escovado com cuidado, antes que o fizessem andar em círculos pelo pátio, o tempo todo elogiando-lhe a força e a bravura.

O baio quase caiu ao chão quando seu dono saltou, esquecendo-o para subir os degraus da varanda de dois em dois enquanto gritava aos céus a raiva que o dominava. Sem um único olhar para a mobília destróçada na casa agora vazia, lançou-se pela escada, abriu com violência a porta do quarto e berrou, mal olhando o corpo coberto da esposa:

— Onde está ele? Onde está o meu filho?

Nanny encarou-o com olhos zangados, pois sabia que ele não se referia ao menino que continuava escondido.

— Foi uma filha, senhor, mas tanto ela quanto a sua senhora... Sinto muito, senhor.

O grito dele alcançou os céus.

— Maldita! Maldita seja ela por não ter me dado um filho! Maldita seja por ser tão fraca!

Os olhos castanhos da mulata não tinham a menor expressão, quando ela continuou:

— Mister Brett está escondido na casa, senhor. Não tive tempo de procurar em todos os lugares, e minha filha Ereanora precisa de mim, agora. Ela acaba de ter a criança do mister Davenport e...

— Está bem... está bem. Dê o fora daqui. Que ela apodreça no inferno! Não podia ter me dado um filho? Eu lamentaria a morte de um filho, mas de uma filha... uma coisinha chorosa, parecida com a mãe... Ah!

O calor era sufocante na cabana onde o jovem inglês apertava a mulher amada de encontro ao peito.

— Nunca vou me separar de você! Nunca!

— É preciso, Alex — Ereanora replicou, com firmeza. — Olhe para a sua filha. Veja os olhos dela.

Mesmo sem entender, ele puxou o pano que cobria o rosto da criança. Contente e bem alimentada, a garotinha ergueu as pálpebras de longos cílios. Seus olhos eram de um azul brilhante, cor de safira.

— Todos os bebês têm olhos azuis. — Ele sorriu. — Vamos chamá-la de Melody, pela linda harmonia com que a fizemos.

— Ela não é uma criança negra. Nem uma mulata quase branca. Não com esses olhos — Ereanora declarou. — Ela é branca. Como você.

— É a nossa filha. Com os meus olhos e a sua linda pele dourada.

— Não! — Ereanora agarrou o braço dele. — Leve-a daqui. Não diga nada a ninguém. Fale que a mãe dela morreu, no ataque à Casa Grande. Leve-a com você, meu amor! Faça dela uma branca. — Fraca e detestando-se por isso, Ereanora deixou-se cair sobre o colchão de palha e fechou os olhos. — Por favor!

Nanny entrou nesse momento, vinda da noite escura.

— Leve-a, senhor. Encontre uma boa mulher branca. Está tudo calmo, e os homens se foram, mas os problemas vão acontecer muitas vezes ainda, até todos os escravos conseguirem a liberdade. Muitos morrerão, brancos e negros. O senhor é da Inglaterra, onde não existem escravos. Pode fazer dela uma branca, uma lady inglesa, como mis Arabella. Olhe para ela. É a sua filha! Tem coragem de deixá-la aqui para ser uma escrava? Para ser forçada a se casar com um negro caçado no Congo... ou ser vendida como prostituta a alguém como o senhor desta plantação?

Agoniado, Alex virou-se para a moça sobre a cama, que também fora tratada como uma prostituta e violentada, aos treze anos, pelo homem que há vários meses o hospedava.

— Não sei... Ah, minha querida, é claro que eu poderia levar a nossa filha para a Inglaterra. Poderia dar-lhe uma vida feliz, segura e fazê-la passar por branca, sem que ninguém jamais desconfiasse. Mas é que eu amo você!

— Então faça isso por amor. Eu sou uma escrava. Se minha filha ficar aqui, também será. Mas ela pode ser livre... uma lady inglesa. — Ereanora tornou a agarrá-lo pelo braço. — Não diga nada ao senhor! Vá! Vá agora! Leve-a com você!

Com lágrimas nos olhos, Alex foi obrigado a ceder. Pela última vez, tomou a moça nos braços.

— Nunca mais vou amar outra mulher — murmurou, com voz entrecortada. — Um dia ela saberá. E, quando chegar a hora certa, nós voltaremos e a acharemos. Eu juro!

Então, segurando o bebê junto ao peito, ele correu cegamente pura fora e montou no mustang. Encontraria alguém que pudesse amamentá-la, na cidade mais próxima. E na Inglaterra havia Charity, agora viúva e com um filho pequeno, livre dos grilhões de um casamento por conveniência e esperando por ele, como fazia desde que tinham catorze anos de idade. Por amor, ela aceitaria a criança e a chamaria de sua.

Na Casa Grande, um homem enraivecido esmurrava uma das colunas da cama da esposa.

— Maldita! A família Savage deve ser amaldiçoada por Deus. É por isso que

não conseguimos filhos que cresçam e se tornem homens. Eu gerei dois natimortos e um garoto patético, frágil como porcelana, enquanto meu irmão teve de adotar o único homem da família!

Um movimento, ao lado da cama, trouxe mais um palavrão a seus lábios. Puxando a cortina com violência, ele viu o rostinho amedrontado do filho Brett, a criaturinha meiga e delicada que tanto lembrava sua frágil esposa inglesa.

— Por quê? Por que você? — gritou.

Lágrimas inundaram os olhos grandes, de um azul bem claro, quando a criança gaguejou:

— Eu... eu... tentei fi-ficar com ela, papai. E tentei atacar os homens!

A mancha arroxeadada na face ansiosa era a prova do desprezo dos invasores pela coragem de um garoto de sete anos, mas a pai, em sua raiva, nada viu.

— Atacar os homens? — ele gritou. — Você, que não presta para nada?

Com uma imprecisão, o senhor da plantação girou nos calcanhares e afastou-se, sendo seguido pelos assustados olhos azuis.

Ao chegar à varanda, Luke Savage viu seu hóspede, Alex, desaparecendo na estrada que levava ao norte, como se todos os cães do inferno o perseguissem.

Eles haviam se dado bem, no primeiro mês que o rapaz passara ali. Tinham tomado alguns tragos juntos e passado várias noites jogando nos salões de Raleigh, a capital do Estado. Alex fizera amizade com sua esposa, mas ele, Luke Savage, pusera um fim àquilo. Notara logo de início as conversinhas íntimas e os olhares de peixe morto trocados pelos dois, mas já sabia que tipo de homem era o inglês e achara fácil manobrá-lo. Pelo menos até ele conhecer a bela mulata do alojamento dos escravos. O rapaz apaixonara-se por ela como se fosse uma mulher branca, embora soubesse que ela não era mais virgem e já fora iniciada como companheira de cama.

Os lábios grossos de Luke curvaram-se num sorriso. Ainda se lembrava de quando a possuía. Como ela lutara! Mas ele não recebera o apelido de "Touro" por nada, e muito se orgulhava disso. Rasgara-a de tal modo que ela ficara de cama por mais de uma semana. Quando Nanny fora buscá-la em seu quarto, olhara-o duramente, com aqueles--olhos castanhos, antes de predizer:

— O senhor não terá um bom fim. Sua morte será cruel e violenta, como o senhor.

Naturalmente ele a chicoteara pela insolência, mas a praga o atormentara durante muitos meses, e de vez em quando ainda voltava para assombrá-lo.

Depois disso, arranjava outra negra mais dócil e mandara a menina para o campo. Mas seu sangue fervia cada vez que a surpreendia com seu hóspede. A opinião dos vizinhos, para não falar nas enormes somas de dinheiro que ganhava do rapaz, no pôquer, faziam com que agüentasse a situação. Entretanto não ficaria triste quando aquele caso chegasse ao fim.

Alex Davenport até quisera comprar a escrava, chegando a oferecer muito mais do que ela valia. Mas Touro Selvagem não pretendia ver a "cazelinha" que o rejeitara sendo tratada como uma Rainha de Sabá pela sociedade londrina.

Ele só a venderia quando tivesse lhe dado uma boa lição. Com sua pele quase branca, ela alcançaria um ótimo preço em Nova Orleans. A criança, ele daria a uma das mulheres mandíngo, para criar. Eleanora contava apenas com um oitavo de sangue negro, por isso teria de vendê-la na Carolina do Norte mesmo, quando chegasse a hora. Era um absurdo que os outros Estados americanos considerassem negras as escravas com um oitavo de sangue negro, mas considerassem brancos seus filhos, caso fossem gerados por um homem branco.

O mau humor de Luke Savage cresceu novamente quando ele se lembrou da esposa e da fria indiferença que ela manifestava por suas carícias. Uma vez, ele a forçara a assistir, enquanto tomava uma das criadas, mas ela nada dissera, limitando-se a fitá-lo com um desprezo que o atingira como uma punhalada.

— Esqueça essa mulher! — ele disse a si mesmo. — Esqueça! Comece tudo de novo. Vá à cidade. Beba até cair. Esqueça-se de todos esses malditos!

Fitou a poeira que assentava na estrada. Ele e Alex haviam saído com a vingança em mente. Quando receberam a notícia da rebelião em St. Clare, voltaram de imediato, e o baio conseguira chegar antes do mustang. Uma vitória que havia cobrado seu preço, pois agora só o mustang continuava a salvo.

— Eu preciso sair daqui. Depois eu penso no que vou fazer.

A carruagem não fora tocada pelos invasores. Depressa, Luke pegou a égua velha e doente, que se recuperava nos estábulos, e atrelou-a ao veículo. Da varanda uma vozinha suplicante elevou-se, quando ele já subia a bordo.

— Não me deixe de novo, papai!

O garotinho desceu correndo os degraus e embarcou na carruagem, quando, sem ligar para ele, o homem já chicoteava brutalmente o animal.

Eles teriam conseguido. Já avistavam as luzes da cidade, da segurança e da liberdade... das bebidas e do esquecimento. Teriam conseguido, não fosse pela armadilha preparada pelos escravos, em sua caminhada rumo à liberdade. Uma caminhada que havia acabado a poucos metros dali, quando foram apanhados pelos

vigilantes com quem Luke e Alex haviam cavalgado, na noite anterior. Ainda assim, tiveram tempo para esticar uma corda de um lado ao outro da estrada. Uma corda que atingiu a égua que corria cegamente, apavorada, e jogou-a ao chão.

Quase em câmara lenta, a carruagem virou. O homem e a criança, como bonecos desconjuntados, foram lançados ao ar. Naquele momento, o homem ainda teve tempo de refletir no quanto fora tolo: suas feições se contorciam de remorsos, quando bateu no tronco enorme do carvalho, quebrando o pescoço instantaneamente. O menino, no entanto, ainda vagava pela estrada, na direção de casa, quando a mulata Nanny o encontrou, ao nascer do dia.

Gentilmente ela o abraçou.

— Vai dar tudo certo, mister Brett.

A criança deixou escapar um soluço de medo, logo corajosamente abafado.

— Está escuro, Nanny. Não consigo enxergar nada. Já parou de doer, mas eu não consigo enxergar!

— Eu estou aqui, agora. Ninguém mais vai machucar você. Nenhum de vocês.

Ela não explicou o que queria dizer com isso, e o garoto de sete anos nada perguntou... naquele momento.

CAPITULO I

A chuva, que caía há dias em Londres, acentuava o melancólico estado de espírito da moça ao piano e as notas tristes do Noturno de Chopin. A luz dos candelabros criava reflexos azulados nos cabelos negros e fazia brilhar a seda escura do vestido que usava, mas eram seus olhos que chamavam a atenção. Eram azuis, da cor da safira, com cílios longos e escuros. Olhos que, no momento, estavam cheios de lágrimas.

A moça enrijeceu ao ouvir a porta da sala de música abrir-se, mas não se voltou.

— Um pouco pesado, não acha, Melody?

— Era uma das peças favoritas de Hugh.

— Seu marido está morto há mais de três meses, minha querida. Não é saudável que continue ansiando por sua ressurreição.

— Essa música me consola.

— Pois eu prefiro que você esqueça.

Ela tirou as mãos do teclado, apertando-as no colo e lutando contra a vontade de fugir dali.

— Esquecer? Depois de apenas três meses, Luther? Luther Hogge aproximou-se, segurando-a pelos ombros com as mãos de dedos grossos. Melody estremeceu, e mesmo assim ele não as retirou. Tinha unhas espatuladas, sempre muito bem-feitas, e no terceiro dedo da mão esquerda usava um anel com uma esmeralda quadrada, enorme, lindo o bastante para ornamentar uma mulher. No entanto, Melody já vira aquele anel cortar o rosto de um criado até o osso, porque ele se atrevera a responder ao amo.

— Não! — ela exclamou, repelindo a sugestão de Luther.

— Continue se consolando, então, mas não com o Noturno. Toque uma das valsas de Chopin.

Rígida da cabeça aos pés, Melody meneou a cabeça. Queria gritar-lhe que a soltasse, mas o medo era maior que a repulsa que sentia por aquele contato. Ele era um homem enorme, com um apetite voraz e as faces avermelhadas de quem gostava muito de uma garrafa de brandy. De repente, sentiu a banquetta girar e ele descer as mãos por seus braços, obrigando-a a se levantar.

— Melody...

A voz era sedosa, o sorriso, gentil, mas os olhos, negros como carvão, espelhavam um desejo intenso enquanto examinavam o rosto delicado, que ela mantinha virado para o lado. Quando a puxou para junto de si, no entanto, ela não conseguiu mais esconder a repulsa e libertou-se com um gesto brusco.

— Não, Luther. Não vou aceitar seu consolo nem qualquer outra coisa que me ofereça. Você já devia saber disso!

Melody fechou o piano, para dar ênfase à negativa, e foi arrumar a pilha de partituras, colocando uma certa distância entre eles.

O sorriso de Luther sumiu, e havia um tom de ameaça em sua voz, quando disse:

— Eu nunca lhe neguei nada, desde que herdei de seu falecido irmão esta casa e tudo que havia nela.

Ela o fitou por alguns instantes, antes de comentar:

— Às vezes fico imaginando se você, quando o convenceu a assinar aquele documento, deixando-lhe tudo que tinha já sabia que ele ia se juntar às forças de sir Hugh Rose, na Índia, e morrer atacando.

Os olhos negros brilharam diante da acusação, mas o sorriso feroz voltou.

— Se o garoto estava mesmo decidido a cumprir seu dever patriótico numa terra distante, era justo que deixasse um testamento indicando uma pessoa responsável para proteger e cuidar de sua irmã. E quem poderia ser melhor que um velho amigo de seu pai?

— Você não era mais que um sócio nos negócios de meu pai. É um mau sócio, por sinal. É verdade que papai nunca teria feito uma fortuna, pois gostava mais de lidar com cavalos do que com ações, mas nós vivíamos bem. Depois que você apareceu, no entanto, todos os investimentos dele começaram a dar errado. Papai sempre foi um sonhador. Vivia falando em me levar para a América, para conhecer alguns amigos, mas nunca foi nervoso e inseguro como ficou depois que o conheceu. Ele jamais havia procurado o conselho de ninguém, então por que procurar o seu? Que poder tinha você, Luther, para arruiná-lo como fez?

Sufocada pelas lágrimas, Melody lembrou-se da noite em que Alexander Davenport deixara aquela casa, pálido e abatido, dizendo que precisava resolver alguns problemas. Ele não voltara mais, e quase uma semana depois seu corpo fora encontrado boiando no rio.

Atingido pelas palavras de Melody, Luther forçou-se a relaxar, fitando-lhe as feições adoráveis. Seu olhar demorou-se um instante nos lábios dela, antes de descer para os seios, revelados pelo ligeiro decote do vestido. Sua respiração alterou-se, e foi com voz rouca que ele censurou:

— Está sendo cruel, Melody, e eu sempre a tratei com bondade. Desde o... falecimento de seu pai, assumi todas as despesas e responsabilidades dele, certo de que logo você me veria como o senhor desta casa. Comprei-lhe vestidos, que você nunca usou, jóias que nem foram tiradas das caixas...

— Nada disso é próprio para uma viúva ainda de luto — ela o interrompeu. — E você já devia saber que não posso aceitar presentes de um homem que não pertence à minha família

— Ah, foi exatamente sobre isso que vim lhe falar. Mas vamos para a sala de estar, que é mais confortável. Mande acenderem a lareira lá, pois estamos tendo um típico verão inglês, e a luz do fogo é ideal para o que tenho a lhe dizer.

Melody arrepiou-se, fitando-o como dominada por um maléfico sortilégio. Movendo-se com uma agilidade incrível para um homem de seu tamanho, Luther aproximou-se e tomou-lhe uma das mãos.

— Venha, minha querida.

Ela sentia repulsa por ele desde a noite fatídica em que recebera a notícia da morte do pai. Luther Hogge só mostrara preocupação e simpatia, mas Melody

detestara o momento em que ele a abraçara; murmurando palavras de condolências.

Tudo mudara daí em diante, mas tão devagar que nenhum deles pudera definir exatamente como. Os investimentos que haviam arruinado seu pai começaram a prosperar, graças a Luther, que, a essa altura dos acontecimentos, já se considerava parte da família. Isso não impedira, no entanto, que a casa fosse ficando cada vez mais silenciosa, e o riso se tornasse parte do passado.

A mãe de Melody jamais discutia as decisões de Luther, limitando-se a andar de um cômodo para o outro como uma sonâmbula, com uma expressão febril no olhar. Mas o pior fora entrar um dia na saleta e encontrá-la nos braços de Luther. Sua mãe tinha um olhar vago e nem se dera ao trabalho de se afastar dele, enquanto ela murmurava um pedido de desculpas. Luther, no entanto, fora rapidamente até onde ela havia estacado, na porta, e dissera, num tom suave mas cheio de ameaça:

— De agora em diante, você vai bater nas portas antes de entrar. E não deve censurar, nem mesmo com um olhar, o que eu faço. Estamos entendidos?

Apavorada, ainda sem entender direito o que era a maldade, ela fugira. Desde esse dia, no entanto, passara a evitar Luther Hogge o máximo possível.

Sua mãe ficara doente. De tristeza, diziam todos que a conheciam e sabiam o quanto amara o marido. Nessa época chegara a irmã de seu pai, lady Beatrice Davenport. Com uma personalidade alegre, conseguira mudar o ambiente na velha casa. Até sua mãe se animara por algum tempo, mas sua alma e seu corpo já estavam envenenados pelos "medicamentos" que Luther lhe fornecia, e na Páscoa ela se fora.

— Você está sonhando de novo — comentou a voz detestável, fazendo-a voltar ao presente.

— Acho que uma conversa séria... e pelo seu tom já vi que é séria... deve esperar até que tia Bia possa estar presente.

O modo como Luther franziu a testa mostrou-lhe que, ao falar da tia, ela tocara num assunto que ele não considerava muito agradável.

— Ah, sim, sua tia Bia... Uma pena que um simples resfriado a tenha abatido tanto. Fico pensando se não há mais alguma coisa por trás disso.

Melody gelou, lembrando-se de que ele recomendara uma infusão de ervas, logo no início da gripe de sua tia. Como também recomendara a sua mãe uma infusão de sementes de papoula, "para reconfortá-la na dor e trazer o sono".

Com um sorriso amigável, Luther continuou:

— Se sua tia continuar assim, vamos ter de chamar o médico. Por enquanto não vejo necessidade de perturbá-la. O que tenho a dizer é melhor que seja só entre nós dois, pois, apesar da sua tia só querer o seu bem, acho um pouco difícil agüentar aquele jeito autoritário dela. Sem dúvida, Bia é uma excelente companhia. E terá sorte de eu ser um homem tolerante e generoso, já que não possui renda própria nem ninguém que a sustente. Mas até a minha tolerância tem limites.

— Você não tem escolha, Luther — Melody replicou, zangada. — Sem dúvida é um homem rico e poderoso, mas tia Bia pertence a um círculo social muito superior ao seu. Um círculo que pode vir a fazer perguntas sobre a morte de meu pai... e de meu irmão.

Melody encolheu-se ao vê-lo erguer a mão. Antes de atingi-la, no entanto, Luther conseguiu dominar-se e sorriu.

— Perdoe o meu gesto. Não pretendia assustá-la. Mas devo lembrá-la de que sua tia vive sob o meu teto e é muito bem tratada. Sei que ela já foi uma das mulheres mais lindas de Londres, mas agora está quase obesa e faria bem em comer um pouco menos. Uma mulher com o peso e a idade dela deve tomar alguns cuidados. A escada é muito mal-iluminada, nesta casa, e é fácil tropeçar num objeto esquecido num dos degraus, por um criado descuidado... — Ele fez uma ligeira pausa, antes de continuar: — Mas não é disso que quero lhe falar. Você levantou a possibilidade de ser mal-interpretada a minha presença, numa casa cujo dono e seu filho morreram em acidentes infelizes.

Melody gelou. Luther acabava de dizer que tia Bia só estava viva graças a seu espírito generoso, mas havia uma ameaça inconfundível em suas palavras. Uma ameaça que não transparecia no olhar, quando a fitou.

— Puxa, Melody, você está tão pálida! Venha sentar-se um pouco. Vou pedir que lhe tragam um cálice de vinho da Madeira.

Sem reagir, ela se deixou levar para o sofá diante da lareira. Logo depois entrou a criada, uma criatura de ar traiçoeiro, que nunca vira antes.

— Onde está Jessie?

— Tive de mandá-la embora, minha querida. Ela foi muito grosseira com o cozinheiro.

Em seu íntimo, Melody sentiu a raiva renascer.

— Mas Jessie estava conosco desde que eu era criança! Nunca vi uma pessoa tão meiga! A culpa só pode ser do novo cozinheiro. O antigo se dava muito bem com ela. Todos os nossos criados se davam bem. E Jessie era a última que

restava, a não ser por Simpson... Gente que conheci minha vida inteira, e que você substituiu pelos seus... fantoches!

Ignorando essa última frase, Luther serviu-a de vinho e encheu um cálice para si.

— Um bom mordomo é difícil de achar, Mas os outros eram totalmente ineficientes. Agora o serviço corre melhor e nada acontece sem que eu saiba.

Melody tomou um gole da bebida, lutando para dominar a própria fúria, enquanto ele continuava:

— Mas eu não a trouxe aqui para falar de criados. Meu assunto é muito mais pessoal. — Esvaziando seu cálice de um só gole, Luther serviu-se de mais. uma dose e foi sentar-se ao lado de Melody. — Querida, você sabe... por que eu tenho sido tão generoso com vocês, não sabe? Por que tenho feito o possível para diminuir a sua dor... Sinto, no entanto, que já é hora de você retribuir... Não; é melhor dizer "aceitar" as minhas pequenas gentilezas. Não é possível que tenha deixado de perceber os meus sentimentos por você e...

Ela se levantou de um salto, enojada com o desejo que via nos olhos dele.

— Eu nunca lhe pedi nada, muito menos os seus presentes, que jamais aceitei. — Ciente do olhar masculino fixo em seu corpo, Melody foi até a janela, onde se pôs a olhar a chuva. — Não sou criança para ser comprada com presentes, Luther.

Luther ergueu-se, o olhar sombrio, a paciência quase no fim. No entanto, sua voz não se elevou. Ele nunca levantava a voz, enganando os inimigos com seu tom pseudo-educado e suportando-lhes o desprezo, enquanto esperava o momento de fazê-los pagar mil vezes pelo pouco-caso com que o tratavam. Naquele instante, diante do maior desafio de sua vida, ele decidiu provar seu poder de uma vez por todas. Melody e a tia estavam sozinhas e quase sem dinheiro numa casa que era dele, totalmente dependentes de sua caridade. Parecia-lhe impossível que pudessem enfrentar sua vontade.

— Você não entende, minha querida. Não estou simplesmente lhe pedindo para se casar comigo. Estou lhe oferecendo também uma posição respeitável na sociedade, entre pessoas que a olharão com respeito, até mesmo com inveja, por ser minha esposa. Eu lhe comprarei vestidos e jóias como nunca sonhou. Iremos a soirées elegantes e receberemos a nata da sociedade em nossa casa. — Ele se aproximou um pouco, pois não queria assustá-la; só defender seu ponto de vista. — Você não pode me rejeitar, Melody. Esperei tanto tempo. Não imagina como foi difícil tratá-la como a uma criança, no ano passado. E depois você ainda teve a coragem de fugir com aquele insípido holandezinho! O filho de um professor de

piano! Mas pelo menos mostrou que já estava pronta para o casamento e eu não precisava mais esperar. Não havia mais nada que pudesse nos separar.

— A não ser o meu marido!

— Você não o amava. Estava apaixonada pelo amor, entusiasmada com as lindas palavras de carinho ditas num sotaque estrangeiro.

— Nem vou me dar ao trabalho de responder — retrucou Melody, sabendo, no fundo, que não podia mesmo. Hugh a tratara com a gentileza e o carinho que faltavam em sua vida, mas não conseguira despertar a paixão em seu sangue. — Foi por sua causa, Luther, que Hugh e eu resolvemos fugir para nos casar. Sabíamos que você não concordaria com nossos planos e faria o possível para nos impedir de realizá-los.

— Sua tia e os pais dele também não gostaram dos seus planos!

— Eles logo mudariam de idéia, quando vissem o quanto éramos felizes juntos. Mas com você seria diferente. Você nunca nos deixaria em paz. Eu sei disso! Agora Hugh está morto, e eu me culpo pelo que lhe aconteceu. Se ele não tivesse saído, não teria morrido. — Os olhos de Melody encheram-se de lágrimas. — Era uma hospedaria tão bonita!

— Era um lugar sórdido, isso sim! — Luther rosnou. — E aquela capelinha miserável era ainda pior...

Luther interrompeu-se repentinamente, mas Melody já o fitava, tremula e incrédula.

— Você... esteve lá?!

— O rapaz era um pianista sem dinheiro, recém-saído de um conservatório de Viena, um perfeito desconhecido. Logo você o esquecerá, quando nos casarmos. Eu lhe garanto!

Ele foi tomado por uma pontinha de remorso, ao ver a expressão de horror nos olhos dela.

— Um assalto, eles disseram... E Hugh foi morto pelas costas!

Ainda seguro de seu poder, Luther estendeu a mão e segurou-a pelo braço.

— Melody, querida! Foi uma pena você descobrir, mas o garoto tinha de ser eliminado.

Sem se dar conta da pressão dos dedos em seu braço, momentaneamente entorpecida pelo horror, ela murmurou:

— Você matou Hugh. Você o matou!

Luther amparou-a antes que atingisse o chão. Desmaiada, com a cabeça jogada para trás, exibindo o colo, o pescoço e o início dos seios, ela era uma forte tentação. Ele ainda tentou se controlar, mas depois, com um gemido, cobriu-a de beijos. Ardia de desejo, e percebeu que jamais teria condições de deixá-la partir.

Por ela, matara uma vez e não permitiria que ninguém — ninguém! — os separasse. Quase louco, enfiou a mão pelo decote do vestido, fechando os dedos sobre o seio macio e sedoso... para retirá-los no instante em que ela gemeu baixinho.

Luther suava profusamente e sentia o corpo queimar como se estivesse no inferno, mas seu tom foi suave e conciliatório, ao dizer:

— Minha querida Melody! Foi um choque, sem dúvida alguma. Pena que isso tivesse de vir à tona agora, mas é melhor assim. Nenhum segredo manchará nossa união.

— Eu vou à polícia! — Melody gritou, completamente recuperada e lutando para se afastar dele. — Você será enforcado!

— Não creio. Sendo minha esposa, não poderá testemunhar contra mim. E, mesmo que algum policial venha a se interessar pelo caso, nada acontecerá comigo. Sou amigo de muita gente influente.

— Sua esposa?! Depois disso?! — Ela abafou um grito de angústia. — Você poderia tê-lo pago para ir embora. Ele era tão pobre que provavelmente não resistiria. Você não precisava matá-lo!

Luther concordou, mas sem arrependimento.

— Cheguei a pensar nisso, mas fiquei com medo de que recusasse. O tolo na certa pediria uma noite para pensar a respeito... a sua noite de núpcias! Não sei se percebeu, mas o seu casamento virou meu mundo de cabeça para baixo. Eu estava tão certo de que a teria! É claro que tinha notado as conversas sussurradas e os olhares que vocês trocavam, mas pensei que fosse apenas uma paixão de adolescente. Até Beatrice se enganou! Se bem que ela não ficou tão chocada quanto deveria, ao ler sua carta, pedindo compreensão e perdão pela fuga. Eu ao contrário, tive a impressão de que me arrancavam o coração do peito. Não pude impedir o casamento, mas mandei um recado a seu marido, quando você estava se trocando. Disse-lhe que a mãe dele fora atropelada por uma carruagem e estava muito mal. Naturalmente, o tolo não poderia deixar de ir até lá.

— Ele prometeu voltar naquela mesma noite — Melody murmurou. — E eu esperei e esperei...

Luther foi tomado pela vontade de abraçá-la e beijar-lhe os lábios trêmulos, para afastar-lhe da mente a lembrança daquele rapaz esbelto e de cabelos claros. Só de pensar nele sentia raiva.

— Você esperou até de madrugada, andando de um lado para o outro do quarto, aborrecida demais para se lembrar de fechar as cortinas. E eu esperei com você, sem ligar para o frio e a chuva. Havia calculado tudo direitinho, já que ladrões não faltavam naquela rua. A morte de outro passante infeliz nem causaria surpresa.

— Você calculou bem demais, matando-o pelas costas!

Os olhos de Luther brilharam ao notar o desprezo na sua voz. Mesmo assim, ele continuou, num tom tranquilo:

— Quando nos casarmos, terá de aprender a não falar mais desse modo. É melhor se convencer, minha querida, de que ninguém poderá se colocar entre nós. Ninguém a possuirá antes de mim. Você nada saberá do amor, além do que eu lhe ensinar. Garanto que me achará um professor experiente, um doador generoso. Você será inteiramente minha, com sua inocência de virgem, sua beleza e sua extraordinária inteligência, que foi a única coisa decente que seu pai lhe deu. E depois, com o tempo, terei também o seu amor, — O tom de Luther mudou sutilmente: — Sabe que existem mulheres, em nossa sociedade, que são prisioneiras em suas próprias casas? Ouvi homens que freqüentam clubes respeitáveis, como o White's, confessarem que mantêm moças como você prisioneiras em quartos dos fundos, para satisfazerem seus desejos mais estranhos. Para vestir, elas não têm mais que um roupão de seda, e a sociedade chega a esquecer que existem, com o passar do tempo...

Tremendo incontrolavelmente, Melody gritou:

— Antes prefiro morrer!

— Ah, não, minha querida! Se um homem desses a possuísse, você estaria agora amarrada a sua cama, aprendendo a satisfazê-lo de todas as maneiras imagináveis. E quando isso acontecesse... morrer nem passaria pela sua cabeça. — Luther aproximou-se. — Mas eu sou muito diferente deles, só quero amá-la e protegê-la.

Melody sentiu-lhe a respiração no rosto e fechou os olhos, lutando contra a náusea. De repente, no entanto, Luther foi se servir de outro cálice de Madeira, comentando num tom gentil, como se não tivesse feito nenhuma ameaça velada:

— Sei que meu pedido foi meio precipitado, Melody, mas é bom que você

possa pensar nele, sem haver nenhum segredo entre nós. Mais tarde entenderá a extensão do meu amor. Talvez até se sinta orgulhosa de ter um homem capaz de matar por você. Por enquanto, é natural que se sinta um pouco confusa.

— Um pouco confusa! — Ela o fitou, o rosto expressando medo e repulsa. — Prefiro me tornar freira a me casar com você!

Os olhos de Luther se estreitaram.

— Você está cansada e não sabe o que diz, minha querida. O choque foi grande, mas amanhã já o terá superado. Só lhe peço que pense bem a respeito e não saia de casa. Tenho uma reunião de negócios na cidade e ficaria muito aborrecido se tivesse de |j interrompê-la para sair a sua procura. — Ele fez uma pequena pausa, depois acrescentou: — Tem de pensar no que é melhor para você e sua tia, minha querida.

— Até casar-me com um assassino?

— Isso é bobagem. Se Van der Veer não tivesse aparecido, você já teria se casado comigo.

— Nem em um milhão de anos! Antes eu não gostava de você, mas agora o odeio. — Ela ergueu a cabeça, lutando para controlar o medo. — Se me forçar a esse casamento, juro que me mato. O ódio me dará forças para isso!

Abrindo a pesada porta, Melody fugiu pelo corredor, indiferente à ordem para que voltasse. Respirando pesadamente, subiu ao quarto da tia, procurando o conforto que a ajudara a atravessar os últimos meses. Antes de entrar, no entanto, deteve os passos.

— Não! Não posso!

Não podia revelar à tia o crime hediondo de Luther, pois nada impediria a corajosa senhora de deixar seu leito de doente e enfrentá-lo. Estava quase certa de que Luther fora responsável também pela morte de seus outros familiares. Agora tinha de proteger a tia.

— Mas eu preciso tanto dela! — murmurou baixinho, levantando a mão trêmula para abrir a porta. — Tia Bia, temos de sair desta casa, e o mais depressa possível!

Pálida, com enormes olheiras, Beatrice Davenport jazia sobre a cama, sob vários cobertores.

— Calma, minha filha — disse ela, no tom prático de sempre. Em seguida, vendo o rosto molhado de lágrimas da sobrinha, indagou: — O que foi? Hogge aborreceu-a de novo? Sei que ele é um grosseirão, mas, graças ao tolo do seu

irmão, agora dependemos dele. Ah, por que não me casei com um dos vários milionários que pediram a minha mão?

Um soluço escapou dos lábios de Melody.

— Ah, tia, não fale em casamento! — Com mais um soluço, ela se jogou nos braços da boa senhora. — Hogge quer se casar comigo. Mas eu não posso aceitá-lo! Não posso!

Beatrice apertou os lábios.

— Claro que não pode! É impossível! Você tem pelo menos mais nove meses de luto. Eu contava com esse tempo para pensar numa solução, mas devia ter desconfiado de que não ia dar. Luther ficou louco de raiva quando descobriu que você tinha fugido com aquele rapaz. E tenho visto o modo como a devora com o olhar, quando você toca piano para nós. Eu não sabia por que ele a tinha encorajado a tocar novamente, quando a música só fazia com que você se lembrasse de Hugh, mas depois entendi. Enquanto a ouvia, o miserável só pensava em uma coisa... e não era na música. — Com um lençinho de rendas, Beatrice enxugou o rosto da sobrinha e forçou-a a endireitar o corpo. — Não tenha medo, querida, nós vamos encontrar uma saída. Não passei metade da minha vida evitando os homens de quem eu não gostava, sem aprender alguma coisa. — Um sorriso confiante entreabriu-lhe os lábios. — Agora, o melhor é ir dormir e descansar. Amanhã é outro dia, e tenho certeza de que será diferente. Vá! Vá descansar.

Com um sorriso aflito, Melody beijou a tia e passou para o seu quarto, que se comunicava com aquele. Beatrice insistira nisso depois da morte da mãe de Melody, dizendo a Luther:

— Como madrinha e única parenta viva de Melody, sinto-me responsável pelo bem-estar moral da menina. O senhor agora vive nesta casa, e não ficaria bem que ocupasse o aposento junto ao de minha sobrinha.

Ele fora forçado a concordar, escondendo a raiva com um sorriso frio.

O amanhecer trouxe uma melhora no tempo, mas não melhorou a disposição de Melody. Ela não dormira, entregando-se alternadamente a momentos de raiva e de choro, e se levantara para correr ao quarto da tia, rezando para que a bondosa senhora tivesse encontrado uma saída para seus problemas.

Encolhida sob os cobertores, Beatrice não conteve um gemido quando a sobrinha abriu as cortinas da janela. Espirrando, ergueu para ela os olhos avermelhados e o rosto pálido.

— Não estou boa, não é? — comentou, encontrando o olhar preocupado de

Melody.

— Vou chamar o Dr. Goodhew agora mesmo. Luther já deve ter saído, e Simpson é de confiança.

Melody desceu a escada correndo e, ao passar pela sala de jantar, teve a desagradável surpresa de avistar Luther sentado à mesa do café. Prendeu a respiração, rezando para que ele não a visse, mas logo ouviu-o chamar seu nome. Sentiu vontade de fingir que não escutara e continuar seu caminho, mas não se atreveu. Hogge a seguiria, e a situação ficaria pior. Por isso, com um suspiro, entrou na sala.

Luther se levantara e agora limpava a boca com um guardanapo de linho, observando-a. Ela dormira mal. Tinha um ar abatido, e havia olheira em torno de seus olhos adoráveis.

— Melody! É um raro prazer encontrá-la a esta hora. Estou contente por ter dormido demais. Geralmente, você só desce depois que vou embora. Aonde ia com tanta pressa?

A urgência de sua missão levou-a a se adiantar um passo.

— É por causa de tia Bia. Ela está pior esta manhã e eu quero que Sirapson vá atrás do médico.

Luther passou o olhar pelo vestido negro, de mangas longas e gola alta, que Melody usava e franziu a testa.

— Esse vestido saiu de moda há mais de cinco anos. Quando eu voltar, esta noite, quero que esteja usando um dos que lhe comprei. Quanto a mandar Simpson atrás do médico, isso não é tarefa para um mordomo. Assim que eu chegar ao escritório, vou mandar um dos meus homens a Harley Street, chamar um dos especialistas de lá.

Desesperada, Melody argumentou:

— Mas o dr. Goodhew é o nosso médico de família e... Não pôde continuar, diante da expressão que surgiu nos olhos sinistros.

— Esta noite, tenho certeza de que você concordará em se tornar parte da minha família. Uma parte muito querida e preciosa, que aceitará a minha opinião em tudo. Vou mandar um dos garotos chamar o meu próprio médico, que é muito mais qualificado do que aquele tolo do Goodhew. — Luther semicerrou os olhos, embora sua voz continuasse suave. — Não quero ter o desprazer de descobrir que você não levou em conta a minha vontade e chamou outro médico. Seu bem-estar e o de sua tia são a minha maior preocupação, minha querida, mas você precisa aprender a dominar esses seus laivos de independência.

Melody nada mais podia fazer, a não ser fugir dali e voltar correndo para o quarto da tia.

O médico não demorou a chegar. Era um homenzinho gordo, tão cheio de si e convencido dos próprios conhecimentos que mal olhou para a mulher na cama. Num tom pomposo, declarou que a doente deveria continuar no leito por mais duas semanas, com as janelas do quarto fechadas para evitar a entrada dos fluidos malignos do ar de Londres, tomando três vezes ao dia o remédio que ele trouxera.

Assim que ele saiu, Beatrice cheirou o medicamento e mandou que Melody o jogasse fora, declarando:

— Isso é pior que os ares londrinos. Eu mesma vou me tratar. Mande o cozinheiro ferver uma galinha até metade da água desaparecer, depois cortá-la em pedaços, ferver mais um pouco e trazer um prato para mim. Tenho de suar e expulsar este resfriado, e não se atreva a me dizer que damas não suam. Se deu certo com os cavalos de seu pai, vai dar certo comigo! Traga-me um copo de vinho quente, também, com bastante canela. Pretendo estar de pé em dois tempos. Temos planos a traçar.

— Não, tia Bia, a senhora não pode sair desta cama. Vou lhe trazer o vinho e o caldo de galinha, mas nem pense em se levantar. — Melody suspirou. — Pelo menos uma vez na vida, vou resolver meus próprios problemas. Eu sempre dependi da senhora, mas acho que está na hora de amadurecer.

No entanto, à medida que o dia passava, mais difícil parecia seu problema. Só uma coisa era certa: jamais poderia casar-se com Luther Hogge. De ouvir a conversa das criadas e ver o garanhão pertencente a seu pai cobrindo uma das éguas, sabia o que se passava entre um homem e uma mulher, e enchia-se de horror ao pensar que pudesse lhe suceder o mesmo, com Hogge. Uma reação bem diferente da que tivera nos braços de Hugh Van der Veer, embora, na época, o visse mais como um amigo do que como um amante.

Os olhos de Melody brilharam ao se lembrar dos avanços tímidos e olhares de adoração de Hugh, nas raras ocasiões em que se encontravam secretamente, depois de suas aulas com o pai de-le. Hugh levava quase um ano criando coragem para lhe dizer o que sentia, com medo de uma rejeição. Mas uma noite, com a ajuda de uma garrafa de vinho, conseguira se abrir, tomando-a nos braços e beijando-a ardorosamente nos lábios. Logo em seguida, desculpava-se profusamente, declarando que se mataria se ela não se casasse com de. Saudosa dos pais, solitária e com medo das atenções cada vez mais intensas de Luther, ela concordara, convencida de que o amor viria com o tempo.

— Poderia ter sido tão diferente... — Melody sussurrou para si mesma, as lágrimas começando a escorrer pelo rosto.

— Não vai lhe fazer bem chorar — disse a voz odiada, da porta. Logo em seguida Luther entrou, com o sorriso complacente de costume. — Vai ficar com os olhos vermelhos e o rosto inchado. Agora, o que acha de irmos jantar fora? Dei a noite de folga aos criados, para que não sejamos perturbados, ao voltar, ou interrompidos, se resolvermos ficar.

— Eu... eu não estou com fome.

Melody já estava arrependida de ter se acovardado e colocado um dos vestidos que Luther lhe comprara. Mas na hora achara que não lhe custaria tentar agradá-lo e, com isso, ganhar algum tempo. A seda cinza fazia-a parecer frágil e delicada, e a ruminosidade das pérolas, que trazia junto ao pescoço, realçava a beleza de sua pele.

Encantado com o que via, Luther sentiu um aperto na garganta e foi com dificuldade que pronunciou:

— Melody... Quer deixar para jantar depois? Podemos conversar, agora. — Sem lhe dar tempo para protestar, ele a empurrou em direção ao escritório. — Vamos falar de negócios... ou de prazer? Nosso casamento será um campo de batalhas... ou a rendição lenta, se bem que de boa vontade, de uma donzela de gelo?

Por alguns instantes, Melody tentou se livrar da mão que a segurava pelo cotovelo. Não conseguindo, atacou:

— Eu jamais me renderia a você, Luther. Se me forçar a um casamento, será duplamente assassino.

O sorriso que ele vinha mantendo nos lábios tornou-se menos natural.

— Duvido. Há muitos meios de forçá-la a comer, e posso evitar que entre em contato com qualquer objeto que possa ser usado como arma. Se por acaso fugir, sabe que eu a seguirei até o fim do mundo, se for preciso. E, quando a encontrar, vai se arrepender de ter fugido. — A voz dele tornou-se dura. — Você me provocou demais, fingindo-se de inocente. Não é mais criança, Melody, e está na hora de eu lhe ensinar a ser uma mulher de verdade.

Antes que ela pudesse adivinhar-lhe a intenção, Luther forçou-a a se virar, puxando-a de encontro ao peito. Dedos implacáveis agarraram seus cabelos, e seu grito foi abafado por lábios grossos e agressivos. Quase sem sentidos, lutando com desespero, ela ergueu as mãos e atacou-o, deixando oito profundos arranhões no rosto odiado.

Com um palavrão, Luther empurrou-a para longe de si com tanta violência que ela foi bater na escrivaninha.

— Sua vagabunda! Eu a ensino a não me tratar assim!

A dor trouxe terror e pânico, como ela nunca sentira. Tropeçando, deu a volta à escrivaninha, abriu a primeira gaveta e agarrou a pistola escura e sinistra que seu pai sempre mantivera lá.

Vendo a arma em suas mãos trêmulas, Luther hesitou.

— Sua tola! Dê-me isso!

— Eu nunca atirei — Melody confessou —, mas sei o que fazer. Não vou me casar com você, Luther, e, se não sair daqui agora, juro que o mato. Prefiro isso ao pesadelo de ser sua esposa!

Tranqüilizado pela confissão de que ela nunca atirara, Luther dominou o medo que o assolara, fazendo-o suar frio. Deus, como a queria! Mantendo um tom despreocupado, disse:

— Esse brinquedo não é limpo há mais de um ano. Está velho e com certeza vai explodir na sua mão, se puxar o gatilho. Deixe de bobagem e me dê essa pistola. Você tem coragem, e eu a admiro por isso, mas agora é melhor conversarmos sensatamente sobre o nosso casamento. Reconheço que me deixei levar pela sua beleza e fui um pouco duro, mas vou mudar. Não devia ter tentado forçá-la, mas nunca conheci uma mulher como você e...

Ele havia se aproximado, sempre observando os olhos dela, e de repente atacou. Houve uma explosão, e uma exclamação de choque escapou-lhe dos lábios quando a primeira bala atingiu-o de raspão no rosto. Enlouquecido pela raiva e pela dor, avançou novamente, agarrando-a com mãos brutais. Ia possuí-la! Ali, naquele momento!

Esquecido da pistola, baixou o rosto ensangüentado em direção aos seios sedutores, que já desnudara rasgando-lhe a frente do vestido. Foi quando outra explosão encheu o ar e mais uma bala o atingiu, desta vez na porção lateral do corpo, jogando-o para trás. Agoniado, incrédulo, por um instante ele ficou onde estava, as mãos apertando o ferimento do qual o sangue jorrava.

— Não! — Melody murmurou. — Não! Então, inacreditavelmente, Luther endireitou-se. Os braços enormes ergueram-se... e, aterrorizada, ela atirou novamente. A bala o fez ir de encontro a uma cadeira, antes de cair ao chão. Por um instante ele ainda se mexeu, depois imobilizou-se, o sangue tingindo o tapete.

Melody cambaleou, a cabeça latejando com o barulho da explosão e a horrenda consequência de seu gesto. Deu um passo para a frente, soltando a

pistola. Tinha de procurar ajuda, fazer alguma coisa. Um passo, depois outro, e estava junto ao corpo estendido sobre o chão. Havia tanto sangue! Dominando a náusea, abaixou-se e tocou-lhe o pulso. Nada. Gemeu baixinho, enquanto a sala parecia girar loucamente em torno de seu corpo.

— Ele está morto. Meu Deus, o que foi que eu fiz?!

Momentos depois, Beatrice Davenport, que se levantara da cama ao ouvir os tiros, encontrou a sobrinha junto a sua porta com o vestido rasgado até a cintura e os cabelos caindo-lhe pelas costas.

— Tia Bia... eu preciso... ir embora... agora! Não sei como nem para onde, mas preciso ir. Preciso!

— Melody, querida! O que foi que aconteceu?!

— Acabo de matar Luther Hogge — Melody anunciou E escorregou para o chão, perdendo os sentidos.

CAPÍTULO II

Quando voltou à consciência e à realidade, Melody abriu os olhos e deu um soluço, nos braços de tia Bia.

— Vai dar tudo certo, meu bem. Vamos, levante-se. Devagarzinho.

Levada até o lavatório, no quarto, Melody banhou o rosto, o pescoço e os arranhões que Luther lhe causara no colo, ao rasgar seu vestido.

— Precisamos nos vestir para viajar — Beatrice declarou, — Não podemos levar nada, a não ser o que for de maior necessidade e o que possuímos em jóias e dinheiro. Temos de sair antes que os criados o encontrem.

Ela cambaleou, ao se virar para o armário, e Melody segurou-a pelo braço,

— A senhora não pode viajar. Deveria estar na cama, E não quero que vá comigo. Não posso pedir a ninguém que dê abrigo a uma... uma assassina. Preciso... desaparecer. Ah, tia Bia, a senhora não sabe de nada! Ele matou Hugh. E teve prazer em me contar! Nunca odiei tanta alguém. Acho que ele causou a morte de papai, também, para que pudesse nos controlar. E deve ter convencido o coitado do Harry a ir até a Índia, deixando tudo para ele. Eu já estava desconfiada disso, mas tinha medo de dizer. Pensei que pudesse escapar com Hugh, E... e quando Luther me tocou... e tentou... tentou... Fiquei apavorada e naquele momento, quis que ele morresse! Oh Deus, o que vem fazer? Não há nenhum lugar..

Beatrice sacudiu a jovem com firmeza, Naquele instante, apesar de sua doença, era a mais forte das duas.

— Hogge merecia morrer, e existe um lugar para onde podemos ir. Mas é só por algum tempo, pois o nome do dono não pode ser associado ao meu. Depressa, vá se arrumar que depois eu explico. Não há tempo a perder!

Melody respirou fundo.

— Eu... eu preciso pensar. Se há um lugar, mesmo que seja só por esta noite... Quase não tenho dinheiro... — Seus olhos caíram sobre a caixa de jóias que Luther lhe comprara. — Não, não vou levar nada que seja dele! Nada! — E, voltando-se para a tia, que esvaziava um enorme baú, exclamou: — Mas isto eu vou levar... a valise que foi de papai.

— Há anos ninguém mexe nela. Tem só lembranças das viagens dele. Meu irmão era um grande sentimental.

— Mais um motivo para eu levá-la. Não posso deixar aqui coisas que tanto significaram para ele. E há as jóias de mamãe, também, embora não sejam de muito valor. — Melody se jogou sobre a cama, escondendo o rosto nas mãos. — Ah, papai... por que o senhor foi confiar nesse homem? Que poder ele tinha sobre o senhor?

— Não vai ajudar em nada pensar nisso agora, minha querida. Temos muita coisa a fazer, e pouco tempo. Venha, tire esse vestido e coloque outro. Depressa!

Menos de meia hora depois, elas desciam de uma carruagem, na frente de uma linda casa, na Eaton Square. Um mordomo de libré atendeu-as, erguendo as sobrancelhas quando lady Davenport mandou-o pagar o cocheiro e passou por ele, entrando na casa como se tivesse todo o direito de ali estar.

Embaraçada e insegura, Melody seguiu-a, quando ela abriu uma porta de madeira esculpida e anunciou:

— John, preciso de sua ajuda!

O único ocupante do cômodo levantou-se de uma poltrona larga, soltando uma exclamação abafada.

— Mas que droga, Beatrice! Você precisa quase me matar de susto, cada vez que nos encontramos?

Quando Melody reconheceu o aristocrata alto, de cabelos brancos, sentiu um frio na boca do estômago. Tia Bia não podia contar com a ajuda dele!

O homem cruzou o cômodo e passou um dos braços pela cintura de Beatrice, levando-a até uma cadeira.

— Minha querida, você está com um aspecto horrível. — Então, com uma expressão bondosa nos olhos castanhos, voltou-se para Melody. — Você deve ser a sra. Van der Veer. De tanto ouvir Beatrice falar em você, tenho a impressão de já conhecê-la.

Por favor, aceite meus sentimentos pela morte de seu marido. Uma pena! Nossas ruas precisam ser mais bem patrulhadas. Aceita um cherry, enquanto converso com sua tia e descubro a razão desta visita intempestiva?

— Não, obrigada. Quanto à razão desta visita... sou eu... ou melhor, a razão é Luther Hogge. Ele...

Sufocada pelas lágrimas, Melody não pôde continuar e deu-lhe as costas, cobrindo o rosto com as mãos. De imediato, foi conduzida a um sofá e, segundos depois, um cálice lhe foi oferecido.

— Beba isso, criança. Vai lhe fazer bem. Beatrice, o que foi que aconteceu?

Melody tossiu quando a bebida forte lhe queimou a garganta, mas logo começou a sentir-se melhor.

Em rápidas palavras, Beatrice relatou os acontecimentos da noite. Quando chegou ao fim, o homem praguejou baixinho, pondo-se a andar de um lado para outro.

— Não conheci o seu marido, sra. Van der Veer, mas conheci muito bem o seu pai. É por isso que me parece inconcebível que, na noite de sua morte, ele estivesse andando junta ao rio.

Melody ergueu o rosto, confusa.

— Como assim?

— Ele odiava o rio. Costumava chamá-lo de esgoto de Londres. O cheiro que vem de lá é tão ruim, que já chegaram a pensar em mudar o Parlamento para outro lugar, bem longe do Tamisa. Por livre e espontânea vontade, seu pai jamais passaria por lá.

Melody sentiu o coração apertar-se.

— O senhor acha que...

— Se você não tivesse... executado Luther Hogge, eu faria o possível para vê-lo enforcado por um duplo assassinato!

— Quer dizer que ele não se suicidou. Graças a Deus! — murmurou Beatrice.

Só então Melody percebeu a vergonha que o suposto suicídio de seu pai

lançara sobre a família. Para ela, aquela morte fora uma tragédia, mas para sua tia significara mais do que isso.

Segurando as mãos de Melody num gesto de conforto, o homem voltou os olhos brilhantes para Beatrice. — Você fez bem em vir para cá. Considero uma honra que tenha procurado por mim. — Soltando as mãos de Melody, ele foi até Beatrice e, com a maior naturalidade, empurrou para trás os fios de cabelo que lhe caíam sobre a testa. — Agora, no entanto, gostaria que aceitasse as atenções da minha governanta e do meu médico.

Antes, porém, que ele pudesse chamar pela governanta, Beatrice exclamou:

— Há mais uma coisa que eu preciso lhe contar, John. A você e a Melody. Depois, enquanto resolve como nos tirar disso, farei o que você quiser. Mas é absolutamente necessário que Melody e eu deixemos a Inglaterra.

— Não! — Melody gritou. — A senhora não! Não é justo. Todos os seus interesses estão aqui...

Ela foi interrompida por um gesto firme e um sorriso amoroso.

- Uma mulher como eu se adapta a qualquer circunstância, desde que esteja com as pessoas que ama. Agora... — Beatrice tomou as mãos de Melody entre as suas. — Meu bem, sei que vai ser um choque, mas você precisa saber. Seu pai... meu irmão Alexandre... foi um rapaz alegre e despreocupado. Gostava de festas e viagens, e nossa família tinha condições de lhe satisfazer as vontades. Lembra-se de como ele sempre insistia para que, um dia, você fosse à América? Um ano antes do seu nascimento, ele esteve lá a convite de uma amiga inglesa, a filha de lord Fortesque, que havia se casado com um plantador de algodão da Carolina. Durante essa visita, seu pai se apaixonou por uma moça chamada Ereanora. Ele nunca disse nada a respeito dessa moça, a não ser o quanto era bonita, mas nós achamos que devia ser parenta próxima do dono da plantação, pois vivia lá desde a infância.

Beatrice interrompeu-se por um momento, embaraçada, antes de continuar:

— Para infelicidade dos dois, Ereanora ficou grávida e morreu ao dar à luz, o que o deixou inconsolável.

Melody sentiu o sangue fugir do rosto, ao entender o que a tia queria dizer.

— Meu irmão trouxe o bebê para a Inglaterra, com uma ama de leite que havia contratado. Naturalmente, ele não podia criar uma recém-nascida sozinho nem queria a ajuda da família, que tinha recebido muito mal a criança. Foi quando

resolveu se casar com Charity, a filha de nosso vizinho, na época viúva, com um filho pequeno. Como era apaixonada por seu pai, ela o aceitou, criando você como se a tivesse gerado. Em troca, Alex adorou o filho dela, Harry, e mais tarde fez um testamento, deixando para o menino tudo o que possuía. O que, em parte, é a razão de estarmos nesta situação.

Beatrice suspirou, observando o rosto da sobrinha. Depois prosseguiu:

— O que estou querendo lhe dizer, Melody, é que você tem parentes na Carolina do Norte. Pela vaga descrição de Alex, são pessoas importantes e hospitaleiras, que na certa a acolherão, quando souberem da morte de seus pais e de seu marido. Mesmo que seu pai tenha saído de lá às pressas e vinte anos tenham se passado, sangue é sangue. Além disso, você é a filha de um lorde inglês, o que deve valer alguma coisa num país que não tem nenhum nobre!

Completamente imóvel, Melody mal ouvia as palavras da tia. A mulher que tanto adorara jamais fora sua mãe. Mesmo assim... mesmo assim essa mulher a amara, mantendo a família unida e nem por um instante deixando-a desconfiar de que não era a mais querida das filhas.

Em voz alta, Melody comentou:

— Mas ela me amava.

— Muito. E foi feliz com seu pai, a quem amava desde a infância. Só se casou com outro por imposição da família. Os Fortesque e os Davenport queriam aumentar suas fortunas, e George Stapleton era um homem muito... agradável. Eu mesma cheguei a pensar em me casar com ele, mas desisti porque, com sessenta e sete anos, o coitado não sobreviveria a uma única polca! — Beatrice sorriu. — Agora, é melhor cuidarmos de nossa vida. Você tem uma família a quem pode pedir ajuda, e é isso que vamos fazer.

Ela se levantou e, de imediato, o anfitrião se aproximou, envolvendo-lhe a cintura com um dos braços.

— Sei que você é uma mulher independente, Beatrice Davenport, mas agora vai permitir que eu assumo o comando da situação.

Um suspiro escapou dos lábios de Beatrice.

— Está bem. Estou mesmo um pouco cansada e com dor de cabeça. Pode chamar a sua governanta, se quiser. Ficando com você, Melody não poderia estar em melhor companhia.

Minutos depois, o homem voltou-se para Melody. Os dois já se encontravam sozinhos.

— Precisamos conversar, e será mais fácil se me chamar de John Brown, como faz sua tia. Tenho muita influência neste país, sra. Van der Veer, e, se resolver ficar, posso ajudá-la. É preciso que entenda, no entanto, que não estou acima da lei, embora muitos julguem o contrário. Ficando, a senhora terá de ir a julga-la morte de Luther Hogge.

Melody estremeceu. Não duvidava do poder daquele homem, mas também não subestimava a influência dos amigos de Luther.

Como que adivinhando seu temor, John Brown disse:

— Naturalmente, meus advogados alegarão autodefesa, mas a promotoria sem dúvida a acusará de provocação e uma dúzia de outras coisas desagradáveis.

— Mas não é verdade!

— Sei que não, contudo p dever deles é ganhar o caso, e muito pode depender do estado de espírito do juiz. Conheci Luther Hogge e sei que alguns de nossos juizes foram subornados por ele. — John tomou-lhe a mão esquerda entre as suas, pensativo, examinou-lhe a palma. — Acredito um pouco em quiromancia. A sua linha da vida é longa. No entanto...

Melody não conteve uma exclamação de surpresa.

— Que estranho! Eu já tinha até esquecido. No ano passado, tia Bia me levou a Brighton, e uma cigana leu minha sorte. Ela disse que eu teria de cruzar dois grandes mares...

— Ela também não lhe disse que conheceria um homem alto, moreno e simpático?

— Dois. Um, claro como o dia, e o outro, escuro como a noite. Na época, eu já conhecia Hugh e achei que ele era o claro. — Melody sorriu, um tanto embaraçada por ter revelado aquela tolice. — Mas isso tudo é bobagem. O que eu preciso é ir embora, e depressa. O problema é tia Bia. Ela não pode viajar, doente como está. O senhor não conhece uma família que possa recebê-la, pelo menos até que fique melhor?

— Conheço, mas não creio que ela concorde. Nunca vi Beatrice mudar de idéia depois de ter tomado uma decisão. Se ela a acompanhou até aqui, foi porque achou que você precisava dela.

— Eu sei, mas acho muito egoísmo querer que ela me acompanhe nesta viagem. Tia Bia tem sido uma verdadeira mãe para mim, desde que a minha... desde que Charity morreu, e eu a amo demais para lhe pedir isso.

John Brown examinou-lhe as feições, abatidas mas cheias de força de

caráter.

— Vou providenciar tudo a fim de que possam embarcar para Nova York no primeiro navio que sair. Lá, tenho amigos que poderão recebê-las e acompanhá-las até o sul. Agora, é melhor você tomar um copo de leite e descansar um pouco.

Melody hesitou por um momento, depois arriscou:

— Minha tia veio à sua procura instintivamente, sem parar para pensar ou levar em consideração..

— Ela sabe que pode contar comigo. — John sorriu e então começou a contar: — Eu estava voltando de uma viagem de negócios ao Japão quando conheci a sua tia. Minha esposa tinha morrido um ano antes, durante uma epidemia de cólera. Eu senti muito, mas a verdade é que não se pode ficar de luto para sempre. A vida continua, e eu havia chegado ao ponto em que precisava voltar ao convívio com a humanidade. Resolvi começar acompanhando uma dessas mulheres bonitas, mas de cabeça oca, à ópera. Não faço idéia do que ouvimos; só sei que, durante o intervalo, houve uma comoção junto ao nosso camarote, a porta abriu-se de repente, e Beatrice... uma Beatrice bem mais jovem, mas tão dinâmica quanto agora... entrou brandindo uma adaga. Eu me levantei de imediato. Minha companheira estava tão apavorada que nem conseguiu gritar. "Você é um cavalheiro?", a incrível aparição perguntou. E, antes que eu pudesse responder, prosseguiu: "Se é, poderia ensinar este rapaz a ser um, também"? Com isso, ela puxou para dentro do nosso camarote um jovem lorde. Ao que parece, ele a acompanhara à ópera e não conseguira dominar o ciúme quando um conhecido de sua tia se aproximou para conversar. Puxara da adaga, mas neste ponto Beatrice, em vez de desmaiar, desarmara-o e correr para o meu camarote. Para encurtar a história, eu deixei o jovem lorde sendo consolado pela minha companheira e levei sua tia para casa. Daí em diante, minha vida mudou.

Ele fez uma pausa, meneando a cabeça, como se ainda não pudesse acreditar.

— Cada vez que eu via aquele furacão em forma de mulher, ficava sabendo de uma novidade. Beatrice conhecia mais boatos políticos que qualquer um dos meus assessores. Ela abalou minhas crenças e demoliu minha pompa. Naturalmente, nosso relacionamento também teve horas sossegadas. Beatrice parecia entender, por instinto, quando eu precisava de descanso. Eu ia atrás dela, sem nunca saber quando a encontraria sozinha. Uma vez reclamei, e Beatrice me disse que a melhor coisa da vida era a liberdade de espírito. Ela sempre foi independente. Nunca pediu a ninguém o que essa pessoa não pudesse dar, e exigia o mesmo respeito.

Observando a emoção nas feições masculinas, Melody perguntou:

— O senhor a amava... ainda a ama?

Outro sorriso surgiu nos lábios de John Brown.

— Claro. Era impossível não amá-la. Mas só como se ama uma estrela, no céu. Mulheres como Beatrice nunca envelhecem, e nunca se é velho ao lado delas. Quando passam por sua vida, causam o efeito de milhares de fogos de artifício explodindo ao mesmo tempo. Vou sentir muita falta dela quando vocês se forem, mas talvez continuemos em contato.

Ao ouvir falar em sua viagem, Melody não controlou um estremecimento.

— Não devo tomar mais não seu tempo... sr. Brown. Já foi muito bom conosco.

— Aprendi que a bondade é como uma onda num lago, espalhando-se desde o seu ponto de origem e tocando outros, outros e outros. Fale com sua tia amanhã. Agora você precisa descansar.

Melody foi para o quarto que lhe indicaram e trocou de roupas, colocando a camisola que a sra. Fullerton, a governanta, havia conseguido com uma das ajudantes de cozinha. Cansada e confusa, procurou dormir, mas as sombras que a lua lançava sobre sua janela, através dos galhos das árvores, pareciam dançar a valsa da morte. Enterrando o rosto no travesseiro, ela chorou de medo do que viria em seguida, até que, exausta, adormeceis.

A manhã não trouxe paz, só o fim dos pesadelos que a tinham atormentado a noite inteira, impedindo-a de dormir tranqüila. Pálida, com olheiras em torno dos olhos azuis, ela desceu para o café da manhã. Sua tia e John Brown já estavam à mesa, conversando num tom baixo e ansioso.

— A senhora não devia esta de pé, tia Bia.

— Estou me sentindo bem, querida. Você, sim, é que está abatida. É melhor comer alguma coisa, antes de resolvermos o que temos a resolver.

— Não estou com fome. Só quero uma xícara de chá. Dormi tão pouco que nem estou conseguindo pensar direito.

John e Beatrice trocaram um rápido olhar. Mas foi Beatrice quem disse:

— Não tem importância, querida. Você não precisa pensar em nada, por enquanto. Vamos para a Carolina do Norte. John já providenciou tudo.

Melody fitou John Brown, que fez um gesto de assentimento.

— Também mandei um dos meus homens de mais confiança à sua casa, sra.

Van der Veer. Luther Hogge não estava lá mas não creio que tenha conseguido sobreviver, Meu empregado disse que o mordomo mostrava-se agitado, mas não demais e foi muito evasivo.

Um soluço de alívio escapou dos lábios de Melody.

— O mordomo é Simpson. Já trabalhava para meu pai e deve ter escondido o corpo de Luther para me proteger. Na certa adivinhou o que aconteceu. Ele odiava Hogge, e eu deixei o revólver para trás. O senhor acha que temos mais tempo agora?

— Infelizmente, não. Muita gente devia estar à espera de Hogge hoje, e fará perguntas quando ele não aparecer. Afinal, Luther Hogge era um homem de negócios influente. Quanto mais cedo você sair daqui, melhor.

Melody foi tomada por um arrepio de medo.

— Se mais alguém descobrir que fui eu que... Será que eles... Acha possível que eles me encontrem, mesmo numa plantação na América? Essa gente que vai procurar por ele... Será que vão usar detetives ou avisar a polícia, logo de início?

— Não se preocupe com isso, minha filha. Se o seu desaparecimento causar estranheza, darei um jeito de espalhar que foi a Paris comprar algumas roupas. Você tem muitos amigos em Paris, não teria Beatrice? Podemos dizer que estão hospedadas na casa de um deles.

Beatrice sorriu, com um brilho estranho no olhar.

— Tenho muitos amigos, mas nenhum do tipo que eu apresentaria a Melody. É melhor você dizer que fomos para a Itália. Eu me lembro de um conde falido que conheci lá e que achou que eu era uma milionária. Naturalmente, ele estava reformando sua villa...

John sorriu, lançando-lhe um olhar cheio de compreensão.

— Mesmo assim, acho que Paris é melhor.

— Por quê? Não gostou do meu conde italiano?

— Eu não gosto de homens jovens e belos.

— Uma coisa é certa; nenhum deles tem a sua compreensão e me dedicou tantos anos de amizade,

— Obrigado. Sem dúvida, prefiro ser a realidade de hoje que o sonho de ontem. Assim, posso ajudá-la a recomeçar. E mesmo num lugar como a Carolina deve existir um ou dois milionários!

Os olhos bondosos voltaram-se então para Melody, que fitava as próprias

mãos.

— Sra, Van der Deer...

Nenhuma resposta. Perdida em seu pesadelo, Melody revivia o horrível momento em que arranhara o rosto de Luther Hogge.

— Melody!

A voz que fazia muitas grandes personalidades do governo tremerem ressoou pela sala, ela ergueu os olhos, assustada.

— Desculpe, eu... O que foi que o senhor disse? A expressão dele mudou, tornando-se mais firme.

— Há um navio que sai amanhã cedo para Nova York. Vocês partirão nele, e eu quero que faça o possível para cortar todos os laços que a unem à Inglaterra. Como vou espalhar o boato de que você só vai até Paris, não deve se despedir de nenhum amigo. Em todo caso, se achar que deve deixar bilhetes para alguém, a fim de não despertar suspeitas...

— Está bem. — Animando-se um pouquinho, Melody sorriu. — Foi uma pena não termos nos conhecido antes. Eu gosto quando me chama de Melody.

— Então, daqui para a frente, seremos John e Melody. E não tenha medo, pois pretendo me manter em contato com vocês. — Inclinando-se para o chão, ele pegou uma valise e esvaziou-a sobre a mesa. — Sua tia andou examinando o conteúdo da valise de seu pai, mas não encontrou nada que seja de muita ajuda.

Beatrice suspirou.

— Quase tudo é muito antigo. Alex era romântico e sentimental, e eu esperava que tivesse guardado um retrato ou qualquer outra coisa assim, que nos desse uma pista.

Melody correu os olhos pela pilha de lembranças.

— Uma conta, presa a um pedaço de couro... Um brinquedo de criança, com um "Para o tio A-, com amor de B."... Quem será B.? Um dos membros da família? Uma criança, na época, mas agora um pouco mais velho do que eu? Olhem que coisa estranha! Parece a página arrancada de um diário. "Tudo acabado. Soube que a venderam. Preciso ir. Não posso. Nunca mais. Tenho de dizer a Melody para não..." Me dizer o quê? E o que é que foi vendido?

— Isso é uma velha história e não deve nos incomodar, minha querida. Vamos ver o resto.

O resto era composto de vários objetos sem valor, entre os quais uma faca de cabo de osso, um pente de marfim e uma velha boneca, que Melody descartara

ao passar da primeira infância.

— Não fique se martirizando com isso — disse John Brown, de repente. — Você não sabe o que vai encontrar nó futuro, mas não tenha medo das sombras do passado. E eu já lhe prometi me manter em contato.

— O que muito me consola. Não sou aventureira por natureza, e será bom ter algo que me ligue à Inglaterra. Agora, se me dão licença, vou escrever alguns bilhetes. — Melody se levantou, com um sorriso dirigido ao casal. — O senhor e tia Bia devem ter muita coisa para conversar.

— Temos mesmo, John? — Beatrice perguntou, assim que ficaram a sós. Ele ergueu a cabeça, e ela acariciou-lhe levemente o rosto, num gesto de carinho.

— Não, minha querida. Adeus é só uma palavra. — Ele se levantou, erguendo-a junto. — Mas existem muitos jeitos de se dizer adeus, não é mesmo?

Beatrice arqueou as sobrancelhas, fingindo surpresa.

— Você não deveria estar me sugerindo um adeus muito prolongado. Resfriada como estou, o que preciso é de cama.

— Exatamente a minha opinião, minha querida!

Melody passou o resto do dia no quarto. Incapaz de comer, aceitou apenas uma fatia de presunto e um pedaço de pão, na hora do jantar. Nesse meio tempo, descobriu que tinha poucos bilhetes a escrever. Durante o último ano, perdera o contato com as amigas, graças à interferência de Hogge.

Quando escureceu, Beatrice foi lhe desejar boa noite. Estava mais animada, com o rosto corado e os olhos brilhantes. Achando que isso era devido à doença, Melody sentiu-se ainda mais culpada.

A segunda noite não lhe proporcionou mais descanso que a anterior, e, quando ela desceu, John fitou-a com ar preocupado.

— Precisa esquecer o que aconteceu, Melody. Vai acabar doente, se não comer e não dormir. Venha, quero que se alimente bem antes de partir.

— Vou tentar, mas estou completamente sem fome. O que me preocupa é o senhor. Não quero que ninguém o associe a mim, pois isso poderia estragar a sua carreira.

Ele sorriu, dando-lhe um tapinha amigável no rosto.

— Muita gente já quis arruinar minha carreira, mas até agora ninguém conseguiu. Tenho bons amigos, que sempre me protegem dos inimigos. Agora sente-se, que vou fazer o seu prato. Meu cozinheiro ficará mortalmente ofendido se não provar pelo menos um pouco de presunto e ovos.

Surpresa, Melody descobriu que estava com muita fome e comeu tudo que ele colocou em seu prato.

Beatrice já havia se alimentado e feito as malas. Era pouca coisa, além de algumas jóias e as cinco mil libras que John insistira em lhe dar emprestadas. Apesar de conhecê-lo há poucas horas, Melody achou natural beijá-lo no rosto à hora da partida.

Os olhos bondosos brilharam.

— Um gesto desses já provocou muitos duelos, minha querida, por isso é melhor ter cuidado com sua generosidade.

John voltou-se para Beatrice, e seus olhares se encontraram. Não houve palavras nem contato físico, só um sorriso breve, antes que ele a ajudasse a subir na carruagem.

— Ele se arriscou muito para nos ajudar — Melody comentou, quando seguiam para o cais.

Beatrice sorriu.

— Há anos venho impedindo que ele se torne um velho. Um risco ocasional, até mesmo um raro encontro com o perigo, fazem parte da "outra vida", que partilhamos. Não se preocupe com John, querida. Ele deve ter adorado cada minutinho que passamos aqui. — E os olhos da tia brilharam. — Ou alguns deles, pelo menos!

CAPITULO III

O Cunarder fez uma viagem relativamente tranqüila até Nova York. Mesmo assim, Beatrice enjoou e foi obrigada a passar a maior parte do tempo deitada, na cabine. Para Melody, no entanto, tudo foi motivo de admiração e contentamento. Quando era permitido, passeava pelo convés e jogava pedacinhos de pão às gaivotas, sempre famintas. John Brown lhes reservara uma cabine de primeira classe, recomendando-as ao capitão e ao imediato, de modo que elas eram sempre alvo de uma gentileza especial.

O dinheiro e os papéis fornecidos por John também lhes abriram as portas da alfândega, e minutos depois de chegar a Nova York as duas se viram em meio à multidão que transitava pelo cais.

— Foi bom não termos trazido mais do que duas valises -Melody comentou.
— Não sei por quê, mas não confio nestes carregadores. Não vejo a hora de

chegarmos ao hotel e colocarmos o pouco que temos num cofre. Além disso, vai ser bom trocarmos estas roupas por outras, mais ao nosso gosto.

Seus olhos percorreram o vestido cinza-escuro, que a irmã de John lhe dera juntamente com mais dois, do mesmo estilo. Não eram feios, mas tinham sido feitos para uma mulher com o dobro da sua idade. Em pior situação, no entanto, estava Beatrice, pois a única pessoa de confiança que haviam encontrado, com o corpo dela, fora a governanta de John. De qualquer maneira, tinha sido melhor isso do que se arriscar a voltar à casa de Luther Hogge, atrás de seus pertences.

Abrindo caminho entre a multidão, empurrada por jornalistas ansiosos por notícias e pessoas à espera de amigos e parentes, Melody procurava uma carruagem que as levasse ao Hotel Brevort, na esquina da Rua Oito com a Quinta Avenida, que John lhes recomendara.

— Com licença, senhoras.

Ambas se voltaram para o rapaz de sorriso largo, revelando dois dentes de ouro, que as abordara.

— Estou vendo que são estranhas na cidade, e devem estar se sentindo um pouco perdidas. É difícil arranjar uma carruagem aqui, mas se quiserem me acompanhar por uma pequena distância, posso levá-las a um ponto onde há muitas.

Melody examinou-o, desconfiada. Afinal, por que uma carruagem de aluguel estaria parada a uma pequena distância dali, quando os fregueses em perspectiva encontravam-se todos no cais?

— Obrigada, senhor, mas só vamos até o Hotel Brevort, que é perto daqui. Não estamos com pressa e podemos esperar que uma carruagem apareça.

O sorriso largo tornou a aparecer.

— Ah, mas isso seria desperdiçar o seu dinheiro! Conheço o Hotel Brevort muito bem. Um Lugar esplêndido, a poucos metros, se tomarmos um atalho que conheço. Por favor, aceitem minha companhia até lá. Uma carruagem faria uma volta de pelo menos dez quarteirões, para depois deixá-las a um quarteirão daqui. Estão vendo aquelas luzes, entre esses edifícios? São do Brevort.

Melody ainda hesitou, mas depois, vendo o ar abatido da tia, acabou se decidindo.

— Está bem, se é assim, nós aceitamos.

Sem dificuldade, o rapaz pegou suas malas e pôs-se a caminhar. Trocando um rápido olhar, as duas o seguiram. Ele entrou por uma ruazinha estreita,

falando continuamente sobre a beleza da cidade e as peças em cartaz nos vários teatros. No meio do quarteirão, no entanto, silenciou, detendo-se diante de uma porta sem nenhuma iluminação.

— O que foi? — perguntou Beatrice, tomada por um medo repentino. — Este não é o Hotel Brevort!

— Não, não é — o rapaz respondeu, numa voz rude e ameaçadora, completamente diferente da que vinha usando.

Ao mesmo tempo, várias sombras se destacaram da escuridão, adiantando-se até formar um círculo em torno delas. Doente de medo, Melody percebeu que eram marinheiros, mestiços da pior espécie, com as feições deformadas por cicatrizes obtidas em brigas de bar e de rua, e sorrisos revelando dentes escuros e quebrados.

— Agora, minhas senhoras, meus amigos vão ajudá-las a se livrar da bagagem, do dinheiro e das jóias que trouxeram.

Beatrice reagiu de imediato, dando uma bolsa da na cabeça do rapaz. Ele, então, arrancou-lhe a bolsa da mão e jogou-a para os amigos.

— Não seja estúpida, sua velha! Só queremos o que têm de valor. Depois, podem ir embora. Nós nunca machucamos as pessoas que trazemos até aqui.

— Deixe que eles fiquem com as malas, tia Bia — Melody interferiu. — É melhor do que sairmos machucadas.

Ela mesma estava fazendo o possível para dominar a vontade de avançar nos ladrões, pois sabia que a tia ainda estava fraca e poderia sofrer muito, se eles perdessem a paciência. Assim sendo, entregou a bolsa de dinheiro que trazia presa à cintura, rezando para que a aceitassem e fossem embora.

— Tomem! Tudo que temos está aqui e nas malas.

Um hálito fétido atingiu-lhe o rosto, quando o mais alto dos marinheiros aproximou-se, sorrindo largamente.

— Pode ser que esteja, mocinha, mas eu vou verificar. Afinal, quem me garante que não esteja carregando uma fortuna debaixo dessas roupas?

Quando ele enfiou a mão no decote de Melody, ela não agüentou mais.

— Não! — gritou, descontrolada, revivendo o pesadelo de sua luta com Hogge.

Os homens estacaram, e naquele instante ela ergueu as mãos, unhando seu agressor. Ele recuou com um palavrão, depois tornou a avançar, indiferente a tudo que não fosse sua presa, a gatinha que se transformara numa leoa. Mas,

antes que desse dois passos, sua cabeça explodiu sob um golpe terrível, que o jogou ao chão, de joelhos. Logo em seguida, com incrível velocidade, os outros dois marinheiros foram agredidos da mesma forma, indo parar na sarjeta.

A figura gigantesca, que se aproximara sem ser notada, voltou-se então para o rapaz que as levava até ali, agarrando-o pelas lapelas do casaco.

— Estou cansado de andar atrás de você, seu rato! Já não lhe disse para não fazer mais isso?

— Já... Já! Duas vezes! E eu prometo não fazer mais!

— Muito bem, garoto. Porque, se fizer, ninguém mais será capaz de olhar para você sem estremecer de horror!

Com um gesto quase casual, o gigante esmurrou o rosto do rapaz, quebrando-lhe o nariz e vários dentes, além de cortar uma das bochechas com o anel que usava. Xingando e soluçando, o marginal afastou-se aos tropeções, obviamente amedrontado.

O gigante voltou-se para elas, então, e Melody viu que se tratava de um homem de meia idades com cabelos grisalhos e espessos emoldurando um rosto tão marcado quanto o dos assaltantes. Seus olhos azuis brilhavam com a alegria da vitória»

Afastando-se da parede onde se apoiava, Beatrice endireitou-se e tentou arrumar o vestido rasgado.

— Quem é o senhor? Gostaria de saber seu nome, para lhe agradecer apropriadamente pelo que fez por nós.

— Sou um itinerante, minha senhora. Uma espécie de nômade profissional.
— Ele se curvou numa mesura. — Patrick O'Shaughnessy, a seu dispor.

Um sorriso surgiu nos lábios de Beatrice.

— Sou-lhe grata por ter-nos salvado, mas não poderia ter feito isso sem demolir a oposição por completo? Aquele rapaz nunca mais será o mesmo.

— É o que espero. — Ele fitou os marinheiros, estendidos no chão, e chutou um deles, que tentava se levantar, — Já fiz muita coisa errada em minha vida, mas nunca me aproveitei de velhos, mulheres e crianças, o que parece ser a especialidade desses vagabundos. Agora, se me dão licença, vou levá-las até onde iam.

— Não é preciso, sr. O'Shaughnessy — Beatrice declarou, levantando sua mala com dificuldade. — Já lhe devemos muito por ter nos salvado. -Podemos fazer o resto do caminho sozinhas.

Ignorando-a, o homem fixou o olhar brilhante em Melody.

— Ela é sempre tão auto-suficiente?

Melody, que perdera o medo, sentia-se inexplicavelmente atraída pelo desconhecido.

— Sempre! — confirmou.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, depois, murmurando "ótimo!", tirou o casaco e colocou-o sobre os ombros de Beatrice.

— Nem uma palavra — ordenou, — Você não está em condições de ser vista na rua, e eu me recuso a acompanhar uma mulher com um vestido rasgado, a menos que eu tenha feito o estrago!

— Espere aí! — Beatrice protestou, quando de já seguia pela rua, carregando as malas.

O gigante se deteve, olhando, por cima da cabeça dela, para Melody.

— Quer me fazer o favor de dizer a sua irmã que ela tem uma linda boca, que fica ainda mais bonita quando está fechada?

— Irmã! — explodiu Beatrice, enquanto Melody abafava o riso. — Fique sabendo meu senhor, que sou lady Beatrice Davenport, e que esta aqui é minha sobrinha, a sra. Van der Veer.

Qualquer pessoa com olhos na cara pode ver que sou muito velha para ser irmã dela!

Só então ele virou-se para ela, examinando-a de alto a baixo com um olhar malicioso.

— Não seja tão modesta, minha senhora. E ficará inda mais bela à luz da aurora, quando estiver contemplando nossa cidade. Um passeio a que pretendo levá-la.

— Pretende coisa nenhuma! O senhor é um estranho, atrevido e insolente!

— Sou mesmo — ele concordou, pegando as malas e voltando a andar.

Melody surpreendeu um leve sorriso nos lábios da tia. Um sorriso que logo desapareceu, quando Beatrice também se pôs a andar, resmungando:

— Vagabundo!

Patrick arrumou uma carruagem e escoltou-as até o hotel, indicando vários pontos de atração da cidade durante o caminho e ignorando totalmente Beatrice. Ao chegarem, foi até a recepção e pediu dois quartos, com ar autoritário de comando. Mesmo vendo as roupas gastas que usava, o recepcionista obedeceu sem

hesitar. Tomando as chaves, ele verificou os números e entregou-as a elas, com uma medida.

— O seu casaco, senhor — Beatrice disse, fazendo um gesto para tirá-lo.

Foi impedida por um gesto rápido e firme.

— Eu o pego amanhã, depois do café, milady. Não quero que ande pelo hotel com um vestido rasgado.

— Mas quer que eu ande exibindo o seu casaco, o que vai causar a mesma onda de falatório!

— Falatório que não lhe fará mal, madame. Mesmo assim ela sentiu necessidade de protestar.

— Estamos a caminho do sul. Pode ser que não nos encontre mais aqui amanhã.

Melody viu os olhos dele perderem o brilho e, num impulso, adiantou-se:

— Ainda temos de mandar notícia da nossa chegada e arrumar tudo para a viagem. Isso vai levar o dia todo, e com as compras e um passeio turístico pela cidade...

Ele lhe lançou um sorriso grato, revelando dentes brancos e perfeitos.

— Passeio turístico, é? Nisso eu posso ajudá-las. Faz quase um ano que estou nesta cidade, providenciando minha ida para as minas de ouro de Nevada, onde pretendo fazer fortuna.

— O senhor é persistente, sr. O'Shaughnessy — Beatrice interferiu —, mas agora estamos mais interessadas num banho e numa cama que não balance.

Um ar de culpa surgiu no rosto dele.

— Desculpe o meu egoísmo e falta de consideração, milady. Volto amanhã, às nove e meia, para levá-las a um passeio por Nova York.

Com mais uma medida e uma piscadela atrevida, ele se foi.

— Mas que sujeito... — Beatrice interrompeu-se, sem palavras para expressar sua indignação.

Melody aproveitou para comentar:

— Ele é bem velho para o tipo de vida que está levando..não é? Abruptamente, Beatrice virou-se e começou a seguir o garoto da bagagem.

— A idade nem sempre é uma questão de anos, minha querida. Não é quanto você vive que conta, mas como você vive.

— Então, não há dúvida de que o sr. O'Shaughnessy tem vivido muito!

Com uma exclamação abafada que podia significar tudo, Beatrice recusou-se a continuar com aquela conversa.

No dia seguinte, quando Melody e Beatrice saíram da sala de café do hotel, encontraram Patrick O'Shaughnessy à espera. Antes que qualquer uma delas pudesse abrir a boca, ele dirigiu-se a Beatrice:

— Tem toda razão, milady. Com essa luz, não pode passar por irmã da sra. Van der Veer. Seus cabelos têm a cor de ouro velho, enquanto os dela são completamente negros. É óbvio que tiveram pais diferentes.

— Sr. O'Shaughnessy!

— A seu dispor, madame. O que deseja fazer primeiro? Mandar um telegrama ou visitar algumas lojas?

— Seja lá o que for, tenho certeza de que o pessoal do hotel pode me ajudar.

Ele se voltou para Melody.

— Quer fazer o favor de dizer a essa mulher teimosa que ela não conseguirá se livrar de mim, a menos que me mande enviar o telegrama que deseja?

— Eu posso ouvir ela falar por mim mesma, sr. O'Shaughnessy. Quanto ao telegrama, acha mesmo que eu revelaria nossos planos de viagem a um completo estranho, principalmente quando tudo o que quero é que ele nos deixe em paz?

Havia irritação nessas palavras, e Patrick, um tanto desconcertado, recuou:

— Está sendo cruel, milady, mas farei o que me pede. Irei embora, assim que lhe arrumar um mensageiro. — Girando nos calcanhares, foi até a recepção e voltou com um rapaz a reboque. — Mocinho, quero que vá imediatamente à agência de correios mais próxima e passe este telegrama. — Tomou o papel que a surpresa Beatrice tinha nas mãos, correu os olhos pelo que lá estava escrito e entregou-o ao garoto, com uma moeda. — Vou deixá-las em paz por hoje, já que esse é o seu desejo, mas aconselho-as a tomar cuidado, se saírem. Evitem os atalhos e andem sempre nas ruas principais. Até logo mais.

Estupefatas, as duas o viram fazer a habitual mesura e afastar-se. Melody foi a primeira a falar, lutando para sufocar o riso.

— Ah, tia Bia, se a senhora visse a sua cara!

— Esse... esse cafajeste! Ele viu o endereço de St. Clare e sabe para onde

vamos!

— Achou mesmo que seria capaz de se esconder dele? O sujeito simpatizou com a senhora, tia Bia, e é do tipo que não desiste facilmente.

— Ele é do tipo pesadelo, isso sim! Um itinerante declarado, um vagabundo, um homem que vive dos punhos e negócios de momento. Se ele se atrever a aparecer em St. Clare, juro que mando os criados jogarem-no na rua!

Melody não discutiu, embora concluísse que seria preciso muito mais que um mordomo irado para jogar Patrick O'Shaughnessy na rua.

— Não pense mais nisso, tia. O que acha de darmos uma volta? Graças à generosidade de John, podemos comprar um guarda-roupa inteiramente novo e dar aos nossos parentes a impressão de que não precisamos de caridade, só hospitalidade.

Logo se tornou evidente que a combinação do dinheiro de John com o título de Beatrice era irresistível. As balconistas e gerentes de loja fizeram o possível para bem servi-las, mostrando artigos que não eram acessíveis ao comprador comum. Quando notaram que Melody estava de luto, começaram a mostrar também vestidos em preto e azul-noite.

Ao fim da tarde, as duas não queriam nada além de um quarto silencioso e a chance de se deitarem por uma ou duas horas. Providenciando que as compras fossem entregues por mensageiros, voltaram para o hotel.

— Amanhã acertaremos tudo para nossa viagem — declarou Beatrice, quando se viram no quarto.

— Não é melhor esperar que respondam ao nosso telegrama, tia?

— Não, pois iremos de qualquer jeito. Se nos receberem bem, poderemos passar um bom tempo lá. Nunca se sabe, o arranjo pode até se tornar permanente. Seu pai ficou um ano em St. Clare. Se eles não nos quiserem, arranjarão um modo educado de se livrar de nós. Então, passaremos um ou dois dias na plantação e depois iremos embora.

— Para onde?

— John arranjará um lugar, não se preocupe.

Eles jantaram tarde, e depois Melody sugeriu que se recolhessem imediatamente. A viagem e a tensão do dia da chegada tinham abalado Beatrice, que exibia enormes manchas escuras sob os olhos cinzentos.

Quando a aurora introduzia pálidos reflexos por entre as cortinas, uma batida suave acordou Melody.

— Sra. Van der Veer, é a sua criada. Há um senhor lá embaixo, com uma carruagem, dizendo que veio buscar a senhora e lady Davenport para um passeio.

Os lábios de Melody se abriram num sorriso incrédulo.

— Não é possível! Ele não se atreveria! Tia Bia vai acabar com ele — murmurou. E depois, mais alto para que a criada ouvisse: — Está bem, nós vamos descer.

Desta vez, a roupa gasta de Patrick fora substituída por um terno impecável e uma linda camisa de linho, mas o lenço vermelho, que ele usava em torno do pescoço desde a primeira vez em que o tinham visto, não fora descartado. O rosto masculino mantinha-se inexpressivo, mas um brilho maroto surgiu nos olhos azuis quando Beatrice Davenport abriu caminho entre os outros hóspedes do hotel. Notou que, apesar do semblante carregado, ela estava vestida para sair, assim como a sobrinha, que a acompanhava fazendo força para não rir.

— O senhor sempre usa esse lenço abominável, sr. O'Shaughnessy? — Beatrice perguntou, assim que chegou perto dele. — Por acaso tem algum valor sentimental?

Ele sorriu.

— Não, madame, É só que ele tem a cor certa para enxugar o sangue que costuma espirrar quando alguém encara o meu tamanho como um desafio,

— O senhor é um homem muito violento, sr. O'Shaughnessy.

— Ah, não, madame, sou um homem de paz. Só me enfureço quando não acreditam nisso. Isto aqui — ele levou a mão ao lenço — é um símbolo, a minha marca. Gosto de ser conhecido, e esse lenço ajuda a se lembrarem de mim. No fundo, sou um homem vaidoso.

— Não há dúvida alguma de que o senhor foi abençoado com uma grande dose dessa... qualidade. Isso, sem falar no atrevimento!

Nesse ponto, Melody adiantou-se e estendeu a mão para cumprimentá-lo. Para sua surpresa, o aperto de mão que recebeu foi extremamente gentil.

— Vai nos levar para conhecer a cidade, sr. O'Shaughnessy?

— Com grande prazer, madame.

— Mas... tão cedo?

— Vamos ao Heights, de onde os mercadores milionários observam a chegada de seus navios. Eles chamam o lugar de Clover Hiu, mas eu prefiro Ilpetonga, que é como os índios canairse o denominavam antes de vendê-lo, em 1630. A palavra significa "banco alto de areia", e eles viviam lá em casas

comunitárias, às vezes até com quatrocentos metros de comprimento. É um local lindo ao amanhecer, quando os raios de sol penetram por entre a neblina e o mar parece veludo escuro.

— As suas palavras é que têm a maciez do veludo — Beatrice comentou, irritada. — Estou vendo que possui uma grande dose de conhecimentos inúteis.

Ele a fitou, com um sorriso que o removia dez anos.

— Uma dose enorme, milady. Costumo passar meu tempo livre entre a biblioteca e a taverna de Sam Fraunces, na Pearl Street. Eu tinha quinze anos quando um comerciante judeu me ensinou a ler, em troca de trabalho, e sempre achei que levei vantagem. Agora, minhas senhoras, se estão prontas para partir...

Melody guardou mais lembranças das pequenas coisas que aconteceram naquele dia do que da paisagem da cidade. Nunca se esqueceu dos pãezinhos quentes e recheados com geléia, acompanhados de café forte, que ele trouxera para o desjejum. Depois, o incrível aglomerado de gente no East Village, onde predominavam poloneses, alemães, italianos e judeus, embora também pudessem ser encontrados ucranianos, russos e representantes de várias outras nacionalidades. Estiveram no Castelo Chaton, o forte construído para rechaçar os ingleses cinquenta anos antes e, no momento, usado para receber imigrantes do mundo inteiro.

Melody comoveu-se ao pensar nas milhares de pessoas que haviam deixado sua terra natal devido à perseguição religiosa ou à fome que devastara a Irlanda durante três anos, desde 1846. Todos vinham com a esperança de uma vida nova, mas essa esperança acabava tios guetos horríveis de Lower East Sides onde, se não fosse por John e Beatrice, ela também poderia ter vindo pagar por seu crime.

Ela nunca se esqueceria do modo como O'Shaughnessy as protegeu das piores visões, embora não se limitasse a mostrar-lhes apenas os palacetes da aristocracia, junto à Washington Square, criando assim uma imagem falsa da cidade. Tinha uma história para cada ocasião, com uma linguagem ágil e inteligente, que logo conquistou Beatrice. Levou-as também para jantar, não no Delmonico, onde se pagava para ver e ser visto, mas num hotel da Fulton Street. A cozinha era simples mas deliciosa, e até Beatrice, depois de uma garfada cautelosa de suflê de caranguejo, não escondeu a admiração.

— O senhor tem ótimo gosto, sr. O'Shaughnessy — ela o cumprimentou, no fim da refeição.

Um sorriso largo iluminou o rosto de Patrick.

— Sou um homem simples, que aprecia comida simples. Na minha opinião, uma lagosta deve ter aparência e gosto de lagosta, não ser transformada em algo que nem de longe lembre o que ela foi. — Ele fez uma ligeira pausa, antes de prosseguir: — O que preferem para esta noite? Visitar alguns antros de perdição ou ir a um concerto na Academia de Música?

Beatrice meneou a cabeça, com ar firme.

— Já fez muito por nós, sr. O'Shaughnessy. Apesar da minha reserva inicial, sou obrigada a reconhecer que o senhor foi um guia excelente, além de um perfeito cavalheiro. Mas agora precisamos voltar para o hotel. Temos de providenciar nossa viagem, e será bom descansarmos um pouco. Vamos para longe, e nem sei por quem ou como seremos recebidas.

— Quer dizer que não conhecem os donos do lugar para onde vão?

— Só sabemos que podem ser parentes da sra. Van der Veer. Isso, se a plantação não foi vendida, durante os últimos vinte anos. Neste caso, nossa viagem terá sido em vão.

Ele ficou sério.

— Se me perdoa a intromissão, milady, acho melhor esperar que respondam o seu telegrama. Estamos vivendo tempos de muita inquietação. O norte quer emancipar os escravos do sul, enquanto o sul só pensa, em manter o estilo de vida que conhece. Muitos homens arriscam suas vidas para ajudar escravos fugitivos a alcançar a duvidosa liberdade do norte, e há inúmeros oportunistas nas estradas fazendo-se passar por quem não são. Em resumo, madame, duas senhoras desacompanhadas são vulneráveis a todo tipo de perigo... como vocês já devem ter descoberto.

Ajudando Beatrice a colocar o casaco, ele hesitou, depois sugeriu:

— Se quiserem aguardar alguns dias, posso acompanhá-las... Não, não recuse sem pensar um pouco! Espero resolver dentro de uma semana um negócio que me dará um bom dinheiro, do qual muito preciso. Por isso não posso partir antes.

Melody notou a dúvida e o ligeiro sorriso de Beatrice, antes que ela recusasse.

— Não queremos ser um peso para o senhor, sr. O'Shaughnessy. Chegaremos bem, sozinhas. Em todo caso, muito obrigada pela atenção.

Já no hotel, Beatrice encarou-o e disse, com um sorriso caloroso:

— Não posso permitir que nos acompanhe, mas gostaria muito de ver um

rosto familiar na nossa despedida. Seria horrível não ter ninguém para quem acenar, quando o trem partir.

— Será um prazer. Tenho certeza de que todos na estação sentirão pena de mim, por deixá-la partir, mas também me invejarão, por tê-la conhecido.

— Que bobagem! — protestou Beatrice. Mas estava sorrindo ao entrar no hotel.

Fiel à sua palavra, ele apareceu com uma carruagem para levá-las à estação, na manhã seguinte. Como seria de esperar numa cidade grande, o local era pura confusão, com pessoas se movimentando sem descanso, carregadores aos berros, vapor sibilante saindo da locomotiva e fumaça negra espalhando-se pelo ar. Era impossível conversar, a não ser aos gritos, e logo chegou a hora da partida.

— Não sou muito de escrever... Beatrice — ele falou, tímido.

— Nem eu... Patrick. Adeus e muito obrigada.

— Eu nunca paro num lugar. Pode ser que ainda nos encontremos por aí. — Virando-se para Melody, ele acrescentou: — Cuide-se, menina. E cuide desta mulher impossível, também.

— Não se preocupe com isso. Só espero que nos encontremos de novo.

Finalmente elas se acomodaram em seus lugares para a primeira parte da viagem.

— Tomara que o negócio dele dê certo — murmurou Melody. — Patrick não deve ser rico, mas nos tratou muito bem, ontem.

Beatrice sorriu, com um certo ar de mistério.

— Ele não sairá lesado. Quando estávamos nos despedindo, dei um jeito de enfiar uma nota de cem dólares no bolso dele. Aquele irlandês louco é orgulhoso e vai querer me matar, quando descobrir, mas não sou mulher de tomar os últimos dólares de um homem, quando tenho mais do que o suficiente para nós duas. Melody riu, incrédula.

— A senhora é incrível, tia Bia! É bom mesmo estarmos longe, quando ele descobrir. Não sei por quê, mas acho que ele tem um gênio fortíssimo.

— Bem... tenho coisas mais importantes em que pensar do que em um vagabundo irlandês.

No entanto, fitando a tia, Melody percebeu que Patrick O'Shaughnessy não seria tão facilmente esquecido.

CAPITULO IV

St.Clare foi uma grande decepção para Melody, embora Beatrice declarasse, caridosamente, que o local tinha um ar de "nobre decadência". Os campos de algodão prometiam uma colheita minguada, apesar de já ser setembro. Os escravos trabalhavam sem entusiasmo, e o capataz, a cavalo, dava a mesma impressão.

— Imagine só o que Simpson faria, se visse essa gente! — Beatrice exclamou. — Na certa daria um jeito neles em dois tempos. Você se lembra daquela criada horrível que tivemos, que não fazia nada além do estritamente necessário. Ah, minha querida, desculpe! Eu não devia ter falado nisso...

Melody sorriu, segurando-se quando a carruagem passou por outro buraco na estrada.

— Não tem importância, tia Bia. Não podemos passar o resto da vida sem falar de casa. Quanto a este lugar não é tão ruim assim. É verdade que as cercas precisam de conserto, a pintura da casa está descascando e o jardim parece mato, mas dá para se ver que já foram bem-cuidados. Veja aquele pórtico, como é grande!

Assim que a carruagem parou diante da residência a porta da frente se abriu e uma enorme negra apareceu, seguida por um negrinho que tomou as rédeas dos cavalos. Um homem, desceu os degraus da varanda, movimentando-se com a mesma indolência dos trabalhadores dos campos de algodão. Sua expressão era de total indiferença, embora usasse um tom polido ao se aproximar da carruagem,

— Lady Davenport? Sra. Van der Veer? Faz dois dias que esperamos a sua chegada. Por aqui, faz favor. Mister Brett está na sala de estar.

As duas mulheres trocaram um olhar. Que tipo de fazendeiro podia tolerar aquela apatia, quase uma preguiça descarada, em seus trabalhadores e mordomo? Ambas tinham ouvido muitas histórias de escravos sendo chicoteados por capatazes, ao menor sinal de indolência, mas os dali pareciam fazer o que bem entendiam.

Tia e sobrinha seguiram o negro até um cômodo mal iluminado, à direita do enorme saguão de entrada, e desta vez Beatrice não conteve uma exclamação de surpresa. Embora aquecida por um belo fogo, a sala praticamente não tinha móveis. Duas poltronas e um sofá achavam-se agrupados junto à lareira, a poucos passos de uma mesa vazia, perto da janela, e de uma pequena escrivaninha, cheia

de papéis, cuidadosamente posicionados.

Enquanto elas notavam tudo isso, o mordomo anunciou-as e um homem se levantou de uma das poltronas, voltando-se com um sorriso de boas-vindas. Segurava uma bengala branca, de ponta de metal, que estendeu diante de si, ao se encaminhar para elas.

Melody prendeu a respiração. Nunca vira um homem tão atraente quanto aquele. Quase chegava a ser lindo. Além do queixo firme, tinha a testa larga, sobre a qual caíam cabelos castanhos e encaracolados, nariz reto e lábios cheios, expressando sensibilidade. Os olhos também eram belíssimos, grandes, de cílios longos e de um azul intenso... só que inexpressivos, sem o menor sinal de vida.

Melody fitou a tia, notando-a tão chocada quanto ela. Uma onda de piedade assolou-a. O rapaz era de uma magreza extrema, acentuada pelas calças pretas, justas, que usava, mas não dava a impressão de fraqueza ao se mover confiante pela sala, até parar diante delas.

— É um grande prazer conhecê-la, sra. Van der Veer. Bem-vinda a St.Clare.

Melody colocou a mão na que o rapaz lhe estendia e ele levou-a aos lábios, num gesto galante e delicado. As dúvidas que a incomodavam se dissiparam. Aquele não era um anfitrião hipócrita, pronunciando falsas palavras de boas-vindas, mas um jovem Adônis que, por infelicidade, era cego. Por um instante, lamentou que aquele homem fosse um parente, e foi só com muito esforço que conseguiu dizer, fingindo naturalidade:

— Como soube que eu era a sra. Van der .Veer e não lady Davenport?

Ele riu, soltando-lhe a mão com relutância. — Minha mãe desafiou a lei, ensinando uma criada a ler e escrever. Essa mulher ainda está comigo e costuma ler a minha correspondência, respondendo as cartas mais simples. Lady Davenport mencionou, no telegrama, que era sua tia. Quando vocês cruzaram o saguão, notei um passo leve, longo, e outro mais curto e pesado, indicando pelo menos uma diferença em suas alturas. Depois, quando segurei sua mão, senti os dedos longos, de ossatura fina. Além disso, sua tia mencionou que a senhora estava de luto e precisando de repouso. Uma mulher de luto não usa os saiotes de cetim que fazem um barulho delicioso, como a sua tia está usando. Respondi a sua pergunta? Melody sorriu, impressionada.

— Completamente!

— Fico contente, Mas vocês devem estar cansadas da viagem, e, apesar de querer muito conhecê-las melhor, entendo que prefiram ir para seus quartos. Vou chamar Celine para lhes mostrar o caminho. Geralmente, quem cuida da casa é

Nanny, mas ela está fora e deixou a neta encarregada disso. Celine é inexperiente, mas parece ter vontade de aprender.

Incrédula, Melody perguntou:

— O senhor ainda tem uma nanny!

Ele riu.

— Ela não é a típica babá inglesa, mas sempre a chamamos assim. Foi criada de minha mãe e, desde que me conheço por gente, tem sido também enfermeira, confidente, parteira e governanta desta casa.

O rapaz tocou o sino que chamava os criados, e imediatamente as portas duplas da sala se abriram, dando passagem a uma moça. Ela era um ou dois anos mais nova que Melody e quase branca, com cabelos negros, presos no alto da cabeça, e olhos escuros, grandes e aveludados.

Pelo olhar que lançou à tia, Melody percebeu que ambas estavam pensando a mesma coisa. A garota era linda, sem dúvida, mas, para uma escrava da casa, exibia essa beleza de um jeito muito óbvio. De repente, Melody entendeu. O perfume pesado, as anáguas de cetim e os brincos tilintantes seriam demais para um senhor normal, mas não para um homem cego, que dependia tanto de sons, cheiros e toques... Ela assentiu para si mesma, interpretando corretamente o olhar lânguido que estava fixo no rosto do senhor da plantação.

Brett não se voltou para a garota, limitando-se a fazer um gesto na direção das recém chegadas.

— Celine, estas são lady Davenport e a sra. Van der Veer. Serão minhas hóspedes pelo tempo que quiseram e eu puder mantê-las aqui. Leve-as para os quartos da ala leste... o nascer do sol é adorável, nesta época do ano... e ajude-as a desfazer as malas. Providencie para que tenham tudo de que precisem, pois são bem-vindas a esta casa. Entendeu?

Celine fez uma mesura profunda, quase até o chão.

— Pois não, mister Brett. Vou tratar as duas como se fossem grandes damas.

Melody esperou, em vão, que a tia reagisse a essa ofensa. Mas Beatrice estava muito chocada e limitou-se a murmurar algumas palavras de agradecimento ao anfitrião, antes de seguir a garota pela escada recurvada. Havia marcas profundas na madeira polida, e Melody olhou para a tia, com ar interrogativo. Beatrice indicou marcas semelhantes nas paredes, que ostentavam também retângulos claros, de onde quadros haviam sido retirados.

No patamar superior, Celine virou à esquerda e abriu uma porta que, pela aparência da madeira, parecia ter sido colocada há menos tempo que as outras.

— Este quarto é melhor para lady "Da'empaw". É maior! — anunciou a garota, com um sorriso insolente, antes de se adiantar mais um pouco pelo corredor, — E este é para missis "Van der". Um quarto mais escuro, para combinar com os vestidos pretos e a tristeza,

Beatrice não conseguiu mais se conter.

— Sua atrevida! Se não mudar de atitude, vou contar o que fez a seu senhor e exigir que ele a mande de volta ao buraco de onde veio! Peça desculpas, imediatamente, à sra. Van der Veer.

A garota empalideceu e baixou os olhos, embora não abandonasse o ar rebelde. Melody pensou que ela fosse desobedecer, mas depois ouviu-a murmurar, num tom quase inaudível:

— Desculpe, missis.

— Está desculpada. Mas você também deve um pedido de desculpas à lady Davenport, não acha?

A garota lançou-lhe um olhar de puro ódio, antes de se virar e repetir o pedido de desculpas, na direção de Beatrice.

— Posso ir agora?

— É o mais depressa possível — concordou Beatrice. — Mande-nos uma criada mais educada, com a água. Outra coisa; se não pretende mudar de atitude, é melhor que fique bem longe de nós. Está entendido?

— Tá, sim. — Celine recuou rapidamente, quase dando um encontrão no mordomo, que chegava ao topo da escada com uma parte da bagagem. — Seu negro desajeitado! — exclamou, passando por ele.

— Você também é negra, menina — ele rebateu. — Pode se fazer de branca, mas não passa de uma negra e vai ser vendida como todos nós, quando este lugar for entregue.

— Eu nunca vou ser vendida! Mister Brett vai ficar comigo! Ele nunca, nunca vai vender Celine!

Com isso, ela terminou de descer a escada correndo e desapareceu por uma das portas que davam para o saguão, batendo-a atrás de si. O mordomo meneou a cabeça, virando-se para as duas mulheres que testemunhavam a cena, espantadas.

— Esta Celine é orgulhosa, mas nada vai fazer com que seja branca. Mesmo

que a lei mude, nenhum homem branco vai querer se casar com uma garota negra.

Ainda meneando a cabeça, ele levou a bagagem para o primeiro quarto e tornou a descer, para pegar o resto.

— Eu não acredito! — exclamou Beatrice. — Simplesmente não acredito!

Melody não conteve o riso.

— Eu estaria furiosa, se a situação não fosse tão estranha. Onde é que nós viemos nos meter, tia Bia?

— Não faço idéia, querida, mas pretendo tirar o melhor partido disso. Pelo que vi, meu quarto é agradável, embora tenha poucos móveis, e nosso anfitrião é adorável. Agora, o melhor é nos arrumarmos para jantar com ele. O tempo aqui está mais quente e você pode usar o vestido de seda glacê. Ele faz barulhinho, com o movimento.

Melody sorriu.

— Não tenho a menor intenção de competir com uma criada.. E, se Brett é um primo distante, também não tenho a menor necessidade.

— Não sei, não... — Beatrice murmurou, dirigindo-se a seu quarto.

Melody descobriu que o aposento que lhe fora destinado era quadrado, com um tamanho que acentuava a falta de móveis, e foi tomada por uma certa depressão. As cortinas da cama já tinham sido de um estampado em tons ricos de amarelo e azul, combinando com as cortinas das janelas, mas agora mostravam-se feias e desbotadas.

— Por quê? — ela se perguntou em voz alta. — Será que St.Clare não é mais uma plantação lucrativa? E onde está a família? O que o mordomo quis dizer, quando mencionou que Brett terá de vender os escravos?

Uma batida na porta precedeu a entrada de uma negra enorme, carregando uma jarra. Em silêncio, ela transferiu a água para uma bacia de louça e saiu. Nem por um momento ergueu os olhos para Melody, que sentiu a indignação voltar.

Pobre Brett! Que infeliz devia ser, rodeado por tanto mau humor. Mas talvez ele não percebesse. Se só tinha contato com Celine, que obviamente o amava, e a avó dela, que parecia ter as qualidades de todos os santos, nem devia saber como eram tocadas a casa e a plantação.

Depois de arrumar-se rapidamente, Melody desceu. Estava ansiosa para saber mais sobre seu anfitrião e os estranhos criados que o serviam.

Como não havia ninguém no saguão, foi para a mesma sala em que estivera ao chegar. Como antes, Brett levantou-se de uma das poltronas junto ao fogo.

— Minha tia leva mais tempo se arrumando do que eu — ela se desculpou. — A vantagem é que ela não fica completamente perdida sem uma criada, como acontece com muitas mulheres de sua geração.

Estendendo-lhe a mão com um sorriso cordial, ele a guiou para a poltrona junto à dele.

— Vou mandar uma das criadas ajudá-la.

Brett tocou o sino e, como antes, Celine apareceu, hesitando, preocupada, ao ver Melody.

— Chamou, mister Brett?

— Celine, vá ajudar lady Davenport a se vestir. Quero que ajude nossas hospedes em tudo que precisarem, enquanto ficarem aqui.

Uma expressão de alívio surgiu nos olhos escuros, quando Celine percebeu que Melody não mencionara o que havia acontecido lá em cima. Alívio que logo foi substituído por hostilidade, à idéia de servir as duas mulheres.

— Tá bem — murmurou, no momento em que Beatrice entrava na sala. E saiu, sem esconder sua alegria por não ter de começar a nova tarefa de imediato.

Sensível às vibrações no ar, Brett dirigiu às duas mulheres um leve sorriso.

— Celine tem sido muito mimada porque é neta de Nanny. Vai lhe fazer bem ter de obedecer a uma senhora.

— Não há... Esta casa não tem dona? — Melody arriscou-se a perguntar, mesmo sabendo que estava sendo indiscreta.

— Não sou casado, sra. Van der Veer, nem tenho parentes do sexo feminino, para manter a garota na linha. — Pondo a bengala de lado, ele estendeu o braço na direção de Beatrice. — Por favor, permitam-me que as leve até a sala de jantar. Enquanto comemos, terei o maior prazer em lhes falar de St. Clare e de minha família.

Quando ele lhe estendeu o outro braço, Melody tomou-o encontrando, surpresa, músculos rijos sob o casaco negro. Cuidadosamente, o trio atravessou o saguão e entrou em outro cômodo brilhantemente iluminado, mas também com poucos móveis. Além de uma mesa grande, de carvalho escuro, continha apenas seis cadeiras de encosto alto e um aparador, sobre o qual se achavam alguns objetos de cristal e porcelana. As paredes estavam completamente nuas, e não havia tapetes sobre o chão.

— Sentem-se, por favor — Brett pediu às duas, deixando que o mordomo negro o conduzisse à cabeceira da mesa. Não disse mais nada até uma sopa

marrom, de origem indeterminada, ser servida. Então explicou, com um sorriso embaraçado: — Sinto não poder lhes oferecer uma verdadeira *sáumon mayonnaise*, pois minha situação não é das melhores.

Com seu jeito franco, mas gentil, Beatrice declarou:

— Você não tem dinheiro.

Com um sorriso de alívio pela compreensão, ele concordou.

— Não é uma coisa que se costume confessar num primeiro encontro, mas, como somos aparentados, achei que deveria ser honesto com vocês.

Melody encheu-se de ternura por seu anfitrião. Ele fazia com que se lembrasse de Hugh, e, num gesto impulsivo, tocou-lhe a mão com a ponta dos dedos.

— Por favor, não pense em nós como estranhas. Meu pai gostava muito de St. Clare e ficou aqui durante um ano. Talvez se lembre dele... Alexander Davenport... Entre as lembranças que deixou, achamos um brinquedo, com a inicial "B".

Os olhos de Brett se iluminaram.

— Claro! Tio Alex! Eu lhe dei um cavalinho de madeira. Ele sempre me levava para passear e falava comigo como se eu fosse grande. Não me lembro da partida dele... Deve ter sido um pouco antes da morte de meus pais.

O sorriso morreu nos incríveis olhos azuis. Quase distraidamente, ele levou uma colher de sopa à boca. Então, como que ciente de que Beatrice já fizera o mesmo, à primeira colherada empurrou o prato para longe de si.

Uma criada substituiu os pratos praticamente intocados por outros, com fatias de carne de porco, batatas cozidas e torresmo. O aspecto era tão ruim que Beatrice não conteve uma careta de desgosto.

A carne de Brett já viera cortada, e ele se pôs a brincar com os pedaços, aparentemente sem apetite. Observando-o, Melody achou que não era de admirar que fosse tão magro, com aquela comida. A causa seria falta de dinheiro ou simples indiferença da parte dos escravos pelo bem-estar de seu amo?

Durante vários minutos Brett permaneceu como estava, depois declarou, virando-se na direção de Beatrice:

— Como a senhora resumiu tão bem, lady Davenport, eu não tenho dinheiro. St. Clare está afundada sob uma montanha de dívidas. Meus pais morreram quando eu tinha sete anos: minha mãe, dando à luz uma filha morta, e meu pai, no mesmo acidente de carruagem que me deixou cego. O irmão de meu pai, James

Savage veio de Atlanta com a esposa, Bárbara, e o filho adotivo, Paul, para assumir a plantação e a minha tutela. Mas eram gente da cidade, sem conhecimento do campo, e logo nos enchemos de dívidas. Como a terra era boa, lançaram mão de um empréstimo, não para pagar as hipotecas que já tínhamos, mas para comprar mais escravos. Naquele ano, no entanto, houve uma geada feia, e a colheita se perdeu. Eles haviam esperado demais para começá-la. Em seguida veio uma epidemia de cólera, e eles não só não trataram as pessoas doentes, como ainda as deixaram com as respectivas famílias. Metade dos escravos morreu, e eles fizeram um novo empréstimo, para comprar outros. E assim foi. Erro em cima de erro, geada, doença, maus capatazes e uma tremenda ignorância da parte deles. Resumindo, quando atingi a maioridade e recebi St. Clare de volta, só tinha dívidas.

Melody e Beatrice se fitaram, mas continuaram em silêncio.

— Não tive outra escolha a não ser procurar outro empréstimo para pagar os credores mais antigos, que já estavam a fim de ver o meu sangue. O homem que me emprestou dinheiro exigiu St. Clare como garantia e me deu um ano para pagar a dívida. Tenho usado uma pequena parte dos lucros para viver, e o resto tenho mandado ao sr. Willdnson, mas ultimamente isso nem tem dado para pagar os juros. Dentro de algumas semanas preciso saldar o restante da dívida ou entregar-lhe St. Clare com tudo que contém: mercadorias, móveis e escravos.

— Mas isso o deixará sem dinheiro e sem lar! — Melody exclamou horrorizada. — O que vai fazer, então?

--- Ainda não resolvi. De qualquer modo, não há saída para mim. Não posso continuar plantando algodão e não tenho tempo para mudar para o tabaco, como alguns de meus vizinhos fizeram. No fim do mês terei de enfrentar Wilkinson, que vem avaliar a situação.

— Não há ninguém que possa ajudá-lo? Esses tios de que falou ou mesmo o filho deles?

Um sorriso sem alegria surgiu nos lábios de Brett.

— Meus tios não estão muito melhor do que eu, mas Paul talvez possa me ajudar. Ficamos muito amigos, nos três anos que ele passou aqui. Acho que ele odiava os pais, que o haviam adotado para "salvar as aparências", como dizia. Ali não havia afeto de nenhum dos lados. No começo, acho que Paul também não gostava de mim. Ele é oito anos mais velho e costumava me tratar como se eu fosse um bebe. No que provavelmente estava certo, já que eu tinha dez anos quando ele se foi.

— Esse seu primo parece ter saído na hora certa — Melody comentou, com

uma certa secura.

De imediato Brett meneou a cabeça, num gesto defensivo.

— Quando foi embora Paul não sabia da minha situação financeira. Ele e meu tio tinham tido uma briga feia, por causa de um negro que ia ser chicoteado. Paul simpatizava com os abolicionistas, embora tivesse nascido e crescido no sul. Uma tolice da parte dele, é claro.

Mesmo sem vontade de ofender seu anfitrião, Beatrice não resistiu a um comentário:

— Cada um de nós tem opinião própria a esse respeito, sr. Savage. Eu, por exemplo, orgulho-me em saber que meu país aboliu a escravidão nas colônias cinquenta anos atrás.

Brett, no entanto, não se ofendeu.

— A senhora viu Celine. Não acha que ela está melhor aqui do que numa cabana enlameada, na África? Lá também há escravos, e muitas vezes sofrem mais do que aqui. Esse povo nasceu para ser escravo.

— O que não justifica a escravidão — Melody interferiu.

— O que eles fariam se os libertássemos? A maioria morreria de fome. O próprio Thomas Jefferson disse que são uma raça inferior, com uma imaginação pobre e anômala. Ele também era senhor de escravos, como George Washington e muitos outros presidentes que tivemos. Nossa economia está baseada na escravidão. Escravos não sentem o calor dos campos nem precisam de tanto descanso quanto nós, por isso podem trabalhar de sol a sol, se necessário.

Ele parou de falar quando a criada negra entrou para tirar a mesa, continuando quando ela saiu:

— É claro que não cometo o erro de muitos de meus vizinhos, que tratam os criados da casa como se não existissem, falando abertamente diante deles. Conhecer intimamente a vida da família dá-lhes um poder de controle que nenhum branco, por mais insensato que seja, deveria permitir. Houve uma rebelião aqui, na época em que minha mãe morreu, e muito do que eles fizeram foi devido ao fato de saberem que o senhor da casa estava fora. Não me lembro de quase nada, mas eles estragaram muito a casa. De certo modo, fico até contente por não poder vê-la. Mas agora chega desse assunto. O que acham de passarmos à sala de estar? Lá é mais confortável que aqui.

Melody aproveitou a mudança de ambiente para abordar outro assunto.

— E o seu primo, Paul?

— Não sei o que aconteceu com ele, depois que saiu daqui. Simplesmente desapareceu por vários anos, até que recebemos uma carta dele, contando que estava comprando terras e ia se estabelecer na Nova Zelândia. Isso foi há dez anos. No ano seguinte, ele veio para os Estados Unidos, comprar rifles, explosivos e equipamento agrícola. Parece que estavam tendo problemas com os nativos de lá, alguma coisa a ver com um tratado que os brancos haviam rompido. Paul estava do lado dos nativos, mas isso já era de esperar. Por mais que tentássemos, não conseguimos fazê-lo entender que era justo que os colonos brancos tomassem a terra para cultivá-la, já que os nativos não estavam dispostos a fazer isso. Os brancos teriam dado emprego a todos os nativos, mas Paul achava que era mais importante que eles conservassem suas terras, mesmo sem cultivá-las.

A mesma negra que servira o jantar entrou nesse momento, com xícaras de um café fumegante, forte e doce. Beatrice e Melody tomaram os seus, embora preferissem café mais fraco.

Logo em seguida, Brett continuou:

— Nossa diferença de idade já não parecia mais tão grande. Paul estava com vinte e seis anos, e eu, com dezoito, mas ele havia mudado muito. Nanny me disse que tinha uma enorme cicatriz no rosto, provocada por uma faca ou algo semelhante, mas essa não era a única mudança. A voz dele, que antes tinha uma entonação pura e clara, havia se tornado áspera e seca, e ele não sabia mais rir. No entanto, apesar de nossas diferenças ideológicas, nós nos apegamos tanto um ao outro que se tornou difícil dizer adeus. Foi por isso que pedi a Paul para voltar, quando descobri que não podia confiar em ninguém a meu redor. Ele chegou há três semanas e me aconselhou a entregar St. Clare a Wilkinson e recomeçar a vida em outro lugar. No entanto eu sempre vivi em St. Clare e acho difícil fazer isso. Paul foi a Raleigh, levantar dinheiro, mas nem tive coragem de lhe perguntar como conseguirá. Ele não é homem de aceitar interrogatórios. É do tipo calado, que transmite segurança, e, com Wilkinson à porta, essa é uma coisa de que eu preciso muito. — Ele sorriu, aliviando as linhas de tensão que tinham surgido em volta de sua boca, enquanto falava. — Como vêem, nossa convivência tem o tempo contado. Por isso gostaria que ficassem o máximo possível. Agora fale-me a seu respeito... Melody. Posso chamá-la assim, não é? Um nome tão raro e bonito!

Sabendo das adversidades que ele já havia enfrentado e das que ainda teria de superar, Melody sentiu-se ainda mais atraída por Brett. Estava certa de que a opinião dele sobre escravagismo era consequência de uma educação errônea e perdoou-o por isso, prometendo a si mesma fazer o possível para esclarecê-lo melhor.

— Será um prazer... Brett. Agora, deixe-me ver... Evitando cuidadosamente

tocar nos terríveis acontecimentos

que haviam precedido sua partida, ela falou de sua vida até a morte da mãe. E terminou:

— Depois disso, Luther Hogge se apossou de tudo. Ele achava que a casa e tudo que continha, inclusive eu, éramos dele. Nunca vi um homem tão duro e cruel. Para ele, cometi um verdadeiro crime ao fugir com o filho do meu professor de piano.

Melody interrompeu o relato, incapaz de continuar. Em voz baixa e triste, Beatrice assumiu a narrativa:

— O rapaz... Hugh Van der Veer... morreu... assassinado, na noite de seu casamento. Hogge não esperou nem três meses antes de se declarar a Melody, pedindo-a em casamento com tantas ameaças que fomos forçadas a fugir. Por isso aqui estamos, pedindo apenas alguns dias de calma para pensar no que fazer de nossas vidas.

— Que situação terrível!

Estendendo a mão, Brett tocou o braço de Melody, num gesto de simpatia. Quando a retirou, ela foi tomada por uma estranha sensação de perda.

Beatrice, que observava os dois com atenção, perguntou:

— Não há chance de você ir morar com esse seu primo, na Nova Zelândia?

Brett sorriu, voltando a cabeça para o lugar onde ela estava. Seu movimento foi tão perfeito que Melody achou difícil acreditar que ele realmente fosse cego.

— Tenho meu orgulho, lady Davenport. Não posso depender de um parente, principalmente sabendo que esse parente lutou com unhas e dentes para construir uma nova vida, num país totalmente selvagem. Eu não poderia ser da menor utilidade para Paul, e isso acabaria afetando nosso relacionamento.

Beatrice olhou para Melody. "Isso era o que íamos fazer", seus olhos pareciam dizer, e a garota corou. Levantando-se, Beatrice declarou:

— Desculpe, mas agora eu gostaria de descansar um pouco. A viagem foi longa, e preciso escrever uma carta para a Inglaterra, avisando que chegamos bem.

Melody também se ergueu, acompanhando-a até a porta.

— Você não pode, tia! — murmurou, bem baixinho. — John já fez muito por nós.

— Não somos, da menor utilidade aqui, meu anjo. John nos arrumará outro refúgio, onde não seremos um peso para ninguém. Ele possui muitos amigos em Nova York, que terão prazer em ajudá-lo. Não fique com essa cara, meu bem. Não estou sendo dura, só prática.

— A senhora pode fazer o que achar melhor, mas eu vou ficar enquanto puder. — Vendo a surpresa da tia, Melody acrescentou: — Vamos ficar só mais alguns dias, está bem? Depois partiremos para Nova York. E, se for preciso, posso até arrumar um emprego. Não sei muita coisa, mas talvez possa trabalhar como governanta.

— Está bem. Minha carta deve levar duas semanas e meia para chegar a John, e a resposta na certa levará o mesmo tempo para vir. Uma semana depois disso, St. Clare será vendida. Não há jeito, rainha querida. Ninguém pode se recuperar de uma situação como esta.

Melody virou o rosto na direção das poltronas diante do fogo. Não pôde ver a cabeça de cabelos brilhantes e dourados, mas era como se tivesse Brett diante dos olhos. Um fato bastante estranho, já que o conhecera há poucas horas. Porém as feições dele estavam gravadas em sua mente, parecia-lhe tê-lo conhecido a vida inteira.

— Não podemos ir embora já — reafirmou. — Temos de ficar, nem que seja para mostrar que há alguém que se importa com ele...

Beatrice observou a sobrinha voltar para a poltrona junto de Brett e inclinar-se para ele, dizendo algo que provocou um riso divertido no rapaz. Talvez cinco semanas fossem demais. Melody e Brett estavam numa situação que os tornava totalmente vulneráveis. Duas almas perdidas, lindas e brilhantes, que naturalmente se sentiriam atraídas uma pela outra.

Apertando os lábios de leve, Beatrice decidiu escrever imediatamente para John.

CAPITULO V

Naquele dia, Melody se dedicou a conhecer a velha mansão de Brett.

— Olhe à vontade — ele lhe disse.

A princípio com timidez, depois com ousadia, ela se pôs a examinar cada canto. Brett lhe falara da rebelião dos negros sem ódio, mostrando pelo bando que mudara sua vida a calma tolerância de um pai por um filho indisciplinado. No

entanto, examinando as marcas deixadas por aquelas "crianças", Melody comparou-as a verdadeiras feras e estremeceu, com uma repulsa instintiva por aquele tipo de violência completamente sem sentido.

Encontrou o quarto de Brett no andar térreo, só identificando-o ao abrir a porta. As cortinas estavam fechadas, e seus olhos levaram algum tempo para se adaptar à penumbra.

— Celine? — chamou, as narinas captando o cheiro forte da mulata.

Ninguém respondeu, e ela cruzou o cômodo para abrir as cortinas.

— Celine? — repetiu. — Eu sei que você está aqui. Só não sei é se o sr. Savage está ciente de que vem para o quarto dele quando deveria estar trabalhando em outro lugar.

O aposento era tão espartano quanto os outros cômodos da casa, embora as cortinas e as roupas de cama fossem ricamente bordadas, com as letras, "BS" entrelaçadas numa dúzia de formas diferentes, nas beiradas das fronhas. Um trabalho delicado e executado com a paciência que só o amor proporcionava. Enquanto o examinava, fascinada, um dos cantos da cortina mexeu-se e a criada apareceu, o corpo rígido em sinal de defensiva.

Durante alguns segundos as duas se fitaram, e Melody foi dominada por uma antipatia estranha e inexplicável.

— Estou limpando — declarou Celine, com ar de desafio.

— Dá para se ver — Melody respondeu, com um sarcasmo que a assustou. Era um absurdo estar ali, disputando direitos territoriais com uma escrava. — Por favor, não pare por minha causa. Se quiser, posso até chamar alguém para ajudá-la... e trazer o material de limpeza!

Os olhos de Celine faiscaram de ódio.

— Não precisa, eu já acabei.

Balançando os quadris, ela saiu. Melody teve de apertar os dentes para dominar a vontade de dar um bom pontapé naquele traseiro.

Com a disposição para explorar acabada, ela fechou as cortinas e voltou para o próprio quarto. Naquela tarde e no outro dia, aventurou-se pelos campos em volta da casa, encontrando olhares de censura por toda parte.

— Será que eles acham que vou ficar com St. Clare e obrigá-los a trabalhar? — perguntou a Beatrice, na terceira noite. — O lugar bem que está precisando disso. Não fazem nada além do absolutamente necessário, e aquele capataz é tão preguiçoso quanto eles. Se não está em cima do cavalo, dizendo

gracejos às garotas mais novas, está deitado na sombra de uma árvore, coçando a barriga. A senhora acha que Brett sabe o que está se passando? Ele parece preocupado com as dívidas e o declínio de St. Clare, no entanto não se deu ao trabalho de arrumar outro capataz.

Nesse momento, Brett apareceu na porta da sala, e a conversa morreu. Mesmo assim, Melody continuou inquieta. Inquietação que o rapaz sentiu, pois, assim que Beatrice subiu, perguntou:

— Você não está feliz aqui, não é?

— Estou, sim! — ela garantiu, virando-se da janela, onde estivera observando o jardim malcuidado.

Brett estendeu a mão para tocá-la no braço, adiantando-se um pouco, mas tropeçou num tamborete que ela trouxera da outra sala e esquecera de levar de volta. Teria caído, se não fosse pela rápida reação de Melody, que o agarrou pelas mãos.

— Desculpe — ambos disseram simultaneamente. E logo em seguida riram, recuando um passo.

— Não — Brett murmurou, ainda sorrindo. — Não vou pedir desculpas. — Tomou as mãos dela entre as suas, quentes e fortes. — Não podemos... agir como se fôssemos parentes? Porque, se formos mesmo parentes distantes, podemos nos dar as mãos sem ferir as regras da sociedade. A não ser que você não queira, é claro... Mas você quer, não é, Melody?

— Claro que quero — Melody retrucou, tremula e um pouco ofegante.

O riso dele foi repentino, leve e alegre, como se todas as preocupações que o atormentavam tivessem desaparecido com aquela afirmação.

— Ótimo. Então, de agora em diante, vou pegar a sua mão quantas vezes quiser. E vou aproveitar para lhe pedir uma coisa que não teria coragem de pedir, se ainda fôssemos estranhos. Se bem que nunca senti que fôssemos estranhos...

— Engraçado, eu também não. Vai ver que já nos conhecíamos... de outra vida.

— Eu teria visto você, então. E posso vê-la agora, também. Não com os olhos, mas com as mãos. Num cego, o tato se torna muito desenvolvido. Posso?

O coração batendo descompassado, ela fechou os olhos enquanto os dedos gentis moviam-se por seu rosto, tocando testa, nariz, queixo, pálpebras e sobrancelhas, antes de descer para os lábios ligeiramente entreabertos. Um leve tremor sacudiu as mãos masculinas, e ambos respiravam mais depressa, quando

ele recuou um passo, murmurando:

— Nunca pensei que você fosse tão bonita! — Um sorriso incerto iluminou-lhe o rosto. — Não sei se desejo que Nanny volte ou não. Se somos parentes, não quero mais saber. Mas se não somos... quero saber logo.

Melody respirou fundo, lutando para recuperar a compostura.

— Tia Bia não dorme enquanto não me ouve subir. Tenho de ir.

— Só mais uma pergunta, depois você vai.

Ela o fitou, deliciando-se com a simetria perfeita das feições masculinas.

— O que é?

— Você também quer que não sejamos primos? — E, com um sorriso devastador: — Responda, senão ficaremos aqui a-noite inteira. E olhe que está frio!

Ela sorriu, respondendo com toda a sinceridade:

— Quero.

E correu para a porta, aferrado-a a tempo de ver Celine dar um passo para o lado, as saias fazendo o barulhinho característico da seda.

— Vim ver se mister Brett quer chocolate quente ou brandy, antes de ir para a cama. — Passou rapidamente por Brett, indo ronronar junto ao amo: — Vai querer que Celine lhe leve alguma coisa, mister Brett? Não vai me querer para ... outras coisas?

— Não, pode ir para a cama — ele disse, sorrindo na direção de Melody, que continuava na porta. — Boa noite, Melody. Levante cedo, para podermos passar muitas horas juntos.

— Levanto, sim — ela prometeu, retribuindo o olhar zangado da mulata com um sorriso cheio de doçura.

O incidente se repetiu muitas vezes durante os dias que se seguiram, com Celine atrás de todas as portas e uma desculpa pronta nos lábios. Melody se viu preparando armadilhas ridículas para a garota, como entrar num local em que Brett estava, começar uma conversa e voltar para a porta, abrindo-a de supetão. Celine encontrava-se sempre lá, e, incapaz de agüentar aquilo por mais tempo, Melody falou com Brett.

— Eu sei que ela gosta muito de você e acha que deve cuidar do seu bem-estar, já que Nanny está fora, mas...

— Celine tem aborrecido você e sua tia? Se tem, será punida por isso.

— Ah, não! Não quero que a castigue. Talvez uma palavrinha...

Mas ele já tocava o sino, e, com um suspiro, Melody foi abrir a porta para que Celine entrasse.

A garota manteve-se rígida, durante todo o sermão do amo. Brett falou num tom baixo e suave, que, por isso mesmo, amedrontou-a ainda mais.

— E, se você der mais um único motivo para que minhas hóspedes se aborreçam — ele terminou —, juro que a mando de volta ao campo!

Celine jogou-se ao chão, agarrando os joelhos dele.

— Por favor, mister! Isso não! Não pode fazer isso comigo! Tenho sido tão boa para o senhor! Tão boa!

O rosto pálido de Brett tornou-se duro, os olhos azuis brilhando como diamantes. Mesmo assim, seu Com não mudou, e Melody percebeu, pela primeira vez, que seria perigoso desgostar de um homem como ele.

— Você me serviu como qualquer negra que eu tirasse do campo deveria me servir. Você faz o que lhe mandam. No momento em que me desagradar, volta para o campo até ser vendida rio abaixo. Está entendido?

— Mister Brett!

Foi um grito tão agoniado que Melody sentiu o coração se apertar pela mulata. Ela chorava abertamente, as lágrimas de angústia escorrendo pelo rosto cor de ébano.

— Brett, ela não fez por mal. Provavelmente só estava tentando servi-lo da melhor maneira possível...

As feições do rapaz perderam a dureza, e um leve sorriso surgiu-lhe nos lábios.

— Você não está acostumada com escravos, Melody. Se tiver pena deles, vão achar que podem controlar a casa, que podem pensar por si mesmos, e isso seria prejudicial à plantação. De um ponto de vista, são como crianças; de outro, parecem gado.

Brett mexeu-se, e Celine afastou-se dos pés dele, permanecendo de joelhos enquanto ele caminhava para Melody.

— Mas, já que você não quer, Melody, não a punirei. — Por cima do ombro, ele comunicou à mulata: — Pode voltar para o seu trabalho, Celine. Eu a chamo, se precisar, mas de agora em diante quero que fique em seu alojamento quando não estiver limpando a casa. Outra coisa: a limpeza de meu quarto e dos quartos de minhas hóspedes não são mais de sua responsabilidade, e você deve ficar longe

deles. Entendeu?

— Entendi, mister Brett. Muito obrigada. Vagarosamente, pálida e de olhos baixos, Celine se levantou e saiu da sala.

Aborrecida e embaraçada, Melody esperou que a porta se fechasse. A atitude de Brett com os escravos era terrível. Os criados de sua casa, antes de Luther substituí-los, tinham sido amigos da família, ainda que num nível social diferente. Quando criança, ela costumava se sentar na cozinha e passar horas junto deles. Muitas vezes, vira o pai pousar a mão no ombro de um trabalhador, em agradecimento por tarefas realizadas acima do dever, e conversar com outros, de igual para igual. A crença de Brett, de que os escravos eram uma raça inferior, mostrava uma diferença fundamental e chocante entre eles.

— Venha, pegue o meu braço, que eu a levo para o seu quarto — Brett ofereceu, sorrindo daquele jeito devastador que tanto mexia com o coração dela. — Quero que seja feliz aqui, Melody. Temos tão pouco tempo juntos que não devemos desperdiçá-lo com uma criada.

Ela acedeu, ainda infeliz.

— Eu entendo que uma plantação precisa de trabalhadores, mas é mesmo necessário que sejam escravos? Por que negros, em vez de brancos? Você disse que eles agüentam melhor o calor, mas tia Bia e eu vimos muitos brancos labutando em lavouras paupérrimas, a caminho daqui. Aposto que eles ficariam contentes em trabalhar para outra pessoa, em troca de um salário. O sorriso morreu nos lábios dele.

— Aquela gente é o que chamamos de "lixo branco", Melody. Não querem trabalhar. Além disso, mesmo que eu encontrasse um ou dois homens honestos entre eles, teria de lhes pagar um salário. E eles jamais conseguiriam trabalhar tanto quanto os negros. Um negro de primeira é capaz de colher vinte e cinco quilos de algodão por dia... o dobro até, se guiado por um bom capataz. Em pagamento, recebem casa, roupa e comida, o que é mais do que conseguiriam em sua terra de origem.

— Mas muitos deles nunca estiveram na África. Nasceram escravos, num país onde todos os homens são considerados iguais.

Pela expressão dele, Melody viu que Brett encarava o assunto abaixo da capacidade dela de entender.

— Os negros não são homens, são mercadoria. Sempre foi assim, e não vejo motivos para mudar. Por favor, minha querida, aceite o que não pode compreender. Você é nova neste país e não sabe nada da nossa política,

crescimento econômico e povo, para julgar de outra forma que não seja com o coração.

Percebendo que a cegueira dele ia além dos olhos, Melody teve pena e mudou de assunto. Na porta de seu quarto, parou e voltou-se para fitá-lo.

— Não fique brava comigo, Melody — ele disse, segurando-a pelos ombros.
— É uma pena que eu não seja um homem de verdade. Senão, poderia levá-la para jantar na cidade e fazê-la esquecer St. Clare e todas as Celines do sul.

— Eu não estou zangada, Brett. De verdade! Nossos modos de pensar são diferentes, só isso. Quanto a você não ser um homem de verdade, há muitos por aí, com todos os sentidos, que jamais seriam capazes de enfrentar com tanta coragem os problemas que você tem. Ir jantar fora não é importante, mas amanhã, se você quiser, podemos sair para um passeio de carruagem pela plantação, e eu lhe descrevo tudo que estiver acontecendo. Quer? Ele apertou os lábios por um instante, depois concordou:

— Quero, sim.

— Combinado! Boa noite, Brett.

Brett caminhou para a escada, e Melody virou-se para entrar no quarto. Mas no instante seguinte ouviu um grito e girou nos calcanhares, a tempo de vê-lo rolar até o fim dos degraus, onde ficou caído, completamente imóvel. Chamando por ele, desceu também. Portas se abriram, e Beatrice e Celine alcançaram-no ao mesmo tempo.

— Não mexa nele — berrou Beatrice, ajoelhando-se ao lado do rapaz inconsciente.

— Foi minha culpa! — Melody choramingou. — Ele quis me trazer até o quarto e depois eu não verifiquei se tinha conseguido se apoiar no corrimão. Estávamos falando de um passeio de carruagem e...

— Mister Brett nunca sobe a escada — Celine sibilou, mas recuou diante do olhar zangado de Beatrice.

Rapidamente, Beatrice examinou a figura imóvel, à procura de ossos quebrados. Não encontrando nenhum, mandou:

— Celine, vá buscar dois homens fortes para levar o sr. Savage para o quarto dele. Melody, acho que não foi nada grave, mas ele está com um corte feio na testa. Traga água e panos da cozinha. — E acrescentou com um sorriso, ao levantar os olhos e ver a expressão abatida da sobrinha: — Vá logo, querida. Ele vai ficar bom.

Antes mesmo que Celine voltasse com os homens, Brett soltou um gemido e abriu os olhos.

— Está tudo bem, sr. Savage — Beatrice tranquilizou-o, de imediato. — Foi uma queda feia, mas não sofreu nada além de um corte na testa. Celine foi atrás de alguém para ajudá-lo a ir até o quarto, e Melody foi buscar água para banhar o corte. Celine disse que o senhor nunca sobe a escada. Eu aplaudo a sua. galanteria em acompanhar a minha sobrinha, mas não acha que foi tolice fazer algo a que não está acostumado?

Brett assentiu, estremecendo quando o movimento fez a dor explodir em sua cabeça.

— Foi uma grande tolice. Agora não vou mais poder passear de carruagem com ela, amanhã.

— De jeito nenhum. Mas aí estão Celine e Melody. Relaxe e deixe que esses homens o levem até seu quarto.

Melody passou os dois dias seguintes cuidando de Brett. Sentia-se culpada, embora ele lhe afirmasse, a todo momento que não tinha o menor motivo para isso. Como lhe fora ordenado, Celine permaneceu em seu alojamento, e Beatrice foi a única a identificar os soluços abafados que vinham do quartinho do porão, durante a noite.

No terceiro dia, Nanny chegou e imediatamente assumiu o comando de tudo. Continuava uma negra esbelta e bonita, apesar dos setenta anos. Devido ao problema de Brett, foi Beatrice quem a recebeu no saguão, um ou dois segundos antes de Celine.

— Sou lady Davenport — apresentou-se, com um sorriso social. — E você deve ser a Nanny, de quem o sr. Savage tanto fala. Minha sobrinha, a sra. Van der Veer, e eu chegamos a semana passada para uma breve visita, como já deve saber.

A mulher colocou no chão a enorme valise que tinha nas mãos e inclinou a cabeça.

— Li o seu telegrama e fico contente em vê-la, lady Davenport. Espero que a senhora e sua sobrinha tenham sido bem tratadas durante a minha ausência.

Beatrice ergueu uma das sobrancelhas, surpresa com o tom de voz educado. Celine falava corretamente, mas não tinha aquela entonação.

— Temos, sim, obrigada. O sr. Savage sofreu um acidente há três dias, mas não foi nada grave. Caiu da escada e desde então está na cama, sob os cuidados de minha sobrinha.

Os olhos escuros mudaram de expressão, e, sem nada dizer, a mulher passou por Beatrice e apressou-se para o quarto de Brett, onde Melody lia, junto à cama. Beatrice seguiu-a, chegando a tempo de ouvir a acolhida alegre do rapaz:

— Nanny! Você voltou!

Nanny lançou um rápido olhar na direção de Melody.

— É um prazer conhecê-la, sra. Van der Veer. — E para Brett: — Mister Brett, foi uma falta de juízo subir aquela escada, fosse qual fosse o motivo!

— A culpa foi minha — interferiu Melody. — Eu deveria ter visto se ele havia achado o corrimão.

Na porta, Beatrice meneou a cabeça. Havia algo diferente naquela mulher que simplesmente assumia o comando, fazendo com que todos se sentissem como crianças levadas.

Um sorriso forçado entreabriu os lábios da negra, quando ela notou a mão de Brett procurar a de Melody.

— Estou vendo que o senhor foi bem cuidado, mas a sra. Van der Veer deve estar precisando de um descanso. Celine ficará no seu lugar, madame, enquanto toma uma xícara de chá e comer alguma coisa. Não, Nanny — Brett declarou com firmeza. — Celine tem trabalho a fazer.

Ela hesitou por um momento, estudando o rosto do rapaz, depois concordou.

— Está bem, mister Brett. Quer que eu mande o chá de sra. Van der Veer para cá, então?

— Ah, não! — Melody protestou. — Eu vou tomá-lo na copa. Você não se importa de ficar sozinho por alguns momentos, não é, Brett? Volto logo.

Ele passou o polegar pela palma da mão delicada, fazendo-a estremecer.

— Você tem sido tão boa para mim que não posso dizer "não". Mas não demore muito, está bem? St. Clare fica tão vazia quando você não está perto de mim...

Melody corou, lançando um olhar para a negra impassível que as precedia a caminho da porta.

— O que a senhora achou dela? — perguntou à tia, quando já se encontravam na copa e Nanny fora para a cozinha. Essa mulher me causa arrepios!

— Ela é uma babá à antiga, que se ressentia de qualquer pessoa que chegasse

muito perto de seu protegido. Não se esqueça, meu anjo, de que ela cuida dele desde pequeno. Ficou bastante surpresa por Brett não aceitar sua sugestão de trazer Celine. Não deve estar acostumada com esse tipo de comportamento.

— Já é tempo de essa mulher compreender que crianças crescem. Naturalmente, agora Brett precisa de atenção e cuidados. A queda foi feia e...

Beatrice não agüentou.

— Melody, querida, Brett não sofreu nada além de um corte: na testa com esse tombo. Se ele fica na cama, é por causa do carinho e da atenção que você tem lhe dado. :

— Que é isso, tia Bia? Como pode dizer uma coisa dessas? Está sendo injusta?

— Se estou, peço desculpas, mas acho que aquele rapaz poderia sair da cama agora mesmo, se quisesse. Não concorda comigo, Nanny?

A negra, que colocava a bandeja de chá sobre a mesa, ergueu os olhos para ela, hesitou, depois acabou assentindo.

— Mister Brett sempre gostou de atenção, e se a senhora diz que o tombo não foi grave, pode muito bem se levantar para o jantar- Eu vou falar com ele. — Ela caminhou até a porta e parou, voltando-se. — A minha neta, madame... Ela lhe deu motivos para queixa? Não a vi mais, depois que cheguei, e recomendei tanto a essa menina que cuidasse de Brett...

Com medo do que a tia ia dizer, Melody adiantou-se:

— Celine cuidou tanto dele que tirou nossa privacidade, e o sr. Savage foi obrigado a falar com ela a esse respeito. Ela não está acostumada com hóspedes e não sabia que não precisava ficar junto de nós o tempo todo.

Nanny examinou por um instante a garota, reparando nos cabelos negros, brilhantes, nos olhos cor de safira e no corpo bem-feito, que nem o vestido de luto podia enfeiar. Com absoluta compreensão, murmurou:

— Peço desculpas por minha neta, sra. Van der Veer. À senhora também, lady Davenport. Eu vou falar com ela.

Assim que pôde, Nanny foi atrás de Celine, no quarto dela, começando sem rodeios:

— Você é uma idiota, menina! Quer Brett, mas age como lixo branco. Dê uma olhada em você mesma! Acha que roupa de segunda mão, mesmo sendo de seda, e perfume barato vão conquistá-lo? Acha que se comportando como uma cadela no cio vai consegui-lo?

Celine recuou alguns passos, emburrada.

— Bem-vinda, vovó — disse. E não conteve uma exclamação de dor, quando dedos de ferro agarraram-lhe o pulso.

— Preste atenção no que vou dizer, menina!

— Ai! Eu estou prestando!

— Então ouça, e ouça com atenção: você vai se agradável com aquelas mulheres. Tão agradável que elas deixarão que as sirva de novo.

— Mas eu não quero isso!

— Quer, sim. Aquela moça pensa que é parente de mister Brett, mas não se comporta como se fosse. Eu sei que mister Brett não tem parentes vivos. Há alguma coisa errada nesta história, e eu pretendo descobrir o que é. Se você puder entrar nos quartos delas e revistar a bagagem, talvez descubra quem realmente são e o que querem aqui.

Celine assentiu vagarosamente, enfrentando o olhar da avó.

— A senhora acha que eu ainda posso conseguir que mister Brett case comigo, apesar daquela fulana? Acha que ele ainda pode me levar para o norte e me dar a liberdade?

— Em primeiro lugar, sua tola, aquela "fulana", como você diz, é uma dama, por nascimento e criação. Em segundo, mister Brett não vai se casar com uma escrava, se puder achar mais uma dúzia de escravas iguais. Ele tem de amar você, e a tal ponto que não se importe mais com a sua cor. Ele já depende de nós em muitas coisas, mas tem de depender mais ainda, para que nem consiga pensar em nos vender, quando St, Clare for entregue àquele sujeito. Tenho sido a família de mister Brett desde antes de você nascer. Se essas mulheres forem embora, ele terá de se apoiar em nós. A garota branca é muito bonita, e a mulher é esperta. Você precisa ser mais bonita ainda, e eu, mais esperta. Entendeu, menina? Celine assentiu, mais animada.

— Vou ser tão doce que aquelas duas vão ficar embasbacadas. E vou vigiá-las com toda a atenção.

A avó sorriu.

— Isso mesmo. Agora, quero que prenda seus cabelos num coque baixo, como o da sra. Van der Veer. Mister Brett vai levar mais tempo para soltá-los quando precisar de você, e um pouco de espera não faz mal a nenhum homem. Você ainda lhe dá prazer, menina?

Celine esfregou os pés no chão, sem responder.

— Dá?

— Dou... às vezes...

— Muito?

Celine manteve-se em silêncio.

— Olhe aqui, menina, eu não a coloquei nesta casa por nada. Não fiz mister Brett examinar você pessoalmente, centímetro por centímetro, como ele faria com qualquer escrava de cama num leilão, por nada. Eles não fazem isso com as mulheres frias com que se casam, tão brancas que sua pele parece barriga de peixe: morto. Agora, você é a escrava de cama de mister Brett, mas, se nós agirmos direitinho, poderá ser a esposa dele. Mas tem de fazer como eu digo.

— Está bem, vovó. Vou fazer exatamente como diz. Serei boa, meiga e agradável. E vou manter os olhos bem abertos.

A avó avaliou-a com um olhar, examinando o vestido vulgar e as jóias baratas e excessivas. No entanto, não havia nada de errado com o corpo esbelto, os lábioscheios e os olhos aveludados, e um suspiro escapou de seus lábios.

— Nunca vou entender como a minha patroazinha conseguiu ter um filho tão bonito quanto mister Brett, com aquele cafajeste do Touro Selvagem. E também nunca vou saber como sua mãe conseguiu uma filha tão linda como você, dormindo com aquele traste daquele fazendeiro branco, para quem o Touro a emprestou. O que eu sei é que vocês, os filhos, foram feitos para ficar juntos. Agora, lave o rosto e coloque um dos seus vestidos de algodão, de gola alta, para começarmos nossa campanha. Entendeu, menina?

Os olhos aveludados de Celine tinham agora uma expressão sonhadora.

— Sim, senhora — ela murmurou. Satisfeita, Nanny deu-lhe as costas e voltou para seus afazeres.

CAPÍTULO VI

Quando Celine apareceu, na manhã seguinte, Beatrice fitou-a, incrédula. A garota usava um vestido discreto, os cabelos estavam presos num coque e ela mantinha os olhos fixos no chão, numa atitude de inegável respeito.

— Sim, Celine, o que foi? — Beatrice perguntou depois de alguns momentos, escondendo a surpresa.

— Posso tomar um minuto do seu valioso tempo, lady Davenport?

Apesar da desconfiança, o tom de Beatrice foi gentil.

— Claro. Há alguma coisa que eu possa fazer por você? Finalmente os olhos aveludados ergueram-se do chão.

— Minha avó disse que vai me dar uma surra de chicote se eu não pedir desculpas à senhora. Eu fui muito ruim, mas acabou, eu juro! — Os lábios cheios começaram a tremer. — Não sei o que me deu para achar que era importante nesta casa. Não passo de uma criada sem valor. Se a senhora achar que devo ser chicoteada pelo que fiz, não vou achar ruim.

— Deus do céu! — Beatrice exclamou, tomada por uma mistura de horror e divertimento. — É claro que não quero que você seja chicoteada, Celine.

— Não? A senhora me perdoa, então? E vai deixar que eu a sirva?

— Isso já é ir longe demais.

— Por favor, lady. Eu sei passar bem e posso passar todas as suas roupas, mesmo que não me queira por perto...

Capitulando diante da expressão suplicante de Celine, Beatrice assentiu.

— Está bem, pode passar minhas roupas e dependurá-las no armário. Mas é só isso, entendeu?

— Sim, senhora. Muito obrigada! — Com um sorriso radiante, a garota saiu.

— Minha nossa! — exclamou Beatrice, falando consigo mesma. — Que será que houve? Milagres já não acontecem há muito tempo. Essa menina deve estar tramando alguma coisa...

No corredor, a "menina" se encostou a uma parede, os olhos brilhantes, o sorriso triunfante.

— Peguei você! — murmurou, antes de voltar para o próprio quarto, os quadris balançando no ritmo sensual de sempre.

Beatrice ainda refletia sobre a atitude da mulata quando Melody entrou correndo, excitadíssima.

— Tia Bia, ele vai se levantar! Não é maravilhoso? Acho que eu teria um ataque se tivesse de ler mais um poema! Não tenho força de vontade suficiente para tratar de uma pessoa doente por muito tempo.

— Você não imagina as coisas que podemos fazer quando é necessário, meu anjo. Mas já estava mesmo na hora de Brett sair daquela cama. Agora, que tal descermos para o café da manhã?

Quando elas chegaram à sala de jantar, viram Brett saindo do quarto.

Como sempre, os ouvidos dele detectaram a presença de ambas.

— Melody! E lady Davenport! Não imaginam o quanto é bom estar em pé de novo. — Ele aproximou-se delas. — Senti sua falta ontem à tarde, Melody.

Com toda a naturalidade, Brett estendeu o braço e passou-o pelos ombros de Melody. Ela reagiu com um gesto de ternura, segurando-o pela cintura e levando-o para a sala de jantar.

Observando-os, Beatrice franziu a testa. Aqueles dois precisavam ser separados, e estava começando a ficar com medo de que a carta de John não chegasse a tempo. Sentia que havia algo errado ali, e seu instinto lhe dizia para pegar a sobrinha e ir embora, o mais rápido possível.

— Vê como estou bem? — Brett exclamou, envolvendo Melody nos braços e girando com ela pela sala. — E ficarei ainda melhor depois de alguns passeios. Lady Davenport, acha que ficaria bem eu dar uma volta com Melody pelos arredores da casa, depois do café? Beatrice não pôde conter um sorriso.

— Não me pergunte, rapaz! Melody é uma mulher independente, capaz de tomar as próprias decisões. Só acho que, se vocês forem mesmo passear, devem ir de huggy. Afinal, você acaba de se levantar depois de uma queda feia.

— Ótima idéia! — Melody disse, sem reparar no enrijecimento de Brett.

Logo em seguida, no entanto, ele sorriu e concordou.

— Claro! Vou mandar Sansão atrelar os dois baios. São tão fáceis de controlar que você nem vai precisar de luvas. Quer vir conosco, lady Davenport?

— Não, obrigada. Melody deve estar querendo ter você só para da, agora que está bom de novo. Se me der licença, vou dar uma olhada na sua biblioteca.

Ansiosa para sair, Melody terminou rapidamente seu café e puxou Brett para fora. Ajudada pelo impassível Sansão, acomodou-se no banco ao bugg, forrado de couro marrom.

— Um passeio calmo e tranqüilo pela plantação? — perguntou, sorrindo, ao tomar as rédeas:

— Por mim, está ótimo -Brett murmurou, mas havia uma certa tensão em seu tom.

Melody fitou-o, lembrando-se, então, de que ele perdera o pai e a visão num acidente de carruagem.

— Ah, Brett, eu me esqueci! Desculpe! Quer cancelar o passeio? Podemos sair a pé...

— Não! — Ele fez um esforço visível para dominar o medo.— Faz tanto tempo que aquilo aconteceu... É ridículo que eu me sinta assim. Vá em frente. Pelo que ouvi dizer, as estradas de St. Clare são boas, e você poderá ir me descrevendo o estado das lavouras. Tenho de estar a par de tudo, para poder enfrentar Wilkinson. Se estou... um pouco tenso, é porque nunca mais subi num veículo depois do acidente.

— Seus tios nunca...

— Eu não os ajudava em nada, e eles não eram tão amigáveis e pacientes quanto você. Se eu saía de casa, era para ir só até a varanda. Só há pouco tempo descobri que podia sentir o caminho com a bengala e ser mais ou menos independente. É claro que levei semanas dando encontrões por todo lado, mas acabei aprendendo a andar pelo pátio. — Brett sorriu. — Em frente, vamos!

Havia uma nota de falsa animação em sua voz, mas, ansiosa para se afastar da atmosfera pesada da casa, Melody preferiu ignorá-la. Estalou a língua e, imediatamente, os cavalos saíram, Brett agarrou-se com força ao banco, mas depois, quando o buggy assumiu um ritmo suave, começou a se descontraír.

— Há um velho carvalho à sua esquerda — Melody anunciou.

— Tem longa rachadura no tronco, provavelmente causada por um raio. Vocês têm muitas tempestades por aqui? — E depois:

— Estamos chegando à ponte sobre o rio. Parece segura, mas precisa de algum cuidado, É melhor falar com o seu capataz. O mato também precisa ser cortado, aqui. Está começando a fechar a estrada. Olhe! Ah, desculpe... Alguns coelhos estão brincando ali adiante...

Com o barulho do buggy, o coelho maior assustou-se e correu para o meio da estrada, Os cavalos estacaram, e um deles entrou em pânico, saindo de lado e puxando o outro com ele. O coelho girou, correndo de volta para o lugar de onde viera... e foi pego pelas patas que sapateavam: O cavalo, amedrontado, sentiu o obstáculo peludo, ouviu o guincho do animalzinho ferido e disparou. Contagiado pelo pavor do companheiro, o outro cavalo acompanhou-o.

A reação de Melody foi imediata; firmando os pés, ela segurou as rédeas com mais força. Não era a primeira vez que lidava com cavalos em pânico, e seu pai a ensinara bem. Calmamente, chamou os animais, tranquilizando-os num tom de voz que não traía o menor medo, só uma certa excitação e tolerância pela atitude deles. Sentindo isso, a parelha foi se acalmando, até parar, Melody, então, desceu e foi acariciar-lhe os focinhos trêmulos, censurando e elogiando num tons doce, que os fez abaixar as cabeças e soprar-lhe a saia.

— Está bem! — Ela riu. — Mas, de agora em diante, comportem-se.

Melody virou-se para trás, e o sorriso morreu em seus lábios. Brett estava ajoelhado na poeira da estrada, com as mãos sobre o rosto e tremendo incontrolavelmente.

— Brett! Brett! — Correu para ele, ajoelhando-se também para abraçá-lo.
— Ah, meu amor, eu sinto tanto!

Ela o aninhou de encontro a si, beijando-lhe os cabelos e sofrendo terrivelmente com os soluços silenciosos que o sacudiam, sem dúvida consequência de um terror infantil. Mas, aos poucos, embalado em seus braços, ele começou a vencer a batalha e enlaçou-a, absorvendo o conforto que ela lhe oferecia. Quando, afinal, levantou a cabeça, tinha um sorriso envergonhado nos lábios.

— Como sou tolo -- declarou, envolvendo o rosto dela com as mãos. — Perdoe-me.

— Não diga isso. Você é bom, gentil e corajoso, Não é de admirar que depois do que passou... A culpa foi minha... Eu devia ter visto..

Foi quando ele a beijou, delicadamente a princípio, os lábios movendo-se de leve sobre os dela. Logo, no entanto, com um gemido, apertou-a de encontro ao peito, explorando-lhe a boca com uma paixão que nunca pensara existir.

Por um momento Melody cedeu, retribuindo o beijo com todo o ardor de que era capaz, mas a dura realidade não tardou a interferir.

— Não, Brett! Não devemos!

Empurrou-o, mesmo desejando ficar como estava pelo resto da vida. Com um estremecimento, ele a soltou,

— Melody...

— Precisamos voltar.

Ele baixou a cabeça, lutando contra o desejo que ameaçava dominá-lo, depois concordou.

— É verdade, temos de voltar, E falar com Nanny. Isto não pode mais ser adiado. — Ergueu a cabeça, fitando-a como se seus olhos sem vida pudessem ver.
— Se o que sinto é proibido, Deus me ajude, pois será impossível mudar! Mas, se não somos do mesmo sangue, nunca mais a deixarei partir!

O modo como ele falara intensificou a chama que já queimava dentro dela, fazendo-a murmurar, com as mãos trêmulas emoldurando o rosto dele:

— Então... pelo que for... certo ou errado... — Beijou-o novamente, com todo o ardor de sua juventude, antes de se levantar e ajudá-lo a fazer o mesmo. — Venha. Vamos descobrir a verdade... seja ela qual for.

Pouca coisa foi dita na volta. Brett passou o braço pela cintura de Melody, e seu silêncio deu a ela oportunidade de refletir sobre as próprias emoções. Estava confusa. O que sentia por ele era mais profundo do que o que sentira por Hugh. Não podia negar que o beijo de Brett a excitara mais do que os do marido, no entanto... aquela paixão não lhe parecia suficiente.

Melody censurou-se por ser tão tola e romântica. A culpa era dos romances que andara lendo. Sem dúvida, como suas amigas tinham lhe dito, mulheres não eram capazes de sentir paixão, só amor pelos filhos e respeito e afeto pelo marido, tolerando com paciência e resignação o lado mais difícil do casamento. O que sentia por Brett devia ser amor, já que era mais forte do que o que sentira por Hugh, e seu instinto protetor na certa fazia parte desse sentimento. Mesmo assim...

— Chegamos! — Brett exclamou cora alívio, cobrindo-lhe a mão com a sua.

A casa estava silenciosa, e, com um estranho pressentimento, Melody chamou pela tia. Beatrice logo apareceu, dizendo a Brett:

— Nanny e Celine foram a Whitewalls, com a minha permissão. Achei que você não se importaria, já que elas foram para o enterro da filha de Nanny, a mãe de Celine.

— Coitadas! — Melody exclamou. — Deve ser horrível para uma família, viver separada!

Brett franziu a testa.

, — Sem dúvida, mas meu tio deve ter tido uma boa razão para vender a filha de Nanny. Gente como ela costuma dar trabalho, e meu pai deve ter deixado alguma instrução escrita. — Ele passou a mão pelos cabelos, franzindo ainda mais a testa. — Nanny não precisava levar Celine. Afinal, ela mal conhecia a mãe. Nanny convenceu meu tio de que a menina ficaria melhor aqui, já que na época a mãe não estava com os Halliday; era Whitewalls, mas emprestada a um plantador de tabaco, rio abaixo. Às vezes lamento que Celine não tenha sido vendida para os Halliday, com a mãe. Ela é quase inútil aqui.

Beatrice não se conteve.

— Pois então não há do que se queixar. Você conseguirá se arranjar sem ela por alguns dias. E, se nos der licença, Melody e eu cuidaremos da supervisão da casa, começando pela cozinha.

— Não quero lhes dar trabalho... Melody, nós precisamos conversar.

— Depois, Brett. — Melody estava decepcionada com a atitude fria do rapaz em relação aos sentimentos de duas pessoas que o serviam há tanto tempo, embora soubesse que ele as encarava como seres inferiores, incapazes de qualquer emoção. — Agora preciso ajudar tia Bia. Conversaremos depois do almoço.

Ele forçou um sorriso.

— Está bem. Você tem razão, é claro. É que normalmente não penso muito em comida. O gosto nunca é dos melhores.

— Hoje vai ser — Beatrice prometeu. — Venha, Melody. Vamos ver o que podemos fazer.

Como já era de esperar, a cozinheira estava preparando um ensopado insípido. Num canto da mesa havia milho, batatas e um pernil de porco, ao lado de uma galinha recentemente abatida. Não foi preciso muita imaginação para perceber quem era mais bem alimentado, se o amo ou os escravos.

Com uma expressão gelada, Beatrice correu os olhos por tudo, depois fixou-os nas duas mulheres que esperavam, ansiosas, junto ao fogão.

— Estou vendo que estão preparando seu almoço. A quantidade é grande, portanto suponho que vão alimentar outros criados da casa, também. De qualquer maneira, não foi para questionar a generosidade de seu amo que vim até aqui. Com Nanny fora, o sr. Savage sugeriu que eu assumisse a direção da casa. E vamos começar com o almoço dele. Tragam-me banha, farinha e um pouco daqueles temperos. Vamos ter creme de milho, batatas cozidas com hortelã, ervilhas e pernil de porco. Você, menina! Comece a descascar as batatas. Melody, em algum lugar por aí deve haver algumas garrafas de vinho. Veja se as encontra. Ah, também precisamos de maçãs para uma torta!

Dominando a vontade de rir da cara da cozinheira e de sua assistente, Melody pôs-se em ação.

Foi assim que Brett e suas hóspedes se sentaram para saborear a melhor refeição que St. Clare já vira em muitos anos. Recebendo seus elogios encantados, Beatrice prometeu:

— Espere só até o jantar!

Ele abriu a boca para dizer, alguma coisa, mas foi interrompido por uma súbita agitação no saguão, e a voz de Sansão, erguida num protesto. Logo em seguida as portas da sala de jantar se abriram, e o infeliz mordomo foi empurrado para dentro do cômodo, enquanto alguém berrava:

— Esse atrevido teve a coragem de me mandar esperar! Eu! Patrick Aloysius O'Shaughnessy, que não espera por nenhum homem!

Brett levantou-se de um salto, mas Melody segurou-o pela manga, explicando:

— Está tudo bem, Brett, é um velho amigo nosso. Não se assuste, que ele é sempre assim. Como vai, sr. O'Shaughnessy? Engraçado s, eu sempre achei que o veríamos de novo.

— Desculpe, sra. Van der Veer. E o senhor também. Peco-lhe desculpas por ter praticamente atacado o seu criado, mas ele mereceu. -- Patrick avançou como um anjo vingador e tomou a mão que Brett agora lhe estendia, enquanto as apresentações eram feitas. Fitando os olhos do rapaz,, ele acrescentou: -- Peco-lhe desculpas duplamente, senhor, pois não havia percebido seu problema. Não o incomodarei mais. Eu vim atrás de sua outra hóspede, a tia da. sra. Van der Veer, uma dama que venho seguindo desde Nova York, à custa, de malta despesa e sacrifício.

Beatrice, que depois do primeiro momento de surpresa não havia se mexido, tomou, delibera demente, um gole de seu vinho.

— Você é uma mulher cheia de orgulho e teimosia, Beatrice, mas desta vez encontrou alguém capaz de lhe fazer frente. — Com essas palavras. Patrick Jogou sobre a mesa, diante dela, uma nota de cem dólares.

Um sorriso sem graça apareceu nos lábios de Beatrice.

— Você acha mesmo,. Patrick O'Shaughnessy?

— Tenho certeza — ele replicou, com firmeza. — Só preciso de algum tempo para lhe mostrar.

Pelo modo como Brett inclinou a cabeça, Melody percebeu que ele também sentira as vibrações entre aqueles dois desde o primeiro momento.

— Para quê? — Beatrice perguntou.

— Porque eu quero!

— Você não passa de um tolo.

— Concordo, mas valeu a pena vir até aqui para ouvir isso dos seus lábios.

— Sr. O'Shaughnessy — Brett interferiu, voltando a se sentar —, Já que o senhor e lady Davenport parecem ter alguns pontos de vista a discutir, o que acha de almoçar conosco?

— Obrigado, senhor, mas sou .obrigado a recusar. Seria delicioso comer ao

lado dessa mulher — Patrick piscou para Beatrice, ao ver-lhe a expressão zangada. —, mas já almocei. Em todo caso, aceito um café.

— Não prefere algo mais forte?

— Já que me oferece...

— Melody, quer pegar o brandy que está na parte de baixo do aparador? A chave fica no terceiro pote da direita, o que tem a tampa lascada.

Melody levantou-se, surpresa. Não-sabia que Brett bebia. No entanto, ao abrir o aparador, encontrou várias garrafas, algumas cheias, outras não; Pegando uma de Armaguac, levou-a para a mesa, com dois copos,

— Você também quer, Brett?

— Não, obrigado, Melody. Paul é que costumava tomar brandy. Mas ele bebia por prazer, não para afogar a dor que vem de viver sozinho num mundo cheio de escuridão. — Um sorriso triste surgiu-lhe nos lábios. — Desculpem a minha amargura. A bebida pode não resolver os problemas, mas ajuda muito. Em todo caso, faz tempo que não preciso dela. — Voltou-se na direção de Patrick-. — -Sirva-se, por favor, enquanto terminamos este delicioso almoço.

— É muita gentileza sua, senhor, já que cheguei a sua casa com a delicadeza de um búfalo em disparada. — Patrick encheu o copo e ergueu-o. — À sua saúde! — E às suas, senhoras. Que o vento sempre esteja às suas costas e o sol as aqueça!

— Um brinde próprio de um homem de vida errante — Beatrice comentou.

— Prefiro a palavra 'nômade'. Faz com que nos lembremos do campo.

— Você é um homem do campo, Patrick? — Melody perguntou, arrependendo-se de imediato ao ver a mudança na expressão dele.

— Já fui, mas depois descobri que há mais oportunidades numa cidade grande. Não se tem chances numa fazenda solitária, quando os senhores da terra aparecem.

— Está falando dos ingleses, na Irlanda?

— Estou, mas não esquente a sua cabecinha com isso. Não tenho nada contra os ingleses, de um modo geral, só contra alguns de seus representantes. No entanto, quando eles formaram o Reino Unido da Grã-Bretanha, em 1801, prometeram a emancipação da Irlanda, e o camponês de Ulster nunca foi consultado sobre se queria ou não ser dominado.

— Dominado? Acha que essa é uma palavra adequada, quando tanto bem foi feito pela União?

— Aposto que Ricardo Coração de Leão disse o mesmo durante as Cruzadas, mas vá perguntar aos maometanos se eles gostaram! Com a Irlanda dividida, só podia haver barulho entre protestantes e católicos. Os protestantes acabaram ficando com todas as vantagens, e muitos católicos preferiram abandonar a terra de seus pais. Eu fui um deles. Saí atrás de um maravilhoso mundo novo... e encontrei os guetos de Nova York! Em todo caso, não me arrependo. A Irlanda católica continua se rebelando, mas os ingleses a dominam com facilidade... principalmente por estarem lutando contra um povo que já quase mataram de fome.

— Você não pode nos culpar por isso! — Melody replicou, zangada.

— Completamente, não, mas vocês também não fizeram nada para ajudar. Se vemos uma criança morrendo de fome, podemos lhe dar as costas, alegando que não somos culpados. No entanto, se não a ajudamos, somos culpados de um crime maior ainda.

— Você deve odiar os ingleses, se acha mesmo que eles podiam ter ajudado os irlandeses e impedido que muitos morressem de fome.

— Não, Melody. Sendo um homem capaz de pensar, eu não poderia fazer isso. — Patrick virou-se para Beatrice, sorrindo abertamente. — As mulheres inglesas são lindas demais para serem odiadas, por isso deve haver algo de bom naquele país.

— Mais lindas que as mulheres irlandesas ou só diferentes?

— Bem, isso... — Ele fingiu refletir. — Na minha humilde opinião, todas as mulheres têm uma certa beleza. E não adianta insistir, não vou dizer mais que isso!

Brett riu.

— Bravo, sr. O'Shaughnessy! Um verdadeiro diplomata, pelo que vejo. Mas o que acha de continuarmos esta conversa fascinante na sala de estar? Sendo amigo de minhas hóspedes, pode me contar muito sobre elas.

— Não creio que o sr. O'Shaughnessy possa ser chamado de nosso amigo — Beatrice falou, levantando-se da mesa com os outros. — Nosso relacionamento não tem mais que algumas horas.

Por cima da cabeça dela, o gigante sorriu para Melody.

— Você não diria isso, não é? Eu salvei a sua honra, para não falar da sua vida, levei-as para jantar e conhecer a cidade. Cheguei até a me oferecer para vir com vocês para cá, e protegê-las durante a viagem. São ou não são atitudes de um amigo? — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — E, quando essa tirana ado-

rável aqui me insultou, enfiando uma nota de cem dólares no meu bolso, o que foi que eu fiz? Uma longa e cansativa viagem para estar ao lado dela e lhe dizer que sou agora um homem temporariamente rico e não necessito da generosidade dela.

Os brilhantes olhos azuis voltaram-se para Beatrice, que mordida o lábio para não acompanhar o riso dos outros.

— Se nós não somos amigos, Beatrice, minha querida, então o que somos?

— Companheiros da briga — ela replicou. — Você faia bonito, Patrick, mas não vou concordar com nada só para agradá-lo. Vejo que ainda está usando esse lenço horroroso, e não duvido que o tenha usado durante toda a viagem para cá. Uma mulher como eu nem poderia pensar em ser amiga de um sujeito como você.

Ela tomou-o pelo braço, então, dirigindo-lhe um sorriso tão brilhante que até Melody se surpreendeu. Corado até a raiz dos cabelos, o irlandês escoltou-a até a sala de estar, ajudando-a a se sentar numa poltrona e acomodando-se num banquinho, aos pés dela.

— Não... — Beatrice começou a protestar, mas depois desistiu. — Você é um homem difícil de se ignorar, Patrick !

— Impossível — ele corrigiu.

Brett foi para sua poltrona favorita, e Melody acomodou-se no sofá, desejando que ele tivesse se sentado ao seu lado. Seria gostoso tê-lo junto de si, enquanto ouviam as histórias absurdas que o irlandês contava sobre a viagem que fizera.

À medida que as horas passavam, a conversa foi se tornando mais séria e passou a girar sobre a guerra.

— Foi terrível — Patrick comentou. E depois prosseguiu, lutando para não se deixar dominar pelas lembranças deprimentes: — Conheci um sujeito que bem pode ser seu parente, sr. Savage. Seu sobrenome não é comum. Um tal de Paul Savage., "Beau" Savage, como o chamavam, entre outros nomes menos elogiosos. Se bem que depois daquela luta de faca, ele perdeu muito da beleza.

Brett inclinou-se para a frente, excitadíssimo.

— Paul é meu primo adotivo. O pai dele e o meu eram irmãos, e eles vieram morar em St. Clare, quando fiquei órfão. Pau! foi embora um pouco antes da minha maioridade a desapareceu, durante anos. Quando deu notícias, revelou que havia se estabelecido na Nova Zelândia. O senhor o conheceu bem? Chegaram a ser amigos?

O irlandês riu com prazer.

— Se o conheci? O homem salvou a minha vida, mas quase me matou, durante o salvamento. Fizemos amizade, sim, mas só depois de algum tempo. Então ele foi para a Nova Zelândia...

— Patrick fez uma ligeira pausa, antes de revelar: — Quando o conheci, ele era um sujeito de vinte e poucos anos, silencioso, com ombros muito largos. O tipo de homem que não deixa os outros à vontade. Eu não sou contra uma boa briga de vez em quando, mas notei que homens maiores e mais duros do que eu evitavam chegar perto dele, por isso achei melhor fazer o mesmo, até descobrir por quê.

- Essa briga de faca, onde foi? — perguntou Melody, cheia de curiosidade.

— Em Cherubusco, no México. Mas eu o conheci antes disso, quando saímos de Vera Cruz, numa marcha planejada pelo próprio diabo, para conquistar a Cidade do México.

— A Guerra Mexicana! — Brett exclamou. — Então foi por isso que ele mudou tanto?

Patrick concordou.

— Foi uma guerra capaz de mudar qualquer um. Polk mandou um exército de voluntários, de Nova Orleans para Vera Cruz, sob o comando do general Winfield Scott. Aqueles homens podiam ser tudo, menos soldados: Indisciplinados, sujos, cheios de piolhos, passavam a metade do tempo bêbados... Foi um horror aquela marcha de mais de mil e quinhentos quilômetros, por uma terra esquecida por Deus, vivendo do que encontrávamos e combatendo tanto o inimigo quanto a febre amarela. Achávamos-nos um pouco além de Cerro Gordo quando encontrei o seu primo, sr. Savage. Ele estava tão cansado quanto eu dos pretensos "cavalheiros" sulistas. Eram verdadeiros bárbaros, considerando qualquer mexicano um inimigo, independente do sexo e da idade. Não sei se o senhor sabe, mas seu primo nunca ligou para a cor de ninguém. Para ele, um homem ou era digno de respeito, ou não. "Podemos matar o inimigo", Savage costumava dizer, "seria odiá-lo ou fazer guerra contra sua mulher e filhos."

— Foram as idéias abolicionistas de Paul que o levaram a se afastar da família — Brett comentou.. — Ele nunca entendeu ou aceitou a necessidade de se, ter escravos.

Patrick lançou um olhar para Beatrice, que apertava os lábios com força.

— Com todo respeito, senhor, uma vez que sou hóspede em sua casa, eu também não concordo com isso.

Melody levou um susto quando Brett bateu com o punho fechado no braço

da cadeira, aborrecido com o fato de ter outro abolicionista sob seu teto.

— O sul tem um coração — ele declarou, exaltado —, e os abolicionistas estão a ponto de cravar um punhal neste coração. O mesmo punhal que já dividiu tantas famílias, além da nossa. Até meu vizinho mais próximo perdeu um filho, que resolveu ir para o oeste, onde não existem escravos. Para uma terra de todos, onde um homem procura ouro até cair de cansaço, fazendo o trabalho que seus escravos poderiam estar fazendo. E tudo por uma ou duas pepitas de ouro!

— Não é bem assim. Muitos conseguem ficar ricos, e, mesmo os que não conseguem, achar que vale a pena fugir de um passado intolerável.

— Ainda não nos contou como conheceu Paul, Sr. Shaughnessy — Melody interferiu, tentando acalmar os ânimos.

Patrick aceitou a mudança de assunto, relatando sua permanência num acampamento no caminho da Cidade do México, aonde um rapaz pálido, com olhos gelados, vindo de 'Luisiana, o havia encarado por cima de uma mão de cartas.

— Eu não deveria ter entrado no jogo de pôquer — começou —, mas quando se está doente de ver corpos cobertos de moscas e sentir o cheiro de sangue, suor e medo, qualquer distração é bem-vinda. Aquele garoto com olhos de velho tinha vindo diretamente de uma casa de jogatina de Nova Orleans, mas possuía todo o dinheiro de uma família antiga e aristocrática atrás de si. Até suas roupas pareciam não se sujar, e eu o odiei à primeira vista. Costumava passar as minhas noites observando-o jogar e aprendendo, para quando chegasse a minha vez. E, quando chegou, havia uma verdadeira multidão observando o jogo, sob as estrelas, sentada sobre árvores caídas, pedras e até no chão. Eu já bebera o bastante para afetar meu raciocínio e concentração, e quando sobramos só nós dois, agi precipitadamente, sem pensar, e ele me venceu com a maior facilidade. Louco de raiva, acusei-o de trapaça. Logo ele, que crescera com um baralho na mão!

Patrick fez uma pausa, apertando os dentes com força, antes de prosseguir:

— A princípio o rapaz não se ofendeu, limitando-se a rir de mim. "Não me importo de tomar dinheiro de gente à toa", murmurou, "só não gosto de vocês serem tão maus perdedores." Aquilo foi como sacudir um pano vermelho diante de um touro. Eu me levantei de um salto, xingando-o dos piores nomes que conhecia e ameaçando fazê-lo em pedaços. Foi quando aquele homem silencioso destacou-se da multidão. "Pare com isso, irlandês", ele disse. A multidão havia recuado, quando eu tinha me levantado, e só ficáramos nós três. Eu, um irlandês "à toa", e dois sulistas altivos, que tinham se unido para me humilhar. Com um rugido,

avancei para o jogador, decidido a arrebentá-lo antes de passar para o grandalhão. Aconteceram, então, duas coisas que eu não esperava: na mão do jogador apareceu um desses brinquedinhos feios, próprios para damas, apontado diretamente pra minha testa, e logo em seguida algo explodiu na parte de trás da minha cabeça.

O'Shaughnessy riu de si mesmo, sem alegria e com ar de menosprezo.

— Descobri, mais tarde, que Paul Savage havia me atingido com um pedaço de madeira. Quando recuperei a consciência, ele me fazia um curativo e fitou-me sorrindo, sem o menor sinal de arrependimento. "Você podia ter me matado!", eu exclamei. "Pode ser", ele concordou, "mas, se eu não o acertasse, o mocinho com certeza o mataria." Depois disso, comecei a ser mais cauteloso nos meus relacionamentos. Por vergonha, mantive-me afastado de Paul por algum tempo, mas depois da batalha de Chapultepec, a caminho de Cherebusco, começamos a nos encontrar cada vez mais, e era sempre um conforto saber que ele estava a meu lado, durante os confrontos com o inimigo.

— Não foi neste lugar que houve a tal briga de faca? — indagou Melody.

— Na verdade, não chegou a ser uma briga. Naquela bando havia de tudo: cavalheiros, patriotas, aventureiros e até mesmo aquele tipo de crápula que se excita com o cheiro de sangue. A "Besta Negra" era um desses. Caçador de crocodilos, vinha dos pântanos de Nova Orleans e era tão feio e malcheiroso quanto as feras que caçava. Quando estava sóbrio era ruim, mas bêbado tornava-se um matador. Já havia assassinado ou aleijado muita gente, com a faca que usava para esfolar crocodilos. Daquela vez pegou um garoto, um rapazinho bonito, que estava sempre falando das terras e dos escravos que a família possuía. Todos sabem como as crianças gostam de impressionar os outros, principalmente quando se encontram numa situação com a qual não sabem lidar, e nós preferíamos ignorá-lo, com exceção de Paul. Ele tinha posto na cabeça que ainda faria do rapazinho um abolicionista e costumava passar horas e horas durante a noite procurando fazê-lo mudar de opinião. Depois de algum tempo, a "Besta" começou a insinuar que seu primo e o garoto não se limitavam a conversar... O menino ouviu, achou ruim e pulou em cima dele.

— Mas o que poderiam fazer além de conversar? — Melody murmurou, franzindo a testa.

Patrick interrompeu-se, embaraçado, mas Beatrice salvou a situação, dizendo à sobrinha:

— Algum dia você vai saber. Continue, Patrick.

— Bem, quando a luta terminou, o garoto estava praticamente morto e nem

a mãe dele seria capaz de olhá-lo sem se sentir mal. Na hora, seu primo estava de guarda, mas quando voltou e descobriu o que tinha acontecido, foi até onde a "Besta" dormia, agarrou-o pelo colarinho e mandou-o longe, com um belo direto no queixo. Repetiu a dose um segundo depois, mas o bruto conseguiu reagir. Os dois rolaram pelo chão, se atacando como dois animais selvagens. Paul conseguiu ficar em pé e, quando a "Besta" avançou, jogou-o no chão com um daqueles golpes estranhos, que tinha aprendido com um chinês durante uma de suas muitas viagens. O sujeito ficou estendido, enquanto nós gritávamos, encorajando Paul a terminar com ele. Beau Savage, porém, deu um daqueles meios sorrisos divertidos e estendeu a mão

para ajudar o maldito a se levantar. Foi quando a "Besta" tirou uma faca da bota e cortou o rosto de seu primo até o osso.

Patrick fez mais uma pausa, lembrando o passado, depois terminou:

— O que aconteceu em seguida não foi nada bonito. Só vou lhes dizer que a "Besta" morreu dois dias depois, e nenhum de nós lamentou sua morte.

Houve um momento de silêncio, enquanto todos rejeitavam, em pensamento, a incrível violência dos homens que Patrick havia descrito. Homens endurecidos pela guerra, que dela haviam saído treinados para matar e dispostos a tudo para fazer valer suas vontades.

Seguindo essa linha de raciocínio, Melody perguntou:

— O que aconteceu com vocês dois depois da guerra? Patrick sorriu, sem alegria.

— A guerra não é o melhor lugar para se fazer amizade, e Paul e eu éramos muito diferentes para manter a nossa. Quando o tratado de paz foi assinado, em fevereiro de 48, resolvi voltar para o norte. Estava cansado daquela vida dura e ansioso por lençóis limpos, mulheres loiras e champanhe.

Um brilho maroto surgiu nos olhos de Beatrice.

— E conseguiu, Patrick?

— Ainda não, mas estou fazendo o possível. Ultimamente, até cheguei a pensar em desistir das loiras...

Beatrice corou, mudando rapidamente de assunto.

— E trabalho, Patrick? Encontrou logo?

Ele meneou a cabeça, espalmando as mãos e fitando-as por um momento, antes de responder;

- Na época, eu estava em boa forma física e podia realizar muitas tarefas,

mas logo descobri que ser irlandês era uma faca de dois gumes. Para muitos, os irlandeses não passavam de ladrões e ignorantes, para outros, éramos apenas mão-de-obra barata. Fui pulando de um emprego para outro, geralmente pouco agradáveis e nem sempre legais, mas que me impediam de morrer de fome. Minha grande vantagem era ter estado na guerra e saber usar uma grande quantidade de armas, incapaz de se conter, Beatrice indagou:

— Você nunca questionou a validade do que fazia? Nunca pensou naquele ditado, que diz que quem vive pela espada, morre pela espada?

Patrick riu.

— Não era uma espada que eu usava, e sim um porrete.

— Ura... o quê?!

— Ura porrete. Um bastão de carvalho, capaz de arrebentar um crânio como se fosse casca de ovo, se me perdoam a indelicadeza da comparação.

— Muito interessante — Beatrice comentou, com uma certa frieza. — Mas não é um emprego de futuro esse de... arrebentar crânios, é?

— Não sei. Uma vez trabalhei como protetor de uma dama do mais alto nível e influência, que sugeriu um relacionamento mais permanente, depois da viagem que fizemos de Washington a Nova York.

— Ela era bonita? — Beatrice perguntou. E arrependeu-se em seguida, quando os olhos dele, extraordinariamente brilhantes, fixaram-se nela,

— Como eu já lhe disse antes, madame, todas as mulheres têm uma certa dose de beleza. Essa tinha as mãos mais lindas que já vi... numa mulher de setenta e poucos anos!

Melody estourou numa gargalhada ao ver a cara da tia. Riu tanto que mal conseguia respirar e levou vários segundos para voltar ao normal.

Patrick acompanhou seus esforços com um olhar sorridente.

— Poucas vezes ouvi um som tão delicioso. Você gosta tanto desse tipo de ironia quanto eu. Tenho a impressão de que vamos ser grandes amigos.

Melody enxugou os olhos, parando de rir, mas, ao ver a expressão da tia, teve de cobrir a boca com a mão, para dominar a vontade de recomeçar.

Foi a vez de Beatrice sorrir.

- Eu seria capaz de deixar esse sujeito falar o dia inteiro, só para-ter o prazer de ouvir o seu riso novamente, querida. Mas, como temos outras coisas a fazer, acho que devemos sair e deixar os homens sozinhos, para que se conheçam

melhor.

Sentindo-se mais animada do que nunca, Melody seguia a tia para fora da sala.

— É gostoso ter Patrick com a gente — comenteis, quando estavam no saguão.

— Ele anima qualquer ambiente. — Beatrice voltou-se para a sobrinha. — Pessoas como ele são agradáveis e difíceis de esquecer, mas muito mais difíceis de se conviver, por isso pode k tirando asse sorrisinho do rosto.

— Está bem, tia Bia.

- Não tenho a menor intenção de encorajar uma amizade com o sr. O'Shaughnessy, por mais que ele pense o contrário.

— Claro que não, tia Bia.

— E, quanto mais cedo nos livrarmos dele, melhor'

— Sem duvida, tia Bia.

— Melody...

— Sim, tia Bia?

— Quer fazer o favor de tirar esse sorriso do rosto?

— Pois não, tia Bia.

CAPITULO VII

Durante a semana que se seguiu, Melody começou a ter a impressão de que o que acontecera em Londres não fora com ela. Começou a perceber, também, que estava se apaixonando pelo homem que podia ser seu primo. A vulnerabilidade dele dava-lhe centenas de oportunidades de tocá-lo, de estarem perto um do outro, o que favorecia ainda mais o desenvolvimento dos sentimentos de ambos.

Beatrice preocupava-se com eles e achava que Melody devia ser avisada, mas não sabia como lhe dizer sem usar palavras que pudessem magoá-la. Uma vez, tentou abordar os pontos de vista diferentes que ambos mantinham sobre a escravidão, perguntando à sobrinha se seria capaz de ser feliz num local que, para prosperar, dependia da vida de pessoas que podiam ser compradas e vendidas como gado.

— O modo de pensar de um homem pode mudar — Melody replicou, fitando

o ar com uma expressão sonhadora.

— Tome cuidado, meu anjo — Beatrice aconselhou, trazendo-a de volta à realidade. — Ele é muito parecido com Hugh, até mais atraente, e você está muito vulnerável depois de tudo por que passou.

Melody corou, com a impressão de que a tia podia ler seus pensamentos mais íntimos.

— Não se preocupe, tia Bia, não vou me deixar levar pela emoção... Pelo menos, até saber se somos ou não parentes.

Mas ela sabia que estava mentindo, que seu coração já planejava um futuro que talvez nunca se realizasse.

— E depois? — Beatrice insistiu. — Acha que poderá enfrentar um destino meeiro, ao lado de um homem cego e empobrecido?

— Não tenho medo disso. Mesmo uma vida simples, ao lado de um marido gentil e amoroso, deve valer a pena. O trabalho não me assusta, e eu posso aprender as coisas que não sei como costurar e cozinhar. Graças a papai, tenho um bom conhecimento sobre cavalos.

— E sobre o gado? E abater galinhas? Matar porcos? Plantar, verduras, arrancar ervas daninhas? E partir lenha, construir cercas, tirar água do poço... coisas que seu marido faria. se pudesse ver? Porque é essa a vida dos brancos pobres, que não têm dinheiro para pagar criados ou comprar escravos. Você só terá folga quando der à luz, e isso vai continuar até seu corpo e sua mente estarem gastos e cansados demais para se importar com qualquer coisa. E sempre haverá outra criança para tomar conta, uma criança linda desamparada e cega. Por mais que ele a ame, jamais poderá lhe ser de alguma utilidade.

— Tia Bia a senhora está sendo cruel!

— Não, meu bem, estou sendo realista. Alguém precisa estourar essa bolha de ilusão em que você vem vivendo nos últimos

Melody baixou a cabeça, quase chorando, pois sabia que a tia tinha razão.

- Será que eu o amo o bastante para isso? — perguntou ai! si mesma.

—Será que você o ama? — Beatrice corrigiu. — Ou está cega pela beleza e o gênio bom desse rapaz? Eu também o acho maravilhoso, minha querida, mas jamais o escolheria como marido.

— Porque ele não tem uma fortuna conveniente? — Melody rebateu, zangada. Mas fogo em seguida se arrependeu. Desculpe tia! .Não queria dizer isso! Desculpe!

A expressão de Beatrice, que havia endurecido, suavizou-se novamente.

— Está desculpada. E não tem razão ao pensar que só me importo com dinheiro num casamento. Se fosse assim, eu não estaria aqui agora. Na certa vou passar o resto dos meus dias com uma solteirona irascível e sem amor, só porque já desisti de encontrar num homem aquilo que quero.

— Mas dúzia? de homens já a pediram em casamento! Nenhum deles mexeu com seu coração?

Um brilho triste surgiu nos olhos de Beatrice, para logo em seguida desaparecer.

— Nós muitas vezes somos tolos, quando jovens. Encaramos o perigo como um jogo, certos de que jamais seremos atingidos.

Houve um homem que me amou... Eu também o amei, mas ele tinha idéias políticas que muita gente considerava erradas, e foi morto por causa delas. Desde então, eu nunca,....

De repente, o barulho de botas no assoalho interrompeu-a, e Patrick entrou de supetão na sala. Tinha os olhos brilhantes e o rosto corado do passeio ao ar livre, e a expressão de Beatrice iluminou-se, ao vê-lo. Sua voz, no entanto, continuou cáustica como sempre.

— Você está sempre andando peia casa como um touro bravo, Patrick! Nós estávamos nos deliciando com a paz que suas saídas nos dão, e você tem o atrevimento de voltar horas antes do previsto!

Um brilho divertido surgiu nos olhos dele.

- Não me importo de ser comparado com um touro, pois essa é a minha natureza. Também não vou me desculpar por perturbar, a sua paz, pois foi para isso mesmo que vim para o sul. — A seriedade voltou ao rosto masculino. — Desta vez, notando, não foi para isso que cheguei mais cedo. Foi porque ouvi seu nome ser citado num saloon da cidade vizinha, Beatrice.

As duas o fitaram, espantadas e Melody sentiu um arrepio de medo percorrer-lhe a espinha. Ele prosseguiu:

— Por dois homens, do tipo que passa completamente despercebido numa multidão. Falavam muito baixo, de modo que só peguei uma ou outra palavra, mas parece que eles têm contatos em Londres,, os quais estão procurando por você.

— Tem certeza de que foi de tia Bia que falaram, -e não de mim? -- Melody quis saber.

— Absoluta. Se mencionaram seu nome, Melody, eu não ouvi. São nortistas,

e se não pertencerem à agência de Pinkerton, seu nome não é Patrick O'Shaughnessy. Essa agência de detetives é como um polvo, com tentáculos por toda a América. A maioria de seus homens é dedicada e implacável, e se estiverem à sua procura, milady, é só uma questão de tempo, antes que a encontrem. Se bem que, agora, esse tempo pode ter-se alongado um pouco.

— Como assim, Patrick?

— Esses dois agentes não eram dos mais espertos? Pinkerton, e eu tive uma conversinha com eles a seu respeito. Disse que tinha... estado com uma criada sua, uma semana atrás, em Nova Orleans.

Beatrice não conteve o riso.

— Ah, Patrick, você ainda não está perdido de todo! Quando eles terminarem de vasculhar uma cidade do tamanho daquela, nós já estaremos longe daqui.

Melody pousou a mão sobre a dele, fazendo-o corar.

— Muito obrigada, Patrick. Quem encomendou essa investigação não vai desistir, mas nós temos de ficar até Nanny voltar e esclarecer o que quero saber. Com o que fez, você nos deu tempo para isso. — Ela se voltou para a tia. — Vou subir e me trocar para o jantar. Usarei o vestido de tafetá para comemorar a sua vitória sobre os detetives, Patrick.

Em seu quarto, no entanto, Melody sentou-se na cama e cobriu o rosto com as mãos.

O passado nunca morreria? O poder de Luther Hogge continuaria a atormentá-la, mesmo depois da morte dele?

— Ah, volte logo, Nanny! Não posso começar uma vida nova sem saber quem sou... Uma vida que será completamente vazia se sua resposta me afastar de Brett.

Dois dias depois, Melody obteve a resposta que queria. Uma resposta que mudou sua vida, de um modo como jamais sonhara.

Ela e a tia encontravam-se na varanda, tomando sol, quando viram uma carruagem se aproximando.

— Uma carruagem! — Beatrice comentou. — Será uma visita ou Nanny, com aquela menina insuportável?

O coração de Melody disparou.

— Tomara que seja Nanny. Já não agüento mais essa incerteza. — Ela fixou o olhar, tentando enxergar melhor. — É Nanny! Vou dizer a Brett.

Assim que o veículo parou, Celine recebeu ordens de ir para o alojamento, mas Nanny foi chamada à sala por um impaciente Brett, que, depois de lhe dar rápidas condolências pela morte da filha, disse:

— Há uma questão em que você pode nos ajudar, Nanny. Uma questão da maior importância para mim e para a sra. Van der Veer.

Ela inclinou a cabeça, esperando, impassível, ainda sentida com a morte da filha que trabalhara sem queixas até não poder mais ficar em pé e sua doença não ter mais cura, simplesmente porque as pessoas que a possuíam eram boas e a tratavam com respeito.

Sem saber como começar, Brett ordenou:

— Sirva-me uma dose de brandy, antes. E algo mais leve para as damas, se elas quiserem.

— Ouvi alguém falar em bebida? — Patrick perguntou da porta, chegando de sua cavalgada diária pelos arredores. Mas logo em seguida percebeu a atmosfera e se retraiu. — Desculpem.. Interrompi alguma coisa? Vou tomar meu drinque na biblioteca.

— Não, por favor, fique — Melody pediu. — Como nosso amigo querido, você tem o direito de saber. Não é mesmo, Brett?

Depois de uma hesitação quase imperceptível, Brett concordou.

— Claro. Nós resolvemos falar com Nanny sobre os pais de Melody. Se alguém nesta casa sabe a respeito deles, só pode ser ela.

Patrick virou-se para a escrava, que esperava junto ao armário de bebidas.

— Um bourbon para mim, Nanny — pediu. E, assim que o recebeu, foi se acomodar ao lado de Beatrice, junto à janela.

Brett respirou fundo, forçando-se a relaxar.

— Nanny... Há uma possibilidade de a sra. Van der Veer e eu sermos parentes, por parte da mãe dela. O pai dela, o irmão da lady Davenport, passou algum tempo em St. Clare, anos atrás. Eu o chamava de "tio Alex" e, se não me engano, ele partiu na época do meu acidente. — O rapaz, forçou uma risada. — A história dele é bem romântica. Ao que parece, apaixonou-se por uma moça que vivia aqui, provavelmente uma prima ou hóspede da casa, embora eu não me lembre de ninguém assim vivendo conosco... Talvez tenha sido uma das amigas de mamãe.

— Tudo o que sabemos — Melody informou, ansiosa — é que minha mãe tinha um nome pouco comum: Eleanora. Você a conheceu?

Ela estava observando Nanny com atenção, mas nada poderia tê-la preparado para a mudança que suas palavras provocaram no rosto da escrava. Os olhos castanhos se arregalaram, e uma mistura de choque, incredulidade e... dor... dominou-a, deixando-a de uma palidez acinzentada, doentia.

— Então você voltou! — ela murmurou, agarrando-se ao espaldar da cadeira mais próxima.

O silêncio que dominou a sala foi tão intenso que era possível ouvir até o barulho das velas queimando, no enorme lustre de cristal. Beatrice foi a primeira a rompê-la, perguntando com gentileza:

— Quem era Ereanora, Nanny?

A escrava manteve os olhos fixos em Melody, avaliando, decidindo e pensando nas conseqüências do que ia dizer. Depois, apertando os lábios de leve, respondeu com voz firme:

— Ereanora era minha filha.

Por um instante o tempo parou. Depois, com a compreensão, algo explodiu dentro da cabeça de Melody. Relâmpagos pareciam riscar a atmosfera, por trás de suas pálpebras fechadas. Ela não ouviu as exclamações nem viu os gestos de incredulidade dos outros. Sabia que estava meneando a cabeça, mas nenhum som, nenhum grito de repúdio saiu de seus lábios, embora, no íntimo, todas as fibras de seu ser repelisses a terrível realidade.

Breu, pálido como um mono, demonstrou sua rejeição da verdade jogando a bengala na direção da escrava.

— Não! — gritou. — Você está mentindo. Eu jamais poderia me apaixonar por uma negra. Eu teria percebido. Teria!

Essas foram as últimas palavras que Melody ouviu, antes de mergulhar na escuridão abençoada da inconsciência.

— Seu tolo! — Patrick murmurou, avançando para tomar a moça desmaiada nos braços. — Eu a levo para o quarto. Beatrice, ela vai precisar de você.

Chocadíssima, Beatrice lutava contra as lágrimas.

— Mais do que nunca — ela concordou. E, lançando um olhar para Brett, que depois da explosão de fúria caíra sobre a poltrona, dominado pela dor, acrescentou; — Ele também vai precisar de ajuda, apesar de só ter perdido um sonho.

Abrindo a porta para que Patrick pudesse passar com Melody, Beatrice teve a impressão de ver um vulto desaparecer na sala ao lado, mas estava muito

preocupada com a sobrinha para dar atenção ao fato.

— Teria sido melhor para ela enfrentar a acusação de assassinato num tribunal, ao lado de um bom advogado de defesa, do que vir para cá e passar por isso.

— Assassinato? — repetiu Patrick, mas gentilmente, sem censura.

Beatrice fitou-o, enquanto de se encaminhava para a escada. Então, decidindo-se contou-lhe a história toda.

- Pobrezinha! — Patrick comentou, colocando Melody sobre a cama- — Eu o teria matado com as próprias mãos se estivesse lá! O que ela deve ter passado... E agora isso!

Melody gemeu baixinho, soluçando, ao recuperar a consciência. Os adoráveis olhos cor de safira eram a imagem da dor e ela estendeu a mão para a tia, que a segurou com firmeza.

— Você vai ficar bem — Patrick assegurou-lhe, meio sem jeito, Melody sorria, sem a menor alegria,

— Não precisa ficar aqui, sr. O'Sbaughnessy — murmurou. com uma dignidade de cortar o coração. — Eu entendo se preferir me ignorar, de agora em diante.

— O quê?! Acha mesmo que eu faria uma coisa dessas? Melody baixou os olhos, apertando convulsivamente a mão da tia.

— Ouça bem o que vou dizer — Patrick pediu, com extrema gentileza- — Conheci muitas mulheres em minha vida, mas nenhuma era tão bonita, inteligente ou educada como você Se isso for resultado da mistura de raças, acho uma pena que o mundo inteiro não seja assim. Não é mesmo, Beatrice?

Voltou-se para ela... e estacou, maravilhado com a estranha luz nos olhos cinzentos geralmente tão tristes.

— Claro que é, Patrick, — Beatrice fitou a sobrinha, — Você continua a mesma, meu bem, e nós também. Isso é tudo o que importa.

— Não é, não, tia. Eu sou diferente, e para outras pessoas isso é importante. — Lembrando-se da reação de Brett, Melody sentiu de novo vontade de chorar. Erguendo a cabeça, encontrou o olhar penalizado do irlandês. — Uma vez o senhor se ofereceu para ser nosso acompanhante. A oferta ainda está de pé?

— Você sabe que está. E não vai se livrar de mim com tanta facilidade desta vez. Não tenho nenhum outro compromisso, por isso ficarei com vocês até

que me mandem embora.

— Tia Bia, nós temos dinheiro suficiente para alugar um quarto em Nova York? Patrick conhece bem a cidade, e, até tomarmos uma decisão sobre o futuro, talvez seja o melhor lugar para ficarmos, Lá eles não se importam com o fato de uma pessoa ser... negra.

— Pare com isso! — Beatrice ordenou. — Sua mãe tinha um oitavo de sangue negro. Nos outros Estados, você nem é considerada negra, Se quer, vamos para Nova York. De lá eu escrevo para John. Ele não precisa ficar sabendo de detalhes, só que não deu certo por aqui. Ele arrumará outra saída.

— John? — Patrick indagou, com fingida indiferença.

— Um amigo. Um velho e querido amigo, digno de toda a minha confiança.

Ele apertou os maxilares, mas reagiu com dignidade.

— Bons amigos são uma bênção de Deus, Ele deve ser uns homem e tanto para merecer, o seu carinho,

De novo a estranha luz iluminou os olhos de Beatrice, mas da logo voltou a atenção para a sobrinha.

— Está em condições de descer de novo, querida?

— Eu tenho de descer, não é? Não podemos ir embora sem agradecer ao nosso anfitrião...

Incapaz de dizer mais, ela deixou que Beatrice a ajudasse a se levantar.

Em silêncio, os três desceram a escada. Os dois mais velhos, conscientes apenas da garota entre eles, e Melody, reunindo toda a dignidade que possuía para enfrentar Breu. No rosto dele, tinha certeza de que só veria repulsa.

Na porta ele saía, ela parou e disse com firmeza:

— Preciso vê-lo sozinha, tia Bia,

— De jeito nenhum! Se...

— Eu preciso, tia. Brett deve estar tão arrasado quanto eu. A diferença é que tenho duas pessoas maravilhosas para me apoiarem, enquanto ele não tem ninguém. Vou falar com ele... se quiser me ouvir... depois podemos arrumar tudo para ir embora.

Brett estava em pé junto à lareira, os maxilares apertados, o corpo rígido.

— Nanny? — perguntou, ao ouvir a porta se abrir. — Não quero que me perturbem, agora... principalmente você. Já fez mais do que o suficiente.

— Não é Nanny. Mas eu vou embora, se quiser...

— Melody!

Uma mistura de medo, alegria e desespero cruzou o rosto dele. O coração de Melody disparou, e ela teve vontade de correr até ele e abraçá-lo como fizera depois do passeio de carruagem, Lembrando-se, no entanto, do modo como fora rejeitada naquela mesma sala, retraiu-se.

— Só vim me despedir. Partimos amanhã para Nova York. Sei que também vai achar que é o melhor.

— Não!

Ele avançou aos tropeções, a mão estendida diante de si, até que ela não pôde mais agüentar e encontrou-o a meio caminho.

— Ali, Melody! Perdão, querida. Perdão!

Foi um grito saído do coração. Emocionadíssimo, Brett abraçou-a com força, puxando-a para junto de si. Melody ergueu olhos para o rosto dele... e sentiu-se perdida. Não resistiu e erguendo uma das mãos, procurou-lhe os cabelos, afagando-os com carinho.

— Diga que não vai embora! Nunca tive carinho em minha vida, até você chegar. Prometa que não vai embora!

— Eu., eu prometo... — Ela fez uma ligeira pausa, prosseguindo depois, num tom mais firme: — Ninguém precisa saber. É como se eu não fosse... Pareço branca, Brett! I

— Ah, querida! Você pode ser tão branca quanto eu, mas os livros não levam isso em conta.

— Que livros?

— Os livros com a relação de escravos de St. Clare. Você deve estar relacionada como filha de Eleanora, uma escrava nascida de uma escrava e, portanto, propriedade de...

De repente, o rosto de Brett perdeu a cor, assumindo uma expressão de medo tão grande que Melody se assustou.

— Brett? O que foi, Brett? Eu não pertenço a ninguém! Sou inglesa. Meu pai era um lorde inglês!

Devagarzinho, como num sonho, ele meneou a cabeça.

— Seus pais não eram casados. Não poderiam ser, aqui. De acordo com a lei, você tem o status de sua mãe.

— Mas isso é errado! Desse jeito, Celine e eu... Não, não pode ser! Brett, eu preciso ir embora. Você não pode me pedir para ficar. Não agora!

— Celine não sabe, e eu posso fazer com que Nanny guarde segredo. Não posso deixar que vá embora, Melody. Tem sido tão bom ter você...

Melody fechou os olhos, um instante antes da boca de Brett encontrar a sua. Com um soluço, agarrou-se a ele.

Não era ali que sempre quisera estar? Não sonhara tanto em ser abraçada e beijada por ele? Então, por que seu coração não estava batendo forte? Por que não estava em fogo, ardendo por algo mais, além daquilo?

Brett ergueu a cabeça, parecendo confuso.

— Você me ama mesmo, Melody? Sentindo-se culpada, ela o beijou de leve.

— O que aconteceu foi demais para mim. É claro que eu o amo.

Com o rosto iluminado pela alegria, ele tentou puxá-la para junto de si, mas ela se afastou.

— Preciso de um pouco de tempo, meu querido. Tenho de falar com Patrick e tia Bia para dizer a eles que nós vamos ficar.

— Claro. Você precisa ser corajosa, Melody, e ter paciência. As coisas não mudaram tanto assim. No início eu fiquei chocado, mas quem não ficaria? Estava pensando em me casar com uma jovem e linda aristocrata inglesa, e acabo descobrindo que ela é... Mas isso não tem importância. Eu queria fazê-la minha, e descobri que você já é minha.

— Brett, por favor! — Um arrepio percorreu-a. — Preciso ver minha tia. Depois eu volto.

Beatrice e Patrick mostravam-se totalmente contrários à decisão de Melody, mas nada do que disseram fez com que ela mudasse de idéia.

— Eu não vou embora, e não adianta vocês insistirem — ela declarou com firmeza. — Brett pediu desculpas pelo que disse, levou um choque muito grande e... Ah, tia Bia, eu acho que ele me ama mesmo! Não posso deixá-lo agora.

O irlandês fitou-a com desaprovação.

— Espero que esse rapaz saiba a sorte que tem. Mas, se é isso mesmo que você quer, a primeira coisa que temos a fazer é dar um fim aos registros que a ligam a St. Clare.

— Brett falou num livro, com a relação de todos os escravos nascidos aqui, Devo pedi-lo a ele?

-Não, pequena. Apesar de sua confiança no rapaz, ele continua sendo um sulista, Eu encontro o livro sozinho, O tal de Wilkinson ainda vai levar uns dias para chegar, de modo que tenho tempo para virar a casa de ponta-cabeça, se for preciso.

O destino, no entanto, muitas vezes podia ser cruel e caprichoso. Ao entardecer do dia seguinte, Patrick ainda não havia encontrado o livro, e, em meio a uma nuvem de fumaça de um caro charuto de Havana, Eliott Wilkinson chegou a St, Clare, bem mais cedo do que se esperava.

Wilkinson cumprimentou Brett expansivamente, mas seu olhar percorreu o cômodo com um brilho avaliador, indo se deter em Melody e iluminando-se com genuína admiração.

— Não vai nos apresentar, si. Savage? Brett acedeu.

— A sra. Van der Veer... e a tia dela, lady Davenport da Inglaterra. O sr. O'Shaughnessy é amigo e acompanhante das duas. As damas são minhas...hóspedes,

Beatrice percebeu o espanto, avançou um passo, com um riso perfeitamente natural.

— Brett, assim você vai daí uma impressão completamente errada ao sr. Wilkinson! A culpa de estarmos aqui é minha, sr. Wilkinson. Meu querido irmão, já falecido pai da sra. Van der Veer, era muito amigo da mãe de Brett e passou algum tempo aqui, anos atrás. Ele gostou tanto que sempre tive vontade de vir também. Recentemente, tive a oportunidade de conhecer a América e resolvi passar por St. Clare. Eu não sabia que o sr. Savage tinha morrido, senão jamais teria vindo. De qualquer maneira, Brett me recebeu muito bem. Ele é a verdadeira imagem da tão famosa hospitalidade sulista!

Patrick levou a mão ao rosto, disfarçando um sorriso, e Melody baixou os olhos para o bordado que tinha nas mãos. Wilkinson estava inegavelmente fascinado. . — Espero que sua visita seja tão agradável quanto a de seu irmão, lady Davenport. Eu vim devido a negócios que tenho com o sr. Savage, mas agora minha visita será de prazer, também. — Por um instante, os olhos dele pousaram em Melody.

— O senhor é tão gentil! — exclamou Beatrice. — Mas agora vamos deixar o senhor e Brett entregues a seus... negócios, Que tal um jogo de gamão, Melody? Patrick pode observar. Não jogo mais com ele, depois do que me fez da última vez. Não foi nem um pouco cavalheiresco. Até o jantar, sr. Wilkinson.

No momento em que a porta se fechou atrás deles, Beatrice abandonou o

ar de futilidade e apertou os lábios.

— A biblioteca. Temos de encontrar o tal livro. Não tenho tanta confiança em Nanny quanto Brett.

— Por que não perguntamos a ela se sabe onde o livro está? — sugeriu Melody. — Nanny parece saber de tudo que acontece por aqui.

Beatrice hesitou, mas Patrick achou a idéia boa.

— Precisamos da ajuda dessa mulher. Se Melody é mesmo neta dela, Nanny na certa fará o possível para protegê-la. De qualquer maneira, precisamos ir embora amanhã. Por isso, se me dão licença, vou até à cidade tomar as providências necessárias.

— Está bem — disse Beatrice, cortando o protesto de Melody. Pela segunda vez em sua vida, experimentava uma sensação de perigo iminente. Da primeira, as consequências tinham sido trágicas...

Na biblioteca, ela tocou o sino, chamando Nanny. A mulher veio, bem devagar, o que muito a irritou.

— A senhora chamou?

Nanny parou logo ao entrar, o rosto completamente inexpressivo. Beatrice respirou fundo, mas foi Melody quem avançou alguns passos.

— Nanny, eu preciso da sua ajuda.

Os olhos escuros encontraram os cor de safira, suavizando-se um pouco.

— Você precisa ir embora daqui.

— Nós vamos, mas antes eu preciso de uma prova de que sou... quem você diz que sou. Existe um livro, com o nome de todos os escravos. Tenho de saber se meu nome está lá. É o meu futuro que se encontra em jogo, por isso não posso aceitar só a sua palavra. Você precisa entender, Nanny!

Quase com tristeza, Nanny assentiu.

— Ele a chamou de Melody. Lady Melody. Porque a relação deles era perfeita, harmoniosa como uma canção, e dela surgiu você. Eu estava lá. E disse a ele para levar você embora. Nunca soube o nome dele. Era "mister Alex", para todos. Não se portava como um lorde... mas era um cavalheiro. Eu lhe disse para fazer de você uma branca. E vi quando ele subiu no cavalo, com você embaixo do casaco, e foi embora. Você tinha os cabelos bem pretos e os olhos mais azuis que já havia visto. Era bonita, desde pequenina.

Melody sentiu as lágrimas chegando, mas insistiu.

— O sr. Wilkinson está aqui. Ele vai verificar os livros. Se Paul Savage não conseguir levantar o dinheiro para salvar St. Clare, a propriedade terá de ser vendida. Brett ficará sem ter para onde ir, e, se ninguém souber quem eu sou, posso ajudá-lo... ficar com ele.

As narinas da escrava fremiram.

— Eu vou ficar com ele, como sempre! Eu vou tomar conta dele. Eu e a minha Celine... como sempre! É melhor você ir embora. Além disso... — Nanny virou-se para a porta. — O sr. Wilkinson levou os livros, da última vez em que veio. Já tem uma lista de tudo que será vendido. Mas Celine e eu ficaremos. Você vai ver.

— Melody sentiu um arrepio quando Nanny — sua avó — saiu, fechando a porta atrás de si. Beatrice abraçou-a, e ela disse, com um sorriso sem esperança:

— Eu tentei.

— Claro, mas em todas as guerras há uma ocasião em que uma retirada faz parte da estratégia. Acho melhor ficarmos em nossos quartos até o jantar ser servido. — Ouvindo um barulho no saguão, Beatrice foi investigar. Ao voltar, estava com uma expressão bastante preocupada. — Eram alguns amigos do sr. Wilkinson, se é que podemos chamá-los assim. Pelo que vi, ambos usavam armas por baixo dos casacos.

Foi com alívio que Melody encontrou apenas Brett e Elliott Wilkinson na sala, ao descer para o jantar. Os dois se levantaram, sorrindo, e ela notou o quanto Brett estava tenso. Penalizada, foi até ele e segurou-lhe a mão, apertando-a com ternura.

— Vejo que vocês se tornaram grandes amigos. — Wilkinson sorriu, mas foi um sorriso que não lhe chegou aos olhos.

— É verdade — Melody admitiu, com uma dignidade que impedia qualquer tipo de comentário malicioso. — Chegou mais gente, Brett? Ouvi vozes, no saguão...

Wilkinson riu.

— São meus homens. Há um bando de escravos descendo o rio, para o leilão.

— Leilão?

— É. Normalmente, depois de caminhar alguns quilômetros,, os escravos não nos dão mais trabalho, mas desta vez estou pensando em comprar uns negros mais fortes para a lavoura, e eles são sempre rebeldes. Mas Isso todo vai

depende de como as coisas correrem amanhã, aqui em St. Clare.

— Como assim? — Brett protestou. — Você me deu até o fim da semana!

— Dei, mas para a casa e os cinco acres que a rodeiam. O senhor já me assegurou, em contrato, os escravos e o resto das terras. Essa parte eu já verifiquei, só me falta examinar os criados da casa. Se o seu primo não chegar com o dinheiro, vou juntar essa gente ao bando que será leilado. Eu lhe emprestei uma boa quantia de dinheiro e preciso dele, sr. Savage. Não estou sendo injusto, pois o que combinamos foi cumprido. Agora, é a sua vez de honrar sua palavra. Os escravos já são meus, e, se o senhor não puder me pagar o resto, aceitarei a casa e o resto. — Wilkinson olhou para Melody, e imediatamente deu um passo na direção dela. — Está se sentindo bem, madame? Ficou tão pálida, de repente!^

— Estou... É que... Toda essa conversa de comprar e vender pessoas...

— Ah, eles não são como a gente! Não passam de negros, e nós, sulistas, temos o direito divino de fazer comércio com eles. As próprias tribos deles fazem isso, o tempo inteiro. Essa gente não tem sentimentos como os outros povos. Acho que o sol afetou a cabeça deles, lá na África, e agora não tem mais jeito.

Salva de responder pela chegada de Beatrice, Melody sentou-se a mesa e procurou dominar a raiva,

— O seu... amigo não vai jantar conosco? — Wilkinson quis saber,

— Esta noite, não. — Beatrice sorriu para ele, como se não o desprezasse profundamente. — Patrick, como o senhor disse, é apenas um amigo, que tem outros amigos, além de nós. Esta noite vai jantar com uma amiga que tem sotaque de Luisiana e um pai muito influente. Uma combinação letal, o senhor não acha, sr. Wilkinson?

Melody nunca soube como conseguiu enfrentar o jantar e o resto da noite. Ao ouvir Patrick voltar, um pouco antes do amanhecer, suspirou de alívio. Só o fato de ele ser tão grande já serviria para diminuir os problemas que pudesse encontrar com Wilkinson e os homens dele.

O café da manhã foi tomado em silêncio, com Patrick tendo apenas tempo para lhes dizer, baixinho, que havia uma carruagem à espera deles, na fazenda vizinha.

— Os donos dessa plantação já alforriaram todos os seus escravos e fazem parte da associação que ajuda os fugitivos a chegarem ao norte. Se você não puder ir como sra. Van der Veer.

Melody, irá como escrava fugitiva, e nós estaremos a seu lado, cada passo do caminho!

Wilkinson desapareceu logo após o café da manhã, para inspecionar a casa e os criados, sem o menor respeito pela privacidade de Brett. Na sala de estar, a conversa tornou-se tensa, até que Melody se viu obrigada a perguntar:

— Brett... há alguma chance de que seu primo volte antes do fim da semana e com dinheiro suficiente para saldar a dívida de St. Clare?

Brett suspirou, tirando uma carta do bolso. Naquela manhã, parecia ter muito mais que seus vinte e sete anos.

— Esta carta chegou ontem. Geralmente peço a Nanny para ler minha correspondência, mas, devido à situação, desta vez não consegui.

Com dedos trêmulos, Melody pegou a carta e abriu-a. Nela, viu apenas quatro frases, escritas com uma letra forte e inclinada:

"Nenhum dos métodos legais deu certo. Parece que você tem poucos amigos. Ainda falta uma jogada, e creio que tenho um royalflush. De qualquer maneira, volto no sábado. Até lá, prometa a Wilkinson o que ele quiser."

Não estava nem assinada.

Melody ergueu os olhos para os rostos em torno de si, e seu coração apertou-se. Deixar Brett entregue àquilo, permitir que ele encarasse sozinho aquele monstro insensível!

— Não podemos fazer nada — Beatrice declarou de imediato, percebendo o que ia pela cabeça da sobrinha. — Além disso, há um certo perigo, aqui. Melody passaria por um mau pedaço se esse homem descobrisse o parentesco dela com Nanny.

— Mas ele não vai descobrir — Brett insistiu. — Ninguém sabe. Mesmo que Nanny diga alguma coisa, será a palavra de uma negra contra a de quatro brancos.

— Três brancos — Melody corrigiu, baixinho.

— Eu não vou permitir que vocês partam...

— Estão pensando em ir embora? — perguntou Wilkinson, da porta. — Assim, vou acabar pensando que minha chegada teve algo a ver com essa decisão.

Ele avançou, com um enorme livro sob o braço. Seu modo de andar e a silhueta corpulenta, um pouco gorda, fizeram as duas mulheres se lembrarem de Luther Hogge.

— Tenho alguns negócios a tratar em Nova York — Patrick improvisou —, e

as damas concordaram em me dar a honra de sua companhia, já que pretendiam mesmo partir logo. E os seus negócios com o sr. Savage, terminaram? Encontrou o que estava procurando? Eu andei cavalgando pelos arredores e posso dizer que tenho algum conhecimento das terras de St. Clare. Se puder ajudá-lo de alguma maneira... Wilkinson forçou um sorriso.

— Obrigado, mas não é preciso, senhor. — Ele se voltou para Brett. — Seus criados da casa são quase tão inúteis quanto os do campo. Não valem nada, a não ser por aquele rapaz, Sansão, e a mulata, Celine. Ela deve alcançar um bom preço.

— Não! — Brett ergueu-se de um salto, derrubando a mesinha que ficava ao lado de sua poltrona. — Você não pode vender Celine! Nem Nanny. Elas são tudo o que eu tenho! — Empalidecendo ainda mais, ele virou a cabeça na direção de Melody. — Você não disse que ia embora?

O olhar arguto de Wilkinson notou o modo como o sangue fugiu do rosto de Melody, tornando ainda mais evidente a expressão de sofrimento da moça, diante da traição de Brett.

— Não ligue para as palavras do sr. Savage, sra. Van der Veer — ele disse, sem esconder o desprezo por um homem que, aparentemente, não estava fazendo nada para reter aquela linda moça ao seu lado. — Todos os escravos serão vendidos, até a mulata Celine. Sou um homem de negócios, não um membro de uma sociedade filantrópica!

Nesse momento, a porta da saída de abriu de supetão, e Celine entrou, gritando:

— Eu não vou ser vendida! Ouvi atrás da porta. O senhor não vai me vender. Diga a eles, mister Brett! Diga que jamais venderá a sua Celine!

Houve um instante de silêncio chocado, enquanto a mulata os enfrentava, magnífica em seu medo e raiva, resplandecente em seu vestido de cetim vermelho, com os seios quase totalmente expostos pelo decote profundo.

Wilkinson passou a língua pelos lábios, depois seu olhar endureceu.

— Você não pertence ao sr. Savage, mocinha. Nunca pertenceu. Ele entregou todos os escravos relacionados neste livro como garantia de seu último empréstimo. Com a sua venda, vou ganhar o bastante para iniciar a plantação de algodão do ano que vem e até construir um ou dois celeiros.

— Eu não vou! — Celine soluçou. E ergueu os olhos para Melody, exibindo toda a força de seu ódio e ciúme por ela. — Mas, se é assim, quanto acha que vai conseguir por essa mulata? Quantos celeiros o senhor acha que ela vale?

Três pessoas falaram ao mesmo tempo, mas os olhos de Wilkinson apenas

se estreitaram, escondendo o choque que havia levado.

— Cuidado com o que diz, menina — ele avisou, baixinho. — Você já fez por merecer uma surra.

— Eu não estou mentindo! Essa "branca" orgulhosa é minha meia-irmã. Não ouviu mister Brett? Se ele não a tiver na cama, voltará para mim. É tudo igual. Uma negra branca é igual a uma branca de verdade, a única diferença é que sabemos mais truques. Pergunte a ela o nome da mãe dela. É Ereanora, como a minha. Nanny é a nossa avó. Pode ver!

Ofegante, cheia de ódio, Celine fitou Melody.

— Eu estava atrás da porta quando você descobriu que era negra. Agora, se conseguir ir embora, vai ser apenas outra escrava fugitiva. Você estava querendo tirar mister Brett de mim, com a sua fala macia e o seu jeito de mulher educada, mas agora eu quero ver!

As feições de Brett se contraíram.

— Eu devia ter vendido você rio abaixo há muito tempo, Celine! Deus me ajude, mas, se os seus novos donos não a matarem, eu mato!

Vagarosamente, Wilkinson foi até o aparador e abriu o livro. Cega pelo pânico, Melody quase fugiu, mas a tia abraçou-a, segurando-a com firmeza.

— Não é possível — Melody sussurrou. — Isso não pode estar acontecendo!

Wilkinson voltou-se, e sua expressão era tão repulsiva que Celine deu um passo atrás.

— Vocês quase conseguiram me enganar. Escondendo o melhor do lote, não é? O que é isso? Algum tipo de conspiração? Algo que vocês planejaram antes mesmo de eu chegar?

— Espere aí! — Beatrice protestou, dando um passo em frente.

— Espere você! Este livro diz: "Melody. Fêmea. Nascida de Ereanora", E todos nós sabemos o que essa Ereanora era. Em outro lugar, eu perderia esse negócio porque aqui diz que sua mãe tinha um oitavo de sangue negro, mas na Carolina do Norte você é negra e vai me dar um lucro extraordinário.

— Só se for por cima do meu cadáver! — Patrick berrou, avançando.

Mas a um grito de Wilkinson, a porta se escancarou e entraram dois homens armados.

O irlandês girou, cego pela zanga, mas Melody jogou-se na frente dele.

— Não, Patrick! Por favor, não faça isso por mim. Eles vão matá-lo!

— Uma garota sensata — Wilkinson comentou. E para seus homens: — Levem-no para o celeiro e amarrem-no. Quero que, fique lá, até este negócio estar terminado.

Patrick tentou reagir novamente, mas Melody tornou a implorar:

— Não, Patrick. Você é mais do que um amigo, e não quero que se machuque por minha causa. Poderá me ajudar mais, assim. Por favor, vá com eles.

— Não gosto disso! Não concordo em deixar você nas mãos desses nojentos, vendedores de carne humana! Ainda vou livrá-la deles.

Mas os olhos de Melody imploravam, e, meneando a cabeça, ele permitiu que o levassem.

— Agora... — Wilkinson soltou o colarinho. — Os outros vão para leilão, amanhã. Devem estar alimentados e descansados. — Olhou para Brett, que, junto à lareira, estava completamente paralisado. — O sr. Savage deve estar querendo que eu saia daqui, mas, se eu fizer isso, a garota vai passar a noite com os outros escravos, no celeiro. Se eu ficar, no entanto, ela poderá dormir no quarto dela. Sob a minha guarda, é claro. A outra garota também poderá ficar na casa, sob a guarda de um dos meus homens. A escolha é sua, senhor.

Brett levantou o rosto vagarosamente, e até Melody, apesar de sua agonia, sentiu o coração se apertar por ele. O rosto dele era a imagem do sofrimento.

— Se o senhor ou os seus homens derem à sra. Van der Veer motivo de queixa, esta noite, farei com que se arrependam pelo resto da vida, — Com um punho fechado ele bateu na palma da outra mão. — Não há nada que eu tenho, capaz de interessá-lo? Os lustres... livros... faça um preço, para libertar Melody. Está vendo? Nem menciono Celine e Nanny, e Nanny tem sido os meus olhos, há vinte anos. Não há nada, mesmo? Não posso nem apelar para a sua honra?

No início, Wilkinson não escondeu a raiva contra a ameaça de Brett. Depois, no entanto, seu olhar suavizou-se e foi num tom quase de tristeza que admitiu:

— Sr. Savage, não existe nada, nesta plantação, que tenha mais valor do que esta garota. Quase tudo que era seu já passou para as minhas mãos, e o resto mal dará o suficiente para saldar suas dívidas atuais. — Ele se virou para Beatrice. — Madame, se quer se poupar de um embaraço ainda maior, aconselho-a a voltar imediatamente para a Inglaterra.

— Embaraço?! — Beatrice explodiu. — Sr. Wilkinson, o que eu sinto é nojo do senhor e de todas as pessoas do seu tipo, gente que encara seres humanos como simples mercadoria! E sinto raiva, também! Raiva de mim mesma, por não

poder fazer nada para acabar com o horror que minha sobrinha está vivendo. Agora, com a sua licença, a sra. Van der Veer e eu vamos para o quarto dela, onde não teremos de suportar a sua presença.

Sem esperar resposta, Beatrice passou o braço pela cintura de Melody e levou-a para fora da sala. Junto à porta, os guardas, que tinham voltado do celeiro, avançaram para detê-las, mas diante do olhar faiscante da dama, hesitaram.

— Deixem que elas passem — Wilkinson ordenou, de imediato. ~~ Mas não permitam que saiam do quarto.

Os dois homens foram com elas para cima, postando-se de cada lado da porta do aposento de Melody.

— Não é certo tratar uma moça educada desse jeito — um deles comentou. — O que a senhora fez para o patrão? Geralmente, ele é mole com moças bonitas.

— Não, quando a moça é escrava e pode lhe dar lucro — Melody respondeu com amargura, passando por ele antes que as lágrimas começassem a correr novamente. — Tem de haver um jeito! Tem de haver! Isto não pode estar acontecendo! Estamos no século XIX, e sou Melody Van der Veer. Tem de haver uma saída!

— Temos vinte e quatro horas — murmurou Beatrice —, e ainda não fomos vencidas.

Fitando os olhos cinzentos da tia — olhos que a tinham visto passar pelas mortes do pai e da mãe, pelo assassinato de Hugh e pelas atenções repulsivas de Luther Hogge, para não mencionar a morte dele, por suas próprias mãos —, Melody foi tomada por uma forte determinação.

— Não é possível que eu não possa fugir! — exclamou. — Tem de haver um jeito, tia!

— Sem ajuda, será impossível. Em primeiro lugar, precisamos achar um meio de libertar Patrick. Em seguida, livrar-nos de Wilkinson e seus homens, que estão muito bem armados. Há uma outra alternativa, no entanto. Você se lembra do endereço na carta que o primo de Brett mandou?

— Não, mas a carta está comigo. Eu a coloquei no bolso, quando Wilkinson entrou.

Beatrice examinou rapidamente a missiva.

— Wilkinson não sabe das tentativas de Paul Savage para salvar St, Clare, por isso não está esperando nada desse lado. Você e Patrick são prisioneiros, mas

eu, não. Para ele, não passo de uma mulher fraca e desamparada, sem a menor chance contra três homens fortemente armados. Portanto, se eu fingir uma certa histeria e quiser dar um passeio de carruagem, para acalmar meus nervos abalados... não creio que ele me negue permissão.

— Mas a cidade de Raleigh não é perto daqui, e viajar sozinha é perigoso!

— Nada nos aconteceu a caminho de St. Clare, e o tal Paul Savage praticamente garantiu que conseguiria o dinheiro. O único problema é que não sei se Brett a ama o suficiente para usar esse dinheiro com você.

Um brilho de esperança surgiu nos olhos de Melody.

— A senhora mesma o ouviu oferecer a Wilkinson tudo o que tinha para me salvar. Creio que ele me ama, tia Bia.

— Bem, só há um meio de descobrir. — Aproximando-se da garota, Beatrice abraçou-a rapidamente. — Eu estarei de volta com tempo de sobra. Se Paul não tiver o dinheiro, darei um jeito de soltar aquele irlandês. Aí, sim, vamos ver a confusão! Ainda não estamos vencidas, minha querida. Somos inglesas. Já enfrentamos toda sorte de inimigos, neste mundo, e um insignificante escravagista não será obstáculo para nós. Você vai ver!

Melody riu, sem alegria.

— O que a Inglaterra e eu faríamos sem a senhora!

Com um sorriso encorajador, Beatrice deu-lhe as costas e foi até a porta, exigindo que a levassem até Wilkinson. Foi atendida imediatamente e, algum tempo depois, da janela do quarto, Melody viu-a passar, dirigindo uma carruagem leve, puxada por um velho pangaré. Aparentemente, Wilkinson não queria se arriscar, pois naquele veículo seria impossível alguém ir longe.

Ao chegar à encruzilhada, em vez de tomar o caminho para o norte, Beatrice tornou o do sul. Lembrando-se do que Patrick lhes dissera, sobre a carruagem esperando na plantação vizinha, Melody sentiu o coração disparar.

— Por favor, meu Deus, faça com que ela consiga! — pediu baixinho. — Por favor!

Durante as vinte e quatro horas seguintes, Melody viu suas esperanças morrerem e encheu-se de desespero. Recusou-se a sair do quarto, mesmo depois que seu "dono" deu-lhe permissão para tomar as refeições na companhia deles. Até Brett subiu para lhe dizer que seria tratada como uma dama, ganhando, com isso, o desprezo dos guardas, que já sabiam que ela não passava de uma "negra branca".

Afinal, quando a noite caiu, suas lágrimas secaram e ela tomou uma amarga decisão: se fosse vendida como escrava, tiraria a própria vida antes de se submeter a um homem. Iria para o leilão de cabeça erguida e mostraria a todos que estavam diante de uma dama inglesa, não de uma pobre coitada para ser usada e maltratada.

Assim, já meio atordoada pela fome, dominou o pânico em seu íntimo. E quando, afinal, sem Beatrice, foi chamada por Wilkinson, desceu para o saguão com a mesma dignidade com que Maria Stuart, rainha da Escócia, tinha seguido para o cadafalso.

Observando-a descer a escada, Wilkinson se perguntou, pela centésima vez, se não estaria enganado. Mas tinha a prova no livro e no juramento de Celine. E Brett, mesmo implorando pela liberdade dela, jamais negara que não fosse branca. No entanto, vendo a graça e a dignidade da jovem, ele não podia deixar de se questionar.

Melody não olhou para ele. Na verdade, parecia olhar através dele, e Wilkinson sentiu-se inquieto, pois não sabia que ela já entrara num outro mundo. Um mundo onde não podia ser atingida, onde escutava vozes, mas não entendia as palavras, via rostos mas não enxergava emoções. Naquela manhã, ela se vestira de luto, mas depois percebera a hipocrisia que seria usar a lembrança de Hugh para diminuir sua beleza.

— Sinto muito, querido, havia murmurado, acabando com aquela falsidade de uma vez por todas. — Eu queria tanto ter amado você!

Melody colocara seus vestidos na mala, junto com os de Beatrice. Dali em diante, usaria as roupas que seu novo dono escolhesse, provavelmente em cetim vermelho ou verde, que pareciam ser as cores preferidas pelos homens sulistas para suas concubinas. — Talvez ele seja bom para mim — pensara. — Talvez até me liberte, quando souber da minha história.

Mas sabia que essa era uma esperança inútil, que qualquer homem que pagasse uma grande quantia por uma escrava, moça e bonita, só podia ter um objetivo em mente.

A velha e gasta valise de seu pai também fora embalada com as coisas de Beatrice. Ela abraçara a boneca por um momento, antes de tornar a guardá-la no fundo da valise, enterrando junto sua inocência infantil. A folha do diário, onde estava escrito "Tudo acabado. Fiquei sabendo que ela foi vendida. Preciso dizer a Melody para não...", também fora relida. E sua mensagem se tornara, finalmente, clara.

Se pelo menos o pai tivesse lhe dito para não voltar à terra de seu

nascimento... Se pelo menos ele tivesse lhe contado a verdade, quando ainda se achava no seio de uma família amorosa...

Se pelo menos... Refletindo que era possível perder o mundo, lamentando o que poderia ter sido, Melody tocara o colar de contas que encontrara na valise e que devia ter pertencido a sua mãe.

— Eu gostaria de saber como você era, Ereanora, para que meu pai a amasse tanto...

Algo que ouvira Nanny dizer, quando Sansão lhe dera os pêsames pela morte da filha, voltara-lhe à mente:

— Minha Ereanora nunca vai morrer. Ela está sempre comigo. O bem e o mal são capazes de nos procurar e alcançar. Ereanora sempre será capaz de me encontrar.

Seria verdade? Seria mesmo possível que o mal... que Luther Hogge...

— Não! — Melody gritara, nesse ponto. — Não vou pensar em nada que possa me angustiar! Vou me concentrar num campo... na primavera... com a relva balançando sob a brisa... meu pai e eu cavalgando... rindo... — Fechara os olhos. — Assim é melhor. Aqui, ninguém pode me atingir.

No fim, ela havia colocado um vestido preto, de veludo, com pérolas espalhadas pela saia, como estrelas no céu noturno. Um colar de pérolas realçava a luminosidade de sua pele, revelada pelo decote baixo, e um pente enfeitado com pérolas prendia-lhe os cabelos. Um manto negro completava a toailete, dando-lhe um ar principesco e distante, o que reavivou as dúvidas de Wilkinson, quando ele a viu descendo a escada.

Aquela criatura não podia ser do mesmo sangue de Celine, que acabava de ser jogada no carro dos escravos, gritando, xingando e esperneando. Nanny veio-lhe a mente, então, e foi essa lembrança que afastou suas dúvidas. Nanny portara-se com inegável dignidade, preocupando-se o tempo todo com a neta inglesa e o amo cego. Fora isso que fizera Wilkinson se lembrar da própria babá, uma negra enorme e carinhosa, que muitas vezes o consolara, na infância. No fim, não resistira e concordara em deixar Nanny para trás. Afinal, ele era um cavalheiro e podia se dar ao luxo de um gesto desses com Brett Savage, que nem uma vez tentara usar a terrível deficiência física para chantageá-lo e convencê-lo a libertar Melody.

E agora, algo na postura da moça parada diante dele levou-o a ceder ainda mais.

— Estava na minha carruagem — disse aos outros. Esperava um gesto ou

mesmo um olhar de gratidão, mas a jovem parecia esculpida em pedra. Nada manifestou, a não ser quando Brett saiu aos tropeções da sala de estar, jurando:

— Eu vou trazer você de volta, Melody! Ainda não sei como, mas vou conseguir a sua liberdade. Vou pensar em alguma coisa!

Ela se voltou então, dizendo com uma calma assustadora: — É bom pensar depressa, Brett, porque eu lhe garanto uma coisa não vou viver um único dia depois do leilão. Todos se arrepiaram, vendo-a virar-se e, de cabeça erguida, caminhar para a porta.

CAPÍTULO IX

Os leilões de North Fork não eram dos maiores, mas atraíam compradores até de fora do Estado, por oferecerem preços melhores do que os das outras cidades. Com a alta do algodão, no ano anterior, um escravo de primeira linha, para trabalhar na lavoura, podia custar até mil e quinhentos dólares, enquanto crianças entre dez e catorze anos podiam alcançar a metade desse preço. Os escravos de St. Clare foram separados e arrumados de acordo com sua categoria. Os mais fortes tiveram os corpos cobertos de óleo, os dentes esfregados com um graveto e os cabelos penteados. Os homens receberam calças novas, e as mulheres, um vestido de algodão engomado, com ordens de sorrirem o tempo todo. Os mais fracos foram simplesmente vestidos com as roupas que já tinham e avisados para não causarem problemas, se não quisessem sentir o gosto do chicote.

Dentro da redoma em que fechara sua mente, Melody não viu nem ouviu a degradação que ocorria em torno de si, como os escravos, principalmente as mulheres mais atraentes, sendo despidos e examinados minuciosamente, como se não passassem de animais. Os gritos das crianças pequenas, sendo separadas das mães, não a alcançaram, embora isso ocorresse inúmeras vezes, pois a Carolina do Norte não era como os outros Estados, que não permitiam que uma criança de menos de dez anos fosse tirada da mãe.

Wilkinson manteve-se na carruagem até o último momento. Enquanto ela esperava, ele conseguiu um ótimo lucro com Celine. A mulata lutou o quanto pôde para escapar do palanque de vendas, mas no fim, com o vestido rasgado até a cintura, foi dominada e amarrada a um poste de madeira. Assim que viram seus seios bem feitos, os compradores se entusiasmaram, subindo as ofertas até cinco mil dólares. Gritando e esperneando, ela foi levada para a carruagem fechada de um homem da Carolina do Sul, que ainda não sabia como convenceria a esposa de

que precisavam de outra criada para a casa. A mulher era conhecida por sua crueldade com os escravos, e até os homens de coração mais empedernido, ali, sentiram pena da garota.

Wilkinson voltou-se então para Melody, e de novo as dúvidas o assaltaram. Ela não dissera nada, desde a saída de St. Clare, e parecia totalmente inconsciente do que ocorria em torno.

— Sua vez, menina — ele disse baixinho, escondendo o desconforto. Quase contra a vontade, adiantou-se e ajudou-a a descer dia carruagem, conduzindo-a por entre os bancos onde se sentavam os plantadores.

Um murmúrio se elevou da multidão, e quando Melody registrou o tom baixo bestial, um brilho diferente surgiu em seus olhos cor de safira. Mesmo assim, manteve a dignidade.

— Para cima — Wilkinson mandou, colocando-a sobre o palanque.

O murmúrio cresceu, pois cada homem, ali, estava sendo tomado pela mesma dúvida de Elliot Wilkinson. Melody deu um passo para a frente, o manto apertado em torno de si, os cabelos esvoaçando levemente sob a brisa, o olhar distante vendo apenas o campo onde costumava cavalgar com o pai.

Sentindo o mal-estar da multidão, o leiloeiro apressou-se em gritar:

— Uma beleza rara, cavalheiros! Um prêmio, sem dúvida! Algo que, provavelmente, nunca mais verão: uma negra de olhos azuis! De acordo com os livros de seu proprietário, essa beleza é filha de um homem branco com uma mulata de um oitavo de sangue negro. A tataravô dela era uma princesa de Guiné. O pai, segundo dizem, era um lorde inglês. Que ela tem sangue nobre qualquer um pode ver, só de olhar. E não foi maravilhosa a natureza, criando uma negra branca de olhos azuis? Sorte nossa, que a temos hoje aqui! — Ele fez uma ligeira pausa, antes de acrescentar: — Creio que podemos poupar tempo e começar com um lance de dois mil dólares. Quem dá mais?

Os lances subiram, em segundos, a quatro mil dólares. Então, o leiloeiro arrancou a capa dos ombros de Melody, despedaçando a redoma em que ela se encontrava e fazendo-a encarar o horror que vivia, enquanto os lances subiam cada vez mais.

— Não! — ela gritou, erguendo as mãos.

Uma ordem rápida, e dois homens pularam para a frente, agarrando seus pulsos e prendendo-os nas costas, com grilhões de ferro. Obviamente, o leiloeiro não queria se arriscar a nada. Os angustiados olhos cor de safira percorreram a multidão, conscientes, afinal, do desejo brutal expresso nos rostos voltados na

sua direção.

— Tem certeza de que ela é negra? — perguntou um dos homens.

Enojada, Melody virou a cabeça na direção dele... e viu Beatrice Davenport.

— Não! — rebelou-se, ao notar os olhos lacrimejantes da tia. — Não quero que você veja isso!

Mas ninguém a ouviu. Todos estavam atentos às palavras do leiloeiro.

— Há dois modos de ver se uma mulher é negra — ele explicava. — Geralmente elas têm uma linha azul na base das unhas, mas, quando o sangue é tão diluído quanto o desta moça, há um jeito melhor de verificar. Vocês viram a irmã dela, agora há pouco. Viram os seios, lindos, com as pontas de um marrom bem escuro. Numa negra, as pontas são sempre assim, por mais brancas que elas pareçam.

Melody tinha os olhos fixos no rosto pálido da tia, pois sabia que, se perdesse aquele traço de união com a sanidade, acabaria se descontrolando. Logo viu Beatrice virar-se e falar, aflita, com o homem ao lado dela.

— Muito bem, estou vendo que não ficarão satisfeitos até eu provar que ela é negra! — o leiloeiro gritou. — Cavalheiros...

Dedos duros começaram a puxar os ombros do vestido. Foi quando uma voz ressoou:

— Isso não será necessário!

Melody voltou o olhar para o homem ao lado de tia Bia e oscilou nos próprios pés, tão cega pela intuição instantânea quanto se tivesse sido atingida por um relâmpago. Vagamente, ouviu o urro feio de protesto da multidão, privada de seu prêmio. No minuto seguinte, Paul Savage — pois só podia ser ele o homem alto, arrogante e com uma cicatriz marcando o rosto altivo — adiantou-se.

Com um ar quase negligente, ele segurava, numa das mãos, uma espingarda de dois canos serrada, e, na outra, uma bolsa de couro bastante grande. Um Colt Walker estava preso à sua cintura e os que olharam para baixo notaram o cabo de uma faca de lâmina longa, aparecendo de uma de suas botas altas. A multidão se abriu para deixá-lo passar, os homens deslizando ao longo dos bancos para dar-lhe mais espaço, embora ele não olhasse para os lados ao se aproximar. Seu olhar percorreu Melody da cabeça aos pés, e uma ruga surgiu entre suas sobrancelhas

escuras.

— Dez mil dólares devem satisfazer o seu cliente — disse ao leiloeiro, com firmeza.

— Sim... sim, senhor — o homem balbuciou. Em toda sua vida, nunca vira tanto dinheiro ser dado em troca de uma escrava.

— Solte-a, então!

Em segundos, Melody foi libertada. O estranho inclinou-se para pegar seu manto, enfiando-o em suas mãos trêmulas, e nesse instante seu olhar encontrou-se com o dele. Paul Savage tinha a pele queimada de sol, quase da cor de mogno, os cabelos escuros e longos o bastante para cobrir-lhe o colarinho, mas foram os olhos dele que tiraram o fôlego de Melody; castanho-escuros, quase negros, eles expressavam uma raiva intensa.

— Cubra-se — ele ordenou. — A carruagem está lá. — E virou-se, os ombros largos abrindo caminho entre a multidão.

Prestes a romper em lágrimas, Beatrice correu para ajudar a sobrinha a colocar o manto, murmurando palavras de conforto e assegurando que o pesadelo chegara ao fim.

— Nós só chegamos agora há pouco, porque tivemos de ir a St. Clare antes. Brett estava completamente fora de si, insistindo para que o primo a comprasse a qualquer custo, mesmo que isso o deixasse sem dinheiro. Mas agora, venha, meu bem. Vamos sair daqui.

Elas já caminhavam para a carruagem, quando um homem vestido inteiramente de negro, com um chapéu de abas largas sombreando suas feições cavernosas, colocou-se diante de Melody e perguntou:

— Por acaso é a sra. Vau der Veer?

Havia urna estranha maldade nos tons sibilantes, e Melody recuou um passo.

— Sou, sim. E o senhor? Posso saber quem é? O homem sorriu de leve.

— O meu nome não interessa, por isso é melhor esquecer que me viu... por enquanto.

Com um gesto de cabeça e um olhar arrepiante, ele se voltou e desapareceu na multidão.

Melody foi tomada por um mau pressentimento. Quem seria ele? E o que poderia querer com ela? Tremendo continuou em direção à carruagem, amparada pela tia. Não olhou para o homem que a comprara, mas sentiu a mão dele sob o cotovelo ajudando-a a subir.

— Vejo vocês em St. Clare — ele disse ao cocheiro.

Logo em seguida, Melody ouviu o barulho dos cascos de um cavalo a galope,

sumindo na distância.

Na viagem, o estranho sinistro do leilão foi esquecido, com Beatrice contando-lhe como conseguira chegar a seu salvador. Ele não estava no endereço da carta nem era esperado de volta antes de vinte e quatro horas. Tomada pelo desespero, Beatrice o procurara em bancos e bares, abordando cavalheiros e bandidos.

— Ah, tia Bia! — Melody exclamou, em certo ponto da narrativa. — O que a senhora não deve ter sofrido!

— O meu sofrimento não foi nada, comparado com o seu. Ainda bem que está tudo acabado. Paul Savage conseguiu levantar cinco mil dólares... nem sempre de forma legal, pelo que entendi... e juntou-os aos oito mil que já tinha, trazidos da Nova Zelândia. Naturalmente, a lealdade dele era para com Brett e St. Clare, mas Brett jurou que preferia perder tudo que possuía a permitir que você fosse vendida como escrava. Ele se culpa por tudo que aconteceu e não pára de se amaldiçoar pela própria covardia.

— Então, agora, eu pertencço a Paul Savage.

— Não! Não vai ser assim. Ele é um homem estranho e silencioso, mas, na minha opinião, muito bom. Todos sabem o que pensa da escravidão. Vai dar tudo certo, você vai ver. — Beatrice olhou pela janela da carruagem. — Chegamos. Vamos esclarecer logo este negócio para ficarmos em paz.

Assim que a carruagem parou, a porta foi aberta com um safanão e Melody se viu nos braços de Patrick O'Shaughnessy.

— Graças a Deus você está salva! Não sabe quantas vezes eu me xinguei por não ter enfrentado aqueles sujeitos, com ou sem armas!

Gentilmente, Melody tocou-lhe o rosto.

— Eles o teriam matado, e isso eu não haveria de querer, por nada no mundo. Brett está lá dentro?

Patrick concordou, soltando-a. E, enquanto ela corria para interior da casa, ajudou Beatrice a descer.

— Você está cansada e coberta de poeira das suas viagens. Quando é que vai parar de passear de um lado para o outro se acompanhante, mulher?

Seus olhares se encontraram, e Beatrice sorriu.

— Eu só faço isso para amolar você, Patrick.

— Mas que mulher irritante! Será que vai ser sempre assim? — Sua mão cobriu a dela por completo, revelando, sem palavras, a angústia que ele havia

suportado.

— Sempre é muito tempo, mas eu continuarei a ser como sou até alguém me mudar.

Com um sorrisinho enigmático, Beatrice soltou a mão e entrou na casa. Na porta da sala de estar, deteve-se abruptamente, sentindo a tensão no ar. Brett estava em sua poltrona, enquanto Paul dava as costas para as janelas meio fechadas, o corpo forte delineado pela luz fraca do entardecer. Melody encontrava-se ao lado de Brett, mas correu para a tia assim que a viu.

— Pensei que você tivesse dito que este... este sr. Savage era um abolicionista! — explodiu, num tom tempestuoso.

— Nunca tive escravos na minha vida — esclareceu com aspereza o homem junto à janela. — Mas também não acho certo doar oito mil dólares meus a qualquer estranha que precise deles. Meu primo pode fazer o que quiser com o dinheiro que levantei em Raleigh, porque é dele. Você, no entanto, me pertence legalmente. Mulata ou dama inglesa, para mim é tudo a mesma coisa. Pode pagar sua dívida agora, em dinheiro, ou saldá-la com trabalho, nos campos da minha fazenda ou na minha cama. A escolha é sua.

— Como se atreve! — Melody gritou, os olhos faiscando, enquanto Brett se levantava da poltrona.

— Se eu pudesse ver, faria com que você engolissem essas palavras!

O homem junto à janela explodiu, avançando para eles com as passadas ágeis de um tigre.

— Não me tentem, vocês dois! Francamente, sempre dei mais valor à experiência que ao entusiasmo, em ambas as situações, e a sra. Van der Veer parece não ter nem uma, nem outro. Eu admito a necessidade de viajar milhares de quilômetros, hipotecar minhas propriedades até o tóco e fazer negócio com homens dos quais, normalmente, não me aproximaria de jeito algum, para salvar o seu lar, Brett, mas não vou desperdiçar o meu dinheiro comprando-lhe um brinquedo bonito!

Brett apertou a bengala, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa Melody enfrentou seu inimigo, exibindo uma fúria tão grande quanto a dele.

— Você não pode falar assim...

Uma exclamação abafada escapou de sua garganta, quando dedos de ferro agarraram um de seus pulsos. Brutalmente, o homem ergueu-lhe a mão e forçou-a a abri-la.

— Esta não é a mão de uma enfermeira acostumada a usar lixívia todos os dias. — Ele escorregou a mão para o braço. E não há, aqui, os músculos de uma escrava do campo ou da casa. Que trabalho você andou fazendo, então? Também não é professora, mesmo supondo que meu brilhante primo precisasse de uma.

Melody começou a lutar para se libertar... e percebeu, ao mesmo tempo que ele, que seus corpos haviam se encostado durante o conflito. E agora ali estavam, veludo contra aço, seu coração disparado de encontro ao peito masculino, e a respiração dele, alterada pela zanga, banhando seu rosto. O tempo parou quando seus olhares tempestuosos se encontraram, e relâmpagos brilharam entre eles.

— Você não vai me contrariar — ele murmurou, num tom enrouquecido. E soltou-a, dando-lhe as costas. — Já tomei minha decisão, e não há mais nada a ser dito.

— Há, sim! — Beatrice retrucou. — Nós lhe devolveremos o dinheiro. Uma carta leva um mês para ir à Inglaterra e voltar. Se puder nos agüentar por esse tempo, terá seus oito mil dólares de volta, mais os juros que quiser.

— Não, tia Bia— Melody disse, de imediato. — John já fez muito por nós, para lhe pedirmos mais isso. Eu... eu estou crescendo depressa, tia Bia, e esta é a minha vida. Se saiu da Inglaterra e está nesta situação, a culpa é minha. Eu sou... — Ela quase engasgou, nesse ponto, mas continuou: — Se souberem que sou uma negra, em... em casa, o nome Davenport estará desonrado. Foi por isso que meu pai nunca contou a ninguém. Não sei se lembra, tia Bia, mas alguns dias atrás eu estava pronta a trabalhar nos campos, por outra causa. Quando deixei a Inglaterra, deixei também para trás tudo o que me era querido, menos a senhora. Agora, parece que vou ter de perdê-la, e nada pode ser pior que isso. Nem mesmo viajar para o outro lado do mundo!

Beatrice fitou-a com angústia, enquanto Paul a examinava com ar especulativo, E foi a ele que Melody se dirigiu, em seguida.

— O senhor diz que não acredita em escravagismo, sr. Savage, mas acaba de comprar uma escrava. Como me deixou escolher, prefiro trabalhar nos campos. Vou trabalhar até meus dedos sangrarem, se for preciso, e pagarei o que lhe devo muito antes do que imagina. Apesar de ser um abolicionista, sr. Savage, o senhor agora é dono de uma negra branca. Entenda-se com a sua consciência... se é que tem uma!

Ela teve a impressão de ver um brilho de respeito surgir nos olhos escuros, mas logo Paul virou-se para o lado sorrindo sem alegria.

— Pode deixar, eu me entendo com a minha consciência. Não há dúvida de que você tem coragem... para uma mulher que se diz escrava.

De novo Beatrice interferiu, quase em lágrimas diante da aparente indiferença do comprador de sua sobrinha.

— Você... você não pretende destruí-la por causa disso, não é?

— Não tenho vontade nem necessidade de fazer isso, lady Davenport, mas, se não houver aço debaixo dessa pele sedosa, meu país fará isso por mim.

— Seu país não destruiu o senhor — Melody murmurou — e não vai me destruir. Vou aprender a capinar, arar e semear, tirar leite de vacas, apanhar algodão ou seja lá o que for que vocês plantam, naquela terra esquecida de Deus. — Virou-se para a tia. — Muitas vezes duvidei da minha força, mas agora não duvido mais. Vou sobreviver, e depois, com a ajuda de Deus, irei ao seu encontro e começaremos tudo de novo.

— Paul, você não pode fazer isso! — Brett gritou de repente, a voz cheia de emoção. — Melody não vai agüentar! Mesmo tendo se acostumado com os trabalhadores nativos e perdido a noção do que é uma dama, não pode submetê-la a isso!

— Chega! — Paul rosnou. — Não vou permitir que se rebaixe deste modo por uma mulher, mesmo sendo linda. Pela aparência física da sra. Vau der Veer, posso lhe garantir que ela não está a ponto de morrer. Ela vai comigo para a Nova Zelândia, e a vida que tiver dependerá, em grande parte dela. Nunca perdi um dos meus trabalhadores por maus tratos, mas Windhaven não é lugar para mulheres choronas e fracas. Coisa da qual você também não precisa, para sermos francos!

Melody sentiu uma vontade enorme de esbofetear e arranhar aquele rosto arrogante, deixando outras cicatrizes sobre a pele morena. Mas limitou-se a murmurar, numa voz trêmula de indignação:

- Até hoje, eu não sabia o que é odiar uma pessoa! Nesse momento, a porta da sala abriu-se bruscamente e Patrick entrou.

— Graças a Deus o pior já passou. Como está se sentindo, Melody? Está bem mais corada. Você e Brett vão para a Nova Zelândia, não é, Paul? E nós, minhas senhoras? Quais são nossos planos?

Tão zangada quanto a sobrinha, Beatrice respondeu:

— Não temos muita escolha. Melody irá para a fazenda do sr. Savage, como... como escrava do campo, uma vez que, no momento, ela pertence a ele. Eu, naturalmente, irei junto. Tenho jóias suficientes para pagar minha passagem e alojamento.

O irlandês fitou-a por um instante, depois explodiu:

— Vai, coisa nenhuma! Pensei que você fosse um homem de honra, Paul Savage!

— Também sou um homem de negócios e não gosto de desperdiçar o meu dinheiro, ganho à custa de muito suor. A sra. Van der Veer será tratada como um investimento caro e com todo o respeito que desejar, o que é mais do que merece. Tenho dois mil e quinhentos dólares, que serão quase todos gastos nas passagens dela e de Brett.

— Não tenho intenção de ir com você — Brett anunciou, zangado. — Prefiro me arrumar sozinho a ver uma dama tratada como você pretende tratar Melody!

— Você? Sozinho? — Desprezo e uma certa dose de preocupação cruzaram o rosto de Paul. — Você não tem dinheiro nem cabeça para isso, Brett.

— Ele pode ficar — Patrick decidiu de repente, enfrentando o olhar de Paul. — Nós lhe devemos oito mil dólares, certo?

-- A dívida é minha, Patrick — Melody corrigiu.

— Seus problemas passaram a ser meus também, desde a primeira vez em que nos vimos. — Ele sorriu da determinação nos olhos dela. — Você mesma disse que nós três somos mais do que amigos, e eu vou assumir uma parte dessa dívida, mesmo que a teimosa da sua tia não queira.

Então, voltando-se para Paul, ambos veteranos de guerra em todo o sentido da palavra, Patrick acrescentou:

— Pagarei os seus oito mil dólares, e você não me perguntará de onde os tirei. Combinado?

— Combinado.

— Enquanto isso Brett fica comigo. Tenho amigos... Não são do tipo que eu apresentaria a um cavalheiro, mas tomarão conta dele, sem indagações. Além disso, Nanny pode ir junto.

Paul fitou-o, adivinhando a intenção do irlandês, antes mesmo que ele falasse.

— Eu lhe dou minha palavra, Paul Savage, de que ele será bem cuidado... tão bem cuidado quanto as minhas duas damas.

A ameaça estava implícita, e Paul apertou os lábios, mas foi num tom despreocupado que concordou:

— Está bem. Mas eu gostaria de conhecer esses seus amigos, se não faz objeções.

— Eles vivem em Natchez. Fora do seu caminho, se pretende tomar o barco.

— Posso dar uma volta. Quanto a esses seus amigos... deduzo que moram na parte baixa da cidade, Under-the-Hill.

— Não faço amizade com gente que mora na parte alta, On -the-Bluff.

Melody aproximou-se de Patrick, segurando-o pelo braço.

— Eu posso imaginar a diferença, mesmo sem conhecer a cidade. Apesar de tudo que aconteceu, não quero que Brett...

— Brett?

— Sim, Patrick?

— Você me confiaria sua vida, garoto?

Brett sorriu,

— Se está querendo me tomar como refém, para que Melody e lady Davenport sejam bem tratadas, pode contar comigo. Em todo caso, acho que está enganado com meu primo. Apesar do modo como ele se comporta, creio que é um homem de palavra.

— Não preciso de suas referências, Brett — Paul disse, com aspereza. — Patrick, as cartas estão sobre a mesa. Pode levar Brett para Natchez. Mas primeiro, como eu já disse, quero conhecer esses seus amigos.

Melody fitou os dois homens, ciente da força e da raiva contida de ambos. Sabia que Patrick não faria mal a Brett e não deixaria que outros fizessem, mas não estava tão certa quanto a sua própria segurança. Lutando para esconder o medo, perguntou a Paul:

— Agora que não tem mais de pagar a passagem de Brett, vai pagar a de tia Bia Ou ela deve ir à cidade cora Patrick para vender algumas jóias?

O olhar de Paul percorreu o vestido de veludo que ela usava, detendo-se por um instante nas rendas do corpete, que lhe escondiam os seios.

— Eu pago a passagem dela. Mas você vai precisar de outro tipo de roupas, para a fazenda. Pode comprá-las em Wellington, que é uma das nossas maiores cidades. Mas não se descarte das roupas que tem. Meu país não é totalmente incivilizado.

Curvando-se ligeiramente diante de Beatrice, ele girou nos calcanhares e saiu.

— O país dele! — Melody explodiu. — A terra dele!

— Uma terra selvagem, sem dúvida — Patrick concordou. — Mas eu tiro vocês de lá antes de um ano. E vou levá-las para um país de paz, tranquilidade e rara beleza. Isso eu juro!

Mas nem mesmo o experiente O'Shaughnessy poderia prever que, na terrível primavera que viria, aquela terra de rara beleza seria destruída para sempre, em consequência de um tiro que ressoaria por todo o mundo. Um tiro dirigido a uma insignificante pilha de pedras, chamada Fort Sumter.

CAPÍTULO X

No dia seguinte ao do leilão, Paul encontrou Melody na biblioteca, lendo um livro de sonetos de Shakespeare. Ela se levantou imediatamente, pondo o volume de lado.

— Desculpe. Eu já sei que uma escrava não tem permissão para ler.

Um músculo contraiu-se no queixo forte.

— Você... Ouça, quero que me entenda... Não tenho escravos e não os teria, mesmo que a escravidão não tivesse sido abolida nas colônias, em 33. Você é uma empregada e, quando chegarmos à Nova Zelândia, terá direito a um salário, que ficará comigo até sua dívida estar paga. Vou mandar fazer um contrato nesse sentido.

— No que me diz respeito, não faz a menor diferença. Você me comprou num leilão de escravos. Eu lhe pertencço, neste país, e serei sua criada, no outro. Pode usar as palavras que quiser para acalmar sua consciência. Eu continuo sendo uma escrava.

Os olhos dele se ensombreceram. Então, as regras do jogo tinham sido definidas. Pois que assim fosse.

— Eu não tenho consciência, quando contrato criados. Quanto ao livro, pode ler à vontade. Na verdade, vários deles foram meus, no passado, e irão comigo para a Nova Zelândia, como o que está lendo.

Paul adiantou-se para pegar o exemplar, e instintivamente Melody recuou.

— Não precisa ter medo de mim, sra. Van der Veer. Se quiser, repito o que disse antes: você e sua tia serão tão bem tratadas quanto quiserem. Por enquanto, aceito o fato de que está de luto e não quer a minha companhia. Não precisa saltar como um animalzinho assustado cada vez que eu chegar a menos de dois metros de você.

— E quando estivermos em Windhaven? Também vai ser assim? — Melody perguntou, odiando o medo que fazia sua voz tremer.

— Você fez sua escolha, e só se mudar de idéia eu mudarei minha atitude. Enquanto isso... — ele abriu o livro numa determinada página — ... já que faz tanta questão de se considerar escrava, aqui estão algumas regras que pode seguir... A número cinquenta e sete começa assim: "Sendo sua escrava, que mais poderia fazer senão cuidar..."

O medo de Melody dissolveu-se em raiva, e só quando pegou o livro, jogando-o sobre a cadeira, percebeu que Paul estava, deliberadamente, caçoando dela.

— Você fica ainda mais linda quando está zangada, mas a zanga é uma emoção difícil de se manter por, muito tempo. Cansa demais.

Depois disso ele saiu, deixando-a louca de raiva.

Foi a raiva que a sustentou, durante o jantar. Uma refeição pobre, já que todos os escravos tinham ido embora e, antes de sair, cheios de desespero, haviam jogado fora a maior parte da comida. Foi naquela noite, também, que ela teve o primeiro dos pesadelos que a atormentariam durante muitos anos.

Assim que o jantar terminou, Melody pediu licença a Paul para se retirar.

— Claro — ele respondeu. — Temos mesmo uma longa jornada pela frente.

Exausta física e mentalmente, ela se deitou logo, caindo num sono inquieto. Virou e revirou na cama, gemendo baixinho quando, em seu sono, os pesadelos começaram a se misturar com a horrível realidade de seu passado.

Estava novamente sendo leiloada, diante daquele mar de rostos masculinos, só que desta vez com o corpo coberto apenas pelos cabelos negros, que lhe caíam até a cintura. De repente, do meio da multidão saiu Luther Hogge, uma figura sombria e marcada por cicatrizes, tão apavorante na morte quanto fora em vida. Ela não conseguia se mover, vítima de uma força além de sua compreensão. Tentou gritar, mas nenhum som saiu de sua garganta. Ele subiu no palanque e, sorrindo, comunicou-lhe que não estava morto e viera para levá-la como escrava. Ela sentiu as mãos dele pousarem em seu corpo, fazendo coisas depravantes que nunca imaginara pudessem existir. Enojada, gritou novamente, um grito agudo e animalesco que cortou a escuridão...

Na sala de estar, o grito inumano e agoniado fez com que todos se levantassem.

— Meu Deus! — Brett exclamou. — O que foi isso?

Paul já se dirigia à porta, mas Beatrice o deteve com uma exclamação súbita:

— Não! Você é a última pessoa que tem direito de entrar naquele quarto, apesar de ser dono dela. Melody está tendo um pesadelo, e Deus sabe que ela já passou por horrores suficientes para justificar isso.

Assim dizendo, ela empurrou Paul para o lado e correu para a escada. Ele seguiu-a com um olhar especulativo. Sem dúvida, havia ali problemas mais graves do que imaginara. Em sua mente, reviu a garota sendo leiloada e sentiu de novo a emoção esmagadora que o assolara, tornando-o presa de um desejo tão bestial quanto o dos outros homens lá presentes. Ele também quisera ver o corpo bem-feito revelado. Mas as mãos de Beatrice Davenport, agarradas a seu braço, tinham-no trazido de volta à realidade, e ele dera um passo para a frente, voltando ao mundo civilizado.

Respirando fundo, Paul comentou:

— Pelo menos, eles não levaram o brandy. Quer outra dose, primo?

No quarto acima deles, Beatrice abraçou Melody, enquanto ela contava, entre soluços, seu horrível pesadelo. Nada podia fazer pela sobrinha, a não ser ouvir, pois uma situação daquelas estava além de qualquer consolo e só acabaria com o tempo.

Durante os dias seguintes, quando iniciaram a longa viagem a Natchez, Melody foi se recuperando. Ajudada pela força de Patrick e o humor cáustico de Beatrice, conseguiu preservar a sanidade e ignorar a presença de Paul Savage. Ele mesmo ajudou-a nisto, cavalgando à frente da carruagem, sempre que possível, e sentindo-se à parte quando paravam para dormir, as feições sombrias e satânicas à luz da fogueira.

De vez em quando, ele e Patrick conversavam em voz baixa sobre o passado, e o irlandês foi perdendo a raiva que demonstrara em St. Clare. Brett, no entanto, não conseguia se adaptar, bebendo cada vez mais para afastar a depressão e sorrindo apenas quando Melody o tocava.

Ao se aproximarem da Natchez Trace, eles encontraram o Mississipi, um rio largo e vagaroso, que carregava metade da lama da América e brilhava como ouro, à luz do sol. E depois veio Natchez, onde centenas de barcos flutuavam ao lado de navios a vapor e palácios de jogatina, que cruzavam de Nova Orleans a muito além de Louisville.

Acima do porto, erguia-se a colina de terra vermelha, coroada por carvalhos gigantes, em meio aos quais ficavam as mansões da aristocracia

local. Mas todos eles sabiam que aquele não era seu destino. Seu caminho ficava longe daquele esplendor aparatoso, principalmente pela tremenda diferença social que havia entre o Bluff, no alto da colina, e Natchez Under-the-Hill, junto ao cais.

— É melhor vocês andarem perto de nós e cobrirem o rosto com os chapéus o máximo possível. — Patrick aconselhou, colocando-se entre as duas mulheres. — Só há um tipo de mulher nessas ruas, e eu não quero que sejam vítimas de atenção... indesejada.

Melody tomou o braço de Brett, e Paul colocou-se do outro lado do primo. Depois de um olhar para as pessoas na rua, ele desistira da espingarda de cano cortado em favor de um longo chicote. Uma multidão ignorante e embrutecida podia enfrentar uma arma de fogo de um ou dois tiros, irias geralmente pensava duas vezes quando se via diante de um chicote de quase três metros de comprimento, com grãos de aço nas pontas.

— O senhor acha mesmo que vai precisar dessa coisa, sr. Savage? — Beatrice perguntou.

Com o chicote enrolado numa das mãos e o Colt e a faca, que sempre usava, à mostra, Paul causava uma impressão de inegável poder.

— Não mas poderia precisar, se não a deixasse tão à vista. Até os leões tomam cuidado com os chacais.

Namy, impassível, mas sem perder nada, caminhava atrás de seu amo. Desde que tinham saído de St. Clare, ela só falava quando absolutamente necessário. Não por tristeza, mas por indiferença a seu destino. Com Eleanora morta, Celine vendida e Brett cheio de culpa pelo que acontecera a Melody, ninguém mais tinha necessidade dela. Mas seu dia ainda chegaria. Dentro de poucas horas, aqueles estranhos iriam embora, e ela e Brett ficariam sozinhos.

Nesse momento, as portas de vaivém de uma taverna, à frente deles, abriu-se bruscamente e meia dúzia de bagunceiros emergiu, tropeçando, vacilando rindo e amaldiçoando a própria bebedeira. Assim que viram os recém-chegados, estacaram, os rostos sujos e barbados abrindo-se num sorriso.

— Mulheres! — exclamou um deles.

— É um mocinho lindo... Esse é meu. Melody apertou com mais força o braço de Brett, pronta a correr com ele para uma aléia ou defendê-lo até o fim de suas forças, lutando como uma tigresa pelos filhotes. Mas Paul já passara adiante, e só os homens encarando-o podiam ver o estranho brilho em seu olhar. O riso e a voz de Patrick, no entanto, fizeram-no parar.

— Vamos deixar o divertimento para outra hora, companheiro. Agora, temos de pensar nas damas e no seu primo. Eu falo com eles, Conheço bem o tipo.

Sem esperar resposta, Patrick deu um passo à frente e deteve-se, as pernas separadas e os braços na cintura.

— Meu nome é O'Shaughnessy. Fui criado por uma cascavel texana e mamei numa pantera. Posso acabar com seis homens dessa cidade antes do café da manhã e terminar com o resto antes do jantar, mas agora estou acompanhando essas damas até a casa de meu bom amigo, 'Gator McAlister'. Se pretendem nos deter, é melhor começarem agora. E os que sobrarem terão de prestar contas a ele e aos filhos, depois. Como é? O que vai ser? A transformação nos rostos dos homens foi inacreditável. Sorrisos amigáveis apareceram, e um dos sujeitos gritou, guardando a faca que havia desembainhado diante do desafio silencioso de

Paul:

— Ei! Ele é um dos nossos, apesar das roupas finas.

Outro concordou, com uma gargalhada.

— Até fala a nossa gíria! Se você é amigo de 'Gator', nenhum homem nesta cidade terá coragem de ficar no seu caminho. Vamos, garotos! Vamos ver o que a Colhei Engordurada tem para nos oferecer, hoje. Com passos vacilantes, os bagunceiros se encaminharam para outra taverna, no fim da rua. Patrick virou-se para Paul.

— Acho melhor irmos embora, antes que eles mudem de idéia.

De acordo, Paul?

— Você não mudou nada, hein? — Paul comentou. E, fitando o rosto tenso da jovem atrás de si, encontrou uma mistura de coragem e medo. — Como é? Está pronta para continuar ou pretende ficar aqui, protegendo meu primo como uma leoa, a tarde inteira?

Sem se dignar a responder, Melody seguiu os outros por uma viela estreita, que os afastou da rua principal. Sua vontade era gritar que protegeria Brett até com a própria vida, se fosse preciso, mas sabia que aquele homem duro, que quase pulara ao encontro do perigo, jamais a entenderia.

Dentro de minutos, chegaram a um sobrado de madeira, tão desconjuntado que ninguém o chamaria de casa. Já devia ser velho quando Natchez fora fundada, e seus alicerces de madeira haviam adquirido a solidez de pedra, açoitados peio tempo e as tempestades. Alguém tentara acrescentar uma varanda, mas agora as tábuas caídas espalhavam-se pelo chão, cobertas por mato e trepadeiras.

O'Shaughnessy fez um gesto para que os outros esperassem. Depois, com as mãos em torno da boca, gritou:

— Ô de casa! Não é aí que mora aquele urso bêbado e fanfarrão?

Imediatamente uma figura incrível emergiu do sobrado. Era alta como Patrick e quase tão larga, com uma cabeleira espessa e uma barba enorme, no meio da qual só o nariz, quebrado inúmeras vezes, e dois olhos coruscantes podiam ser vistos.

— Quem se atreve a insultar 'Gator McAlister'? — a figura berrou, os braços estendidos para a frente, prontos a agarrar o atrevido. — Minha mãe era uma urso, e meu pai, um crocodilo. Sou capaz de acabar com qualquer homem, pedaço por pedaço!

Rindo, Patrick avançou alguns passos.

— O'Shaughnessy é o meu nome, e eu devoro ursos no café da manhã e uso couro de crocodilos para minhas botas!

O sujeito riu também, diminuindo o espaço entre eles.

— Ora, se não é o Pat Irlandês! O único homem capaz de fazer isso, é claro!

Os dois se abraçaram, dando-se tapas tremendos nas costas, e Melody recuou um passo, amedrontada, apesar de tudo. No instante seguinte, dedos fortes envolveram seu cotovelo, enquanto uma voz profunda perguntava:

— Você não tem medo de barulho, tem? Porque é nisso que tudo se resume: o reencontro de dois amigos e muito barulho. É assim que as coisas são feitas por aqui, e a linguagem que eles usam é para mostrar camaradagem.

Melody enrijeceu, ressentida com o divertimento no tom de Paul.

— O senhor pode estar acostumado com esse tipo de companhia, sr. Savage, mas eu não estou. Não encontramos criaturas assim na Regent Street.

— Mas elas podem ser encontradas no Regent Park — Beatrice comentou, rindo. — Na parte destinada ao Jardim Zoológico.

— Não tem medo dele, lady Davenport? — Paul quis saber.

— Seja ele o que for, sr. Savage, é um macho, e há muito tempo perdi o medo dessa espécie. Mas que tal nos apresentarmos ao nosso anfitrião?

Antes que eles pudessem se adiantar um passo, no entanto, uma garota saiu correndo do sobrado, com uma colher de pau na mão, que usou para bater, com toda força, no braço do homenzarrão,

— Comporte-se, 'Gator'! Não está vendo que essa gente é diferente dos ratos com quem você costuma andar? — Ela ergueu a cabeça para fitar Patrick, já que mal chegava ao peito do irlandês. — Peço desculpas pelo meu pai, senhor. Se bem que o senhor o insultou primeiro!

A garota era magra como um palito, com as maçãs do rosto salientes e sardas sobre o nariz. Seu cabelo cor de milho, curto, tinha um corte irregular, obviamente feito com a faca que ela trazia no cinto, e sua aparência de garoto era enfatizada pela camisa e calça de sarja desbotada que usava.

— Reconheço a minha culpa, senhorita — O'Shaughnessy admitiu. — Mas seu pai e eu somos amigos de longa data. Conheço seus irmãos, Setli e Jake, mas não me lembro de uma menina... E olhe que jamais me esqueceria de alguém como você! Ela examinou o rosto dele, mas, não encontrando nenhum traço de sarcasmo, sorriu.

— Eu só vim para cá seis anos atrás, quando minha mãe morreu. Ela tinha me levado embora. Queria que eu fosse uma dama. Um sonho, é claro, pois sou magra como uma cascavel e tenho um gênio igual. — Ainda sorrindo, ela desviou os olhos castanhos para os outros... e estacou, pasma, diante de Brett. — Deus do céu! Você é mais bonito que um cachorrinho novo! Qual é o seu nome e por quanto tempo pode ficar aqui?

Brett corou até a raiz dos cabelos. Junto dele, Melody teve de lutar para não rir. No fim, foi Paul quem fez as apresentações, terminando:

— E você é a filha de 'Gator'...

— Mae Beth, mas quase todo mundo me chama de Midge. Um grito ressoou dentro do sobrado, e ela convidou:

— Vamos entrar, antes que meus irmãos quebrem a casa toda. Acabei de preparar um assado de peixe e pão de milho. Vocês estão com fome?

Uma expressão suplicante surgiu nos olhos castanhos, e, depois de um rápido olhar para os companheiros, Melody sorriu.

— Nós adoraríamos aceitar a sua hospitalidade, mas não queremos atrapalhar.

— Atrapalhar?! De jeito nenhum! E temos comida suficiente para um batalhão, já que meus irmãos não fazem nada, além de pescar e caçar. — Com um gesto totalmente natural, a garota tomou o braço de Melody e perguntou: — Eu posso encostar a mão nele ou ele vai desaparecer numa nuvem de fumaça, se eu fizer isso? Brett riu, pela primeira vez, desde aquele dia terrível em St. Clare.

— Não vou desaparecer, se você me tocar, Midge, mas sou capaz de acabar

sumindo, de pura fome!

— Está resolvido, então! — Com a mão livre, a garota tomou o braço dele. — Vocês comem conosco.

No sobrado, Melody teve outra surpresa agradável. A porta da frente abria-se para um cômodo grande e quadrado, mistura de sala de jantar e cozinha, bastante parecido com a cozinha de sua casa, na Inglaterra. Mais dois trogloditas estavam sentados à mesa de pinho, grandes e tão barbados quanto o pai. Eles se levantaram para as apresentações, obviamente embaraçados, mas logo se recuperaram com as brincadeiras de Patrick e as atenções bem-humoradas de Beatrice.

Sentados ao longo da mesa, os recém-chegados foram servidos de peixe assado, pão de milho e milho cozido na manteiga. Estava tudo delicioso, e, quando achavam que não seriam capazes de comer mais nada, foi-lhes oferecida uma magnífica torta de maçã.

Só um pequeno incidente ameaçou estragar a refeição. Nanny recusou-se a sentar com eles, mesmo depois que 'Gator' esmurrou a mesa, declarando:

— Se não comer agora, conosco, não come mais. Não tenho escravos. Não só porque não tenho dinheiro para isso, como também porque podemos fazer o trabalho mais depressa e melhor.

— Com todo o respeito, senhor, não é direito — Nanny insistiu, encarando-o de frente. — mister Brett não gostaria, e os outros também não. Se sobrar um prato, eu como depois.

Nada demoveu-a disso, e ela foi para a mesa quando os outros se levantaram, passando para o cômodo ao lado.

— 'Gator'... — Patrick começou, aceitando uma caneca de uísque de milho, feito em casa e quase letal —...o motivo da minha visita é que meu amigo Brett e eu precisamos de um lugar para ficar durante uns tempos.

— Pois já têm! Brett espantou-se.

— Mas você nem me conhece!

— Você é amigo de Pat e está com problemas. O que mais eu preciso saber?

— Mas eu vou ficar muito mais que um fim-de-semana. E não posso pagar nem fazer nada, em troca.

— Nós temos comida e quartos. - Um sorriso apareceu em meio à barba cerrada. — Você fala como se pertencesse ao Bluff, por isso pode pagar a sua estada ensinando um pouco a minha Midge, aqui.

— Isso mesmo — a garota concordou, mais do que depressa.

— Ele pode me ensinar o tempo que quiser. E como eu sou praticamente uma causa perdida... — ela lançou um olhar maroto para Patrick —... isso pode levar semanas, até meses!

Melody sentiu um aperto no coração. Estava com ciúme daquela garota selvagem, que tomaria conta de Brett. O seu Brett! A adoração era evidente nos olhos castanhos de Midge, e Brett, na situação vulnerável em que se achava, seria incapaz de resistir. — Nós vamos embora logo, então? — ela perguntou, recebendo um olhar de surpresa de seu anfitrião, e outro inquisitivo, da parte de Paul.

Não vão conseguir um vapor, agora — 'Gator' disse. — Há um Hotel na cidade, mas vocês poderia ficar aqui, se quiserem. Nossos quartos não são muito bons, mas estão limpos. Midge é ótima dona-de-casa. Percebendo que suas palavras tinham sido tomadas como ofensa, Melody tentou consertar:

— Não foi isso que eu... É só que...

— Nós não queríamos dar trabalho — Paul completou. — Mas, se vocês podem nos hospedar por esta noite, aceitamos com prazer.

— Então, está resolvido — afirmou 'Gator'. — Mais uísque?

Paul estendeu a caneca com um sorriso resignado, apesar de preferir brandy francês e outras bebidas afins,

— Sabe, eu logo vi que você é um bom garoto, apesar dos seus companheiros — 'Gator' prosseguiu. — Foi só bater os olhos no modo como usa esse Colt, baixo e preso à perna.

Nesse ponto, ele mandou Midge buscar mais uísque, e Patrick se pôs a contar histórias dos tempos que haviam passado Juntos. O interesse de todos era inegável, e, num dado momento, Melody perguntou:

— Mas por que seu nome 'Gator'?

O homem estudou as mãos enormes, e ela já estava com medo de tê-lo ofendido novamente, quando Seth, o filho mais velho, começou:

— Meu pai não tem orgulho de contar isso, mas nós temos.

Foi há quatro anos, quando tínhamos outro irmão, Skeeter. Um crocodilo pegou Skeeter, quando ele e meu pai estavam caçando. Meu pai trouxe Skeeter de volta, mas ele morreu no caminho. Então... — ele lançou ao pai um olhar cheio de orgulho e admiração —... meu pai voltou ao pântano, parecendo um urso ferido, e matou oito dos brutamontes, só com as mãos e uma faca! Aí veio para cá de

novo, ficou bêbado como um gambá e arrebentou duas das piores tavernas do cais. E, antes que conseguissem amarrá-lo e trazê-lo para casa, ainda botou mais de dez sujeitos fora de ação por uma semana. É por isso que, agora, ele é chamado de 'Gator', que quer dizer "crocodilo".

— O garoto era um bom menino — murmurou 'Gator', como se isso explicasse tudo.

Mais tarde, Melody conseguiu alguns minutos a sós com o irlandês e perguntou:

— O que é que você vai fazer aqui, Patrick? Acha que conseguirá um emprego?

— Os rios e eu sempre nos damos muito bem, menina. Neles, consigo trabalho honesto em horas, e trabalho não tão honesto, mas mais lucrativo, em questão de dias. Quanto a Brett... Midge vai tomar conta dele como se fosse uma irmã caçula. E é isso que ela vai ser para ele, menina: uma irmã caçula.

— Como pode saber? Um ano é muito tempo...

— Com o meu conhecimento desses rios, não vamos deixar vocês lá por um ano. Além do mais, existem mulheres que em minutos entram no nosso sangue e não podemos mais esquecer. Para estar ao lado delas, somos capazes de ir até o fim do mundo... O que me faz lembrar de uma coisa: preciso salvar aqueles garotinhos do charme da sua tia.

Melody riu.

— Tem certeza de que não é o contrário?

— Absoluta! Eles já devem estar comendo da mão dela, mas não quero que se envolvam demais. Seria horrível ter de tomar uma atitude mais séria contra os filhos de um velho amigo.

Patrick caminhou em direção ao halo dourado lançado pelas velas de fabricação caseira, e Melody ficou sozinha. No dia seguinte, teria de enfrentar um futuro do qual nada sabia. Era uma negra, uma escrava! Por menos tempo que ficasse nessa situação, seria tempo demais...

Na manhã seguinte, Melody levantou-se pálida e quieta. Pouco falou durante o café da manhã, limitando-se a comer o que lhe ofereciam, indiferente ao olhar observador de Paul.

— Vamos de vapor a Nova Orleans — ele declarou, e de lá seguiremos para Charleston, onde tomaremos o navio para a Nova Zelândia.

— Vamos ficar muito tempo em Nova Orleans? — perguntou Melody, com

um rápido olhar para a tia.

— Por quê? Está pensando em fazer turismo?

— Não! É que... eu... eu quero... chegar logo à Nova Zelândia, para começar minha nova vida...

"Mesmo que seja uma verdadeira morte em vida", seu coração gritou.

Ao se despedirem, Melody e Brett nada disseram, mas ele levou a mão ao rosto dela, que a cobriu com a sua por um momento. Gestos que falaram mais que quaisquer palavras.

Então, tudo acabou. Ela se virou, encontrando o olhar enigmático de Paul Savage, e agradeceu a seus anfitriões, antes de preceder os outros, na descida para o cais.

— Não vai demorar muito — Patrick prometeu a Beatrice, sem tocá-la.

— Vai, sim — ela respondeu. E sorriu, desmentindo o brilho excessivo de seu olhar. — Sr. Savage? Paul tirou os olhos da figura solitária, que caminhava alguns passos à frente.

— O senhor tem uma nota de cem dólares?

Intrigado, ele deu-lhe uma. E viu-a colocá-la no bolso do irlandês, antes de sair, apressada, atrás da sobrinha.

CAPÍTULO XI

Para Beatrice, a longa viagem de Gfaarleston a Wellington foi mais debilitante do que a travessia de Londres a Nova York, embora tivessem tomado um dos veleiros de Donald Mackay, conhecidos por sua velocidade. Mesmo com ventos fortíssimos podiam continuar com todas as velas abertas, devido ao mastro mais grosso e forte que o habitual.

E encontraram mesmo ventos fortes, ao passar junto à zona dos icebergs, onde Melody se viu rezando para alcançar terra. Qualquer terra!

— Esses homens não são mortais — ela comentou com a tia depois de ver o modo como os marinheiros andavam pelo convés, sem dar muita atenção à própria segurança.

Nesse ponto, Beatrice já estava além de qualquer capacidade de raciocínio e respondeu com um gemido abafado.

Melody ficou surpresa ao saber que não dariam a volta ao cabo Horn nem

viajariam pelo Pacífico, e Paul explicou:

— É quase impossível. Antes mesmo de se chegar ao cabo Horn, entra-se num cinturão de ventos fortíssimos, que sopram entre 40 e 50 graus sul. Estaríamos navegando contra o vento e a correnteza. Mas é um caminho que pode ser usado por quem volta da Nova Zelândia para a América, embora seja inegavelmente perigoso.

— Uma viagem que mal posso esperar para fazer.

Ele franziu a testa, mas não respondeu à provocação, limitando-se a dizer:

— Vê-se logo que você não faz idéia do que está falando. Em toda travessia há o perigo de se encontrar uma tempestade, mas o contorno do cabo Horn é um verdadeiro inferno. Você deveria ler *Dois anos ao pé do mastro*, de Richard Dane, Graças a esse livro, antes de viajar, eu tinha idéia do que iria encontrar, mas logo descobri que a descrição do autor não chega perto da realidade.

— Não tenho medo de mau tempo, sr. Savage. Sou uma boa marinheira.

Mas a tempestade que encontraram mandou até Melody para a cabine. O vento era tão forte que quebrava o topo das ondas, jogando-as umas sobre as outras, mas o capitão portou-se com ousadia e, em vinte e quatro horas, eles cobriram mais de quinhentos quilômetros. Incrivelmente, o veleiro pouco sofreu, e, depois da ilha de Amsterdam, o mar acalmou-se e uma boa brisa carregou-os em direção às costas da Austrália.

Ao contrário da viagem anterior, Melody estava muito triste e confusa com seus sentimentos para aproveitar a travessia. Em vão ela tentava dominar o medo do futuro. À medida que os dias se passavam, foi ficando cada vez mais desesperada, a ponto de não conseguir sequer sorrir das acrobacias dos golfinhos que seguiam o navio.

Pela primeira vez em sua vida, Melody não tinha para quem se voltar, e quando atingiram as águas mais calmas do oceano Índico, tomou consciência de que estavam no último trecho da viagem.

— Ah, tia Bia! — sussurrou uma noite para a mulher que dormia no beliche em frente. — A senhora estaria bem melhor se tivesse ficado na Inglaterra, em vez de me acompanhar. Por causa de seu amor e lealdade, veja só onde veio parar.

Cansada, mas incapaz de dormir, nauseada com o cheiro de vomito que pairava no ar, apesar do uso de inúmeros desinfetantes, ela resolveu subir ao convés.

A que ponto chegara! Assassina... mulata escrava... Que mais lhe reservava o futuro? Profundamente deprimida, debruçou-se no gradil do convés,

indiferente à brisa noturna, o olhar fixo nas águas escuras, lá embaixo. E tia Bia? O que seria dela? Uma estranha num ambiente estranha, arrancada do seio da família e dos amigos... teria ela condições de um dia voltar à vida antiga?

"Sim", uma vozinha em seu íntimo respondeu. Se ela estiver sozinha.

Paul Savage a ajudaria. Ele se oferecera para fazer isso em uma ou duas ocasiões, mas Beatrice não aceitara. Mas ele a ajudaria, se precisasse. Afinal, a dívida não era dela. Sem a sobrinha, Beatrice estaria livre...

As ondas, batendo de encontro ao casco do navio, pareciam murmurar convites sedutores, difíceis de rejeitar. Sozinha, Beatrice estaria livre... Sozinha, Beatrice poderia voltar à vida de antes...

Nesse momento, Paul saiu para o convés e sobressaltou-se ao ver Melody inclinada sobre a amurada. De imediato censurou-se por não ter percebido a tristeza e a vergonha da moça, por não ter reconhecido a mudança no estado de espírito dela, quase um mês atrás, quando a raiva fora substituída por uma aceitação resignada do que lhe acontecera.

Silenciosamente, aproximou-se dela e, com todo o cuidado para não assustá-la, disse:

— Boa noite, sra. Van der Veer.

Melody girou nos calcanhares com uma exclamação abafada, e nos olhos dela Paul reconheceu um grau de desespero que só vira durante a guerra, depois de uma longa e desmoralizante campanha.

— Eu não estava esperando você.

— Acredito. A noite está muito fria.

— Nem notei.

— Você deveria estar agasalhada. Vou mandar um dos garotos a sua cabine, buscar um xale.

— Não... não é preciso. Eu vou descer. Minha tia deve estar precisando de mim.

— Sua tia já deve estar dormindo. A sua atenção seria mais apreciada em outros lugares.

Melody sentiu um frio na boca do estômago. Ele não podia estar querendo...

— Você... você quer que eu... eu o sirva... de alguma maneira?

Paul foi dominado pela raiva ao ver o modo como ela apertava a amurada do navio com uma das mãos. O que esperava que ele fizesse? Que a violentasse ali

mesmo?

Respirando fundo, respondeu:

— Quero, sim. E quero que comece parando de ter medo de mim, da minha terra e do seu futuro.

— Eu... eu, eu não posso! Sou sua escrava, e por isso sempre vou odiar e temer você. Você me comprou e me obrigou a vir para cá. Tenho de obedecê-lo, no entanto você é um estranho para mim.

Melody viu a cicatriz embranquecer no rosto dele, mas não conseguiu analisar a expressão que surgiu nas feições frias e duras,

— Muito bem. Você diz que é minha escrava e tem de me obedecer. Quero que me beije, então.

Ela fitou-o, incrédula. Aquilo não podia estar acontecendo!

— Vamos, eu estou mandando!

— Você... não pode!

Algo brilhou nos olhos escuros.

— Isso é um desafio?

— Não... mas não seria direito. Você disse...

— Está negando que é minha escrava e que posso mudar de idéia? Negando que tenho o poder de lhe dar ordens?

Só muito depois ela tomou consciência de que ele não dissera que tinha o "direito" de lhe dar ordens. No momento, com o coração batendo forte, atordoada, foi forçada a admitir, num sussurro:

— Não.

Um sorriso surgiu na boca máscula,

— Então, sra. Van der Veer, vou lhe dar uma ordem: quero que minha escrava passe os braços pelo meu pescoço e me beije!

Melody começou a tremer, e foi preciso um esforço supremo para que erguesse as mãos e enlaçasse o pescoço dele, sentindo os cabelos negros sob os dedos e sabendo que nunca mais seria a mesma. Sob o olhar profundo e enigmático de Paul, sentiu-se ainda mais embaraçada e virou um pouco o rosto, passando a ponta da língua pelos lábios secos.

— Como é?

Mas a vergonha era grande demais, e em desespero ela jogou a cabeça

para trás, os olhos brilhando como duas estrelas.

— Não posso!

No mesmo instante os lábios de Paul aproximaram-se, e ela fechou os olhos com uma exclamação abafada, temerosa do que ia acontecer, para logo em seguida prender a respiração, quando o beijo brutal, que esperava, não aconteceu. Em vez disso, os lábios dele moveram-se gentilmente sobre os seus, frios do ar da noite, ligeiramente salgados dos borrifos das ondas, explorando, procurando, entreabrindo sua boca com a língua. O beijo intensificou-se, tornou-se possessivo, agitando suas emoções de tal modo que ela precisou agarrar-se aos ombros musculosos para não cair.

Ele envolveu-a com mais força, amparando-a. Um ardor, como nunca pensara poder sentir de novo, espalhou-se por seu corpo, trazendo junto uma paixão atordoante, que quase o fez perder o controle de si mesmo, e por que não? Até alcançarem terra firme, ela lhe pertencia. Podia fazer o que mais lhe agradasse: possuí-la ali, sobre o convés, ou levá-la para baixo, para sua cabine. Outros homens a tinham possuído: o marido, provavelmente Brett, considerando-se a ansiedade que mostrara para tê-la de volta, e, sem dúvida, muitos mais. Uma mulher tão linda não podia evitar de ter amantes. Havia nela uma paixão enorme, e no entanto os lábios sob os seus pareciam inocentes, inexperientes...

Um gemido baixo escapou dos lábios de Melody, e ele voltou à realidade, percebendo que a mantinha cativa com um braço forte demais. De imediato, soltou-a. Ambos respiravam pesadamente, abalados pela experiência, e seus olhares se encontraram, expressando um estranho encantamento.

Zangada consigo mesma por estar tão abalada, Melody acabou por exclamar:

— É assim que trata todos os seus escravos, sr. Savage?

— Eu já lhe disse que não tenho escravos. — Uma sensação de triunfo dominou-o, ao ver um brilho de fúria surgir nos olhos azuis. — Em todo caso... não posso negar que estou pronto a aprender, com o material que tenho à mão.

— Não, enquanto eu tiver forças para lutar contra você! Ele não agüentou e sorriu.

— Eu sabia que conseguiria fazer esse seu gênio vir à tona! Já estava sentindo falta dele.

— Maldito! Você é um... um... selvagem!

Melody voltou correndo para a cabine que partilhava com a tia, mas...

— Não seja injusta — Beatrice disse na manhã seguinte, depois de ouvir a sobrinha contar o que acontecera e fazer algumas perguntas. — Se você está nesta situação, meu bem, não é por culpa dele.

— Como não? Ele poderia ter me libertado... me dado os meus papéis de alforria, como eles dizem.

— E perdido oito mil dólares? Assim, ele sabe que será pago, ou por meio do seu trabalho, ou dos... negócios de Patrick. — Beatrice sorriu gentilmente, embora no íntimo morresse de pena da sobrinha. — Encare a realidade, querida. Até agora, você é a única a insistir em que não passa de uma escrava. Precisa reconhecer, também, que a não ser pelo incidente de ontem à noite...

— Incidente?!

— ... ele tem nos tratado muito bem. Melody meneou a cabeça, zangada.

— Não sei como a senhora consegue ser educada com ele! Paul Savage é arrogante e autoritário, um monstro sem sentimentos. Mal falou com o coitado do Brett, quando partimos. Aposto que nem se preocupa com o que possa acontecer ao primo...

Melody interrompeu-se, com um nó na garganta. Brett fizera o possível para tornar inesquecíveis seus últimos momentos juntos, mas a tristeza fora grande demais. Na noite anterior à partida, alguém batera à porta de seu quarto, e ela fora abrir, pensando que fosse a tia. Mas...

— Brett!

— Eu tinha de vir, Melody. Não fique zangada comigo. Ele usava um roupão de seda sobre as roupas de dormir e estava sem sapatos, com os pés gelados de frio.

— Meu querido! — Ela o fizera entrar depressa, para que os outros não ouvissem. — Sente-se na minha cama. Vou enrolar o cobertor nos seus pés e...

— Pare com isso! Melody, você tem de me ouvir!

O rosto dele expressava uma tremenda emoção, e ela se assustara.

— O que foi, Brett? Pode me dizer.

Ele a abraçara os olhos sem vida parecendo queimar no rosto pálido.

— Melody, eu daria a minha vida para não tê-la conhecido... e a alma para que fosse minha, em todos os sentidos. Só nos restam umas poucas horas... uma noite! — Com os lábios, ele tocara seus olhos, a têmpora. — Meu amor, eu preciso tanto de você! Você é como um fogo dentro de mim. Dê-me uma lembrança pela qual eu possa viver. Dê-me esta noite, Melody!

Com o coração disparado, ela sentira as mãos dele deslizarem por suas costas, uma indo envolver seus seios, antes que a beijasse coroa a ansiedade de um homem a ponto de morrer de desejo. Ela tentara se entregar ao beijo, sentir prazer nas carícias... e não conseguira! De um modo gentil, mas firme, afastara-se, então, murmurando:

— Sinto muito, meu querido» mas... assim não... assim, eu não consigo...

— Você não me ama!

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, Melody colocara os lábios sobre os dele, beijando-o numa doce agonia.

— Eu o amo, acredite em mim. Só não sei como... ou quanto. Sempre vou amá-lo, Brett, mas agora você precisa ir embora... Como eu tenho de ir amanhã, apesar de toda a dor que vou sentir.

— Eu preciso de você, Melody.

Ela acabaria cedendo, se ele não tivesse se levantado e saído.

Relembrando aquele momento, Melody se perguntou se não deveria ter cedido e dado a ambos uma noite para guardar na memória... Talvez nunca mais visse Brett.

Então, veio-lhe à mente a lembrança de outro beijo, que a marcara como ferro em brasa, e uma onda de culpa envolveu-a.

— Não vou mais ao convés enquanto não chegarmos a Wellington — jurou.
— Vou evitá-lo a todo custo, e só vou falar com ele se me der ordens para isso!

Sabia que seria uma decisão quase impossível de manter, mas estava morrendo de vergonha daquele momento em que se entregara, nos braços dele, e isso endureceu-a. Teria sido tão fácil chegar às consequências finais! Pertencia a ele, e ambos tinham consciência disso. Era até esperado.. Se naquele instante não tivesse se lembrado de Celine, não teria reagido.

Celine, sua meia-irmã, vendida como concubina. Com ela, Melody, não aconteceria o mesmo. Não seria uma dessas escravas que entregavam até a alma a qualquer homem. Urna resolução que, de imediato, os lábios sobre os seus havia desmentido. Um gemido de impotência escapara de sua garganta, e, para sua surpresa, Paul a soltara. Ela usara, então, a zanga para esconder o quanto estava abalada.

— Ah, meu Deus, quando é que esta viagem horrível vai terminar? — Melody quase gritou. — Qualquer coisa é melhor do que esta prisão flutuante!

Mas quase três semanas se passaram, antes que um marinheiro apontasse

para o horizonte e berrasse:

— Terra à vista!

Depois disso, veio a subida difícil pelo estreito de Bass e o longo da costa, até Sidnei. Em águas mais calmas, passaram para outro veleiro, que os levaria a Wellington. O navio em que tinham vindo voltaria para a América, carregado de lã e outros passageiros, e Melody foi tomada pela tentação de esconder-se a bordo, voltando com eles. Mas logo desistiu de idéia, ao pensar em tia Bia.

Dias depois, Paul chamou-a ao convés do novo veleiro.

— Quero que veja o fim da sua viagem — explicou, dirigindo-se a ela pela primeira vez, desde aquela noite.

— Agora? Mas ainda nem amanheceu!

— Foi por isso que a chamei. Não é uma ordem, mas eu gostaria que desse uma olhada no horizonte.

Dominada pela curiosidade, ela obedeceu. O céu estava limpo e claro, com apenas algumas nuvens esparsas junto à água, e a esfera dourada do sol emergia de detrás de uma montanha colossal, cujo pico, coberto de neve, brilhava avermelhado no horizonte.

— Que lindo!

— É o monte Egmont. Seu verdadeiro nome é Taranaki, e ele é uma das três grandes montanhas que viviam, antes de as primeiras canoas aqui chegarem.

— Viviam? Como assim?

Melody virou-se para Paul, mas ele tinha os olhos fixos no gigante adormecido.

— Tudo vive... Para uma borboleta, o tempo de vida é uma semana, para nós, em torno de setenta anos. As rochas e montanhas também vivem, só que numa marcha mais vagarosa. — Ele baixou os olhos para o rostinho delicado como um camafeu, no momento animado pela curiosidade e um certo grau de entusiasmo. — Dizem que, para encontrar a paz de espírito, é preciso aprender a observar as rochas crescerem.

Melody percebeu que ele estava tentando lhe dizer alguma coisa, mas resistiu à vontade de pedir "Ensine-me!"

— E as outras montanhas? — limitou-se a dizer. — Você mencionou três, não foi?

Ele apertou os lábios, como se tivesse lido a mente de Melody.

— Ah, sim... Seus nomes eram Taranaki, Tongariro e Pihanga. Pihanga era a esposa de Tongariro, e aparentemente eles viviam muito bem no centro da ilha North, até Taranaki ter a idéia de cortejar Pihanga. Os dois rivais discutiam violentamente, o que é algo digno de se ver, entre montanhas, pois lava e bolas de fogo são jogadas de um lado para outro. No fim, Taranaki se rendeu e foi banido da ilha. Foi para o oeste, o mais longe possível, mas mesmo assim Tongariro não ficou contente. É por isso que, de vez em quando, num acesso de ciúmes, ainda joga fogo e cinza de sua cratera, Ngauruhoe. Taranaki não se incomoda, porque sabe que é mais bonito, com seu manto verde e chapéu branco, cheio de plumas... Lá... Está vendo?

Melody virou-se para fitar as trilhas que desciam pelos lados da montanha, e Paul pôde observar a emoção que, de repente, animou as feições dela. Uma estranha sensação nasceu em seu peito, uma ansiedade que quase o sufocou.

Maldita! Por que ela tinha de ser tão linda, com um ar tão inocente... quando ele sabia que era tudo mentira?

Olhando por cima do ombro, para fazer uma pergunta, Melody levou um susto ao ver a raiva nos olhos escuros de Paul, que há segundos brilhavam, cheios de humor.

— Daqui a pouco entraremos no estreito de Cook, ele murmurou, num tom brusco. — É um trecho difícil, por isso é melhor que você desça e se prepare para enfrentar tempo ruim.

— Claro... Está bem. Obrigada por me trazer até aqui e... e me contar sobre a montanha.

Paul encarou-a como se fosse dizer alguma coisa, mas depois voltou a contemplar o cenário, carrancudo.

— Tomara que ele caia no mar — Melody murmurou, vingativa, quando voltava para baixo. — Tomara que um vagalhão o atinja e o leve para o inferno!

A idéia sustentou-a até muito depois de passarem pelo estreito Cook. As serras das ilhas North e South forçavam o vento passar pelo canal formado pelo estreito, fazendo de Wellington uma das cidades mais ventosas do mundo, mas daquela vez o destino foi bondoso, e apenas um vento de cinco nós carregou o veleiro até o porto.

Enquanto o navio descarregava a carga e recebia outra, Paul chamou Melody a sua cabine. Receosa, ela foi, e estacou abruptamente ao entrar e dar com outro homem lá. Paul estava em pé, naquela pose que ela odiava, com as mãos nos quadris, as pernas ligeiramente separadas e o queixo erguido. Ele apresentou

o estranho como Martin Weldon um advogado de Nova Orleans. O homenzinho examinou-a com ar estranho, e ela não pode deixar de imaginar o que Paul teria lhe dito a seu respeito.

Sobre a mesa havia um maço de papéis, que Paul apontou, dizendo:

— Como eu lhe prometi antes, você estará livre no momento em que pisar terra firme. Estes são os seus papéis de alforria, que a libertam legalmente. E este — ele continuou, num tom mais duro — é um contrato, no qual você reconhece que me deve oito mil dólares e assegura que os pagará trabalhando para mim em 154 Windhaven. Seu salário ficará entre cem e trezentos dólares por ano, dependendo do trabalho que realizar, mais casa, comida e roupas.

— Uma remuneração muito generosa! — aparteou o advogado.

— E se eu não quiser assinar? — Melody perguntou, embora soubesse que assinaria, pois sua honra exigia que saldasse o débito. — Como uma mulher livre, o que pode me impedir de procurar outro emprego em Wellington?

Os olhos escuros brilharam.

— Eu. Se não assinar este contrato agora, voltará para a América neste mesmo navio. E escrava, como saiu de lá.

Vendo o rosto dela perder a cor, ele quase se arrependeu de ter dito aquilo. Mas queria aquela mulher ligada a ele de qualquer maneira, e, sem uma palavra, estendeu-lhe os preciosos papéis de alforria.

Melody tomou-os e jogou num canto da cabine, passando por Paul para pegar a caneta e assinar o odioso contrato.

— Continuo tão escrava quanto antes — murmurou, lutando para não deixar a voz tremer. — E o senhor continuará a ser um senhor de escravos, sr. Savage, até este documento ser rasgado. Girando nos calcanhares, com os olhos brilhantes de lágrimas, ela correu para fora. O advogado fitou Paul.

— O senhor está ciente de que, se ela apelar para um tribunal britânico, este contrato será anulado?

Vendo Paul assentir, ele ainda acrescentou:

— Ela é assim tão importante para o senhor?

Paul enrijeceu, mas seu olhar continuou claro e frio.

— Obrigado por seus serviços, sr. Weldon. Basta assinar como testemunha, agora, e estará livre de mim.

O homem assinou, recebendo um pagamento mais do que generoso. Ainda

assim, insistiu:

— Se quer um conselho...

— Se eu precisar de um, mando chamá-lo — Paul interrompeu, abrindo a porta para que ele sáísse, — Tenha um bom dia.

CAPÍTULO XII

Como Beatrice comentou, Wellington não era Londres, mas a cidade foi uma agradável surpresa para elas. Devido ao porto, era mais movimentada que Auckland, a capital, e possuía uma enorme quantidade de lojas, escritórios, bancos e hotéis.

Ao desembarcarem, Beatrice ainda estava muito abatida pela viagem, e Melody ouviu, com espanto, o "monstro insensível" a seu lado declarar que ficariam hospedados na casa de amigos dele, até lady Davenport se recuperar o bastante para continuar a viagem.

— Só se não for de navio — Beatrice gemeu. — Prefiro morrer a passar por aquilo de novo!

— É de navio, mas a vapor. E depois, iremos a cavalo. Esta última parte é a pior, e a senhora precisa estar preparada. Os Reid, meus amigos, são ingleses como vocês e vieram para cá com o primeiro fluxo de imigrantes, vinte anos atrás. Vão ficar contentes por ter notícias da Inglaterra.

— Tem certeza de que eles não vão achar ruim receber duas estranhas assim, de repente, sem terem sido avisados antes? — Melody perguntou.

— Não, depois que eu explicar quem são vocês. Melody não pôde evitar um comentário sarcástico.

— Quer dizer que eles mandariam embora duas inglesas sozinhas, mas aceitarão a sua escrava negra e a tia dela?

As feições de Paul se ensombreceram.

— Como qualquer pessoa civilizada, os Reid são contra a escravidão, e eu não quero lhes dar aborrecimentos. Pensei em apresentar vocês como minhas hóspedes, mas eles a receberiam do mesmo jeito se eu lhes dissesse a verdade. A prova disso é que têm uma nora maori, de quem gostam muito. Em todo o caso, se achar que deve lhes falar do seu sangue, pode falar. — Deliberadamente, ele se virou para Beatrice. — Lady Davenport, eu só sugeri que ficassem com os Reid porque achei que seria mais bem cuidada, na casa deles. Se preferir um hotel,

posso levá-la a um.

Beatrice sorriu, e Paul percebeu que, apesar da idade e de tudo que sofrera durante a viagem, ela ainda era uma mulher muito atraente.

— Obrigada, sr. Savage, Será um prazer ficar com seus amigos. Sou-lhe muito grata pela bondade e consideração.

Paul voltou-se para Melody, e ela teve a impressão de ver um brilho de triunfo no olhar dele. Corou, dominada pela raiva, e só com muito esforço conseguiu ficar calada.

Paul, naturalmente, notou, pois já a vira zangada inúmeras vezes. Preferiu no entanto nada comentar, dirigindo-se imediatamente à casa dos amigos.

Amy Reid era uma mulher simpática e gorducha, e seu marido, George, um homem bastante corpulento.

— Amy, George — Paul apresentou —, esta é a sra. Van der Veer...

— Criada do sr. Savage — Melody interrompeu-o. Mas logo em seguida horrorizou-se com a própria grosseria.

Paul, contudo, continuou como se ninguém tivesse falado:

- ...e a tia dela, lady Davenport. Estamos chegando da casa de meu primo, na América, e a viagem foi muito difícil. Como precisamos de alguns dias de descanso, antes de seguirmos para Windhaven...

— Você resolveu nos dar o prazer da sua visita. E fez muito bem — declarou Amy, com um sorriso aberto. Ela não mostrara o menor sinal de choque, ao ouvir as palavras de Melody.

Melody, no entanto, irritada com a própria falta de educação, tentou consertar a situação.

— É muita bondade sua nos receber, sra. Reid. Somos muito gratas por sua hospitalidade.

Os inteligentes olhos castanhos da mulher examinaram o penteado e o vestido elegante de Melody. Amy Reid não era tola e já vira muitos criados antes. Nenhum deles falava naquele tom melodioso, tinha uma tia nobre ou usava com tanta naturalidade roupas que teriam custado três meses de trabalho a seu marido. Havia alguma coisa muito estranha ali.

Sem demonstrar curiosidade, no entanto, ela tomou a moça pela mão e levou-a para dentro.

— Se são amigas de Paul, são minhas também. — E virando-se para

Beatrice, que apesar de abatida mantinha-se ereta, fez outro de seus julgamentos instintivos. Lady ou não, aquela mulher era uma das suas. — A senhora precisa ir para a cama e tomar um chocolate quente. E não proteste, por favor!

Beatrice, que também simpatizara com a anfitriã, dirigiu-lhe um daqueles sorrisos radiantes, que tantos corações já conquistara.

— Sra. Reid, nada poderia me dar mais prazer do que o que acaba de propor. Aceito, e com todo o gosto!

Amy estendeu a mão para uma campainha de latão, sobre um aparador.

— Geralmente eu grito — confessou —, mas hoje, em consideração a vocês, vou tocar a campainha:

Quase que de imediato a porta de abriu, e uma linda menina maori entrou. Ao ver Paul, seus aveludados olhos castanhos se iluminaram, e ela correu, ao encontro dele.

— Mister Paul! O senhor voltou: Faz tanto tempo... Espantada, Melody viu a fisionomia de Paul Savage se transformar, abrindo-se num sorriso franco e cheio de prazer.

— Kia ora, kumara — ele disse, e a garota bateu os pés no chão, fingindo zanga.

— Você não veio! — ela reclamou.

Amy, que seguia a cena com ar indulgente, percebeu o espanto de Melody.

— Kia ora é um cumprimento informal, do tipo "alô". Para cumprimentar um estranho, o certo é dizer tena koa. Ani está achando ruim porque Paul a chamou de kumara, que é uma espécie de batata-doce. Ela estava com cinco anos quando Paul a encontrou, escondida num buraco de kumara, depois que uma tribo rival atacou a dela e matou todo mundo. Desde então, ele a chama de kumara. Só que agora ela anda protestando contra isso, pois já é uma mocinha de doze anos.

Melody sorriu polidamente, enquanto Paul adiantava-se com a menina.

— Estas senhoras vão ficar algum tempo conosco, Ani — Amy explicou, devagar e com clareza. — Esta é lady Davenport, Ela está cansada e quer se deitar. E esta é a sra. Van der Veer. Ela quer tomar um banho, antes do jantar.

A criança ouviu com atenção e, ao entender, sorriu abertamente.

— Está bem, mihi Rid. Venham comigo, mihi Lady e mihi Van. Vou mostrar seu quarto.

— Nós só temos um quarto de hóspedes — Amy explicou. — Mas é bem grande, pelos padrões de Wellington, e acho que não terão falta de conforto.

— Está ótimo. — Melody sorriu. — Nós lhe agradecemos muito.

Amy correspondeu ao sorriso, gostando de ver sua hóspede perder o ar de defesa.

— Esse nosso costume, de receber com alegria um estranho, é chamado pelos maori de manuhiritanga. Numa terra tão nova quanto esta, é um hábito agradável e muitas vezes necessário. Estamos vivendo uma época dura, sra. Van der Veer, e precisamos cultivar a amizade com outros de nossa raça e com os nativos que se mostram leais. Mas vamos deixar a conversa para depois. Assim que Ani descer, eu a mando levar sua água e o chocolate de sua tia. Ela ainda não sabe muita coisa, mas quer aprender, e é uma alegria ensiná-la.

— A menina é completamente mimada — Paul comentou com indulgência. — Eu vou ter de sair para arrumar acomodação, Amy, mas volto para o jantar e com uma pequena contribuição para a mesa.

George Reid, que até aquele momento permanecera caído, manifestou-se esperançoso:

— Não vá me dizer que é uma daquelas "águas" que você costuma contrabandear!

— É, sim. Mas não insulte um Arrnagnac, chamando-o de "água"! — O sorriso que Paul dirigia ao amigo sumiu, quando ele se virou para Melody. — Sra. Van der Veer, quer fazer o favor de me acompanhar até a carruagem?

Seu tom era imperioso, e depois de um rápido olhar para a tia, Melody obedeceu. A alguns passos da casa, ele parou e segurou-a pelos braços.

— Os Reid são meus amigos — declarou, baixo e sem rodeios.

— São pessoas simples, que não têm ilusões de grandeza nem gosto pelo drama. A sua cena de dama bem-nascida, rebaixada a criada, foi embaraçante para eles, e eu não quero que se repita. Quando chegarmos, a Windhaven, pode andar descalça e cora roupa feita de saco que não me importo. Só não esqueça que, se fizer isso, é melhor assumir completamente o papel de criada, obedecendo e baixando a cabeça cada vez que eu me dirigir a você.

Melody lutou para se soltar, mas ele aumentou a pressão das mãos, e uma dor aguda espalhou-se por seus braços.

Vendo-a empalidecer, Paul deu-se conta de que a estava machucando e sentiu-se mal. Em toda sua vida, nunca agredira propositalmente uma mulher, mas

com Melody experimentava um desejo irracional de causar dor, de subjugar-la e apagar o brilho de desafio dos fascinantes olhos azuis. E o pior era que ela precisaria desse espírito rebelde e obstinado para agüentar a vida que a faria levar.

Desgostoso com a própria atitude, soltou-a e deu-lhe as costas.

— Eu volto para o jantar. Se não tem amor-próprio suficiente para agir com discrição, pense na sua tia, que mesmo descalça e com roupas de saco continuaria a ser uma dama.

Por muito tempo, depois que ele se foi, Melody continuou onde estava, lutando contra as lágrimas de raiva e auto - piedade.

— Tomara que a sua carruagem vire e você quebre o pescoço! — amaldiçoou, em voz alta.

Um casal de transeuntes fitou-a, boquiaberto, mas ela retribuiu o olhar com tanta raiva que eles foram embora depressa.

— Eu detesto você! E detesto o seu país! — Melody acrescentou, com total falta de lógica, já que mal conhecia um ou outro.

A injustiça da declaração diminuiu um pouco sua zanga, e ela enxugou os olhos com as costas da mão, jurando:

— De qualquer maneira, você não vai me vencer! Voltando para dentro, Melody ouviu Ani e Amy na cozinha.

As duas riam enquanto trabalhavam, com a mesma camaradagem que ela costumava observar em sua casa, antes da chegada de Luther Hogge. Sentindo-se mais sozinha do que nunca, indagou-se se seria capaz, algum dia, de aprender a rir novamente.

Ao entrar na sala dos Reid, ela notara, num canto, um lindo piano. Uma idéia lhe ocorreu, mas logo se lembrou de que criados não tinham o direito de tocar num instrumento daqueles, a não ser para limpar. Triste, aproximou-se dele, ergueu a tampa e, certificando-se de que não havia ninguém por perto, correu os dedos pelas teclas. Estava afinadíssimo. Será que... teria coragem?

A tentação foi grande demais. Sentando-se na banquetta, Melody começou a tocar, bem baixinho. Como em Londres, a música lhe trouxe paz, e logo ela passou para uma peça mais complicada, uma linda mazurca. Executou-a com um sorriso nos lábios, e não conteve um suspiro, ao chegar ao final.

— Que lindo, sra. Van der Veer!

Melody se virou, encontrando os olhos sorridentes de Amy e o rostinho

fascinado de Ani.

— Desculpe. Eu não pretendia ser inconveniente...

Amy riu.

— Eu é que vou ser inconveniente, pedindo-lhe para continuar. George comprou este piano de uma família que estava voltando para Londres, mas eu não toco. Se Wellington tivesse mais professores, eu já estaria aprendendo, mas o único que conhecemos não tem mais horas vagas.

— Eu poderia lhe dar... — Melody interrompeu-se, embaraçada. — Acho que é impossível. A fazenda do sr. Savage é longe daqui, não é?

— Infelizmente, é. De qualquer maneira, obrigada por oferecer. E, se puder tocar um pouco para nós, enquanto estiver aqui...

— Claro! E posso começar agora, com uma música em homenagem a Ani e seu vestido verde. — Sorrindo para a menina, que se aproximara do piano, Melody estendeu a mão e puxou-a para junto de si. — Uma vez, um rei da Inglaterra se apaixonou por uma linda garota, com cabelos escuros como os seus. Como você, ela usava um vestido verde, e ele compôs uma canção para ela. Quer ouvir?

Maravilhada, Ani assentiu.

Após um rápido abraço na criança, Melody começou a tocar e a cantar *Green-sleeves*. Sua voz era baixa, com um tom rouco que acrescentava uma enorme sensualidade às palavras da canção. Meio século depois, esse tom rouco seria a alma dos blues, mas naquele momento só expressava saudade e solidão, e foi isso que Paul Savage ouviu, ao entrar.

Em silêncio, ele contemplou a cena. A mulher e a garotinha sorriam uma para a outra, com uma ternura que estava além de qualquer credo e raça. Harmonizando instintivamente sua vozinha com a de Melody, Ani se pôs a cantar também, dando às palavras um leve sotaque Maori.

Quando a última nota morreu no ar, Paul avançou. Melody enrijeceu de imediato, voltando: a envergar a máscara de polidez que sempre ostentava na presença dele. Mas a criança correu para ele, tomando-lhe as mãos.

— Isso foi para mim — contou. — Mihi Van faz uma linda música, não acha?

— Linda — ele concordou, fitando as feições coradas de Melody. — É uma pena que eu não tenha um piano em Windhaven.

Amy riu.

— Já imaginou, levar um daqui até lá? Se bem que você, quando quer, é capaz de tudo!

Paul foi até o piano e disse baixo, de modo que só Melody o ouvisse:

— Qualquer coisa é possível, com incentivo suficiente.

Confusa como sempre, que se encontrava tão perto dele, Melody desviou o olhar, passando-b pelos ombros largos, o casaco de seda cinza, os quadris estreitos e... virou-se rapidamente para o outro lado, o coração batendo descompassado. Não podia negar o magnetismo daquele homem, mas rejeitou o efeito que nela causava, murmurando:

— Não consigo pensar em nenhum incentivo grande o bastante para isso, sr. Savage.

— É pena. Podia ter sido bem interessante.

Ele se afastou alguns passos, e Melody levantou-se, indo para o quarto.

— Não vou me render! —murmurou, enquanto se trocava com todo o cuidado para não acordar a tia. — Ele pode ser dono do meu corpo, mas nunca será dono de mais nada! — Com uma careta para o espelho, colocou seu vestido mais fechado e prendeu os cabelos num coque sem atrativos. — Agora posso enfrentá-lo!

O jantar foi mais fácil do que ela esperava, apesar da ausência da tia. Exausta da viagem e ajudada pelo chocolate quente, Beatrice ainda dormia.

— Ela pode comer mais tarde, se tiver fome — Amy disse. — Por enquanto, o sono é o melhor remédio para ela. Sente-se aqui, sra. Van der Veer. Paul, sente-se na frente dela. E pode tirar o casaco, que já estamos acostumados a vê-lo em manga de camisa.

Com um sorriso, Paul obedeceu, revelando uma camisa de seda branca, finíssima, que realçava a beleza de seu tórax largo. Estendeu a mão para o vinho, e seu olhar encontrou-se com o de Melody. De imediato ela baixou a cabeça, zangada consigo mesma por sentir o que sentia.

"Cuidado, Melody!", ela se aconselhou em pensamento. "Só porque ele não é como os outros homens que você conhece, não quer dizer que não seja um bárbaro"... Um homem cruel, arrogante e insensível, que toma o que quer e manda o resto ao diabo.

Mas sua mente traíçoeira lembrou-a do modo corno ele cumprimentara Ani, da atenção com que tratara sua tia e da boa vontade que mostrara ao hipotecar o próprio lar para ajudar o primo adotivo. Mais uma vez, encontrou os olhos dele e percebeu que eram castanho-escuros, com pontos dourados que refletiam a luz das velas. Perturbada, virou-se para o lado e puxou conversa com Amy Reid.

Falaram de amenidades e, quando a anfitriã perguntou-lhe se gostara do jantar, Melody elogiou cada prato, confessando, entre risos, sua ineficiência na cozinha.

— Mas tia Bia é capaz de fazer o melhor pão de milho do mundo. Eu nem sabia disso, mas quando estávamos em St. Clare, com meu... com Brett...

Ela vacilou, sem saber se estava sendo indiscreta, e Amy interferiu, preenchendo o vazio como se nada tivesse notado de estranho.

— Ah, eu adoraria que sua tia fizesse alguns para nós, quando se levantar. Mas você pretende ir embora assim que ela estiver melhor, não é, Paul? Ele concordou.

— Preciso ir. Em todo caso, elas vão precisar de um dia para fazer compras. Nenhuma das duas tem roupas que sirvam para Windhaven, e eu pensei que você poderia ajudá-las.

— Claro, Mas Windhaven vai mudar muito com a presença de damas por lá, por isso não vou deixar que comprem apenas saias soltas e blusões sem forma, como a sua Martha gosta tanto de usar.

Melody sentiu um inexplicável aperto no coração ao ouvir tais palavras. Seria possível que Paul fosse casado? isso explicaria a insistência dele para apresentá-la como criada ou mesmo como hóspede de Windhaven, em vez de como escrava. Sem falar nas outras atitudes. Como fora tola achando, que ele tinha outros motivos para trazê-la para a Austrália, além dos que alegara!

— Vai ser muito bom se puder nos ajudar — disse a Amy, sorrindo para encobrir a estranha frustração que experimentava. — Minha tia e eu fizemos compras em Nova York, antes de ir para St. Clare, e na época nem nos passou pela cabeça que pudéssemos vir para a Nova Zelândia.

De novo ela teve a impressão de ter se aberto demais, mas logo se tranqüilizou. Afinal, por que não deveriam aquelas pessoas saber como era na realidade seu precioso Paul? Ele a comprara como escrava e a obrigara a vir morar naquela terra estranha, do outro lado do mundo...

De repente, Melody lembrou-se da neve que devia estar caindo na Inglaterra, dos lagos gelados, onde todos iam patinar, e dos passeios de carruagem aberta pelos parques. Tudo isso se fora. Como tinham ido seu pai, sua mãe e Hugh, que cometera o erro de amá-la...

— Ah, sra. Van der Veer!

Melody voltou ao presente, só. então percebendo que as lágrimas escorriam por seu rosto.

— Eu... Desculpe, sra. Reid... Eu... Sei que é ridículo...

— A Senhora não tem de pedir desculpas por nada.

A preocupação na voz de Amy era sincera, e Melody baixou a cabeça, embaraçada.

— De repente, eu percebi que faltam só alguns dias para o Natal... Meu pai morreu há um ano, e minha mãe, na Páscoa. Meu marido foi assassinado no começo deste ano, e este será meu primeiro Natal sozinha. É claro que preciso me acostumar com isso e entender que tia Bia não pode ficar ao meu lado para sempre, mas... Desculpe, eu não tinha intenção de deixá-la preocupada ou de estragar sua noite. É melhor eu subir. Foi um dia cansativo.

— Claro, meu bem.

Amy não pôde deixar de reparar na angústia que havia nos olhos azuis, quando Melody ergueu a cabeça. O que a jovem dissera explicava o vestido preto, mas havia mais alguma coisa ali. E ela descobriria o que era, para resolver o problema e trazer de volta a cor àquele lindo rostinho. Paul Savage podia falar o que quisesse, mas não a faria voltar atrás em sua decisão!

Voltando o olhar para ele, Amy notou que Paul observava Melody com a mais estranha das expressões. Já a moça parecia estar cora medo dele, quando perguntou, de olhos fixos no chão:

— Posso subir... senhor?

De novo o ar encheu-se de tensão, e Amy estremeceu ao ver Paul responder, num tom frio como gelo:

— Claro.

Agradecendo e desculpando-se mais um., vez, Melody foi para o quarto, onde se jogou na cama e deu vazão as lágrimas, mordendo o travesseiro para não fazer barulho e acordar a tia, que continuava entregue ao sono da exaustão.

CAPÍTULO XIII

Como já era de prever depois da confissão de Melody, Amy Reid convidou seus hóspedes para passar o Natal em Wellington.

— Você não prefere passar o Natal em casa, com sua família?

— Melody arriscou-se a perguntar a Paul, num momento em que ambos

estavam sozinhos na sala.

Pela janela, ele fitou a baía e as colinas, mais além.

— Eu sempre quero voltar para Windhaven, não importa a época do ano.

Havia algo na voz dele que fez o coração de Melody se apertar. A tal... Martha devia ser muito bonita, embora tivesse roupas horrorosas. Ele dissera que tia Bia continuaria a ser uma dama, mesmo em roupas de saco. Talvez a esposa dele possuísse o mesmo tipo de personalidade, sendo uma dessas pessoas para quem os trajas não passavam de um ornamento secundário.

Incapaz de resistir à curiosidade, Melody perguntou:

— Acha que... Martha passará bem o Natal, sozinha?

— Ela está acostumada a dirigir a casa, com ou sem mim. Na verdade, até acho que ela prefere quando não estou por perto. Mas por que quer saber?

— É que pensei que... com o Natal sendo... uma data própria para reuniões de família...

— Nós não somos parentes dos Reíd no entanto eles estão contentes por nos terem aqui.

Melody aproveitou a deixa para abordar um assunto menos perigoso.

— Por falar nisso, o que posso dar a eles de presente? Tenho algumas jóias, se bem que nada de grande valor, mas daria uma à sra. Reid com prazer, se achasse que ela ia aproveitar. O problema é que, aqui, ela nunca terá oportunidade de usar algo assim...

Paul deu as costas à janela, sorrindo sem alegria.

— Você deve achar que vivemos mesmo num país de bárbaros! Mas, acredite ou não, temos bailes quase civilizados, na residência do governador, e almoços que são motivo para homens e mulheres se enfeitarem como borboletas. Até o exército faz questão de se apresentar bem, e muitas apostas são feitas quanto ao botão mais brilhante, a bota mais engraxada e o efeito que exercerão sobre as damas da cidade.

— Eu vi alguns soldados na rua. Há muitos regimentos por aqui? Costuma haver problemas em Wellington?

— Há sempre barulho por aqui, desde que os brancos resolveram quebrar o Tratado de Waitangi, estabelecido em 1840 e que dá aos chefes maori o direito de escolher se querem ou não vender suas terras. O antigo governador, Charles Grey, sempre respeitou o tratado e providenciou para que os nativos não fossem enganados. Mas Gore-Brown, o atual governador, não pensa do mesmo modo, e a

inquietação cresce, de ano a ano. Logo haverá uma explosão. Os maori não querem mais os pakeha, como nos chamam, na Nova Zelândia, e vão pilhar, torturar e matar para conseguir o que querem. Os membros de seu povo que confraternizam com os brancos serão tratados pior ainda. É para contê-los que a milícia está aqui. Quanto ao nosso assunto original... o Natal com os Reid... você tem razão em achar que Amy não vai usar uma jóia. Ela é uma mulher caseira, que prefere a companhia da família a uma noite fora. Ficará mais contente com uma echarpe ou algo assim. Se você precisar de dinheiro para os presentes, é só me dizer que eu...

- Não! — Melody protestou, com aspereza. Mas logo em seguida desculpou-se, embora não estivesse arrependida: — Perdão, mas não posso aceitar mais dinheiro de suas mãos. Eu dou um jeito.

— Tenho certeza que sim. Mas você já me deve tanto, mais algumas libras não farão diferença.

— Engano seu, pois elas significariam pelo menos mais um dia de trabalho nesta terra.

Paul zangou-se, mas foi impedido de responder pela volta dos outros.

Na manhã de Natal, no entanto, todos os ressentimentos tinham sido dispersados pela atmosfera festiva e a insistência de Amy para que a ajudassem a decorar a árvore. Mesmo estranhando o clima, pois se encontravam no auge do verão, Melody foi tomada pela velha excitação. Ela e a tia haviam percorrido as ruas de Wellington, atrás de presentes. Beatrice vendera um pingente de brilhantes pela metade do valor, depois que ficara sabendo da recusa de Melody em aceitar o dinheiro de Paul.

— O homem é praticamente meu dono — Melody se queixara. — Eu o detesto e não quero dever-lhe mais nada!

Após surpreender algumas trocas de olhares, quando eles pensavam que não havia ninguém observando, Beatrice adquirira idéias próprias a respeito do assunto. Assim sendo, considerava a venda da jóia um pequeno sacrifício e também um prazer, pois poderia expressar sua gratidão e simpatia pelos Reid além de um respeito cada vez maior por Paul Savage. Em sua opinião, ali estava um homem de verdade.

Melody, por sua vez, gostaria de jamais ter ouvido falar ou posto os olhos em Paul Savage. No quarto, aonde fora para se trocar, ela parou diante do espelho, apenas de anáguas, e suspirou. O leiloeiro dissera que uma negra sempre tinha uma linha azulada sob as unhas, e mamilos escuros. Mas suas unhas eram brancas, e seus mamilos, rosados, apesar de o maldito livro identificá-la como

negra.

— Não-pode ser! — murmurou, agoniada com a idéia.

— Melody, não demore! — Beatrice chamou, do corredor, fazendo-a vestir-se apressada.

Na sala, havia um casal desconhecido, que Amy apresentou:

— Tarati Reid, minha nora, e nosso filho Henry.

— É um prazer conhecê-la — Tarati declarou num inglês cuidadoso. Ela era dona de um lindo sorriso e olhos maravilhosos, de um castanho aveludado.

Além de Ani, que era bem morena, Melody nunca vira uma maori tão de perto. Sempre acreditara que os nativos da Nova Zelândia possuísem cabelos crespos e pele negra, como as raças negróides, ou então cabelos lisos e pele escura, como os indianos e chineses, mas aquela garota tinha a pele só um pouco mais morena que a sua e cabelos pretos, ondulados, que iam até a cintura.

— Mas você é linda! — exclamou, sem pensar. E logo corou, embaraçada, enquanto Tarati explodia numa risada.

— É bom encontrar alguém capaz de apreciar meu tesouro — Henry comentou, sorrindo.

— Henare, comporte-se! — a moça disse, usando o equivalente maori do nome dele. — A sra. Van der Veer já está embaraçada, embora não tenha motivos, pois é muito mais bonita do que eu. Mais corada ainda, Melody murmurou:

— Acho melhor mudarmos de assunto.

O grupo se desfez, e as festividades começaram. A árvore de Natal dos Reid era bastante incomum, com folhas escuras e lindos botões vermelhos.

— É uma póhutukaw — Paul explicou —, um tipo de árvore que só dá na ilha Noíth e floresce nesta época do ano.

— É linda, quase exótica... como Tarati. — Melody sorriu.

— E você — ele replicou, mas sem retribuir o sorriso. — Esses olhos azuis não combinam com seus cabelos.

Paul virou-se abruptamente, então, deixando Melody confusa e aborrecida. Naturalmente, ele tinha razão. Uma negra de olhos azuis era praticamente impossível... e também a Paul essa idéia muitas vezes ocorrera, levando-o a desconfiar de que o registro no livro de St. Clare fosse falso.

Fora essa suspeita inexplicável e sinistra, que o fizera apressar sua

partida da América, embora tivesse vontade de dar a lady Davenport o mês que ela pedira para saldar a dívida da sobrinha. Isso e o fato de O'Shaughnessy ter comentado que as duas mulheres estavam sendo seguidas. Ele fizera alguma investigação a respeito, mas nada encontrara além de rumores sobre um estranho enlouquecido, assassinato e milhares de dólares sendo gastos numa caçada humana.

Deixando seu olhar sombrio pousar no perfil encantador diante de si, Paul refletiu: "Um dia eu vou saber, Melody Van der Veer".

Melody procurou evitá-lo, depois do que ele lhe dissera, mas, na hora de abrir os presentes, Amy acomodou-a no sofá, diante da lareira, e sentou-se ao lado, convidando:

— Sente-se aqui, Paul, senão não vai dar. Temos poucos móveis e menos espaço ainda.

Paul sentou-se entre elas, enquanto Melody tentava sê afastar dele o máximo possível. A sala dos Reid tinha realmente poucos móveis, com apenas um sofá e três poltronas, que já estavam ocupadas por George, Beatrice e Henry, com Tarati no colo.

A criança, Ani, foi chamada para participar e entregar os presentes, que eles haviam amontoado num canto. Excitada, ela os levava de um em um a Amy, que lia o nome do destinatário. Em seguida, corria para entregá-lo, quase tropeçando nos próprios pés, em sua ansiedade. Quando os pacotes se acabaram, ela olhou em torno de si e gritou:

— Vamos!

Apressada, a menina começou a desembulhar os presentes que recebera, arrancando risos deliciados dos adultos.

Melody não abriu logo os seus. Estava envergonhada de ter forçado um convite para passar o Natal com aquelas pessoas maravilhosas. Eles não eram ricos, mas mesmo assim tinham se dado ao trabalho de lhe dar uma lembrança.

— Vamos, sra. Van der Veer — disse Amy, num tom gentil e encorajador. — Não pode ver os seus presentes através do papel.

Melody corou.

— Então, vou abrir primeiro. Mas vocês não deviam ter se incomodado. Já foi um presente maravilhoso poder participar do seu Natal.

Deparou-se com um delicado pente para prender o cabelo, decorado com conchinhas, e sua exclamação de prazer trouxe um sorriso feliz aos lábios de

Amy.

— Não é novo — ela explicou a Melody —, mas nunca foi usado. Ganhei logo depois que chegamos à Nova Zelândia... de um rapaz tolo, que ainda não tinha um meio de vida.

Amy trocou um sorriso com o marido, que completou:

— Mas que tinha um gosto impecável, em matéria de mulher.

Melody deu a Amy um vidro de colônia, e Beatrice, um pacotinho de agulhas e linhas, algo muito apreciado, na Nova Zelândia. No fim, Melody acabou perdendo o fio da meada de quem dava o quê e a quem. Só sabia que não queria abrir o pacotinho retangular que recebera de Paul. Ele estava muito quieto, desde que abrisse seu presente e o de Beatrice, embora tivesse se mostrado feliz com a faca de caça que Beatrice lhe dera. Fora menos expansivo, no entanto, ao abrir o presente de Melody: uma linda caixa de couro, contendo sete navalhas com cabo de marfim, uma para cada dia da semana.

O presente de Paul fora o mais caro, e Beatrice chegara a aconselhar Melody a não comprá-lo.

— Não fica bem e você sabe disso, querida. Não é presente que deva dar a um homem que mal conhece.

— Não é presente que uma criada deva dar a seu patrão — Melody replicara, sem saber o que a atraía para aquele conjunto de navalhas. Só sabia que o queria para Paul.

Nesse ponto, Beatrice não contivera um suspiro.

— Pare de lutar contra você mesma, Melody. O que está querendo provar? Que é uma mulher independente, que por acaso está sem dinheiro miúdo? Convença-se de que somos pobres, minha querida. Muito pobres, apesar das aparências. Minhas jóias não vão durar para sempre, e nossos vestidos acabarão sendo reformados inúmeras vezes. Ainda bem que por aqui as mulheres não usam saias muito rodadas. A verdade é que a aristocracia não coloniza um país, só o toma depois, quando o trabalho pesado foi feito. Mas, se você faz questão de dar este presente ao sr. Savage, então dê.

— Talvez ele corte a garganta com essas navalhas — Melody havia murmurado, num tom rancoroso. Mas comprara as navalhas. Depois, vendo Paul apertar os lábios ao abrir o embrulho, quase se arrependera. Porém era tarde demais.

Ao lado de Melody, uma voz a sobressaltou:

— Vai ficar esquisito se você não abrir o meu presente, embora eu entenda sua vontade de jogá-lo fora.

Sem jeito, ela voltou à realidade e assentiu, evitando olhar para Paul. Sob o papel estava uma caixinha recoberta de madrepérola, que refletia a luz das velas com uma maravilhosa translucência.

— Foi feita com conchas paua — Paul explicou. — Os nativos também usam essas conchas para decorar suas lanças e estátuas.

Maravilhada, Melody abriu a caixinha e não conteve uma exclamação ao ver o pingente de jade verde-escuro, preso a uma corrente de ouro, que ela continha.

— Os nativos chamam o jade de "pedra verde" — ele murmurou, contente com a reação dela, apesar dos pensamentos que ainda o atormentavam.!

— É lindo. Como a caixa. Nunca vi nada assim. Obrigada. — Ela o fitou com um sorriso rápido, meio tímido.

Pot que ele lhe dera um presente tão bonito? O que diria a esposa dele, Martha? Não era um presente próprio para uma criada.

Os outros estavam conversando e passando bombons e drinques. George acabava de abrir a garrafa de bourbon, que recebera de Paul, e Ani passeava pela sala, carregando a boneca que Melody lhe dera,

Aproveitando o fato de a atenção dos outros não estar neles, Paul disse a Melody:

— Não acha que seria agradável tomarmos um pouco de ar, sra. Van der Veer?

Melody pensou em recusar, mas, fitando-lhe os olhos escuros, desistiu. Com um nó na garganta, levantou-se e acompanhou-o para os fundos, onde os Reid cultivavam uma mistura de jardim com pomar. Mas não teve oportunidade de apreciar a paz e a beleza do lugar, pois Paul disse bruscamente:

— Os presentes que você e sua tia me deram, principalmente o seu, custaram mais do que vocês tinham quando chegaram. Quero saber de onde veio esse dinheiro.

Melody corou, sentindo a raiva tomar conta de si.

— O dinheiro era de tia Bia, e não é da sua conta onde ela o conseguiu. Como se atreve a fazer uma pergunta dessas? O senhor pode ser meu dono, sr. Savage, mas não é dono de minha tia!

Ela se virou para entrar, mas foi impedida por dedos de ferro, que se fecharam em torno de seu pulso.

— Se sua tia tem dinheiro, por que deixa que ela o gaste com estranhos, quando poderia ter comprado a sua liberdade?

— Porque eu não tenho tanto dinheiro assim — uma voz incisiva respondeu, atrás deles.

Paul soltou Melody quando viu Beatrice. Com um olhar frio como gelo, ela se dignou a explicar:

— O dinheiro que possuo está na forma de jóias, algumas herança de família, pertencentes à coleção dos Davenport. Se fosse suficiente, eu teria comprado com o maior prazer a liberdade da minha sobrinha. Vendi algumas peças para comprar alimento, em St. Clare, e outras para ter dinheiro para gorjetas, quando não o encontrei no seu hotel, em Raleigh, e não podia esperar que voltasse.

— Vendeu?! Mas devem ter lhe dado muito menos do que essas jóias valiam!

— Era uma emergência, e eu seria muito tola se desse mais importância a uma pedra do que a uma vida humana. Quanto aos presentes de Natal, ficaram por conta de um insignificante pingente de diamantes, com o qual um insignificante duque russo achou que podia me comprar. Uma bagatela em Comparação com a hospitalidade dos Reid e a alegria no rostinho de Ani. Está satisfeito, sr. Savage?

— E envergonhado — Paul admitiu, com um sorriso embaraçado. — Minhas sinceras desculpas, lady Davenport... e sra. Van der Veer. Também temos agiotas em Wellington... e fiquei zangado com a possibilidade de a sra. Van der Veer ter aceitado a ajuda deles, quando eu já havia lhe oferecido a minha.

Beatrice observou o jogo de emoções nas feições másculas, e seu olhar se suavizou.

— Duvido que tenha sido zanga o que o senhor sentiu, sr. Savage — murmurou. E, antes que ele pudesse responder, voltou para dentro da casa.

Por um longo momento o silêncio imperou no jardim, depois Melody virou-se para também entrar. Não havia espírito natalino, ali, só recriminações e acusações, frieza e desconfiança.

— Sra. Van der Veer...

Os dedos em seu braço mostraram-se gentis, desta vez, mas ela não se virou para fitá-lo.

— É um presente muito bonito, e eu lhe sou grato.

Então, ele agora queria ajeitar tudo! Estava com o orgulho satisfeito e

pronto a aceitar o presente. Ela quase disse: "Espero que corte a sua garganta com ele!", mas decidiu que era melhor não hostilizá-lo.

— Não foi nada — murmurou formalmente. — O senhor também foi generoso com seu presente.

Ele se colocou diante dela, bloqueando o caminho, forçando-a a fitá-lo e lendo a verdade nos olhos azuis e tempestuosos.

— Mas não era o que você gostaria que eu lhe desse, era?

— É uma linda peça. — Melody desviou o olhar.

— Mas...

Um dedo firme curvou-se sob o queixo delicado, forçando-a a erguer os olhos novamente.

— Onde vou usá-lo, trabalhando numa fazenda perdida no meio do mato? Realmente, não é o que eu teria pedido.

— O que você teria pedido, então?

Nos olhos dele, ela viu que Paul já sabia.

— A minha liberdade... Você poderia ter me dado a minha liberdade!

Por um instante, ele examinou o rosto delicado.

— Não posso — murmurou, num tom enrouquecido. — Por enquanto, não.

Um soluço angustiado escapou dos lábios de Melody. Com um safanão, ela se livrou dele e correu para dentro.

No dia seguinte, partiram para Wanganui, percorrendo a primeira etapa de sua viagem. Melody estava muito quieta e não mostrou interesse quando Paul lhe apontou duas fortalezas gêmeas, na entrada da pequena cidade. Respondeu polidamente, mas não mudou de atitude quando ele continuou a lhe fornecer informações, contando que a cidade tinha o mesmo nome do rio, que em maori significava "uma grande extensão de água".

De Wanganui seguiram viagem para vila de Pipiriki, passando por campos verdejantes, penhascos rochosos e colinas floridas.

— Não tem interesse em botânica? — Paul perguntou, tentando quebrar a barreira que a jovem erguera entre eles, desde sua partida da casa dos Reid.

— Tenho... — ela respondeu, distraída, mal vendo a beleza selvagem em torno de si.

Esporadicamente, encontravam pequenos grupos de nativos à margem do

rio e vislumbravam um acampamento fortificado, que Paul chamava de pa. Ao contrário dos maori de Wellington e Wanganui, que estavam sempre sorrindo, aqueles mostravam rostos tristes e silenciosos. Paul explicou que se ressentiam da perda gradual de suas terras, em favor dos brancos.

— Eles não se importam com o fato de suas terras não estarem sendo utilizadas. Alegam que são herança de seus filhos e netos, que pelo menos poderão escolher entre cultivá-las ou não. Os fazendeiros, por sua vez, estão limitados a poucos hectares e se ressentem de ver as áreas vizinhas às suas sem cultivo. Para eles, essas terras estão sendo desperdiçadas.

Melody e\$ta a favor do ponto de vista maori, mas ficou quieta, porque não queria concordar com nada que Paul apoiasse. Viu que os rostos dos nativos, ali, eram cobertos por tatuagens azuladas, algumas de desenho muito bonito. Usavam apenas uma espécie de tanga, e no começo ela virava o rosto, embaraçada, mas logo sua mente se adaptou à novidade e aceitou aquele povo aterrorizante, porém barbaramente lindo. Como Tarati, eles eram mais claros do que havia imaginado, com maçãs do rosto salientes e nariz aquilino, que lembravam a raça árabe.

Contemplando a aparência feroz dos nativos, Melody não resistiu e acabou perguntando a Paul:

— A milícia estava na cidade para proteger o povo de um possível ataque. Mas quem protege os fazendeiros?

Desta vez, o leve sorriso que Paul costumava exibir, quando a pergunta não era séria, não apareceu.

— Nós nos protegemos. E Windhaven não é tão vulnerável quanto as fazendas que você viu. De um modo geral, as propriedades mais distantes são bem fortificadas. Dependemos disso e de bons vizinhos, para não mencionar uma aliança com maoris amigáveis, que têm se mostrado incrivelmente leais. — Percebendo o que se passava por trás das feições cuidadosamente controladas de Melody, ele acrescentou: — Eu mentiria se lhe dissesse que Windhaven nunca foi atacada. Já foi e será novamente. É por isso que nos mantemos tão bem armados. Faz dez anos que estamos lá e pretendemos ficar muitos mais.

— Você não sente saudade da segurança e civilização da cidade?

Desta vez, o meio sorriso apareceu nos lábios dele.

— Não. Comprei minhas terras por treze shillings o hectare, o que foi um preço relativamente alto, na época. Mas preferi me endividar a enganar os nativos, dando-lhes alguns cobertores e outras quinquilharias. Agora, a fazenda está quase paga e é minha, legalmente. Os maori do sul são meus amigos. Eu limpei

a área e construí uma casa. Cheguei a manter trinta homens trabalhando lá, e no fim alguns dos mais jovens pediram para ficar. Hoje, sou auto-suficiente em frutas, legumes e carne. Não... eu não trocaria minha fazenda por um emprego e uma casa na cidade, mesmo que fosse tão aconchegante quanto a dos Reid.

Enquanto falava, Paul corria o olhar pelo corpo de Melody, cujas curvas eram reveladas pelo corpete justo do vestido de seda. Seria ela capaz de se adaptar àquela vida dura, porém infinitamente satisfatória?

— Os vestidos que vocês compraram em Wellington... É melhor colocar um deles, antes de desembarcarmos em Pipiriki. A estrada para Windhaven é pouco mais que uma trilha, longa e montanhosa, e teremos de ir a cavalo.

— Por acaso eu ouvi falar em cavalos? — perguntou Beatrice, num tom esperançoso, juntando-se a eles.

— Ouviu, sim, lady Davenport. A senhora anda a cavalo?

— E muito bem. Fui uma das melhores amazonas de Rotten Row. — Beatrice suspirou. — Éramos um grupo de mulheres ricas, corajosas, capazes de controlar os cavalos mais bravios e obviamente não casadas, já que nenhum marido seria capaz de suportar nosso temperamento. Naturalmente, havia entre nós algumas que não poderiam ser consideradas perfeitas damas, já que viviam sob proteção masculina. Uma delas, Catherine Walters, costumava causar um verdadeiro rebuliço no Hyde Park, quando aparecia com um garanhão cinza, difícilíssimo de controlar.

Beatrice sorriu, sendo correspondida por Paul. Melody, meio embaraçada com o passado da tia, protestou:

— O sr. Savage não deve estar interessado nisso, tia.

— Ao contrário, estou muito interessado na vida de vocês, em Londres. Não sei como puderam renunciar a uma existência tão estimulante para irem ficar com Brett, que, apesar de ótima companhia, não poderia competir com o que vocês tinham.

— Olhem! — Melody gritou. — Que pássaro lindo! Como se chama, sr. Savage?

Depois de fitá-la por um instante, com um olhar que fez o coração dela disparar, Paul respondeu:

— Os nativos o chamam de kotare. É um pássaro comum, neste trecho do rio.

"Você não me engana", ele pensou. "Não quer que eu saiba de alguma coisa

que aconteceu em Londres, mas ainda vou descobrir o que é."

Não demorou muito para que chegassem a Pipiriki e transferissem a bagagem para uma longa fileira de mulas. Os maori daquela região pareciam mais hospitaleiros, muitos usando roupas européias, como em Wellington. Brancos de várias nacionalidades ingleses, alemães e franceses, aproximavam-se, ansiosos por novidades.

Para decepção de Melody, Paul recusou um convite para jantar e passar a noite na cidade. Liberando a tensão que crescera em seu íntimo durante a viagem, ela exclamou:

— Não recuse por minha causa, sr. Savage! Prometo que não vou lhe dar o trabalho de caçar uma fugitiva.

Ele apertou os olhos, mas depois, com um gesto de desgosto, deu-lhe as costas.

— Olhe em torno de si, sra. Van der Veer — falou, por cima do ombro. — Além daquelas casas fica o sertão, do qual a maior parte nunca foi percorrida por um branco. Há maori amigáveis e hostis, lá, e o mesmo pode-se dizer da vida selvagem. À parte isso, sou muito conhecido e respeitado na região, o que reduz suas chances de encontrar abrigo a quase zero. Se recusei o convite dos Collin, foi porque quero que a sua preciosa bagagem chegue inteira a Windhaven e que as minhas provisões não sejam roubadas durante a noite por estes selvagens sorridentes.

Ele virou-se novamente, chegando a ela com duas largas passadas.

— Sra. Van der Veer — prosseguiu, com as mãos nos quadris e as pernas ligeiramente separadas —, a senhora anda fazendo o possível para esgotar a minha paciência. Às vezes, até me arrependo de ter dado ouvidos a meu primo. Eu devia ter deixado que um daqueles fazendeiros suados a comprasse como companheira de cama!

Melody empalideceu, lembrando o pesadelo que fora aquele leilão. Arrependido, Paul ergueu as mãos para ampará-la quando ela vacilou, e o contato entre eles trouxe-a de volta à realidade. Com um gemido abafado e os olhos cheios de lágrimas ela se soltou e correu para onde estavam as mulas, ocupando-se em arrumar uma rédea para controlar o tremor das mãos.

— Selvagem! — xingou por entre os dentes. — Juro que você não vai me dobrar. Nem você, nem a sua maldita terra!

CAPÍTULO XIV

A viagem foi rápida demais para Melody. Em Windhaven, pensava, começaria sua vida como escrava, com toda a degradação e humilhação que esta palavra evocava. Vira os negros trabalhando na lavoura em St. Clare, e imaginava muito bem o que seria passar o dia capinando, sob o sol quente da Nova Zelândia. Mesmo assim, jamais poderia aceitar a alternativa oferecida por Paul. Não entendia como ele tivera a coragem de lhe propor que se tornassem amantes, mesmo vivendo sob o mesmo teto que a coitada da esposa dele!

Apesar do turbilhão emocional que a torturava, Melody não pôde deixar de notar a beleza dos lugares por onde passavam, com paredões de pedra cortando os extensos vales, onde cresciam várias espécies de árvores, formando um verdadeiro paraíso.

Paul, que por sua vez a observava, começou a sentir uma pontinha de esperança. Estaria enganado ou percebia mesmo nela o nascimento de um fascínio por aquela terra, como acontecera com ele?

Horas depois de iniciarem a viagem, chegaram ao topo de uma colina, onde a floresta era menos densa, e Windhaven surgiu lá embaixo. Paul esporeou o cavalo para a frente, sem esconder a ansiedade, e o olhar de Beatrice encontrou-se com o da sobrinha.

— Imagino que este seja o lugar que por algum tempo vamos chamar de "lar" — ela comentou. Notava-se que ali as terras cultivadas travavam uma batalha constante contra a mata, enquanto seus donos estavam sempre na defensiva contra as tribos maiori hostis. Reparando, porém, na expressão da sobrinha, ela tornou a olhar, encontrando desta vez a beleza de uma região conquistada pelo homem.

A princípio, Melody só viu a casa, e seu primeiro pensamento foi o de que ali uma mulher poderia passar anos e anos de encantamento e prazer. Era uma construção de madeira avermelhada, de um só andar, rodeada por uma varanda larga, cujo teto era sustentado por pilares intrinsecamente esculpidos. Parecia ter um pátio retangular central, para onde davam seis dormitórios, todos de formas diferentes, como se tivessem sido idealizados por um arquiteto capaz de experimentar vários estados de espírito. Ela nunca vira algo igual, no entanto a casa combinava perfeitamente com a paisagem e a árvore poa gigante que crescia a seu lado.

— Para o caso de ficarmos sem o poço externo, há outro no pátio — Paul explicou, voltando para o lado delas. — Quanto à árvore... eu costumava usá-la como abrigo, quando estava construindo minha primeira moradia. — Ele apontou.

— Aquele cômodo grande, debaixo dela. Eu espalhava visgo pelos galhos maiores para pegar os pombos que vinham me ver trabalhar, e os ramos menores serviam de lenha para o meu fogo. Tendo me dado abrigo, alimento e calor, achei que não faria mal mudar um pouco meus planos para a casa, para incluir a poa.

Paul fez uma pausa, como se estivesse envergonhado de seu sentimentalismo, depois prosseguiu, indicando urna paliçada maior do que a que rodeava a casa.

— Ali moram os criados da casa e os que trabalham na lavoura. Aquelas cabanas de bambu são chamadas whares. Os maori sempre esculpem e pintam o batente das portas daquele modo. A construção maior, ao fundo, é um lugar de encontro, um ho-tonui. A cabana do chefe é a que fica ao lado.

— Em qual delas eu vou dormir? — Melody perguntou. Sua voz traiu o medo de morar entre aqueles selvagens tatuados.

Os olhos de Paul voaram para ela, expressando uma mistura de raiva e incredulidade.

— É claro que você e sua tia vão dormir na minha casa. Por Deus, garota! Achou mesmo que eu ia jogar vocês duas numa cabana nativa?

Melody ergueu o queixo, dominando o terror que ele sempre lhe causava, quando estava zangado.

— Eu não sabia o que esperar. E ainda não sei. Nem sei por que me obrigou a vir para este lugar! Não sirvo para nada que você possa ter em mente.

Nesse ponto, eles chegaram à paliçada, e as enormes portas de madeira foram abertas. Dominando o aborrecimento para não impressionar mal os que tinham corrido para recebê-los, Paul desmontou e foi ajudar Melody.

— Por enquanto — ele ordenou baixinho —, você vai dobrar a língua e deixar de besteiras. Se depois disso ainda lhe sobrar alguma energia, pode ajudar Martha na casa.

Envolvendo-a pela cintura, colocou-a no chão. Mas não a soltou de imediato, enfrentando-lhe o olhar furioso com uma expressão exasperada.

— Se você pensa que está mal, agora, é melhor olhar para trás. Não sei o que fez na Inglaterra, mas, cada vez que alguém fala nisso, você mude de assunto com uma rapidez inacreditável! Aqui, pode estar mal de finanças, mas mesmo na América, que é a terra da oportunidade, teria dificuldade em ganhar a vida. A não ser que preferisse alternativas mais óbvias, é claro. Estou lhe oferecendo, sem fazer perguntas indiscretas, uma vida nova, com um mínimo de conforto e a chance de um trabalho honesto.

Melody baixou a cabeça, pois não queria que ele visse as lágrimas que começavam a nublur seus olhos.

— Mas eu continuo escrava!

— Você é uma criada com um salário, capaz de comprar a sua liberdade. Não lute contra o meu país, sra. Van der Veer.

Se Melody levantasse a cabeça naquela hora, teria visto a expressão com que Paul fitava seus cabelos sedosos, presos na nuca. Mas ela só ergueu os olhos quando ele já se afastava com passos largos, para supervisionar o descarregamento das mulas.

Sentindo-se perdida e confusa, Melody encaminhou-se para a casa. Estava subindo os degraus da varanda, quando a porta da frente se abriu e uma maori enorme apareceu. A mulher usava uma bata volumosa, que mais parecia uma tenda, e sorriu abertamente ao vê-la, revelando dentes fortes, de um tom ligeiramente amarelado.

— Tena koa, kui, Mita Paul mandou um homem de Wellington, antes do Natal, por isso eu estava esperando vocês. Sou Maata.

Quando entendeu que Maata era a "Martha" que tanto lhe perturbava os pensamentos, Melody levou um choque tão grande que ficou sem fôlego. Mal ouviu o que a mulher disse em seguida, e só quando ela a tocou no braço, fitando-a com simpatia, foi que conseguiu recuperar o autocontrole.

— Eu... eu sou a sra. Van der Veer.

— Eu sei — a outra replicou num inglês cuidadoso, aprendido com os missionários. — E aquela é lady Davenport. Eu andei praticando, para pronunciar seus nomes da forma correta. Não é fácil para nós. Mas a senhora deve estar cansada, depois de uma viagem tão longa. Poderiam ter cortado caminho pelota Operiki, mas aí teriam de vir de canoa.

A confusão de Melody era completa. Parecia-lhe incrível que estivesse de pé numa varanda no fim do mundo, conversando de viagens com uma gigante sorridente, que falava um inglês perfeito.

De repente, sentiu alguém segurar seu cotovelo, por trás, e foi tomada pelo pânico. Virou-se abruptamente, encontrando o olhar divertido de Paul Savage.

— Você está com a cara de quem viu um fantasma — ele murmurou, tentando imaginar a razão daquele medo. — Mas como ninguém confundiria Maata com um, deixo a sua palidez por conta da viagem. Vamos entrar. Lady Davenport, não acha que um cálice de cherry cairia muito bem agora?

Melody permitiu que ele a levasse para dentro, enquanto a mulher maori se afastava por outra porta.

— Maata pode não ser a mais exótica das orquídeas — Paul comentou —, mas garanto que é a melhor enfermeira, cozinheira, secretária e governanta da ilha North.

Melody estacou.

— Ela é sua governanta?!

— É. Por quê?

Beatrice riu baixinho, pois sabia muito bem o que a sobrinha havia pensado.

— Sr. Savage, estou louca para provar o seu cherry, E depois talvez possamos discutir os papéis que vamos assumir em sua casa.

Ele assentiu, levando-as para uma sala espaçosa. Melody tinha a impressão de que os dedos fortes queimavam sua pele, através da manga de seu traje de montar, e foi obrigada a lutar contra a vontade de se aconchegar a Paul. Libertando-se, olhou em torno de si, ainda ciente do estranho magnetismo que dele emanava.

A sala era dominada por uma enorme janela, que dava para a frente da residência. Venezianas a protegiam do calor, no verão, e do frio, no inverno. Uma porta com painéis de vidro levava a uma estufa, e Melody abriu-a, cheia de curiosidade. De imediato um calor úmido entrou, trazendo junto o aroma adocicado das plantas. Mais que depressa ela tornou a fechar a porta, murmurando um pedido de desculpas.

— Pode olhar — Paul retrucou. — Esta é a sua casa, agora. Maata é quem cuida desta parte. Ela cultiva ervas medicinais e verduras, e sei que ficará contente em lhe explicar tudo, se quiser.

Sentindo-se pouco à vontade com a gentileza dele, Melody pôs-se a examinar o resto do cômodo, aproveitando para se afastar alguns passos. Era um lugar bem masculino, com móveis sólidos e grandes, alguns feitos a mão e esculpidos. O sofá e as cadeiras, cobertos por almofadas em tons de verde e marrom, mostrava-se extremamente convidativos. A impressão geral era de calor e aconchego, paz e tranquilidade.

— Cherry!

— O quê? Ah, sim... Obrigada.

Os olhos escuros brilharam, divertidos.

— Sra. Van der Veer, precisa parar com essa história de saltar como um

animalzinho assustado cada vez que lhe falo. Se vamos viver, em harmonia, é necessário que domine essa sua tendência de fugir ou brigar sempre que me aproximo.

Melody tomou um gole do cherry para ganhar tempo, e deu graças por Paul voltar-se para Beatrice.

— Quanto a sua posição aqui, lady Davenport, é claro que é de hóspede. E uma espécie de dama de companhia de sua sobrinha, até achar que não há mais necessidade disso,

Beatrice inclinou a cabeça para o lado, fitando-o com uma argúcia que só a experiência permitia.

— Honestamente, sr. Savage, não vejo a menor possibilidade de eu abandonar esse papel. O senhor vê?

Paul não conteve o riso, mas foi sincero.

— Não, lady Davenport, não vejo.

— Quanto a minha posição de hóspede, sou-lhe grata, mas não gosto de ficar inativa. Por isso, gostaria que me dissesse no que posso ser útil. Nesse momento, Maata entrou e ele disse:

— Se quiserem conhecer os seus quartos e descansar um pouco, antes do jantar, é só irem com Maata. Temos algumas crianças que ajudam na cozinha e que ficarão contentes de passar para o seu serviço. Não falam bem o inglês, mas são corno Ani, ansiosas para aprender. É só ter boa vontade com elas.

Melody estava a ponto de perguntar se essas crianças não achariam ruim servir uma pessoa que estava no mesmo nível social que elas, quando encontrou o olhar da tia e desistiu.

Atravessando o pátio, Maata levou-as a quartos vizinhos, nos fundos da casa.

— Não temos muitas damas por aqui — ela se desculpou, indicando a decoração simples —, mas coloquei algumas flores, para lhes dar boas-vindas.

Melody respirou fundo, contemplando as delicadas florzinhas. Não sabia o que o futuro lhe reservava, mas o presente a trouxera a um lugar perfeito, onde o ambiente era tranquilo, e as pessoas, amigáveis. Tentaria viver um dia de cada vez, esquecendo-se do passado e aceitando o que o amanhã lhe trouxesse.

Ela se aproximou da cama de baldaquino, lindamente esculpida, com um cortinado de musselina branca. Junto à janela havia uma poltrona e um banquinho, estofados em cores alegres. Mais além ficava uma cômoda-penteadeira de

carvalho, vinda de muito longe e obviamente cuidada por mãos carinhosas, pois seu brilho só era suplantado pelos das tábuas do assoalho. Que diferença de St. Clare, onde tudo era malcuidado!

— Que quarto lindo, Maata! E as flores, também. Como... Como se diz "obrigada", na sua língua?

O rosto da mulher abriu-se num sorriso radiante.

— Poucos pakeha, como chamamos os brancos, se dão ao trabalho de aprender a nossa língua, embora achem que devemos saber a deles. Quando queremos agradecer, dizemos ka pai.

— Ka pai então, Maata. Muito ka pai.

As duas riram da mistura, um som que pareceu estranho a Melody, pois apenas as lágrimas e a amargura tinham se tornado comuns em sua vida.

— Eu gostaria realmente de aprender a sua língua, Maata. E acho que vou ter muito tempo, mais do que suficiente para isso.

— Pretende passar muito tempo por aqui, mihi Van der Veer?

Então ele não dissera aos outros! O que deveria ela responder?

Censurando-se por sua covardia, Melody optou pela evasiva.

— Vai depender do sr. Savage, Maata, mas acho que não vou embora logo.

— Ótimo! Faz tempo que mita Paul não tem uma moça bonita por aqui.

Por alguma razão estranha, essas palavras animaram Melody. Ela tirou a roupa de montaria e deitou-se no leito macio, enquanto Maata ia cuidar do jantar.

O que significava uma escrava receber um quarto e ser tratada como uma dama? Se Paul Savage estava tentando esconder o fato de que era um senhor de escravos, precisava de um lembrete. Afinal, não muito tempo atrás ele a tinha censurado por fazer drama, assumindo seu papel de dama transformada em escrava.

Nesse momento Beatrice bateu na porta e entrou, cheirosa e sorridente num roupão de seda.

— Céus, eu estava mesmo precisando de um banho! Ainda não tomou o seu? Maata me disse que o jantar será servido dentro de uma hora. O que vai vestir? Eu pego para você. Minhas roupas estão tão amassadas que parecem pisoteadas, mas uma das meninas se ofereceu para passá-las, e Maata disse que posso deixar. Ela vai mandar outra menina para ajudar você. O que quer que eu tire da mala?

— Algo que aborreça bastante o sr. Savage.

— Ah, Melody! Por quanto tempo pretende continuar com isso?

— Até ele rasgar aquele contrato! Minha alforria não vale nada, já que foi trocada por um papel que é a mesma coisa que uma nota de venda. A venda de Melody Van der Veer, ex-escrava, agora criada, cujo salário está apenas num papel, pois nunca verá esse dinheiro ou será livre. Continuo tão escrava quanto antes, e ele não é diferente daqueles animais no leilão. No fundo, é tão escravagista quanto os homens que condena!

Meneando a cabeça, Beatrice voltou para seu quarto. Melody tinha um longo caminho a percorrer, e se ele seria pavimentado de cascalho ou brilhantes ainda era um mistério.

Até ela, no entanto, ficou surpresa e um pouco chocada com o vestido que Melody escolheu. E um rápido olhar para Paul Savage confirmou sua suspeita de que ele não ia gostar. A jovem havia tirado o fichu de um de seus vestidos pretos, assim como as anquinhas superiores das anáguas, de modo que a saia só começava a se abrir na região das coxas, acentuando-lhes os quadris esbeltos. Acima do decote profundo, os seios erguiam-se como frutas de Tântalo, e seus cabelos tinham sido arranjados em cachos soltos, dando uma impressão de beleza e leve depravação, como o quê? Ou quem?

Beatrice só descobriu quando Melody aproximou-se da mesa, com um sorriso excessivamente brilhante, e disse:

— Eu não tinha certeza do que uma criada deve usar para o jantar... Savage... mas me lembrei de minha irmã Celine e arrumei isto aqui.

— Pois então sugiro que você se troque novamente — Beatrice falou baixinho. — Isto já foi longe demais!

Mas Paul ergueu a mão, num gesto negativo.

— Não. O jantar está para ser servido, e não quero fazer meu pessoal esperar. Sente-se, sra. Van der Veer. — Controlando a zanga, ele se voltou para Beatrice. — Se quiser conhecer a região amanhã, lady Davenport, temos vários cavalos na cocheira. Não são do padrão a que está acostumada, mas servem bem. É só falar com Maata ou comigo, que um dos rapazes providenciará tudo e lhe fará companhia.

A tensão no rosto de Paul desmentia seu tom despreocupado, e ele ignorou Melody durante toda a refeição. Ela mal comeu o succulento pernil de porco, acompanhado de legumes e milho, nem conseguiu tocar o pudim de caramelo. Seu gesto de desafio aborrecera não só Paul, como também sua tia.

Ao final do jantar, eles passaram para a sala de estar, onde Paul se serviu

de uma boa dose de brandy e tomou metade de um só gole, antes de se jogar numa das poltronas.

— Diga-me, lady Devenport, acha que os abolicionistas da América conseguirão vencer, no fim? Ou acredita, como meu primo, que os sulistas tem o direito divino de manter escravos... especialmente uma escrava tão linda quanto a minha?

Beatrice apertou os lábios.

— Acho que sua pergunta é de retórica e feita apenas em função de minha sobrinha, sr. Savage.

— De jeito nenhum — ele garantiu, com um sorriso letal. — Acho o assunto interessantíssimo. O sul, fora os estaleiros de Nova Orleans e Norfolk, não tem onde adquirir navios de guerra, caso as coisas cheguem às vias de fato. Naturalmente, há muita gente capaz de liderar um ataque contra inúmeras bocas de canhão, lutando até o amargo fim para não permitir que os negros alcancem a liberdade. E, tendo Deus do lado deles, como poderiam perder? Não, a escravidão parece ter vindo para ficar, e talvez seja melhor eu alterar meus pontos de vista.

— Eu vou me trocar, enquanto vocês discutem este assunto — Melody murmurou, desesperada para se afastar de Paul, que estava num estado de espírito estranho e aterrorizador.

Mas ele a deteve com um gesto.

— Para quê? Eu preciso me acostumar, exatamente como meu primo Brett se acostumou a ter Celine por perto, o tempo inteiro, Tome... — Ele estendeu o copo vazio. — Pode me servir de outra dose de brandy. Está bem assim? Precisa me desculpar, se eu de vez em quando me mostrar meio inexperiente neste jogo.

Beatrice, incapaz de agüentar tanto sarcasmo, levantou-se de imediato.

— Acho que está aprendendo rápido demais, sr. Savage. Só espero que você não se esqueça de que isto é apenas um jogo. Um jogo desagradável e perigoso, na minha opinião. Agora, se me dá licença, prefiro me retirar. Melody, não demore muito.

— Não... não, eu vou logo.

Paul levantou-se quando Beatrice saiu, depois encarou Melody com um sorriso nos lábios.

— Gosto de sua tia. É uma pena que ela não retribua o sentimento.

Então, seu olhar se transformou e os lábios se apertaram. Ele . tornou a estender o copo, desafiando-a a desobedecer.

Com a boca seca, trêmula, Melody deu-se conta de que estava realmente com medo daquele homem. Não podia desobedecer sem confessar que agira por despeito, por isso, mordendo o lábio inferior, pegou o copo e serviu-o de outra dose.

Ele agradeceu ao receber a bebida, examinando-lhe novamente o vestido, que parecia aborrecê-lo em vez de despertar qualquer outra emoção.

— Não quero que use esse vestido de novo. De maneira alguma! — ordenou, num tom duro. — Na verdade, acho que nem deve usar preto. Vou mandar vir de Wellington algumas peças de tecido. Vermelho é uma cor bem apropriada. Além de verde, amarelo e azul-safira, é claro. Vai ter de aprender a fazer vestidos, madame, porque não está mais de luto. Você fez dessa palavra uma brincadeira!

Melody sentiu-lhe o desprezo como um golpe e recuou, pálida..

— Como se atreve!

Com um gesto brusco, Paul terminou de beber o brandy, foi até a mesa e colocou o copo sobre uma bandeja de prata. Quando se virou, seus olhos pareciam flamejar.

— Você pode ter enganado Brett com esse ar de desamparo... a viúva inconsolável, a órfã sem recursos, a dama de alta linhagem necessitada de proteção... mas eu não a vejo como uma frágil florzinha. A menos que seja uma orquídea, à espera do caçador. Foi por isso que alterou o vestido, sra. Van der Veer? Pretende fazer de mim um escravo como Brett era um escravo dos encantos de Celine?

Nesse ponto, o medo de Melody foi superado pela raiva, e ela caminhou para a porta, declarando ao passar por ele;

— Não vou ficar aqui para ouvir isso!

Seu ombro foi agarrado por dedos impiedosos, que a puxaram para trás. Os olhos de Paul brilhavam, e ela sentiu o aroma de brandy no hálito morno, quando ele ergueu a outra mão e segurou-a pelo braço. Seus olhares se encontraram, e uma emoção intensa faiscou entre eles.

— Você vai ouvir qualquer coisa que eu queira lhe dizer! E vai fazer tudo que eu mandar! Você perdeu o direito de escolher, esta noite, quando assumiu o papel de concubina. Mas não serei tão tolo quanto meu primo. Não vou me envolver emocionalmente com você, de jeito nenhum. No entanto...

Sem aviso, ele desceu uma das mãos para a cintura de Melody, puxando-a com força de encontro a si, enquanto usava a outra para segurá-la pelo pescoço, o polegar sob o queixo forçando-a a levantar o rosto.

— Se quer mesmo se tornar uma escrava de cama, está na hora de receber algumas lições!

Sem delicadeza, Paul colou os lábios aos dela, punindo-a pela beleza, a meiguice... e o interesse mercenário que, acreditava, ela trazia no fundo do coração.

Como se atrevera Melody Van der Veer a fazer o papel de ingênua, desde que tinham deixado St. Clare, para agora se apresentar diante dele vestida como uma concubina?

Sua intenção era insultar e humilhar com aquele beijo, depois deixá-la de lado. Mas os lábios dele eram macios e quentes, e o corpo, colado ao seu, dócil demais. Sua raiva diminuiu, e o beijo, que começara tão brutal, tornou-se gentil, quase terno. Seus braços mudaram de posição, trazendo-a ainda para mais perto, e os seios arredondados pressionaram seu peito, enevoando-lhe a capacidade de julgamento.

Melody viu-se abrindo a boca sob os lábios que exploravam os seus, sem oferecer a menor resistência. Sua mente rodopiou, sob o domínio de emoções nunca antes sentidas, e um soluço escapou de sua garganta. Foi quando Paul a soltou afastando-a com tanta violência que ela quase caiu. Recuperando o equilíbrio por um instante, tocou os lábios inchados com as costas das mãos, fitando-o, trêmula.

Respirando pesadamente, Paul escondeu as próprias emoções com a máscara do desprezo e sorriu com ironia.

— Muito bom, sra. Van der Veer. É uma aluna e tanto. Sua cena de doce inocência é muito estimulante!

O choque transformou-se em fúria, e Melody esbofeteteou-o com toda a força que tinha, antes de fugir para o seu quarto. Não queria que ele visse as lágrimas de raiva e humilhação que inundavam seus olhos e impediam que sentisse a dor latejante no pulso. Só quando já estava a salvo e despejava água numa bacia, para banhar o rosto e o pescoço, notou o mal-estar. — Maldito! Até esbofetear aquele rosto selvagem me faz mal! A zanga tornou-a impaciente, e foi com uma sensação de frustração que tocou o sino chamando a garotinha maori para que a ajudasse a se despir. Foi essa zanga, também, que a levou a ser áspera com a menina e jogar o vestido num canto, jurando nunca mais usá-lo. Uma zanga tão forte... só podia ser isso... que a manteve acordada quase a noite inteira, revivendo o choque daquele beijo... um choque que se transformara, depressa demais, num ardor por todo seu corpo...

CAPÍTULO XV

Na manhã seguinte, pálida e abatida depois de uma noite mal-dormida, Melody levantou-se e chamou a garotinha maori para ajudá-la a se vestir. A criança entrou hesitante, cheia de temor, e Melody, penalizada, segurou-a pelos ombros rígidos, pronunciando com cuidado:

— Sinto muito. Muito, mesmo!

O medo não abandonou os olhos da menina. Sem saber o que fazer, Melody colocou as mãos entre as dela e inclinou a cabeça, tocando os dedinhos trêmulos com a testa. O tremor cessou, e ela levantou os olhos, encontrando o olhar sorridente da criança.

Na Inglaterra, Melody jamais pensaria em pedir desculpas a um empregado, mas ali aquilo lhe parecia certo. As pessoas de Windhaven tinham uma dignidade simples, que as colocava acima da categoria de criados, e foi com uma nova percepção que ela observou a garotinha mover-se pelo quarto, arrumando uma coisa e outra.

"Poderia ser tão diferente", pensou, com tristeza. "Se ao menos eu pudesse conhecer esse povo e sua terra sem o peso da subserviência nas costas, talvez conseguisse deixar o passado para trás e encontrar a paz..."

A caminho da sala de jantar, Melody encontrou-se com Paul Savage. Impassível, ele esperou que ela se aproximasse.

— Bom dia.

— Bom dia — ela respondeu, escondendo, inconscientemente, o pulso inchado.

— Você machucou o pulso. Sinto muito.

Melody corou- de raiva e de vergonha.

— Por eu ter me machucado ou por ter sido a causa?

Ele apertou os lábios, e ela lamentou o impulso que a fazia dizer todas as coisas ofensivas que lhe vinham à mente, cada vez que o via.

— Não vou me desculpar por nada do que fiz ontem à noite, sra. Van der Veer, já que não fui eu que instiguei o incidente.

— Então, não há mais nada a ser dito.

Melody fez menção de seguir seu caminho, mas Paul a deteve.

— Espere! Se eu a tratei pior que a uma escrava, você se comportou pior

que uma dama. O que acha de uma trégua temporária?

A proposta foi tão inesperada que ela fitou-o em silêncio, querendo acreditar, mas com medo do que poderia haver por trás daquilo.

Um sorriso sem alegria surgiu nos lábios dele.

— Tenho de visitar um amigo, depois do café da manhã. Se quiser conhecer um pouco desta terra, pode ir junto.

Uma ponta de esperança envolveu Melody. Talvez não tivesse perdido totalmente as chances de uma nova vida, com o que fizera na noite anterior.

— Eu gostaria muito de conhecer sua terra, sr. Savage.

— Minha terra... Acho que é mesmo uma terra selvagem. — Outro sorriso, desta vez com um traço de humor. — Mas aposto que sua tia seria capaz de domá-la em pouco tempo. Na certa, em menos de um ano já teria rosas crescendo junto à porta.

Melody concordou. As Beatrice Davenport deste mundo encaravam a vida de frente, moldando-a aos próprios desejos.

Meia hora depois, Melody encontrou-se com Paul na varanda. Usava uma roupa de montaria comprada em Wellington, mas não sabia se era a mais apropriada, por isso foi com alívio que o ouviu comentar:

— Essa roupa está boa para o passeio que vamos fazer, mas para distâncias maiores você deve usar algo mais leve.

Eles contornaram a paliçada e desceram em direção ao rio, cujas margens estavam cobertas de flores iguais às que Maata usaria para enfeitar os quartos. Paul ia dando o nome das árvores, arbustos e flores, como um professor numa aula, e a certa altura Melody atreveu-se a brincar:

— Você deveria ter me avisado para trazer lápis e papel.

O comentário lhe valeu um sorriso embaraçado da parte dele.

— Há uma pessoa que eu quero que você conheça. Alguém que personifica a verdadeira Nova Zelândia.

Ele nada mais disse, até chegarem ao topo de um platô acima do rio. De lá ela viu um pa altamente fortificado, com o lado interno protegido pelo riacho Operiki, que funcionava como se fosse um fosso. Detendo o cavalo, Paul sugeriu:

— Espere até ver o meu amigo, para formar uma opinião. A saudação maori pode lhe causar alguma surpresa, mas não vá esbofetear o rosto dele! Por falar nisso, como vai o seu pulso?

— Não posso levantar nada pesado, mas está bem.

Sem aviso, Paul segurou o pulso de Melody. Ela encolheu-se, e de imediato ele deslizou a mão para um ponto mais alto, examinando a região machucada com todo cuidado.

— É preciso amarrar isto com uma tira de pano — disse afinal, com uma expressão enigmática. — Depois eu faço isso.

— Não é preciso.

— É sim.

Ao entrarem na fortificação, viram-se imediatamente rodeados por crianças sorridentes, que gritavam:

— Kia ora, mita Savage!

Paul transformou-se. Descendo da sela, abraçou os corpinhos morenos e quase nus, sorrindo e conversando fluentemente na língua deles, irradiando um calor e um afeto que Melody só o vira exibir com Ani, na casa dos Reid. Acreditando-se esquecida, ela começou a desmontar, mas no mesmo instante Paul estava a seu lado, colocando-a no chão.

— Minha grande e barulhenta família! — Ele sorriu, os olhos livres da expressão cautelosa com que costumava fitá-la. — Mas venha conhecer os outros.

Melody não escondeu a surpresa ao ver o homem que se aproximava. Não era tão alto quanto Paul, mas quase duas vezes mais corpulento, com ombros pesados, acentuados pelo manto de penas multicoloridas que iam até o chão. Em uma das mãos trazia uma lança de madeira, enfeitada com penas semelhantes às que exibia nos cabelos.

— Este é Te Whatitoaoraki — Paul apresentou —, um dos maiores chefes guerreiros dos íukopíri. Seu nome significa "Guerreiro Ferido do Norte". Ele o recebeu em homenagem a um, antepassado, que foi traído e caçado rio abaixo pelo próprio irmão, até que, ferido e mareado por muitas batalhas, foi recolhido pelos tukopíri. Esse antepassado revelou-se um grande guerreiro, apesar das pernas que nunca cicatrizaram direito, e tomou uma esposa. Tiveram três filhos; o mais velho recebeu o nome do pai e isso continuou a acontecer de geração em geração. É um pouco estranho para a mentalidade ocidental, mas não há do que ter medo.

Só então Melody percebeu que tinha a mão na de Paul e apertava com força os dedos dele. Puxando-a junto, ele adiantou-se um passo e terminou a apresentação:

— E hoa, esta é mihi Van der Veer, da Inglaterra.

O rosto inteiramente tatuado aproximou-se... e aproximou-se...

— Tena koe, kui — o guerreiro disse. E, sorrindo, pressionou o nariz ao de Melody, que enrijeceu ao contato.

— Muito... muito prazer, senhor. Paul não agüentou, caindo na risada.

— É bom ver você de novo, Paul. — O chefe colocou a mão > enorme no ombro do amigo. — E melhor ainda ver você numa companhia tão linda.

Melody espantou-se com a pronúncia educada do gigante e Paul explicou:

— Te Whatitoaoraki é um dos poucos chefes amigo dos pakeha. Aprendeu inglês com os missionários católicos de Ranana, quando era criança, e foi batizado de Atami Kateme, ou melhor, Adam Cárter. Tem feito muito durante essa rebelião e é considerado um grande diplomata.

— Que rebelião?!

— Nada que nos preocupe. São só alguns nativos inquietos, sra. Van der Veer — Paul disse, depois de trocar um olhar com o neozelandês. E procurando em torno de si, acrescentou: — Onde está Rawiri? Não o vi quando cheguei, e não é próprio dele ficar longe da algazarra dos outros.

O chefe apontou com o queixo para uma cabana, um pouco maior que as outras, no fundo do pa.

— Meu sobrinho está em desgraça.

— Por quê? Ele é levado, mas nunca a esse extremo.

— O sangue fala alto. — O guerreiro sorriu. — Ele brigou com o filho do missionário, porque o garoto o chamou de hāwhe kāe-he sujo.

Paul fitou a cabana por um longo momento, com uma inexplicável tristeza no olhar.

— Ele errou... David nunca está sujo! Então, sorriu. — Quem venceu?

— Rawiri, é claro! O filho do missionário tem só catorze anos e é totalmente branco.

Dizendo a Melody que logo estaria de volta, Paul foi até a cabana e reapareceu com um garotinho maori agarrado a seu braço.

Melody franziu a testa.

— O senhor não disse que o filho do missionário tinha catorze anos? Esse menino não tem mais do que oito ou nove!

O chefe sorriu, cheio de orgulho.

— Rawiri tem quase oito anos, mas é filho de seu pai e não conhece o medo... ou a derrota.

Chegando junto deles, Paul apresentou:

— Rawiri, esta é a sra. Van der Veer. Está morando em Windhaven, por isso espero que você se comporte muito bem.

— Você também mora lá? — perguntou Melody. E, quando o garoto assentiu, muito sério, continuou: — Rawiri quer dizer David, em maori? — Outro gesto de assentimento. — Você entende inglês muito bem, David. Aprendeu com os missionários?

O rostinho do garoto, de feições mais finas que as do tio, se ensombreceu.

— Eles me ensinam bastante. Palavras pakeha sobre o Deus pakeha. Aprendi "ame o seu vizinho" e também "dente por dente". Mas o filho do missionário não acredita em amar um vizinho maori, muito menos um hāwhe kãehe,

— O que quer dizer isso, David?

O menino olhou para Paul, que traduziu:

— Significa mestiço, sra. Van der Veer.

— Nem maori, nem pakeha — David murmurou, dando de ombros. — Mas quem se importa? Eu aprendi bem as duas lições, por isso arranquei o dente dele, antes que ele arrancasse o meu. — Os olhinhos escuros viraram-se para o tio. — E ainda não estou arrependido!

Paul deu-lhe um tapinha na cabeça.

— Comporte-se! — disse. E para o chefe: — Eu não deveria ter ficado longe por tanto tempo. Precisamos falar da segurança de nossas casas.

— Posso ir? — David perguntou, mas os homens já se afastavam e só sobrou Melody para lhe estender a mão. Ele a fitou por um instante, depois, como que tomando uma decisão, enlaçou os dedinhos calejados nos dela, saindo atrás de Paul e do tio.

De um dos lados do pa, uma trilha levava ao rio, e, embora os homens conversassem como se estivessem sozinhos, Melody notou que dois guerreiros fortemente armados os seguiam. Cada um carregava um patu, uma faca de caça de madeira, além de um velho mosquetão Brown Bess, do Exército Britânico.

Ao fim da trilha havia uma piscina escavada na rocha, onde várias mulheres

lavavam roupa. Todas cumprimentaram Paul, que foi até elas e voltou com uma tira de pano, fria e molhada. Melody corou, surpresa por ele ter se lembrado, e deixou que pegasse seu pulso.

— Um acidente? — perguntou o chefe.

— A sra. Van der Veer estava tentando remover um objeto irremovível. — Paul atou o pulso de Melody, depois tirou o lenço do bolso e fez uma tipóia curta. — Todo cuidado é pouco.

Percebendo que ele ria dela, Melody recuou.

— Não preciso disso!

Mas ele a perseguiu, implacável, agarrando-a pelo braço.

— Eu decido o que precisa. O que você quer é outro assunto. — Habilmente, Paul levantou os cabelos dela e instalou a tipóia, fazendo-a estremecer ao tocá-la. — Você está tremendo,

— Não... é que a bandagem está fria.

— Ah, quer dizer que a culpa é só da bandagem!

— Do que mais poderia ser?

Ele a fitou com atenção, mas não acreditou no que viu nos olhos cor de safira, tomando inocência por coqueteria.

— Tem razão. Uma mulher casada e experiente não tremeria ao toque de um homem.

Irritada, Melody puxou o braço.

— Pode não ter sido um tremor, mas um arrepio. Se não se incomoda, eu gostaria de voltar para casa o mais depressa possível.

— Ainda tenho alguns assuntos para discutir aqui. Pode ficar e ouvir, ou passear pela redondeza. Há uma cascata muito bonita, ali adiante, E flores, que pode colher. Não é esse tipo de coisa que uma dama costuma fazer?

Sem responder, Melody foi se sentar numa rocha, ao lado do sorridente chefe maori,

— Prefiro ficar e ouvir, se não perturbar o senhor — disse a ele.

— A senhora sempre será uma perturbação para os homens

— o chefe respondeu galantemente, mostrando que aprendera mais do que um excelente inglês com os missionários. — Como uma vela na noite, sua beleza dará calor e luz ao nosso encontro.

— Ele indicou a Paul que se sentasse do outro lado. — E hoá. Vamos conversar.

Durante a maior parte do tempo eles falaram em inglês, mas de vez em quando passavam para o maori, deixando Melody perdida. Paul lhe falara do Tratado de Waitangí, assinado pela maioria dos chefes maori, em 1840. Com ele, cediam à rainha Vitória a soberania do país e, no primeiro artigo, entregavam-lhe a administração de suas terras. No segundo, ficava estabelecido que os chefes e suas famílias tinham o direito de usufruir das terras, até desejarem vendê-las, o que seria feito a um preço justo para ambas as partes. No terceiro, a rainha estendia aos nativos da Nova Zelândia sua proteção, concedendo-lhe todos os direitos e privilégios dos súditos britânicos.

Mais de quinhentos chefes tribais assinaram o tratado de boa fé, mas ele fora desrespeitado inúmeras vezes, com a chegada de novos imigrantes. Muitas terras tinham sido compradas por quase nada e revendidas a preços altíssimos, apesar dos esforços em contrário do governador, sir George Grey. Depois, Gore-Brown, um homem conhecido por suas idéias anti-nativos, fora indicado para substituir sir George, e a situação piorara.

Como já era de esperar, os nativos haviam protestado, mas com o auxílio da Marinha britânica e do Exército, tinham sido subjugados com mais severidade do que antes.

— Eu sei que lanças de madeira nada podem contra rifles e tropas treinadas — o chefe comentou, com amargura —, por isso decidi lutar em pé de igualdade com os pakeha. — Ele voltou os olhos tristes para Melody. — Pessoas como Paul são raras, kui. A maioria é cega e surda, e só vê em mim um selvagem. Sou um homem que caminha sozinho. Existem muitos, até mesmo em meu próprio pa, que optariam por obrigar todos os pakeha a deixar a Nova Zelândia.

O chefe tornou a se dirigir a Paul, com uma expressão sombria no olhar.

— Chegou a hora novamente, meu amigo. Posso sentir no ar. Se esta moça não veio para ficar, é melhor que vá embora logo. Quando a velha religião suplanta a nova, velhos ódios são revividos e os jovens pintam seus corpos para dançar em volta da nui.

— Você recebeu alguma informação ou é só impressão, toa Korohekél — Paul perguntou, chamando o chefe de velho guerreiro.

— Um pouco de cada.

— Mas a ponto de nos preocupar? — Paul insistiu. — Chegaram mais três regimentos a New Plymouth, além de muitos voluntários. Wanganui está equipada

para rechaçar qualquer ataque, e, se os maori do norte descerem, os colonos irão para o sul, esperar lá. Isso já aconteceu antes. Acha que devemos fortalecer Windhaven, como já fizemos em outras ocasiões? Operiki e Windhaven nunca caíram.

Melody fitou-o, notando a postura ereta e o brilho belicoso nos olhos escuros. Paul parecia estar gostando da idéia de lutar, o que a fez se lembrar do modo como ele se adiantara para enfrentar os bandidos em Natchez, e as histórias contadas por Patrick. Estudou-o com mais cuidado, examinando-lhe as feições rígidas e a cicatriz esbranquiçada. E chegou à conclusão de que, firme e orgulhoso de ser o dono daquela terra, Paul Savage estava pronto para lutar até a morte pelo que era seu.

— Há mais — Te Whatitoaoraki continuou.

Melody percebeu que aquilo também fazia parte dos costumes da terra de Paul, o fato de um amigo não poupar o outro da dor do conhecimento, como ela e tia Bia tantas vezes tinham se poupado.

— O que é? — ela perguntou.

O maori sorriu-lhe com simpatia, pensando que ali não havia medo. Não era uma guerra dela, mas os incríveis olhos azuis mostravam uma força que ele poucas vezes vira em mulheres brancas. Eram pessoas como ela que aceitavam e se tornavam uma parte da nova terra.

Percebeu, também, que Melody não tinha consciência dos próprios sentimentos e que sustentava uma batalha em seu íntimo, por alguma razão particular. Nessa batalha, ela mostrava a mesma falta de medo com que encarava a outra, e foi isso que o levou a ser absolutamente sincero.

— Vai ficar pior. Os batedores trouxeram notícias de um louco, chamado Te Ua Horopapera Haumena. Ele está tendo visões, nas quais vê o povo maori recebendo ajuda divina para expulsar os pakeha daqui. É de uma aldeia chamada Tataraimaka, ao sul de Nova Plymouth.

Paul fez um gesto brusco com a mão.

— Não é ameaça. Os tohungas... os padres... sempre chamaram os velhos deuses para intervir nas batalhas.

— Te Ua chama o seu deus, kui, e tem comunicação direta com a Anahera Kaperiera.

— O anjo Gabriel — Paul murmurou, perdendo um pouco a tranquilidade. — Se ele usa a velha religião e corrompe a nova, poderá nos dar trabalho.

— É verdade, uma guerra religiosa é sempre pior. — Os olhos do maori voltaram-se para Melody. — Estudei um pouco da sua história, mihíWím der Veer, e sei que houve muitas guerras desse tipo, no seu país. Eu apoio a rainha "wikitoria", mas o seu país já fez muito mal em nome da religião, e muitos de meus ancestrais foram expulsos de suas terras por causa disso. Quando um povo acredita que Deus está do seu lado, sua força aumenta muito. Melody empalideceu.

— O senhor acha que isso vai acontecer com a Nova Zelândia? — Vendo que ele não respondia, ela sentiu o coração se apertar. — Não há jeito de impedir que isso aconteça?

— Os jovens têm a cabeça quente, e o tohunga fala bem. Ele incita o nacionalismo com cantos e bebidas fortes. — Virando-se para Paul, o maori continuou: — Mas ainda nos resta um pouco de tempo. Prepara o seu povo como das últimas vezes, e eu farei o mesmo. Gostaria que minha filha, que se casou na família de Ngati-Tuwharetoa, viesse para cá, com os filhos dela. Mas o lugar de uma mulher é ao lado de seu homem.

— Aqui a segurança é maior, realmente. — Paul virou-se para o garoto, que ouvira tudo, em silêncio. — Rawiri, você vai ficar aqui.

— Não!

Foi um grito do fundo do coração, e os dois homens trocaram um olhar. Te Whatitoaoraki assentiu.

— Ele pode ficar. Os rebeldes não vão se atrever a atacar o pa Operiki. Nossa fama já se espalhou por todo o país.

O garoto levantou-se de um salto, colocando as mãos nos quadris e assumindo uma pose de desafio, que lembrava muito a de Paul.

"Como esses nativos devem amá-lo", Melody refletiu. "Até as crianças imitam os modos dele!"

— Eu fujo! — Rawiri gritou.

— Você vai fazer o que lhe mandam! — Paul exclamou, com dureza. Mas depois, segurando os ombrinhos rígidos, pôs-se a falar baixinho em maori. Quando a criança abaixou a cabeça, abraçou-a rapidamente e levantou-se. — Ele estará melhor aqui.

Os dois homens trocaram um aperto de mãos, e Paul ajudou Melody a se levantar da rocha. Tinha os lábios apertados, quando a colocou sobre a sela, batendo-lhe, sem perceber, no pulso machucado.

Melody nada disse, mas, durante todo o caminho de volta, lutou contra o medo. Seria mais que uma simples rebelião. Havia maldade no ar, algo obscuro e alienígena. Vinha sentindo isso há semanas, senão não teria se lembrado de Luther Hogge.

Paul afastou-se assim que chegaram, indo se reunir a um grupo de maori do lado de fora dos portões, e Melody correu para a casa, chamando pela tia. Encontrou-a na sala de estar, lendo um livro:

— O que foi? Aconteceu alguma coisa, Melody? Você está pálida!

Resumindo o máximo possível, Melody contou o que ouvira.

— O chefe está certo de que vai haver problema, e o sr. Savage acredita nele. Tanto que está com os homens agora, para começar o trabalho de fortalecer a paliçada. Vai haver luta, tia Bia, e Windhaven será atacada. Precisamos fazer alguma coisa!

Vendo o medo nos olhos da sobrinha, Beatrice tomou-lhe as mãos, com carinho.

— Pelo que você me disse^ isso já aconteceu antes e vai acontecer outras vezes. Se há alguém neste mundo capaz de nos proteger, esse alguém é Paul Savage. Eu também estou com medo, querida, mas não pretendo morrer nas mãos de alguns fanáticos religiosos, no auge da minha vida..Olhe em volta de você. Este lugar está firme há mais de dez anos. Foi feito para agüentar tudo, menos um ato divino....e Deus está do nosso lado!

Um leve sorriso surgiu nos lábios de Melody.

— Tem certeza? Beatrice fingiu espanto.

— Claro! Nós somos inglesas! Ah, assim está melhor... um sorriso! Agora, vamos ver onde precisam de nós.

Durante os dias que se seguiram, Windhaven conheceu um furacão de atividade. Cada centímetro da paliçada foi examinado e fortalecido, as armas, checadas e recheçadas, e os animais, trazidos para o seu interior. Paul movia-se entre o povo com tranqüila confiança, dando ordens e encorajando, e Melody se viu, cada vez mais, a segui-lo com os olhos.

Entre Beatrice e Maata formara-se um laço forte, ainda que inexplicável, e naquele momento as duas estavam na cozinha, trocando receitas. Sentindo-se inútil e isolada, Melody pôs-se a andar de um quarto para outro. Se pelo menos tivesse algo para fazer... alguém que precisasse dela... Mas era melhor não pensar nisso...

— Ah, quando será que me verei livre? — murmurou, afundando-se numa das poltronas da sala e apoiando a cabeça nas mãos.

— Quando eu permitir.

A voz suave soou atrás de si, e ela levantou-se de um salto, a tempo de ver Paul Savage entrar. Ele usava calças justas e empoeiradas, camisa de linho, úmida de suor, e botas. A vestimenta realçava-lhe o físico soberbo, e ela foi tomada por aquele tremor que sempre sentia na presença dele.

— Não pode me prender aqui para sempre!

Ele respondeu no mesmo tom suave, mas ela sentiu o quanto, era implacável

— Você vai ficar, até eu permitir que vá embora.

Uma sensação de irrealidade assolou-a. Aquilo não podia estar acontecendo com ela, uma lady inglesa! O pesadelo parecia não ter mais fim...

Paul olhava pela janela, e ela estudou o rosto magro e queimado de sol, as emoções num verdadeiro turbilhão. Como podia aquele homem lhe causar tanto medo e, ao mesmo tempo, exercer sobre ela tamanho fascínio? Nunca se sentira tão agitada, principalmente por passar o tempo lutando contra sentimentos que não conseguia entender.

Paul virou-se, nesse momento, e viu o medo nos olhos azuis e nos lábios levemente entreabertos. Mas viu outra coisa, também, que fez seu olhar se ensombrecer: um desejo ainda não desperto, do qual ela parecia não ter a menor consciência.

— Acha assim tão intolerável a sua prisão? — perguntou, quase com delicadeza.

Melody mordeu o lábio e desviou o olhar. Quando percebeu que não ia responder, Paul colocou-se atrás dela, fitando os cabelos brilhantes, presos em cachos bem arrumados, que lhe deixavam a nuca descoberta. Uma nuca tão vulnerável!

Melody enrijeceu ao sentir a mão dele, de dedos quentes e fortes, pousar em sua nuca e começar a se mover. Queria se afastar, mas a massagem gentil, se bem que firme, não encerrava ameaça ou paixão, e, lutando contra si mesma, ela moveu a cabeça, procurando melhor acomodar os dedos que a acariciavam.

— Seu carcereiro é tão selvagem assim? — Paul continuou. Mas havia em sua voz uma certeza que a fez corar:

Girando o corpo, Melody levantou-se de um salto, a voz enrouquecida pela raiva.

— Sim... para as duas perguntas! Eu tolero a minha prisão porque com certeza encontraria a morte, se partisse. E tolero o seu toque porque meu corpo lhe pertence. Mas, no que me diz respeito, sr. Savage, o senhor não é dono de mais nada. Nem nunca será!

Erguendo a cabeça com orgulho, ela passou por ele, quase colidindo com Beatrice, que entrava.

— Estou atrapalhando vocês? Desculpem!

— A senhora não atrapalha em nada, lady Davenport. — Mas as feições rígidas de Paul desmentiam suas palavras.

Notando que os dois tinham brigado novamente, Beatrice achou melhor abordar logo o assunto que a trouxera até ali.

— Há um garoto maori perguntando pelo senhor. Ele está com Maata e diz que se chama David.

Com os olhos faiscando, Paul apertou os maxilares.

— Droga, eu disse a ele para ficar no pa.

— Ele é sobrinho do chefe Te Whatitoaoraki — Melody explicou à tia. — Queria vir conosco, mas o sr. Savage achou que ficaria mais seguro lá.

— Então o filho do demônio subiu o rio sozinho. Ah, se eu o pego! — Paul murmurou.

Melody sentiu uma pontada de medo pelo garoto.

— Ele desobedeceu, mas mostrou muita coragem, chegando até aqui. Na minha opinião, merece elogios, não um castigo.

— O garoto na certa o encara como uma espécie de deus — Beatrice comentou. — Como todos por aqui parecem fazer.

Paul sorriu, aborrecendo Melody ainda mais.

— Menos a senhora, não é, lady Davenport?

— E eu! — Melody explodiu. — Os outros também não o veriam assim, se conhecessem seu outro lado.

Paul e Beatrice voltaram-se para ela, surpresos com a fúria que demonstrava.

— É claro que a criança o ama! Eu vi o modo carinhoso como tratou todas elas, no pa. O povo daqui o vê como um ditador benevolente, forte, protetor, distribuindo justiça e sabedoria. Maata me disse que eles até o chamam de Kaiārahinui, "O Grande Líder". Mas eu sei que isso vai acabar, no dia em que um

deles o desobedecer. Ah, sim, o senhor combina às mil maravilhas com a Nova Zelândia, sr. Savage! Está rodeado por uma terra que pode conquistar, selvagens com quem pode guerrear, e nativos que pode dominar. Não há amor em seu íntimo, só paixão!

— Melody girou nos calcanhares, com medo de que eles percebessem a desolação e a auto piedade que suas palavras escondiam.

— Vou mandar David para cá. Talvez, antes que comece a apanhar, ele consiga lhe dizer o quanto o ama, para se arriscar vindo até aqui sozinho.

Um silêncio atônito envolveu os dois, que ficaram na sala. No fim, Beatrice acabou dizendo:

— Não é sempre que me desculpo por outra pessoa, mas...

— E não deve começar agora.

— A zanga dela não é contra a sua pessoa, sr. Savage. Melody tem sofrido tanto que se de vez em quando não explodir, acabará adoecendo. Sua vida virou de cabeça para baixo, e ainda há esse problema da cor.

— Ela sabe o que eu penso a esse respeito.

— Mesmo assim, uma coisa é acreditar que todos os homens são iguais... e outra, cair do alto da escada para o degrau mais baixo. Melody já foi branca, livre, membro da aristocracia, e agora é uma escrava, de sangue negro. É difícil de aceitar. — Beatrice virou-se, quando a porta se abriu. — E, falando em membros da aristocracia, parece que aqui temos um.

Davi parou na soleira da porta, passando o peso de um pé para o outro, cheio de nervosismo.

— Não bata demais nele — Beatrice brincou, pois, pela expressão de Paul, sabia que isso jamais aconteceria.

— Será que você nunca vai me obedecer? — Paul disse para o menino, estendendo os braços.

Beatrice saiu quando o garoto corria para se jogar nos braços fortes.

Em seu quarto, Melody fervia de raiva, xingando Paul, o país, os nativos e toda a situação. De repente, decidiu que não suportaria continuar ali, que precisava sair um pouco, nem que fosse para uma curta caminhada. Tirando as roupas, jogou longe o espartilho — uma invenção masculina! — e vestiu saia e blusa.

Junto aos grandes portões havia uma pequena saída, usada para pessoas a pé ou um único cavaleiro. Dois homens montavam guarda lá, e não mostraram

sinais de querer abrir a passagem para Melody.

— Só vou colher umas flores — ela explicou. — E aqui em "volta, sem me afastar mais que alguns metros.

— Está bem, então — o mais velho cedeu. — Mas não demore muito. Pode acontecer alguma coisa.

Com o coração aos pulos, Melody saiu. Fiel a sua palavra, não se afastou muito, curvando-se aqui e ali para colher flores. Insetos zumbiam de um lado para outro, em meio ao verde, e a quietude do lugar trouxe-lhe uma paz que nem a música conseguia.

Uma touceira de minúsculas flores azuis surgiu, alguns passos adiante, e Melody avançou para pegá-las. Suas roupas escuras misturaram-se com as sombras, e ela percebeu que os guardas a tinham perdido de vista. Com um sorriso nos lábios, saiu atrás de uma borboleta azul, que pousava e levantava vôo, como se estivesse brincando com ela. Pela primeira vez em muitas semanas, sentia-se feliz e tranquila... até ouvir um barulho atrás de si.

Havia alguma coisa lá. Estava sendo acuada, tinha certeza. Ao ouvir outro barulho de folhas e galhos sendo esmagados, ela olhou em torno de si, a boca seca, sem ver nada. Um ruído mais forte indicou um galho quebrado do tipo que só podia ser causado por um animal grande... ou um homem. Só então, em pânico, percebeu que a borboleta a levava para o meio da floresta, longe dos guardas. Tropeçando nas raízes e vegetação rasteira, correu na direção que achava ser a da paliçada. Houve um grito, e os passos de seu perseguidor ressoaram pelo ambiente. Um galho bateu em seus cabelos, arrancando os pentes que o prendiam, e outro rasgou sua blusa, mas ela só conseguia pensar em seu perseguidor. Outro berro aterrorizou-a ainda mais, e ela gritou ao enfiar o pé num buraco e cair.

Estendida no chão, soluçando de horror, Melody virou-se, pronta para lutar até a morte com seu perseguidor... e viu Paul Savage, os olhos negros de raiva, em pé junto dela. Seu soluço de alívio morreu antes mesmo de nascer, quando um medo frio e terrível dominou-a. Com as pernas ligeiramente entreabertas, as mãos nos quadris e a expressão mais hostil que a de um selvagem tatuado, Paul parecia um animal atrás da presa.

— Eu deveria lhe dar uma surra de arrancar o couro! — ouviu-o trovejar.

O pânico dominou-a, quando percebeu que ele era bem capaz disso.

— Por favor... Vá embora. Eu volto sozinha. É só me dizer o caminho.

Erguendo a cabeça para fitá-lo, ela não fazia idéia do quadro que apresentava, com os cabelos espalhados pelas costas, os olhos arregalados de

medo e os lábios entreabertos, deixando passar a respiração ofegante. Seu pescoço e os seios rijos, parcialmente expostos pelo rasgão da blusa, provocavam, chamando, convidando...

De repente, ela viu a expressão dele mudar. Um rápido olhar para baixo, e suas mãos subiram, tentando tampar, proteger. Mas no momento em que voltou a fitá-lo... — Não!

Paul inclinou-se, e dos lábios de Melody escapou um grito abafado. Sem se importar, ele a ergueu nos braços, e ela tomou consciência do quanto era desejada. Mantendo-a colada ao corpo, beijou-a, obrigando-a a entreabrir a boca e movendo a sua com uma sensualidade que a fez sentir o sangue latejando nas veias.

Incapaz de resistir, Melody não conseguia ver, ouvir ou pensar em nada que não fosse o homem junto de si, acariciando-a com mãos cheias de erotismo. O beijo tornou-se mais intenso, e ela correspondeu, pois não tinha outra escolha, não podia fazer nada além de obedecer ao coração.

Nesse mesmo instante, dedos quentes pousaram em seu rosto, e ela se viu livre.

— Achou mesmo que ia ser violentada? — Paul perguntou, sem sorrir.

Confusa, traída pelas próprias emoções, Melody lutou contra a frustração.

— Por que não? Não é esse, em geral, o destino de uma criada negra? Não vá me dizer que nunca tomou uma mulher contra a vontade dela, que só lutou contra homens, naquela guerra mexicana! Talvez até tenha adquirido um certo gosto por mulheres escuras, principalmente por uma negra branca, pela qual pagou um altíssimo preço!

— Chega! — a voz dele estalou como um chicote, implacável e ameaçadora. — Eu nunca violencei uma mulher... Mas não me provoque!

— Selvagem!

Tomada por uma mistura de raiva e medo, completamente fora de si, Melody avançou contra ele, chutando, mordendo e golpeando. E no minuto seguinte viu-se colada ao peito largo, com os pulsos presos às costas. Abriu a boca para gritar, mas foi impedida pelos lábios dele, que caíram sobre os seus, duros e brutais, punindo e ferindo.

Chutando, xingando, foi forçada para trás até não agüentar mais e cair, com o corpo de Paul sobre o seu. Sem se dar por vencida, tonta de terror, continuou a se debater.

Aquilo não podia estar acontecendo! Ah, Deus, não daquele jeito! Não podia lutar, pois, se lutasse, ele a machucaria ainda mais. Lágrimas inundaram seus olhos e com um soluço rendeu-se ao inevitável.

De imediato, Paul ergueu a cabeça.

— Vai se entregar a mim, então?

Com as lágrimas agora escorrendo pelo canto dos olhos, ela meneou a cabeça, negando.

— Mas você está nas minhas mãos. Não tem jeito de escapar. Melody não deu atenção ao tom gentil, só ao seu próprio desespero.

— Eu te odeio, Paul Savage! Inacreditavelmente, Paul riu.

— Acho que eu seria capaz de fazer com que mudasse de idéia, mas agora não é hora. Se bem que quem provoca seus superiores merece uma lição!

Antes que ela pudesse protestar, colocou a boca à sua, não com a brutalidade anterior, mas com uma paixão sensual, que a fez perder o fôlego. Ao mesmo tempo, envolveu com as mãos seus seios expostos, acariciando-os intensamente. Sem poder se conter, ela começou a se mexer, e nesse momento se viu solta.

Com um movimento rápido, Paul ergueu-se e, na sua pose característica de senhor, fitou-a.

— Da próxima vez, domine o seu temperamento, ou não garanto que possa me dominar! Da próxima vez, obedeça as minhas ordens e não deixe a paliçada, ou não lhe garanto nem a sua própria vida!

Melody sentiu-se degradada, humilhada e com medo dele, mas mesmo assim corou, lembrando-se da sensação do corpo masculino sobre o seu. Incapaz de encará-lo, inclinou a cabeça e tentou juntar os pedaços da blusa.

A voz de Paul soou novamente, só que desta vez estranhamente suave.

— Levante-se.

Tocou-a no ombro, mas ela se encolheu, como que apavorada.

— Não me toque! Por favor, não me toque... Houve um momento de silêncio, depois ele murmurou:

— Segure a minha mão, então. É só estender a sua. Tremendo da cabeça aos pés, ela obedeceu, e foi erguida. Com

um gesto calmo, Paul tirou a camisa e colocou-a sobre os ombros delicados.

— Vista isso. Não quer que os outros a vejam assim, não é? E eu não

pretendo partilhar tanta perfeição.

Atordoada, Melody permitiu que ele a vestisse e levasse de volta à paliçada. Com os cabelos despenteados caindo pelas costas, caminhava de cabeça baixa, olhando para tudo, menos para o homem a seu lado. Ouviu-o explicar aos outros que um animalzinho a assustara, mas nem assim levantou os olhos. Sua vontade era morrer ou, pelo menos, desaparecer para sempre.

Na porta de seu quarto, Paul segurou-a pelos ombros e fez com que se voltasse para ele.

— O que é que eu vou fazer com você? — perguntou. E depois prosseguiu, tão baixinho que ela achou que estava imaginando coisas: — Mas o que é que eu faria sem você?

Já no quarto, Melody jogou-se sobre a cama, horrorizada com o que poderia ter acontecido. Poderia ter sido torturada, violentada e morta aos poucos, se um bando de selvagens a tivesse capturado. Se Paul Savage a atacara, a culpa fora, em parte, sua. Só uma vontade de ferro o impedira de possuí-la, levado por suas provocações, de uma maneira tão brutal quanto a que os nativos teriam usado.

Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos, lavando a dor, a vergonha e o medo, deixando-a fraca e vulnerável. No futuro pensaria duas vezes antes de exhibir as garras.

Mais calma, Melody tomou um banho e penteou os cabelos, prendendo-os num coque severo. Teria de vê-lo na hora do jantar, mas não permitiria que ele tivesse a menor noção do tremor que a assaltava cada vez que pensava no que acontecera no bosque.

Pálida, mas composta, Melody dirigiu-se à sala de jantar. Beatrice já ficara sabendo do acontecido, por Paul, que também a avisara para não deixar a paliçada em hipótese alguma. Insistira tanto nisso que realmente a assustara.

Agora, no entanto, Paul não mostrava mais a fúria, resultante do medo, que o fizera correr para o bosque, desarmado. Conversava de maneira natural, dirigindo até alguns comentários a Melody, que se limitava a mexer a comida no prato e responder por monossílabos. Só quando a sobremesa foi servida ela começou a se descontraír e teve coragem de erguer os olhos algumas vezes, quando sabia que a atenção de Paul estava fixa em Beatrice.

Sentia-se infeliz e desorientada. Queria odiá-lo, odiá-lo intensamente! Tomada por esse sentimento, ergueu os olhos... e deu com os de Paul. Tentou desviar os seus, mas parecia paralisada. Mesmo assim, deve ter exprimido seu

medo, pois ele murmurou, para que apenas ela ouvisse:

— Nada teria acontecido lá. Nada que pudesse magoá-la.

Livrando-se daquela espécie de transe, ela baixou a cabeça. Queria acreditar nele, mas não conseguira se esquecer do modo com que a fitara no fim, com a pose arrogante de um conquistador. Por isso, envolveu-se num manto de frieza, que a protegeu durante o resto da longa noite.

Mais tarde, como já era de esperar, outro de seus pesadelos voltou para atormentá-la. Estava sendo leiloada novamente, mas ali, naquela casa. Conseguiu, porém, escapar das sombras monstruosas que a perseguiram, embrenhando-se na mata, cujas árvores pareciam vivas e estendiam os galhos fantasmagóricos em sua direção, procurando prendê-la. E estava caindo. Caindo sem parar. Em meio à escuridão, uma figura encapuzada surgiu. Uma caveira, desta vez. Sem rosto, procurando agarraria com os dedos ensangüentados, cheios de anéis. Os dedos de Luther Hogge. Com a mesma voz macia.

"Estou vivo, Melody. Vivo!"

Ela acordou banhada em suor e tremendo incontrolavelmente. Sabia que era apenas um sonho, mesmo assim...

— Deus do céu, será que isso nunca mais vai acabar?

CAPÍTULO XVI

No fim da semana, um grupo de mercenários chegou a Windhaven. Homens duros, veteranos de guerra, que nada tinham a perder, a não ser as próprias vidas. A princípio, Melody preferiu evitá-los, mas Beatrice não era dessa opinião. Certa de que homens eram todos iguais, movimentava-se entre eles com o charme de sempre, que a todos cativava. Os mercenários, é lógico, não foram exceção.

— Onde você arranjou esse bando de assassinos? — ela perguntou a Paul, durante o jantar.

— Em Wanganui. Em todo porto há um bando disposto a vender a própria alma, em troca de dinheiro. Entrei em contato com três que já trabalharam comigo e eles arrumaram os outros. — Paul sorriu. — São todos homens ferozes, mas a senhora os tem na palma da mão, lady Davenport!

— É porque conheço bem o sexo oposto. Já tive muitos homens na minha vida.

A conversa continuou naturalmente, mas Melody sentia a tensão existente

no ar. E não conseguia se esquecer do comentário que ouvira um dos mercenários fazer, antes que percebesse sua presença:

— Será que eles vão cortar cabeças?

— Não — o outro respondera. — Esse é um refinamento europeu.

Lera em algum lugar, que até a chegada do homem branco, os indígenas da América não degolavam seus inimigos. Durante os conflitos entre ingleses e franceses, na época da colonização, os ingleses tinham oferecido recompensas pelas cabeças dos franceses, que os índios passaram a trazer aos montes. Achando, no entanto, repulsivas as pilhas de cabeças que se formavam, principalmente no verão, os ingleses decidiram aceitar apenas os cabelos, afirmando que o escalpelamento era uma prática bem mais higiênica do que a outra!

Melody não conteve um gemido de protesto, quando a mão em seu ombro insistiu em acordá-la.

— Venha, mihi Melody. Está na hora.

— O que foi, Maata? — Ela abriu os olhos com dificuldade. — Está na hora? Eles chegaram?

— Mita Paul disse para se levantar, depressa. A fumaça mostra que a casa de mita Randolph já foi. Se ele teve sorte vai chegar logo com a família.

— Eu já vou — Melody garantiu. Notou, então, a faca presa à cintura da criada. — Maata... essa faca...

— Não se preocupe com isso. Faça o que mita Paul mandou.

— Mas eu preciso saber, Maata! A outra mulher suspirou.

— Não vou lutar, mas há sete crianças na casa. Conversei com mita Paul, e ele falou com Te Whatitoaoraki. Se os maori invadirem a casa, e no calor da batalha os rifles não puderem ser usados... ou não houver mais balas... e tudo estiver perdido... as crianças de Windhaven não serão usadas numa festa da vitória, como nos velhos tempos.

— Não é possível! — Melody sentiu náuseas.

— Mas não vai acontecer, mihi Van der Veer — Maata garantiu, virando-se para sair.

Rezando a todos os deuses de que já ouvira falar, Melody vestiu-se, esquecida de anáguas, espartilhos e anquinhos. Sem isso, a saia do vestido amontoou-se no chão. Sem hesitar, ela pegou uma tesoura e cortou alguns centímetros da barra. Suas formas arredondadas revelavam-se completamente sob o tecido leve, mas sua esperança era de que, na confusão, ninguém notasse.

Como já esperava, encontrou Beatrice de mangas arregaçadas, ajudando a fazer bandagens e caldeirões de uma sopa grossa e quente.

— Coma um pedaço de pão Melody — ela instruiu, sorrindo. Então reparou na roupa da sobrinha. — Deus do céu, o que foi que você fez?! Mas é muito mais prático! Acha que pode fazer o mesmo com a minha saia?

Melody sorriu, embaraçada.

— Também é mais confortável. Acha que algum dia vai ser moda?

— Nem em cem anos! Imagine, uma moça mostrar tanto de seu corpo! Os homens ficariam completamente incontroláveis!

— Beatrice riu, divertida, antes de sugerir: — Não quer ajudar o sr. Savage? Ele está lá fora, reforçando a defesa, mas vai gostar de uma xícara de café, adoçado com mel.

Melody pegou um bule de café no fogão, várias canecas e um pote de mel.

Havia homens andando de um lado para outro com armas e pedaços de madeira: Gritos e imprecções ressoavam, intercalados com ocasionais explosões de riso. Melody avistou Paul Savage de costas para ela, dirigindo tudo com ordens concisas e gestos breves. Apertando o passo gritou o nome dele, e Paul virou-se, de testa franzida.

— O que está fazendo aqui?

Ao que parecia, não era bem-vinda. .

— Tia Bia achou que vocês gostariam de uma xícara de café com mel, já que estão de pé há muito tempo.

Ele assentiu, preocupado demais para sorrir ou notar o vestido dela.

— Só quero café, sem mel. Aquele grupo ainda não comeu nada. Leve para eles.

Frases curtas, tensas. Ordens. Mas ela entendeu e obedeceu, sem se sentir magoada.

O grupo maori, de veteranos de muitas guerras, recebeu-a com alegria. Dentro em pouco, haviam tomado todo o café e Melody entrou para pegar mais, voltando também com uma cesta de pão. Logo, todos estavam alimentados e não havia mais nada que ela pudesse fazer. O dia começou a se arrastar, os minutos parecendo horas.

Onde se encontravam os inimigos? Todos esperavam, e cada folha que caía provocava um sobressalto. A postos, os homens seguravam os rifles com fingida

displacência. Com os nervos à flor da pele, Melody estava tão tensa que sentia vontade de gritar,

De repente, um grito agudo cortou o ar. Ela girou nos calcanhares, chocada. O grito viera do lado de fora da paliçada, da escuridão do bosque, e por um instante todos ficaram imóveis, horrorizados. Então Paul Savage berrou algo em maori, e os homens se prepararam, os que não tinham rifles dirigindo-se às pilhas que haviam sido feitas, acompanhando a paliçada.

Percebendo Beatrice a seu lado, Melody deu-lhe a mão, nervosa;

— Começou?

— Acho que sim, querida. Vamos ver se o sr. Savage quer ajuda em alguma coisa.

O silêncio envolvia tudo novamente, quando Melody correu, com a tia, para onde Paul estava. Ele franziu a testa, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Beatrice adiantou-se;

— Podemos recarregar os rifles ou ficar com os outros na casa. Em todo caso, quero que saiba que atiro muito bem.

Paul fitou-as, por um momento.

— Está bem, lady Davenport, pegue um rifle. A sra. Van der Veer pode recarregar para nós. Acha que é capaz?

A última frase foi dita num tom muito diferente das duas primeiras, e Melody foi dominada por uma onda de raiva.

— Vai ser difícil, mas dou um jeito!

Paul se afastou e, frustrada, ela ficou onde estava, até um segundo grito cortar o ar. Um som quase inumano, que parecia arrancado de um corpo que sofria as torturas do inferno,

— Meu Deus, o que é isso?! Paul surgiu ao lado delas.

— É sempre pior, da primeira vez. E está só começando, Eles querem ser ouvidos. Querem que saibamos o que vai nos acontecer; quando formos derrotados. Trouxeram os prisioneiros que fizeram, em batalhas rio acima. Antes de atacarem um pa ou um lugar bem defendido como este, torturam pobres-diabos, para amedrontar o inimigo.

Outro grito chegou até eles. Um grito agoniado, que foi se tornando cada vez mais agudo. Melody tapou os ouvidos, mas o som parecia reverberar em sua cabeça.

Então, das sombras, veio outro som, uma canção estranha, a qual Paul se juntou, com uma expressão dura.

— Riria! Riria! Patuá! Patuá! Lutem! Lutem! Matem! Matem! Não liguem para isso! Eles têm de ganhar coragem. Windhaven já se saiu bem em outras lutas, e a prova são os irmãos, pais e filhos mortos, que eles têm. — Inclinando-se para olhar por uma abertura na paliçada, ele murmurou: — Não vai demorar, agora.

— Vai ser brincadeira — Beatrice comentou.

Melody virou-se para ela, incrédula... e viu a mistura de medo e coragem, nos olhos cinzentos da tia.

— Não se preocupe, Melody. O sr. Savage vai nos tirar desta situação.

Melody ia responder, quando outro grito veio das árvores. Desta vez, um agudo "Hape! Hape! Hau!"

— Estão pedindo proteção contra as balas dos pakeha — Paul explicou, levantando o rifle.

O ataque, quando chegou, foi chocante em sua rapidez. Sombras, saindo de sombras, emergiram de entre as árvores, transformando-se em matadores de pele morena, que gritavam como demônios saídos do inferno.

— Fogo! — berrou Paul, e o tiroteio que se seguiu ensurdeceu Melody.

Ela foi empurrada rudemente para o chão, aos pés dele, e daí em diante não houve mais tempo para pensamentos coerentes, medo ou conjeturas sobre o que aconteceria, se o inimigo ultrapassasse a paliçada. Seus gestos, a princípio vacilantes, tornaram-se automáticos à medida que recarregava rifle atrás de rifle. O ar estava cheio dos gritos dos selvagens, do som de tiros e do ocasional gemido de um ferido, no interior da paliçada. Mulheres maori saíram da casa para lutar ao lado de seus homens, empurrando-os para o lado quando caíam, não para chorar, mas para tomar o rifle e continuar atirando. Mais tarde teriam tempo para lágrimas; agora, precisavam sobreviver.

Melody carregou e recarregou, procurando não ouvir os gritos de raiva e de dor. Cada homem reagia a sua maneira. Alguns berravam desafios, enquanto atiravam, jogavam o rifle descarregado no chão e pegavam outro, já pronto. Uns poucos matavam calados, quase com frieza. Ela começou a trabalhar sem pensar. Os rifles esquentaram, ferindo a pele delicada de suas mãos, mas ela nem sentiu.

Então, de forma tão repentina quanto havia começado, o ataque cessou, e os inimigos desapareceram nas sombras.

— Graças a Deus, acabou! — Melody gritou. Paul meneou a cabeça.

— Eles estão só se reagrupando. Sabem que Te Whatitoaora-ki acha-se a caminho e precisam nos liquidar antes que ele chegue. Os guerreiros de Te Whatitoaoraki são conhecidos por sua ferocidade, e nenhuma tribo tem coragem de enfrentá-los. — Estendendo a mão para Melody, ele ajudou-a a se levantar e falou a Beatrice: — Seria perda de tempo pedir-lhe para entrar, não é, lady Davenport?

— Total perda de tempo, sr. Savage.

— O próximo ataque será pior, e os meus homens estão cansados, com pouca munição.

— Eu sei o que está querendo dizer, mas, tanto eu quanto minha sobrinha, preferimos ficar aqui.

Paul virou-se novamente para Melody, tomando-lhe as mãos e examinando as palmas feridas.

— Eu deveria lhe dizer para entrar e tratar dessas mãos, mas preciso de você aqui. Acha que agüenta?

— Pelo tempo que precisar de mim.

Melody sentiu um nó na garganta. Não sabia mais se estava falando da batalha, ou se seu coração respondera por ela. Algo em seu olhar encontrou eco no dele, e, num tom muito diferente, Paul avisou: — Só vai lhe trazer mais sofrimento.

— Eu sei. E aceito.

O burburinho de vozes e a visão do campo de batalha desapareceram. Só o contato de suas mãos e de seus olhares era real. Paul abriu a boca para dizer algo... mas foi impedido por um grito demoníaco do tohunga, incitando seus guerreiros a matar.

O pesadelo recomeçou. E recomeçou o frenético recarregar de rifles, o não pensar, o cheiro acre de pólvora, suor e sangue, enquanto homens caíam de ambos os lados. À medida que os defensores enfraqueciam, os atacantes aproximavam-se da paliçada, e alguns foram empurrados para o alto, para se agarrarem ao topo. Uma cabeça apareceu junto a Melody, pesadamente tatuada, e um rifle atirou. Com o sangue jorrando do ferimento na testa, o selvagem foi jogado para trás e atingiu o chão como um boneco de trapos.

Gritando seu ódio, outro guerreiro saltou a paliçada, caindo a menos de três metros deles. Sua faca apontou para a garganta de um jovem maorí, mas um grito alertou o rapaz e, desesperado, ele girou o corpo. A faca o atingiu no braço, quando Paul já descarregava o rifle no peito do atacante. De imediato Beatrice

aproximou-se, aplicando um torniquete que parou a hemorragia em segundos.

Com a testa porejada de suor, o rapazinho sorriu, grato, e apontou para o rifle, caído a poucos passos.

— Nada disso, mocinho. É melhor ficar com este — Beatrice declarou, tirando o revólver da cintura de Paul.

O garoto aceitou, mas só depois de receber um sinal afirmativo de seu líder.

— Lealdade e coragem. Seus homens são muito bons, sr. Savage.

Ele sorriu, envolvendo as duas mulheres com um olhar que causou, em Melody, aquele estranho tremor.

— Minhas mulheres também são ótimas lutadoras, lady Davenport.

Mais nativos fanáticos conseguiram ultrapassar a paliçada, e a luta recrudesceu, com os homens brigando frente a frente. Dois nativos pularam entre eles, gritando as preces de desafio à morte costumeiras de sua tribo, mas desta vez seu deus não os protegeu. Melody viu a cabeça de um deles se espatifar, atingida por um tiro de Beatrice. O outro avançou para Paul, de faca na mão, o rosto contorcido pelo ódio. Paul levantou o rifle, mas no último momento percebeu que estava descarregado e soltou-o. Com inacreditável frieza, com as mãos ao lado do corpo, permaneceu como estava, só se movendo quando parecia não haver mais tempo, para agarrar o atacante pelo braço armado e puxá-lo em direção ao chão. Então, girando o corpo, caiu sobre o nativo, tirando a faca da bota e enterrando-a nas costas do homem. O sangue esguichou, mas Paul, sem um segundo olhar, levantou-se e limpou a lâmina na perna da calça, que já estava imunda.

— Rifle!

Ainda chocada, Melody entregou-lhe uma arma carregada. A carnificina parecia não ter fim, à medida que um selvagem após o outro ganhava o topo da paliçada. A maioria não passava desse ponto, caindo ali mesmo.

Melody jogou outro rifle para Paul. Ele mirou... atirou... e nada! Era o descarregado, que ela acabava de lhe dar! Pânico! Um terror cego! Mas então os olhos dele, muito brilhantes, estreitaram-se num sorriso.

— Calma, menina!

O mundo girou, e Melody sufocou um soluço, grata por aquele instante de compreensão. Sem perder tempo com desculpas, passou-lhe outro rifle. E tudo continuou.

De repente, um corpo pintado ergueu-se acima da cabeça de Paul. O grito de Melody fundiu-se com o som do disparo e o gemido do homem, ao cair. Ela virou-se e, sem acreditar, viu a lança enterrada na cintura de Paul. Gritos de ódio encheram o ar, obrigando-a a voltar a atenção para os atacantes. O rifle! Abandonando o homem caído, recarregou a arma, mirou-se num rosto pintado e... descobriu que ele se transformara no rosto de Luther Hogge.

— Não! Não!

Mirou de novo, mas não conseguiu controlar o horror e a náusea. Suas mãos tremiam, molhadas de suor, seu coração batia forte, e ela não conseguia mais respirar.

— Não posso! Meu Deus, me ajude!

Paul gemeu e fez menção de se levantar. Cora uma das mãos apertava o ferimento, com a outra procurava a arma. Não havia censura em seu olhar. Mas então, com uma exclamação de desespero, caiu para trás, inconsciente.

Melody gritou por ele, antes de atirar, vencendo a barreira de terror que a tinha paralisado. O estrondo foi seguido por uma dor aguda, quando o rifle recuou de encontro a seu ombro. Ela atirou de novo. Não em seres humanos, pois não podia pensar neles assim, mas nos assassinos de Paul. De muito longe, outro som encheu o ar. Uma cantilena mortal, feroz, que sobrepujava o ruído da batalha: o canto da guerra dos guerreiros de Te Whatitoaoraki. O tohunga, que liderava os atacantes, o ouviu, e com um grito de raiva ordenou que seus homens recuassem. Mas eles também já tinham ouvido o canto aterrorizante e corriam para as árvores, buscando proteção.

Do sul, como anjos vingadores, com o rosto pintado de azul e o corpo brilhante de óleo, vieram os ferozes guerreiros de Te Whatitoaoraki. Melody foi tomada por uma onda de alegria, e junto com os outros defensores da paliçada deu-lhes vivas. Os portões foram abertos» permitindo que eles entrassem. Seu líder procurou Paul imediatamente, descendo do cavalo e ajoelhando-se ao lado do amigo. Melody e Beatrice ainda não tinham se atrevido a tocá-lo, embora ele recuperasse a consciência de tempos em tempos.

— Para a casa — o maori ordenou, chamando três de seus homens para ajudarem a carregá-lo numa maca improvisada.

Correndo ao lado, Melody perguntou:

— Ele vai sarar, não vai? Por favor, diga que ele vai sarar!

O homem fitou-a, depois assentiu.

— Paul é um homem forte. A ferida é feia, mas ele vai viver.

Paul foi colocado sobre uma das mesas da cozinha, que já mostrava manchas de sangue de outros feridos. Maata ajudou o chefe maori a cortar-lhe a camisa, enquanto Beatrice ia buscar bandagens e uma das garotas providenciava água quente. Um jovem guerreiro trouxe sua faca, cuja lâmina tinha ficado, por vários minutos, entre as brasas do fogão.

Te Whatitoaoraki pegou-a, derramou sobre ela um pouco de aguardente e disse a Melody:

— Você não tem de ficar.

— Eu vou ficar.

Melody quase se arrependeu de sua decisão, quando o chefe abriu ainda mais o corte e retirou a lança. Paul gritou, mas os homens o seguravam, e ele caiu de novo na inconsciência. A perfuração ia de um lado ao outro, passando junto às costelas e, nas costas, quase atingindo a coluna. Havia sangue por toda parte; a camisa, a calça dele e a mesa estavam ensopadas.

Te Whatitoaoraki gritou uma ordem, e outro homem adiantou-se, com uma segunda faca, vermelha de calor. Melody tapou a boca, lutando contra a náusea, ao entender o que ia acontecer. Os guerreiros seguravam Paul, de novo com os olhos abertos, com mais força, e o chefe encostou a faca no ferimento. Houve um barulho sibilante, depois um cheiro adocicado, repulsivo... e Paul gritou... uma vez... antes de cair para trás. Imediatamente uma das mulheres cobriu a ferida com uma mistura de ervas e mel. Por cima foi colocada uma bandagem, depois uma camada de musgo e outra de algodão. Os guerreiros levantaram, não, o homem inconsciente, e o chefe envolveu-lhe o tórax com uma grossa bandagem.

Levantando a cabeça. Te Whatitoaoraki encontrou o olhar chocado de Melody.

— Vou mandar um dos meus homens buscar o médico pake-ha. Isso vai estancar a hemorragia até ele chegar. Pode ser que demore dois ou três dias.

— Dois., ou três... dias?!

— Ele não vai morrer. Tem a força de dez homens. Mas o curativo tem de ser trocado todos os dias, e alguém deve ficar ao lado dele.

Paul gemeu, agitado, lutando inconscientemente contra a dor. Sua agonia era tanta que Melody não resistiu e tornou-lhe o rosto entre as mãos machucadas.

- Por favor, não se mexa! — implorou. — Fique quieto, Paul. Quietinho... Calma... Calma,.. Isso! Devagarinho...

Veze sem conta a voz hipnotizante repetiu a mesma coisa, tentando atingir os recessos da mente de Paul. De repente, ele estremeceu e a agitação cessou. Melody estava tão concentrada no que fazia que não ouviu o murmúrio das pessoas em volta.

Beatrice não conteve um sorriso ao notar o olhar atônito do chefe maori.

— Eu a via fazer isso com o garanhão doente do pai, quando ninguém mais tinha coragem de se aproximar dele. Ao que parece, todos os garanhões são iguais.

O chefe retribuiu o sorriso, cheio de alívio.

— Ela vai ficar com ele?

Desta vez, Melody ouviu. Sem desviar os olhos de Paul, confirmou:

— Vou. Ele já pode sair daqui?

Ela seguiu os homens e, quando Paul já estava acomodado na cama, pediu ao chefe:

— Dá para os seus homens me trazerem uma das poltronas da sala de estar?

— Dá.

— Você precisa dormir na cama, de vez em quando — Beatrice declarou.

Os três trocaram um olhar de compreensão, e naquele momento formou-se entre eles um laço que ia muito além da amizade. Sorrindo, o chefe colocou a mão sobre o ombro de Melody.

— Precisamos de mais mulheres pakeha como você, neste país.

Por um instante ela teve vontade de lhe contar que viera contra a vontade, mas não teve coragem de denunciar Paul como escravagista.

— Elas virão, um dia. Muito... muito obrigada por tudo. Nós lhe devemos nossas vidas.

— Paul é meu amigo, meu irmão e muito mais. É justo que eu tome conta do que é dele. Como ele tomaria do que é meu, se fosse preciso. Agora, preciso ir. Em suas mãos, sei que meu irmão estará bem cuidado.

Melody corou, emocionada.

— Só espero corresponder a sua confiança.

Ele saiu em silêncio, levando os outros, e ela ficou sozinha com o homem ferido. À sua mente, voltaram as palavras que ele tinha dito, no campo de batalha.

"Preciso de você aqui. Acha que pode ficar?" Naquele momento, algo mudara em seu íntimo, para nunca mais voltar a ser como antes. Mas ela aceitara a mudança, e agora confirmava suas próprias palavras:

— Pelo tempo que você precisar de mim, Paul... Por todo o tempo que precisar de mim...

CAPITULO XVII

Era quase meia-noite, e Melody cochilava na poltrona. Maata e Beatrice tinham trocado as roupas sujas de Paul, também os lençóis, e ela agora estava sozinha com ele. De repente, um leve barulho acordou-a, levando-a para junto da cama.

Há horas Paul vinha tendo calafrios, debatendo-se entre a vida e a morte. Suava sem parar, com as feições abatidas contorcidas pela dor, apesar de ainda estar inconsciente. Compressas de água fria conseguiam lhe trazer algum alívio, e Melody pegou uma delas, inclinando-se para banhar-lhe gentilmente a testa, como fizera inúmeras vezes antes.

Vendo uma mancha de sangue no curativo, foi dominada pelo medo. O chefe maori avisara que isso aconteceria, e que a mistura de ervas e mel, usada para prevenir infecções, tinha de ser trocada diariamente. Talvez fosse melhor fazer isso logo, em vez de esperar pela manhã.

Ficou em dúvida por alguns momentos, mas, como Paul se aquietara, achou melhor não perturbá-lo e voltou para a poltrona.

Já era madrugada, quando Maata a acordou.

— Vá comer, agora. Eu fico com ele. Melody sorriu, meneando a cabeça.

— Não estou com fome, mas gostaria de me lavar um pouco. Dá para levarem água ao meu quarto?

— Vou falar com as meninas. Depois, quer trocar o curativo de Paul?

— Quero. Vou chamar minha tia, também. — Melody hesitou por um instante, depois perguntou: — O que há neste preparado que foi colocado na ferida dele?

— Muitas coisas. Plantas que meu povo usava, muito antes de os pakeha chegarem. Um dia eu lhe ensino. Minha mãe me ensinou. A sua não?

— Não, Eu nunca tive tempo para essas coisas, enquanto minha mãe era

viva. Morávamos na cidade, e comprávamos remédios em farmácias. Mas, se você puder me ensinar, eu quero aprender. Acho que vou precisar muito disso, num país duro como este. — Vendo, então, a expressão da outra mulher, Melody se desculpou: — Não, não estou dizendo que seu país é ruim! Nada disso. Mas há guerras constantes, os médicos são poucos e demoram a chegar, o mato está sempre tendo de ser contido, há animais selvagens e doenças que atacam a colheita...

Exausta, infeliz, ela estava à beira das lágrimas. Mas suas queixas não tinham nada com a verdadeira razão de sua angústia, que começara ao ver a lança enterrada na carne de Paul.

— Ah, Maata! — Melody soluçou, afinal, abraçada à enorme maori. — Diga que ele não vai morrer! Diga, por favor!

— Psiu! Mita Paul vai ficar bom! Você só está cansada e com medo.

Com dificuldade, Melody conseguiu se controlar.

— Desculpe, Maata. Estou bem, agora. E é claro que ele vai se recuperar. O médico não demora, e nós vamos manter a ferida limpa.

Mais tarde, no entanto, quando, com a ajuda de Beatrice, as duas tiraram o curativo velho, Melody sentiu um aperto no coração. A cauterização havia transformado a pele numa crosta vermelho-escura, que se rachara nos locais por onde o sangue ainda saía. Não havia, porém, sinais de infecção, e a pele em torno só estava um pouco quente,

— Ótimo — Beatrice exclamou, ecoando a satisfação de Maata.

— Mas ainda está sangrando — Melody protestou. — Já não devia ter parado?

— Está bom — Maata afirmou. — Agora, vamos colocar outra bandagem.

Ignorando os gemidos do ferido, a maori recolocou a mistura de ervas e mel. Depois, enquanto Beatrice e Melody o levantavam, envolveu-lhe o tórax com tiras largas de pano, feitas com pedaços de lençol.

— Pronto! — ela disse, no fim. — Podem soltar esse grandalhão.

Melody, que até aquele momento só estava preocupada com o curativo, percebeu que abraçava, com força, o peito musculoso. O cheiro da poção de ervas, misturado ao cheiro de Paul, chegou-lhe às narinas, e ela foi tomada por uma vontade insana de lambe-lhe a pele suada. Beatrice, no entanto, já dava a volta para ajudá-la a acomodar Paul nos travesseiros.

— Você está precisando de um descanso, querida. O que acha de tomarmos

um pouco de ar lá fora, agora?

— Não, obrigada, tia Bia. Estou bem aqui.

Beatrice lançou um olhar para o corpo bronzeado sobre a cama e assentiu sabiamente.

— É... Na sua idade e na sua posição, eu também estaria. Vamos, Maata. Não somos mais necessárias aqui.

Mas minutos depois ela estava de volta, os olhos, normalmente serenos, revelando uma expressão preocupada.

— Melody, David desapareceu! A moça ergueu-se de um salto.

— Tem certeza? Já olharam em todos os lugares? A senhora sabe como são as crianças. Ele pode estar se escondendo.

— Faz mais de uma hora que todos estão procurando por ele. Ninguém o viu, desde a batalha... E depois, com o ferimento do sr. Savage, ninguém pensou nele. Maata disse que os mercenários se ofereceram para procurar fora da paliçada, mas não estão em seu território e podem cair numa emboscada.

Doente de medo, Melody procurou se lembrar de quando vira o menino pela última vez.

— É melhor falar com Te Whatitoaoraki — decidiu, afinal. — Ele é tio de David e conhece bem a região.

— Tem razão. Vamos mandar alguns homens atrás dele.

— Não, tia. A paliçada não deve ficar desprotegida. Paul disse que os selvagens podem voltar, e com Te Whatitoaoraki longe...

Antes que Melody dissesse o que pretendia, Beatrice começou a protestar. Mas ela insistiu:

— Eu vou, tia. Vou com um dos homens, de canoa. Maata disse que esse é sempre o jeito mais rápido de se viajar.

— Mas você nunca pisou numa canoa!

— E espero nunca mais ter de pisar — ela retrucou, já correndo para a cozinha.

— E eu? O que é que eu faço?

Era a primeira vez que Beatrice revelava insegurança, e Melody sorriu.

— Fique com Paul... e reze para todos os deuses que conhece! A reação de Maata foi igual à de Beatrice, mas Melody também não lhe deu ouvidos, pedindo

dois cavalos para ir até o ancoradouro.

— Se quer a companhia de um dos guerreiros, leve Henare. Ele é forte como um touro e digno de confiança numa emergência — Maata aconselhou finalmente. — Mas por que está fazendo isso por um garotinho hāwhe kāehel

— Para mim, não faz diferença ele ser mestiço, branco ou maori. Está perdido, e o sr. Savage gosta muito dele. Onde encontro Henare? Não quero perder tempo.

— Está bem. Kia tupato i koe... Kia ora koe. Tenha cuidado, e boa sorte.

Minutos depois, na companhia de Henare, Melody cavalgava em direção ao rio. Lá, quase perdeu a coragem, pois a canoa, uma das três escondidas debaixo de um denso arbusto, parecia frágil demais para agüentar seu peso, quanto mais o ao gigantesco maori.

Percebendo seu medo, Henare levantou-a nos braços e colocou-a na embarcação, seguindo-a com uma agilidade incrível. Ela fechou os olhos, agarrando-se com força às laterais da canoa e só voltando a abri-los ao chegarem ao pa Operiki.

Com sua corneta de concha, Henare tinha dado avisos repetidos de sua chegada, durante a viagem, e Te Whatitoaoraki os esperava junto à margem, com Rawiri ao lado.

— David! Graças a Deus você está bem — Melody gritou, descendo da canoa e correndo para abraçar o menino. — Ficamos preocupadíssimos! Nunca mais repita isso! Primeiro, sobe o rio sozinho, depois desaparece, quando a região está cheia de inimigos! O que queria que pensássemos? — Ainda segurando o garoto pelo braço, ela se voltou para o chefe maori; — Desculpe. Eu estava morta de medo por ele, e a viagem de canoa...

— Eu é que lhe devo um pedido de desculpas. Um de meus homens trouxe Rawiri de volta, sem saber que Paul estava ferido, mas certo de que o garoto ficaria mais seguro aqui.

— Ferido?! — David gritou. — Você não me disse que ele tinha sido ferido!

— Ele vai ficar bom, David — Melody interferiu. — Precisa de cuidados, mas o médico já está a caminho. É melhor você continuar com seu tio.

— Não! Eu vou voltar! Só fico se vocês me amarrarem. E mesmo assim eu dou um jeito de fugir!

Melody hesitou. David era bem capaz de fugir, mesmo. Aquela era uma terra estranha e selvagem, que parecia desenvolver em seus filhos um espírito

rebelde.

— Está bem — decidiu, afinal. — Mas prometa que não vai pôr o pé para fora da paliçada!

Te Whatitoaoraki não escondeu o alívio, quando o garoto prometeu.

— Vou providenciar uma escolta para vocês. Não creio que o inimigo ainda esteja aqui, mas é bom prevenir. Outra coisa: viagem depressa. Quanto mais rápido chegarem a Windhaven, menor o risco. — Ele fez um sinal, chamando alguns homens. — Estes são meus melhores guerreiros. A senhora é uma mulher extraordinária, sra. Van der Veer, e merece o melhor.

Melody baixou os olhos, agradavelmente surpresa. Os homens colocaram no rio uma canoa mais longa que a de Henare e ajudaram-na a embarcar.

— Henare vai atrás de vocês — Te Whatitoaoraki avisou. — Ele é um bom homem e um grande guerreiro.

— Eu estou cercada por grandes guerreiros. Sinto-me como uma rainha com seu corpo de guarda.

O chefe sorriu.

— Uma rainha com o coração de um guerreiro. Haere ra. Assim que chegaram a Windhaven, David correu para junto de Paul, sem se lembrar de agradecer à escolta ou cumprimentar Maata- Beatrice, indo ao encontro da sobrinha, viu as linhas de tensão que lhe marcavam a boca e aconselhou:

— Vá para a cama, querida. O sr. Savage está dormindo agora, e só lhe fará bem seguir o exemplo dele.

— Depois. Primeiro, quero ter certeza de que ele vai ficar bom. Além disso, os outros feridos precisam da senhora e de Maata. Eu só vou me lavar e trocar de roupa, e volto para ficar com ele.

— Enquanto isso, vou ver se consigo tirar o garoto daqui. Não quero que ele perturbe o paciente.

Rapidamente, Melody tornou um banho e colocou roupas limpas. Seu pescoço doía devido à tensão, quando voltou para junto de Paul. O quarto estava na penumbra, e ele dormia tranquilamente, exalando um hálito adocicado por entre os lábios entreabertos. Obviamente, Maata tinha lhe dado alguma poção para dormir.

— Viva, Paul! — Melody ordenou baixinho. — Mas que droga, você tem de viver!

Lágrimas de exaustão caíram de seus olhos, mas ela as secou com um gesto

raivoso, sabendo que ainda tinham um longo caminho a percorrer.

Mais um dia e uma noite se passaram, antes que o médico chegasse. Ele examinou o ferido e conversou longamente com Maata, antes de admitir que pouco tinha a fazer.

— Gostaria que todos os meus pacientes tivessem amigas tão sábias e enfermeiras tão devotadas. O que vocês estão pondo na ferida é melhor que qualquer coisa que eu possa receitar, embora muitos de meus colegas não concordem comigo. Mas eles tratam queimaduras com gordura, que frita a carne já queimada. E não me ouvem, quando tento transmitir a eles os conhecimentos dos nativos. Não entendem que é preciso se adaptar ao meio ambiente e não lutar contra ele, principalmente numa terra como esta. — Um sorriso iluminou as feições cansadas do médico. — Bem, agora preciso ir. O paciente só tem de repousar. E a senhora também, sra. Van der Veer, a menos que deseje adoecer..

— Ah, eu estou bem, doutor.

Como há vários dias não se olhava no espelho, Melody não tinha idéia do quanto se achava abatida. Sua única preocupação era Paul. Só sairia do lado dele quando estivesse completamente recuperado. Estava cansada, sim, mas lutaria com todas as suas forças contra o cansaço. Uma sensação bem diferente da que tivera com Brett, quando cuidara dele. Por quê? Como pudera se sentir irritada, até mesmo entediada, cuidando de um, e estar disposta a sacrificar sua aparência e sua saúde para cuidar do outro?

Beatrice, no entanto, resolvera tomar uma atitude em relação à sobrinha. Assim que o médico se foi, chamou Maata e entregou-lhe um vidrinho, dizendo:

— Maata, quero que coloque uma colher disto no leite da sra. Van der Veer, esta noite, e duas no do sr. Savage. Mas ela não pode saber, senão não vai tomar.

Maata concordou, aliviada. Mihi Melody estava mesmo precisando dormir. E lady Bia também.

Lady Bia e ela eram iguais, Maata refletiu. Ambas tinham passado por muitas coisas, amado muito, e nenhuma tinha filhos. Ela considerava isso uma grande tristeza, mas lady Bia parecia não se importar, dando todo seu amor para a sobrinha. Era evidente que as duas mulheres carregavam grandes pesos, que não partilhavam com ninguém, nem mesmo uma com a outra. Por quê? E o que seria?

Maata vira o jeito com que mihi Melody muitas vezes se dirigia a mihi Paul, mas os olhos da moça exibiam outros sentimentos. Seria possível que ela não fosse tão sábia quanto as garotas maori, que sabiam se queriam ou não um

guerreiro assim que o viam?

Naquela noite, Beatrice foi se deitar cedo, depois de tomar uma xícara do delicioso chocolate de Maata. Melody também tomou uma xícara, que a deixou logo sonolenta, e Paul ingeriu algumas colheradas. Quando a casa ficou em silêncio, Maata foi ao quarto do patrão e não conteve um sorriso, ao ver a moça dormindo a sono solto, na poltrona. Cuidadosamente, despiu-a, deixando-a apenas com as roupas de baixo, e levou-a para a cama.

— É uma cama grande demais para um só — murmurou, sem entender por que aqueles dois nunca a tinham partilhado. — Não têm juízo, esses pakeha. Uma moça bonita. Um homem atraente. Mas não fazem amor, não se fazem felizes, não fazem bebês. Não têm juízo!

Colocando um cobertor sobre os dois, Maata saiu, contente com o que tinha feito.

O sol já ia alto, quando Melody acordou. Tinha a boca seca e as pálpebras pesadas, mas o canto dos pássaros persistia, lá fora, e ela acabou abrindo os olhos. Levou vários segundos para descobrir que não estava na poltrona, e mais alguns para perceber que estava na cama, ao lado de Paul. Seu corpo enrijeceu, e uma exclamação horrorizada escapou-lhe dos lábios. Tinha os ombros nus, e o cobertor escorregara durante a noite, revelando sua roupa de baixo... e o braço forte sobre sua cintura!

Virando a cabeça, devagarinho, Melody respirou, aliviada. Deitado de lado, com o ferimento para baixo e as feições relaxadas, Paul dormia profundamente. Durante alguns segundos ela permaneceu como estava, tomando consciência de que seu sono fora obtido por droga e de que Maata a despira, colocando-a na cama. Mas só conseguiu sentir gratidão pela mulher.

— Só que agora preciso me levantar e vestir, antes que alguém entre... ou Paul acorde!

Melody já sabia que a crise passara. Paul tinha a testa seca e um ar descansado. A febre se fora, e a qualquer momento ele recuperaria a consciência. Murmurando uma oração de agradecimento, ela se levantou... e, com um gemido, Paul protestou, segurando-a pelo ombro. Xingando o inimigo tatuado em sua mente, ele se pôs a lutar, ainda que de maneira fraca.

— Fique quieto! A sua ferida... Por favor, fique quieto!

Melody sussurrou. Então, deixando a inibição de lado, abraçou o homem adormecido, tranquilizando-o com meiguice até sentir os músculos tensos relaxarem de encontro a seu corpo.

De imediato tentou se afastar, mas Paul virou a cabeça, encostando a boca à curva de seus seios. Em um momento estaria acordado, mas ela não resistiu à tentação de ficar como estava. O calor dos lábios dele atingia sua pele como fogo, espalhando-se por seu abdome e mais abaixo, de onde uma estranha sensação ameaçava tomar conta de todo seu ser. O que estava fazendo era contra sua educação, contra todos os ensinamentos morais que recebera, mas mesmo assim ela persistiu, fechando os olhos e arqueando-se ligeiramente de encontro aos lábios firmes.

— Ah, Paul! Se pelo menos eu fosse branca...

Lágrimas inundaram seus olhos, e com um suspiro ela se deslizou para longe dele, preparando-se rapidamente para enfrentar o dia. Já vestida, foi para a cozinha.

Maata ergueu os olhos quando ela entrou, fitando-a com ar cauteloso.

— Mihi Melody dormiu bem?

— Muito bem, graças a você. Mas no futuro, se não se importa, prefiro me despir sozinha. — Incapaz de agüentar a expressão de culpa da maori, Melody riu. — Eu deveria estar zangada com você. Não fica bem uma moça acordar na situação em que eu acordei. Graças a Deus o sr. Savage ainda está dormindo!

A mulher sorriu.

— Me diga uma coisa: por que vocês não dormem juntos, o tempo todo? Iam dormir muito melhor.

O sangue subiu ao rosto de Melody.

— É que... não é...

— Está bem, eu sei. De qualquer maneira, você está muito magra. Não é mulher suficiente. Precisa se alimentar mais. E pode começar agora.

Examinando as curvas generosas da maori, a garota meneou a cabeça.

— Nunca serei tão mulher quanto você, Maata, por isso uma fatia de pão e uma fruta me bastam. Depois, vou levar um suco de frutas para o sr. Savage. Lady Davenport já acordou?

— Eu dei a lady Bia a mesma coisa que dei a você e mita Paul. Ela me causa medo, quando fica brava, e eu acho que vai ficar muito brava!

Não se preocupe, direi uma palavrinha a seu favor. Depois de uma refeição leve e várias xícaras de café, para clarear a mente, Melody voltou para junto de Paul. Deixando o suco de frutas sobre a mesinha de cabeceira, ela abriu as cortinas, para que o sol entrasse.

Paul acordaria sozinho? Ou ela se atreveria a chamá-lo?

Aproximando-se da cama, Melody não conteve uma exclamação horrorizada. Paul tinha virado de bruços, deixando à mostra as costas riscadas de cicatrizes. Cicatrizes antigas, esbranquiçadas, mas de origem inconfundível. Paul Savage fora brutalmente chicoteado. Não era de admirar que ele tivesse mudado, como dissera Brett, e se esquecido de como rir.

Quase contra a vontade, Melody cedeu à tentação de passar os dedos pelas marcas mais fundas. E exclamou baixinho, cheia de sentimento:

— Ah, Paul! Quem foi que lhe fez isso?

— Cavalheiros sulistas, todos eles.

Melody saltou para trás, os olhos voando para o rosto dele. Com dificuldade, Paul começou a se virar, e ela, numa reação instintiva, correu para ajudá-lo.

— Mas, como é uma longa história e nem um pouco agradável — ele prosseguiu —, não vou aborrecê-la com isso.

— Não vai me aborrecer? Como acha que estou me sentindo, agora?

Paul sorriu, flexionando os músculos do abdome para testá-los.

— Provavelmente como uma enfermeira, cujo paciente recusou a medicação. Essas feridas são antigas, Melody, e não creio que tenha cura para elas.

Nenhum dos dois percebeu que ele a chamara pelo nome de batismo, e, numa vozinha fraca, ela perguntou:

— Não quer me deixar tentar, pelo menos?

A expressão de Paul mudou sutilmente, dando a seu leve sorriso um ar de ferocidade.

— Muito bem, beije-me!

— Não! — Melody recuou, assustada, tremendo, como sempre, na presença dele. — Sua ferida...

Implacável, ele virou a cabeça para o outro lado.

— Vá embora, então.

Mas ela não podia fazer nem uma coisa nem outra, e foi se sentar ao lado dele, na cama.

— Sua ferida — repetiu, sem convicção.

Ele a fitou, prendendo-lhe o olhar. Devagarinho, ergueu uma das mãos e segurou-a pelo ombro. Depois, subiu mais um pouco, removendo um dos grampos que prendiam os cabelos negros.

— Se meu braço continuar erguido assim, vai doer. Inesperadamente Melody sorriu. Ergueu os braços, inconsciente da sensualidade de seu gesto, que expunha a curva do pescoço e a beleza dos seios. E tirou, então, o resto dos grampos, permitindo que os fios escuros e sedosos lhe caíssem sobre os ombros.

— Pronto! Assim seu braço não dói, não é mesmo? Paul fitou-a, sentindo algo se agitar em seu íntimo.

— Não — respondeu, num tom enrouquecido. — Meu braço não dói.

Segurando uma mecha dos cabelos sedosos, Paul puxou-a para si. Melody estremeceu, mas não protestou, e ele a beijou, de leve, nos lábios, nas faces, nas têmporas, no queixo e, de novo, nos lábios.

A batida na porta fez com que Melody se sentasse abruptamente, tentando arrumar os cabelos despenteados. Beatrice fitou-a, ao entrar, antes de se voltar para Paul.

— Estou vendo que decidiu voltar ao mundo dos vivos, sr. Savage. Como está se sentindo?

— Muito bem. Devo estar de pé em um ou dois dias.

— Graças ao seu amigo maori. Aliás, é graças a ele que estamos todos aqui.

Resumidamente, contou-lhe o que acontecera, desde que ele caíra. No fim, Paul limitou-se a perguntar, com um leve sorriso:

— Quem foi que me despiu? Maata?

Melody corou, mas Beatrice não se mostrou nem um pouco embaraçada.

— Maata e eu — revelou, com ar de malícia. — Mas não precisa ficar com medo de ter ferido meus pudores. Você não é o primeiro homem que ponho na cama, nem será o último, graças a Deus.

Foi a vez de Paul se mostrar embaraçado, mas ela continuou:

— Eu vim até aqui para saber se pode receber David. O garoto está impossível, desde que o pusemos para fora do seu quarto.

— É melhor mandá-lo entrar, então. — Quando ela saiu, Paul acrescentou: — Esse menino está precisando de disciplina.

— Esse menino adora você, embora só Deus saiba a razão! — Melody exclamou. — E você? Não sente nada por ele? Pois deveria. David é tão selvagem

e teimoso quanto você, com pouco respeito pela autoridade e a mesma determinação de fazer valer a própria vontade.

— O que você quer? Que sejamos fracos, os dois? Quer que eu seja como Brett, o tempo todo dependendo de você? Quer que David se torne como as crianças educadas por missionários, subserviente, temendo a própria sombra e fazendo tudo que lhe mandarem? Quer dominar tudo, como mãe de um e esposa do outro? É isso que quer? É?

— Nem em um milhão de anos! — ela gritou. A doçura de momentos atrás se fora. — Se eu quero alguma coisa, é escapar de você. Mas, se fosse sua esposa, faria com que reconhecesse que tem um coração. Eu o forçaria a me respeitar e a admitir que ama o garoto!

— Mas você não é minha esposa. Não é, nem nunca será. Porque se fosse, com esse temperamento explosivo, eu...

— Você o quê? — Lágrimas de frustração começaram a escorrer pelo rosto dela. — Me daria uma surra? Me poria na rua? Pois fique sabendo que eu não iria. Ficaria aqui e...

Melody interrompeu-se, aborrecida por ter quase dito que "ficaria e o cobriria de amor". Mas Paul já se sentia provocado e reagiu:

— E o quê? Eu a amansaria, sua feiticeirazinha. Acabaria com esse seu mau gênio, ou então... — De repente, ele a puxou para a cama, a seu lado, capturando-lhe o rosto com as mãos. E pôs-se a acariciar-lhe a boca, entreaberta, até murmurar, com voz enlouquecida: — ...ou então... eu faria com que mudasse de idéia... — E beijou-a, movendo os lábios sobre os dela com uma ternura incrível, provando-lhe a doçura...

— Não! — Ela interrompeu a carícia, ofegante. — Você não faria nada disso. Porque eu nunca seria sua esposa. Nunca! Eu quero amor e compreensão, não apenas paixão e ordens. Se eu fosse livre, talvez tudo se tornasse diferente entre nós. Se eu fosse branca... e não uma escrava mulata... Assim, não pode haver amor. Você pode gostar do garoto, mesmo sendo mestiço, porque ele é sobrinho do seu melhor amigo, mas aceitá-lo... ou me aceitar... como seu sangue, é outra coisa.

Melody parou, diante do olhar de incredulidade no rosto dele.

— Você não sabe?! Maata não lhe contou? David é meu sangue. Ele é meu filho!

Melody sentou-se abruptamente, com a impressão de ter levado um golpe.

— Minha esposa era a irmã de Te Whatitoaoraki, uma maori de sangue

puro, e para mim a mais linda criatura existente sobre a face da Terra. Ela morreu três anos atrás, durante o último ataque tribal a Windhaven.

Paul percebeu a emoção e a vergonha nos olhos de Melody, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, David entrou correndo. Fitando o menino com novos olhos, ela se admirou de nunca ter notado a semelhança nas atitudes, nas feições e na pele dourada, do mesmo tom que a de Paul.

— Kia ora, David.

O menino sorriu, hesitante.

— Não está mais zangada comigo, mihi Van der Veer?

— Zangada, por quê? — Paul perguntou. — O que foi que você fez?

— Nada — Melody respondeu depressa. — Já passou, e eu não estou mais zangada.

O menino aproximou-se dela.

— Você chorou. Ainda está preocupada? Não precisa. Eu estou bem.

— Não, foi só... um cisco que entrou no meu olho.

— Eu ainda estou esperando uma explicação, mocinho — Paul interferiu.

O menino voltou-se para ele, os olhos brilhando.

— Foi depois da batalha. Alguns guerreiros voltaram para o pa, e eu fui com eles. Só que... que me esqueci de avisar. Mihi Van der Veer e os outros... ficaram sem saber onde eu estava. Eles... eles pensaram que o inimigo tinha me capturado.

Paul explodiu numa exclamação zangada, que fez a criança empalidecer.

— Eu... eu sinto muito. Sei que errei. Mihi Van der Veer não deixou os homens saírem atrás de mim, com medo de os inimigos voltarem. Ela disse que Windhaven tinha de ser protegida a qualquer custo, mas achou que o tio mandaria alguns homens me procurar.

O olhar incrédulo de Paul desviou-se para Melody.

— E daí?

Contente de não ser mais o alvo daquele olhar, David terminou:

— Mihi Van der Veer e Henare desceram o rio numa canoa, e ela estava muito zangada comigo... Pelo menos... eu acho que estava zangada... porque não sabia se me abraçava ou arrancava os meus cabelos! Quando voltamos para cá, mihi Van der Veer teve de trocar o vestido, que estava todo molhado, por isso eu

vi você primeiro. Mas depois Maata me levou embora, dizendo que mihi Van der Veer ia ficar brava com qualquer pessoa que entrasse, e que não adiantava eu tentar entrar escondido, porque ela estava dormindo nesta cadeira, desde que você foi ferido, e ia saber.

Melody baixou a cabeça, incapaz de enfrentar o olhar de Paul.

— Então você foi a Operiki de canoa, apesar de saber que aqueles demônios podiam não ter ido embora! — A voz de Paul estava carregada de emoção, e ele tossiu para disfarçar. — Meu Deus, e pensar que ainda tem a coragem de nos acusar de teimosia e de só fazermos o que nos dá vontade! Por acaso já tinha andado: de canoa alguma vez, em sua Vida?

— Não. Eu... eu não sei nadar.

— Deus do céu! O que vou fazer com você?

Sentindo a zanga e a incredulidade de Paul, Melody ergueu os olhos cor de safira, sorrindo tremulamente.

— Mesmo sem saber que David era seu filho, achei que era a única coisa a fazer, na hora. Agora, considero minha decisão ainda mais certa. — Ela se levantou. — Enquanto David lhe faz companhia vou aproveitar para falar com Maata. Até depois.

— Melody...

Ambos notaram a mudança nos termos de tratamento.

— O que é... Paul?

— Obrigado. E... seu lugar é na Nova Zelândia. Veja se consegue aceitar...

Ela ficou sem, saber se ele se referia àquela terra linda e selvagem ou... a si mesmo.

— Não sei... Não sei se estou pronta, nem se tenho forças para isso.

— Se há uma coisa da qual nunca duvidei é da sua força. Fechando a porta atrás de si, Melody foi para o próprio quarto, absorta em pensamentos.

Seu lugar não era naquela terra. E também não era ao lado de Paul Savage, a não ser como escrava. Ah, como gostaria de saber! Às vezes ele a tratava como a uma criança desobediente, às vezes, como hóspede de honra. Ele a agredia... e depois a tratava com uma ternura igual apenas à que Brett costumava lhe mostrar. Brett... Como estaria ele? Bem cuidado, por certo, mas teria mudado? O'Shaughnessy prometera que tornariam a se ver, dentro de um ano, mas seria ela capaz de agüentar tanto tempo?

Melody aproximou-se do espelho, fitando a própria imagem com uma careta de desgosto.

Não era mais Melody Van der Veer, a lady inglesa. Era Melody, a escrava. Melody, a colonizadora. Essas seriam capazes de sobreviver.

Ela correu os olhos pelos vestidos que trouxera de Nova York, e pelos três que comprara em Wellington. A diferença era gritante.

— Isto aqui não é Nova York, e eu não sou mais a aristocrata mimada que fugiu de lá. Preciso encarar os fatos e assumir a aparência certa!

Uma hora depois, Beatrice encontrou-a atacando os vestidos com uma tesoura, cortando barras e fazendo recortes nas saias enormes.

— Posso saber o que está acontecendo, menina?

— Estou cansada de fazer papel de dama e resolvi assumir a realidade. Joguei fora as anquinhas e estou subindo as barras dos vestidos. Ele não vai notar, e Maata vai parar de me tratar como hóspede. Parece mentira, mas ela aceita a sua ajuda melhor do que a minha, e a senhora é que é a hóspede!

— Maata e eu combinamos bem, mas você não tem de chegar a tais extremos para ser aceita pelo que é. As pessoas daqui são gente simples, que têm uma civilização mais antiga que a nossa e uma sabedoria e honestidade muito maiores que as de nosso povo. Eu simplesmente fiz amizade com eles. Amigos partilham suas vidas, ensinam e são ensinados. Se não se livrar da barreira que construiu em volta de si mesma, não conseguirá mais do que a destruição desses vestidos. — O olhar dela suavizou-se. — Por outro lado, ficará bem mais confortável sem as anquinhas, e com uma aparência bem mais atraente que a atual.

— Eu não quero ficar atraente. E, se vou conseguir alguma coisa destruindo esses vestidos, será mostrar que não combino mais com eles, social ou economicamente.

Apesar de aborrecida com a atitude da sobrinha, Beatrice achou melhor mudar de assunto. Às vezes, tinha a nítida impressão de que a moça se adaptaria muito bem à vida em Windhaven, coisa que ela mesma jamais seria capaz de fazer. Então, Paul dizia qual-quer coisa de que Melody não gostasse, e toda mágoa e ressentimento emergiam, pondo fim ao que fora conseguido.

A incapacidade de Melody de se ajustar à situação piorou durante as semanas seguintes, enquanto Paul se recuperava. A princípio, de cama, depois, se movimentando vagarosamente pela casa, ele voltou a controlar tudo. E recomeçou a exercitar os músculos, cada vez com mais frequência, saindo com os guerreiros

que Te Whatitoaoraki escolhera para ficar em Windhaven, mesmo depois de passado o perigo.

Ele nada comentou sobre a nova aparência de Melody, embora ela o surpreendesse muitas vezes a fitá-la. Aos poucos, sua raiva pela aparente indiferença dele aumentou.

Como se atrevia Paul a ignorá-la, depois do comportamento que tivera? Como se atrevia a beijá-la... e depois agir como se ela fosse uma completa estranha!

Em seu esforço para encontrar outros interesses, Melody começou a melhorar o inglês de David. O menino era inteligente e interessado em aprender, ela passou a gostar cada vez mais dos períodos em que ficavam juntos. Um profundo afeto nasceu entre ambos, mas não foi o suficiente. Ela ainda se sentia uma estranha naquela casa que fervilhava de atividade e riso, e acabou resolvendo ir falar com Paul.

Encontrou-o saindo para um passeio, como sempre com o menino ao lado.

— Paul, preciso falar com você. É rápido. Ele hesitou, obviamente impaciente.

— Claro. David, mande selarem os cavalos. — E quando o menino se afastou: — Fiquei sabendo que você está dando aulas de inglês a David.

— Temos passado algum tempo juntos... quando você não o está ensinando a atirar e caçar. Ele é muito inteligente.

— E gosta muito de você. Não quero que pare com essas aulas.

— Mas isso não é suficiente, Paul. Tenho muito tempo livre e preciso fazer alguma coisa de útil.

— Maata me disse que você andou fazendo almofadas para o seu quarto. Se o problema é falta de material, chegou mais, ontem.

Melody baixou os olhos, lembrando-se muito bem da cena que o instigara a mandar vir aqueles tecidos.

— Eu... não quero usar aquelas cores, por enquanto. Ainda não estou pronta...

— Pois eu acho que você está mais do que pronta para tirar o luto. Não tenho nada contra o fato de tornar seus vestidos mais práticos. Na verdade, acho que o estilo que adotou a deixa mais -* feminina, mas não concordo com essa história de preto, porque sei que é falso. Se tem tanto tempo livre, peça a Maata uma costureira para ajudá-la a fazer alguns vestidos novos, com os tecidos que

encomendei. Alguma coisa de acordo com a sua posição aqui.

Ela agarrou-se a isso como um náufrago à tábua de salvação.

— E qual é minha posição aqui? Fui comprada como escrava e trazida para cá para pagar minha dívida com trabalho. No entanto, desde que cheguei, não fiz nada. Ninguém me dá trabalho nem parece esperar que eu faça alguma coisa. Nenhum deles sabe como me tratar ou qual é minha posição. E como podem, quando nem eu mesma sei?

— Você insiste em se chamar de escrava, não é? Pois fique sabendo que eu posso usar... ou não... uma escrava, da maneira que achar conveniente. E aqui ninguém tem a menor dúvida sobre a sua posição, a não ser você.

Melody arregalou os olhos quando ele se adiantou e parou junto dela, segurando-a pelos ombros.

— Diga que me entendeu — ele mandou. — Diga "Sim, Paul".

— Sim... Paul — ela obedeceu, com um murmúrio rouco, certa de que jamais perderia o medo que tinha dele.

Então, sem aviso, o olhar de Paul se transformou. A irritação desapareceu, substituída por um brilho intenso, quando ele se inclinou e beijou-a... na ponta do nariz!

— Pode ir... escrava... Por outro lado, se a sra. Van der Veer quiser ficar e aproveitar a minha companhia... ou qualquer outra coisa que eu tenha a oferecer...

Com as emoções num verdadeiro turbilhão, Melody usou a zanga para se proteger.

— Não quero a sua companhia nem ser vítima do seu estranho senso de humor. Eu vim aqui para trabalhar, sr. Savage. Para trabalhar! Não vá me dizer que esqueceu.

Paul apertou os lábios e deu-lhe as costas, frustrado.

— Muito bem. Se o que quer é isso, vai ter. Algumas mulheres estão preparando um terreno para plantio, a um quilômetro daqui. Diga a Maata para mandar uma das garotas com você. O que vai precisar já está lá.

Não era bem isso que Melody tinha em mente, mas Paul não esperou para saber. Desejando nunca tê-lo conhecido, ela colocou uma roupa que achou apropriada para esse tipo de tarefa e foi atrás de Maata. A maori não gostou da idéia.

— Isso não está certo. Mulheres pakeha não trabalham no campo. Nunca.-

— É que... eu não sou branca, Maata.

— Pois parece!

— Eu sei. — Com os olhos ardendo devido à vontade de chorar, Melody contou o que lhe acontecera em St. Clare, terminando: — O sr. Savage me comprou como compraria qualquer outra escrava, e eu preciso trabalhar como tal.

— Mita Savage nunca teve escravos. Nós somos todos livres, aqui.

— Menos eu. E, se tem dúvidas a esse respeito, é só falar com ele. Fui comprada e paga, por isso é melhor eu ir para esse campo e mostrar como trabalha uma escrava inglesa!

Mas a situação mostrou-se muito pior do que Melody esperava. O sol queimava, e nem o lenço grosso que Maata insistira para que usasse na cabeça conseguia protegê-la. Logo, ela se viu invejando as saias de algodão e as blusas soltas, que as garotas maori usavam. A enxada era pesada e com o cabo longo demais, e ela não conseguia participar da conversa e do riso das outras, por mais que se esforçasse.

À medida que o sol subia, Melody foi perdendo a capacidade de raciocinar. Exausta, tinha de respirar fundo a cada enxadada, para não cair. O mato parecia criar raízes mais fortes e longas a cada minuto que passava. Ela bebeu a água morna de um barril, numa das pontas do campo, como se fosse o melhor champanhe, e jogou as últimas gotas sobre o rosto e o pescoço, voltando para o seu lugar, sem se queixar.

— Você mesma se colocou nesta situação, sra. Nariz Empinado — murmurou para si mesma —, por isso é melhor agüentar. De repente, ela teve a impressão de que o campo balançava e oscilou. Uma das garotas maori, que a estivera observando, avançou para ajudá-la, mas, com um sorriso e um gesto de cabeça. Melody recusou a ajuda. Sua visão, clareou e ela inclinou-se para pegar a enxada... indo ao chão.

A terra estava macia, quente e gostosa, e absorveu sua exaustão como o deserto absorve a água. De longe, veio o barulho de cascos de cavalo, de uma voz áspera, masculina, e de uma voz jovem, feminina, respondendo. Mas nada tinha importância., desde que pudesse continuar como estava. — Vamos! Levante-se! — a voz áspera ordenou. Vagamente, ela identificou o tom zangado com que Paul Savage protestou, num tom pastoso:— Hora do chá.

Decidida a não deixar que ele levasse a melhor, Melody se levantou, fitando-o com os olhos brilhantes de cansaço e o rosto vermelho e sujo de terra. Mesmo assim, estava tão linda que ele sentia um aperto na garganta.

— Você ainda não terminou seu serviço.

O espírito indomável de Melody rebelou-se.

— Para o inferno o serviço! E para o inferno você! Não sou uma lavradora, muito menos um cavalo de arado! Sou um ser humano e estou cansada. Cansada demais até para odiá-lo... mas vou fazer um esforço. Também vou terminar o meu serviço, mas agora preciso descansar. Vá embora. Me deixe sozinha!

Dando-lhe as costas, ela enterrou o rosto nas mãos, soluçando. De imediato, sentiu um movimento atrás de si e um braço envolveu-a, enquanto outro era passado debaixo de seus joelhos. No minuto seguinte viu-se apoiada no peito musculoso.

— Não! — protestou, tentando voltar para o chão.

— Mas que droga, fique quieta!

Paul apertou-a com mais força, subjugando e levando-a para o cavalo. Com Melody a sua frente, ele esporeou o enorme baio e galopou em direção à paliçada.

Melody tentou se ajustar ao galope, mas mal conseguia manter o equilíbrio, e ganhou uma reprimenda quando deslizou para o lado, obrigando Paul a segurá-la com mais força.

— Pare de se mexer! Eu posso estar acostumado com a sua teimosia, mas o cavalo não está!

Rudemente, tornou a puxá-la para si, fazendo com que Melody sentisse vontade de lhe bater. Mas estava muito cansada para qualquer tipo de esforço físico e resolveu ceder, pelo menos daquela vez.

Paul sentiu o corpo rebelde relaxar, e um sorriso surgiu em seus lábios. O lenço há muito caíra da cabeça de Melody, e o vento soprava alguns fios de cabelo de encontro a seu rosto, atormentando-o com o aroma de flores que ela costumava esmagar e misturar à água com que os enxaguava. Chegaram depressa demais a casa, e ele colocou-a no chão, antes de desmontar.

— Para dentro! — ordenou rispidamente.

Cansada demais para protestar, Melody obedeceu, surpreendendo-se ao senti-lo pegar seu braço e guiá-la através do hall. Os lábios apertados não davam a menor indicação do que pensava, e só quando Maata apareceu, ele falou:

— Água e alguma coisa para as mãos dela — Paul ordenou, arrastando-a pelo pátio em direção ao quarto, onde abriu a porta e empurrou-a para dentro. Girando-a então de frente para ele, agarrou-a pelos ombros, com mãos de ferro. — Estou cansado dessa tragédia grega que você insiste em representar! Minha

paciência se esgotou, e de agora em diante não quero mais saber de teimosia. Você vai se comportar como a mulher inteligente que é ou nem sei o que.

Melody estava abismada com a raiva e a frustração existentes na voz dele, mas nada pôde dizer, pois nesse momento Maata entrou, com a água e um potinho de creme.

— Peça a lady Davenport para vir até aqui, Maata. Melody, quero ver suas mãos.

Mais que depressa ela as escondeu atrás das costas, mas foi empurrada em direção à bacia, que Paul rapidamente encheu. Em seguida, ele segurou-lhe os pulsos, puxou-os para a frente e ergueu-os. Instintivamente, ela apertou os punhos.

— Minhas mãos estão ótimas!

— Melody, Melody!

Ela o fitou, e de repente a raiva e o ressentimento pelo modo como ele a tratara, no campo, desapareceu. Mesmo contra a vontade, abriu as mãos, exibindo as palmas sangrentas e cheias de bolhas. Paul apertou os maxilares, mas nada comentou. Devagarinho, baixou as mãos dela para a água. Melody estremeceu, não contendo uma exclamação de dor, mas permitiu que ele as limpasse e secasse. No fim, com uma delicadeza impressionante, ele aplicou o creme, seu toque leve como o de uma pena.

O barulho da porta se abrindo anunciou a chegada de Beatrice, mas só Paul notou. Melody tinha os olhos fixos no perfil forte, mas estranhamente sensível, à procura de algo que ainda lhe escapava. Ele ergueu a cabeça, e seus olhares se encontraram novamente, fazendo a terra girar em torno dela.

— Você está queimada de sol, também — Paul murmurou, tocando-lhe o rosto com a ponta do indicador. — Lady Davenport, quer ajudar sua sobrinha a tomar um banho e se deitar? Duvido que ela tenha condições de fazer isso sozinha, e quero que esteja acordada e em boas condições na hora do jantar.

Apesar de horrorizada com a aparência de Melody, Beatrice sentiu o magnetismo que unia os dois e resolveu nada comentar, limitando-se a assentir ao pedido de Paul. Ele então retirou-se, ainda que com evidente relutância.

— Quando é que você vai aprender? — Beatrice censurou a sobrinha, ajudando-a a tirar o vestido empoeirado. — Quando é que vai parar de lutar contra ele e você mesma?

— Por favor... agora não, tia Bia! — Afinal, Melody permitiu que as lágrimas de dor e exaustão comessem a escorrer por seu rosto vermelho. — No

momento, não tenho a menor vontade de lutar contra quem quer que seja. Só quero algumas palavras gentis e um gesto carinhoso, não o aperto brutal daquele... selvagem! Não consigo ter uma conversa racional com ele. Com Brett, pelo menos, eu conseguia dialogar. Ele podia ser selvagem no nome, mas não o era de fato!

- Tem razão. Mas ele jamais teria conseguido sobreviver aqui, ainda mais formar uma fazenda, vindo do nada, e ganhar o respeito, até mesmo o amor, das pessoas que o ajudam.

Melody meneou a cabeça, certa de que a tia jamais entenderia o vazio que tinha dentro de si, e a solidão, que só poderia ser dissipada por um único homem. Um homem que não podia mais odiar, mas que a via apenas como um objeto de paixão ou lucro.

CAPÍTULO XVIII

Na manhã seguinte, quase contra a vontade, Melody foi ver os tecidos que tinham chegado de Wellington. Suas mãos ainda estavam doloridas, mas era sua mente que mais sentia as conseqüências do dia anterior. Cada vez que tentava lutar contra Paul Savage, acabava derrotada. E agora, com aqueles sentimentos contraditórios batalhando em seu íntimo, sabia que precisaria de muito mais que um dia para se recuperar.

Desanimada, cortou o barbante do primeiro dos quatro pacotes, afastando o papel... e fitando, boquiaberta, a magnífica peça de veludo azul, no mesmo tom do céu momentos antes do anoitecer. Um presente digno de uma princesa! Debaixo dele, estava uma peça de seda verde-jade, com vários metros de renda para fazer um xale.

No outro pacote, havia um prático merino, para os dias frios que viriam, e uma peça de popeline. O terceiro continha peças de linho e de lã, em tons que combinavam com a vegetação daquele país ao qual ela já estava aprendendo a amar.

Uma sensação de incredulidade invadiu-a. Paul Savage estava zangadíssimo quando encomendara aqueles tecidos, no entanto não escolhera tons pastéis, próprios para uma moça solteira, nem , tons escuros, que combinavam com uma matrona. Também não encomendara os vermelhos e amarelos tão ao gosto de Celine, nem os tons de cobre e esmeralda, que Beatrice apreciava.

Por quê? Como era possível que a conhecesse tão bem? E por que se

importava tanto com ela?

Melody abriu o último pacote, mais leve que os outros, e não conteve um grito deliciado ao ver metros e mais metros de chiffon cor de madrepérola, com O leve tom rosado de um botão de magnólia. Daria um magnífico vestido de baile para ser exibido em Londres ou Paris, mas quando poderia ser usado, numa fazenda perdida no mato? Era apenas a essência de um sonho, mais nada. E o que pretendia Paul com isso? Atormentá-la?

— Deve ter custado uma fortuna!

— Nem tanto — Paul disse, da porta. Entrando no quarto, ele se sentou sobre a cama, reclinado para trás, apoiado num cotovelo.

— Como não?! Só pode ter custado uma fortuna! Ele sorriu.

— Não se pode chamar um touro reprodutor de uma fortuna.

— Mas você precisava daquele touro! Ah, Paul, por que foi fazer isso?

Ele admirou a mulher ajoelhada entre os metros e metros de chiffon, e tornou a sorrir.

— Vamos dizer que, quando quero alguma coisa, não costumo pechinchar.

Melody fitou-o, empalidecendo.

— Uma... escrava... pode valer tanto?

— Pode — Paul respondeu com firmeza, sem hesitar. E indicando o chiffon:

— Gostaria que começasse com esse. Vamos a Wellington no fim do mês. Tenho negócios a tratar com o governador.

— Mas eu pensei que você não gostasse dele...

— Eu não o suporto, mas muitas vezes temos de deixar os sentimentos pessoais de lado. Haverá um baile de gala, e o povo maori precisa de um representante. É lógico que eles serão convidados, porém os convites jamais chegarão. Depois, haverá desculpas, alegações de que os convites se extraviaram etc. Mas o resultado será o mesmo.

— Então, sobra você...

— E outros como eu, que lamentaram o afastamento de sir George Grey do cargo e lutam por sua volta.

— Mas por que você quer me levar? Sei pouco desse povo, e menos ainda da sua política. É verdade que considero justo que tenham seu lugar neste país e que homens como Te Whatitoao-raki possam participar do governo, mas fora o pouco que aprendi com Maata e David, sobre seus costumes e crenças, nada mais

conheço.

Melody se levantou, pondo-se a andar de um lado para outro,as parou ao encontrar Paul em seu caminho. — Se quer mesmo aprender, tem três semanas para isso. Você pode ser uma emissária irresistível. Não preciso lhe ensinar como fazer um homem dizer mais do que pretende ou introduzir na conversa perguntas que são quase impossíveis de se ignorar, — Ele pousou as mãos nos ombros dela, fitando-a como se quisesse memorizar cada traço do rosto adorável. — Quero que faça isso por mim e pelo meu povo. Porque eles são o meu povo, pelo sangue e pela amizade.

Melody sentiu nele o amor pela terra e pelos nativos, que queria ver tratados como iguais. Como pudera pensar em Paul como um conquistador insensível?

— Eu... vou fazer o possível. Tia Bia também vai? Ele sorriu.

— Acho que sua tia será mais bem-sucedida que nós dois juntos. Ela não tem preconceitos e sabe avaliar as pessoas. De algumas ela gosta, de outras, não. E aposto tudo o que tenho que ela não vai gostar de Gore-Brown e seus amigos!

— Por que não votam para que ele saia? Não consideram o governador Grey um homem melhor?

— Na minha opinião, não há ninguém melhor, mas algumas de suas idéias não são populares. Eles o trarão de volta... têm de trazer... mas antes disso a situação vai chegar a um ponto intolerável. — Paul sorriu, meio sem graça. — Mas é melhor eu não falar de política. Quando começo, não paro mais, e reservo isso para os políticos. O que eu quero que você faça é um vestido do qual não se esquecerão, um vestido que dispare a imaginação e os atraia como a luz atrai as mariposas.

— Quer dizer que serei uma isca. — Os dedos de Paul enrijeceram sobre seus ombros, e Melody se apressou a acrescentar: — Não, não responda. Sei que não vou gostar do que tem a falar. Não há nada que o detenha, quando quer vencer uma batalha? Sua causa pode ser justa, Paul Savage, mas os métodos que usa não são. Pretende me vender rio abaixo, sr. Savage, ou só me alugar por uns tempos?

— Melody! — ele exclamou em tom de aviso, a voz vibrando de raiva.

— Me largue! — Algo crispou-se dentro dela, destruindo o prazer de momentos antes. — Não sei por que se deu ao trabalho de vir com essa história de emissária irresistível! — Ela se libertou com um safanão, dando-lhe as costas. — Da próxima vez, sr. Savage, lembre-se de que uma criada deve obedecer. Basta mandar. É fácil. Seu menor desejo é uma ordem para mim!

Paul respirou fundo, dividido entre a vontade de sacudir, beijar... ou até mesmo dar um tiro naquela mulher linda e enfurecida. Mas disse apenas, virando-se para sair:

— Você tem três semanas.

— Ele vai ter o vestido que quer! — Melody prometeu a Beatrice, fervendo de raiva, naquela mesmo dia. — Ele quer uma isca, e vai ter. Nunca vi um homem tão insensível, egoísta... Tia Bia, a senhora não está me ouvindo!

Beatrice ergueu os olhos do veludo azul. Sua expressão era sombria.

— Estou, sim, querida. E acho que já está na hora de você tomar uma decisão sobre este lugar... e Paul Savage. Uma decisão séria, na qual não posso ajudá-la. Nesta história do vestido, no entanto, eu posso. E é fácil. Paul pode não ter usado as palavras certas, mas, se ele quer levá-la à toca do leão, não é porque precisa de isca, como você diz, mas porque precisa de ajuda.

— Ajuda?! Paul Savage?

— Ele mesmo. Você só vê o homem que quer ver, o homem que está tentando, em vão, odiar. E por quê? Por que ele livrou-a de ser vendida a um canalha qualquer e depois recusou-se a tratá-la como escrava? Por que ele a trouxe para cá e tenta protegê-la de todos os modos possíveis? Por que apresentou-a aos amigos dele e tornou-os seus amigos? Ele é mais homem do que todos os que você já conheceu, e é isso que você não agüenta. Prefere os Bretts e Hughs desse mundo, mas, se Paul mostra um instante de fraqueza, você o rejeita. Você diz que ele é insensível e egoísta, mas talvez esteja olhando para a pessoa errada. Deveria olhar para o espelho que há ali!

Melody fitou a tia, aborrecida. Nunca ouvira dela uma palavra de censura e zanga, e não podia aceitá-las.

— Paul está me usando!

— Ele precisa de você. Beatrice apontou para as peças de tecido. — Isso não é o que ele compraria para uma criada de campo, nem mesmo para uma escrava de cama: E também não é uma criada que ele pretende levar ao baile!

Melody caiu sobre a cama, enterrando a cabeça nas mãos.

— Estou tão confusa, tia Bia! De imediato Beatrice abraçou-a.

— Eu sei que está, meu anjo, mas no fim tudo vai dar certo. Agora, temos um vestido de baile a fazer... para alguém que John Brown teria orgulho de acompanhar ao palácio. Concorde comigo?

Melody endireitou o corpo, respirando fundo.

— Sou mesmo uma tola, tia Bia... Mas uma tola que a ama muito! Está bem, vamos ao vestido.

Depois disso, os dias voaram. Melody passou horas com a costureira que Maata lhe mandou, e o tecido começou a tomar a forma de uma criação belíssima, de uma simplicidade clássica, onde a cor era o maior ornamento. Paul tinha ido a Wanganui, a negócios, e durante dez dias ela foi poupada da tensão de sua presença.,

— Nem tudo corre às mil maravilhas — Beatrice informou-a no décimo dia, com uma carta na mão- — Esta carta de Patrick chegou ontem, mas até agora há pouco não sabia se lhe mostrava ou não.

A expressão da tia era tão séria que o coração de Melody deu um salto.

— É com Brett? Aconteceu alguma coisa com ele? O que foi titia?

— Brett está bem, ao que parece morrendo de saudades de você. Veja. É melhor você mesma ler.

Melody pegou a carta, começando a ler.

— Eles ainda estão em Natchez... Patrick arranhou um emprego nos barcos e está indo bem...

Brett está desenvolvendo muito os sentidos do olfato e da audição, desde que os garotos se encarregaram dele. Até aprendeu a carregar uma arma e atirar em alvos que façam barulho. Muitas vezes acerta. No entanto, continua meio triste e fala pouco, a menos que o nome de Melody seja mencionado. Aí, então, é capaz de falar sem parar.

— Quer dizer que ele ainda se lembra de mim! Eu andei pensando... Melody interrompeu-se abruptamente, lendo e relendo as linhas seguintes.

"Os dois homens que vi na cidade, quando estávamos em St. Clare, não eram tão tolos quanto pensei. Acabaram vindo dar em Natchez, e os rapazes de 'Gator' não resistiram à tentação de se vangloriar do fato de terem dado hospedagem a uma lady inglesa e sua sobrinha. Eu estava fora, e Brett não viu motivos para não acreditar na história deles, de que um parente seu havia morrido e lhe deixado algum dinheiro, na Inglaterra. O garoto lhes deu o endereço de Paul e só começou a se preocupar quando quiseram saber se Melody ainda estava com você. Por isso, tome cuidado, minha querida, e vigie Melody. Já tenho uns dois mil dólares e vou mandá-los para o banco que Paul mencionou, em Wellington. Se precisarem sair daí...

Melody gemeu baixinho.

— Eu sabia que alguma coisa ia acontecer! Faz tempo que estou com um mau pressentimento. — Ela meneou a cabeça, não querendo acreditar. — Nunca pensei que Hogge tivesse tanta influência... e amigos tão poderosos. Só não entendo por que estão nos caçando como animais. Será que acham que roubamos alguma coisa que pertencia a eles? Para ir a tal ponto...

— Fique calma, eles não vão nos achar — Beatrice tranquilizou-a. — Sejam eles quem forem...

Melody sentiu um frio na espinha.

Se Luther Hogge devia dinheiro a essa gente... uma grande quantia... e eles achassem que ela estava com esse dinheiro... Mas não, não pensaria nisso. Afinal, era pouco provável que continuassem gastando, tentando achá-la num país selvagem e distante como a Nova Zelândia.

— Tem razão, tia Bia, é muito difícil que eles nos encontrem, E mesmo que sejam vingativos a ponto de contratar um desses desclassificados para vir atrás de nós... já lidamos com gente dessa laia, antes. Aquele sujeito, no leilão, devia ter alguma coisa a ver com isso. Tinha uma cara ruim e sabia meu nome. Mas estamos bem protegidas, aqui, e estaremos bem acompanhadas, em Wellington. Agora, tenho um vestido a terminar. E David deve chegar dentro de uma hora. Ele está me ensinando maori. É uma língua linda, tia Bia, e bem mais fácil do que eu imaginava. Por exemplo, seu alfabeto tem só quinze letras... — E ela continuou a discorrer sobre a língua maoris afastando da mente, resoluta, o desagradável assunto relatado por Patrick.

Quando, afinal, o vestido ficou pronto, até Beatrice mostrou-se impressionada.

— Pena que ainda faltem tantos dias para irmos — ela comentou.

Durante esse tempo, o laço afetivo que unia Melody a David tornou-se mais forte. O garoto começou a lhe contar tudo o que fazia, aparecendo, de vez em quando, para relatar uma novidade ou perguntar o significado de uma palavra desconhecida. Um dia, ela sugeriu que brincassem de pega-pega, e eles foram para o pátio, onde correram em volta do poço até não poder mais agüentar de cansaço e de tanto rir. Começaram também a brincar de faz-de-conta, fingindo que eram uma princesa maori e um lorde inglês, e só podiam falar as respectivas línguas.

Graças ao amor pelo menino, Melody achou extremamente fácil aprender a língua, a história e as lendas do povo a que pertencia a mãe dele. A vida em Windhaven tornou-se muito agradável, mas mesmo assim Melody sentia no coração um vazio que só Paul poderia preencher. Ele deveria voltar no sábado, e

na quarta-feira ela e David entretiveram-se com outro jogo de faz-de-conta provavelmente o último, uma vez que, na presença do homem a quem ela temia, teria de voltar a ser cuidadosa com o que fazia.

Paul ultrapassou a paliçada, contente, como sempre, por estar de volta. Cumprimentou Beatrice, que ensinava algumas garotas maori a bordar, e entrou na casa, elogiando o aroma da comida de Maata.

— Está querendo me engordar para o Natal? — brincou, ao confirmar que ela assava um pernil com acompanhamento de legumes, um de seus pratos favoritos.

Maata meneou a cabeça, rindo.

— Não precisa de preocupar, mita Savage. Nós, maori, não pretendemos comer gente no próximo Natal. Pelo menos, não desta vez.

Ele replicou qualquer coisa em maori, que a fez rir ainda mais. Depois, perguntou:

— David está aqui?

— Está. Ele e mihi Melody estão no pátio, perto do poço. Paul foi para lá, mas estacou ao ouvir uma explosão de risos.

Devagarinho, abriu a porta, e um sorriso surgiu em seus lábios. David, seu pequeno e teimoso guerreiro, pulava e corria em volta do poço, com uma descontração que ele nunca vira no menino. Rindo tanto quanto o garoto, Melody tentava, em vão, soltar as mãos, amarradas a um dos pilares do poço.

— Está bem, eu me rendo, Grande Chefe — ela disse de repente, sem parar de rir.

O menino aproximou-se, fazendo-lhe cosquinhas na cintura, com uma expressão deliciada no rostinho moreno.

— Chega! Eu já disse que me rendo!

Melody inclinou a cabeça e beijou a orelha de David. O menino se virou e...

— Papai! Você chegou antes! Faz séculos que estamos esperando por você.

Paul abraçou o filho, depois fitou o rosto corado e os olhos brilhantes de Melody. Alguns fios dos cabelos escuros haviam se soltado e agora caíam-lhe pelos ombros, mas ela ficara tensa ao vê-lo.

— Pode me desamarrar, David. A brincadeira acabou — Melody murmurou.

Mas Paul segurou o menino pelo ombro.

— Você está precisando de um banho, David. Vá, eu solto a sra. Van der

Veer.

— Tia Melody — David corrigiu-o. — Eu era o terrível chefe Rawiri, e tia Melody, minha prisioneira. Foi muito divertido!

Paul deu um tapinha na cabeça do filho.

— Ande, garoto! — E ficou olhando, com um sorriso, enquanto David corria para dentro. Só então se voltou para a adorável cativa, que lutava para se soltar sozinha. — Se continuar com isso, os nós vão se apertar e será pior. Fique quieta, que eu a desamarro.

— Peça uma faca a Maata. Será mais rápido.

— Sem dúvida. Agora, fique quieta. — Ele sentou-se na beirada do poço, encostando a coxa musculosa às pernas dela.

Lutando contra a emoção que fazia seu coração disparar, Melody começou:

— Espero que não se importe com o fato de David me chamar de tia... Nós nos tornamos tão bons amigos que sra. Van der Veer ficou muito cerimonioso.

— Não me importo, não.

Paul estava perto. Tão perto que ela podia ver-lhe os cílios longos, as sobrancelhas arqueadas e a pele queimada de sol, com todos os detalhes. Seu olhar deslizou para a boca sensual... e ela murmurou, ofegante:

— Afinal... ele chama Maata e os outros criados pelo nome de batismo...

Paul interrompeu o que fazia, e Melody percebeu que, em seu pânico, cometera um erro.

— Eu disse que não me importo — ele repetiu friamente. — Pronto! Está livre... pelo menos destas cordas.

— Obrigada. Vou fazer o possível para não lhe dar mais trabalho.

De novo, um sorriso enigmático surgiu nos lábios de Paul.

— Você vai ter de fazer o possível e o impossível para conseguir isso.

— Eu... preciso me trocar para o jantar. — A voz saiu mais rouca do que esperava, e ela percebeu que tinha as mãos trêmulas.

Paul permaneceu bloqueando o caminho por um momento, depois deu-lhe passagem. Apesar da vontade de fugir dali correndo, Melody dominou-se e caminhou para seu quarto com toda a dignidade. Ainda sentia a coxa dele em contato com as suas, mas procurou não pensar nisso. Concentrou-se em David, o pequeno e corajoso guerreiro, adorável em sua infância saudável. Então as palavras "um doce e selvagem amor" vieram-lhe à mente, e ela soube que teria de

evitar os dois pelo resto do dia, pois um fazia com que se lembrasse do outro, e amando David...

— Não! — exclamou baixinho. — É impossível! Eu não quero! Decidida, Melody voltou para seu quarto logo após o jantar.

Mas no dia seguinte viu-se novamente no caminho de Paul. Ele andava os nativos a derrubarem uma árvore, quando o avistou. Estava sem camisa, exibindo os músculos perfeitos, e ela estacou a alguns passos, fascinada. Quando a árvore caiu, os maori começaram a dar vivas, e Paul se voltou, com um sorriso nos lábios. Vendo Melody, aproximou-se rapidamente, e ela de imediato desviou o olhar do peito dele, cheia de timidez.

— Mas o que é isso?! Uma mulher casada que cora ao ver um homem de peito nu? Seu marido nunca tirou as roupas com a luz acesa? Que tipo de casal eram vocês?

— Não fale de coisas que não entende! — A vergonha de Melody desapareceu. — O fato de uma mulher ser casada não quer dizer que ela esteja acostumada a ver outros homens semi despidos!

— Desculpe-me! No futuro, vou fazer o possível para estar sempre corretamente vestido, quando você passar.

— É o que um cavalheiro faria!

— Um cavalheiro como o seu marido, por exemplo... ou o meu precioso primo Brett?

— Hugh era um cavalheiro, e Brett também é. Aliás, ouvi dizer que todos os sulistas são.

— Todos, é claro... Até mesmo os que pediam para que uma certa escrava fosse despida, durante um leilão! — Ele fez uma pausa, depois prosseguiu: — Um cavalheiro sulista entra numa guerra em busca de glória e para lutar pela liberdade. Mas isso não existe, numa guerra... a menos que você considere glorioso o bombardeio de Vera Cruz, durante dias seguidos, ou o ataque de baionetas a um pequeno foco de resistência inimiga, onde não havia um único soldado! Podemos citar também as gloriosas batalhas contra o deserto, as moscas, a comida estragada, a disenteria. .. e mulheres e crianças. — Com o olhar angustiado, tomado por súbita raiva, ele lhe deu as costas, exibindo as cicatrizes. — Especialmente as duras batalhas contra mulheres e crianças!

Melody não conteve uma exclamação abafada ao ver os olhos de Paul, quando ele novamente a fitou.

— Era unia vilazinha sem importância, e ela era uma garotinha sem

importância. Eu ainda era muito inexperiente e não sabia que um inimigo não pode esperar clemência. Mas os cavalheiros sulistas sabiam, principalmente em se tratando de inimigos de cor. Ela não devia ter mais que catorze anos, e o irmão era um pouco menor. Quando o glorioso exército chegou, tentaram se esconder num paiol, mas os cavalheiros sulistas os encontraram. Eu fui tolo o bastante para tentar detê-los, e por isso tive de ser castigado. Fui amarrado a um poste, e os seis cavalheiros se revezaram me chicoteando. Depois, violentaram o garoto e a menina, e usaram as baionetas para acabar com eles... fazendo cortes bem pequenos, para que sangrassem até a morte, gemiam do de dor. Seria um pecado desperdiçar balas, é claro!

O olhar dele perdido no passado, voltou ao presente e fixou-se em Melody, vendo as lágrimas que escorriam peio rosto delicado,

— Melody... Desculpe! Eu não tinha intenção de lhe contar isso...

Sem pensar, Melody foi para os braços dele, e Paul abraçou-a, acariciando-lhe os cabelos. No fim, foi ela quem se afastou, dizendo:

— Estou contente que você tenha me contado, Paul. — Forçou um sorriso.
— Tia Bia Sempre diz que toda mágoa diminui um pouco quando é partilhada.

— Esta, não. Mas o que você está fazendo aqui, tão longe da casa? Os maori que nos atacaram ainda podem estar por aí. Ninguém deve sair desacompanhado.

— Eu... eu não reparei que tinha andado tanto. Vim apanhar flores. Isso me mantém ocupada, e os quartos ficam mais gostosos, enfeitados.

— Eu reparei, mesmo. Mas continuo achando que você deve voltar. Está escurecendo, e a noite cai muito depressa aqui. Eu vou com você. Já terminei o serviço.

— Não é preciso.

Paul estacou, fitando-a nos olhos. Melody achou que ouviria algumas palavras ásperas, mas ele disse apenas:

— De qualquer maneira, vou acompanhá-la.

Ele foi buscar a camisa e voltou fechando os botões, exalando um cheiro pungente, que se misturou com o cheiro dos troncos que os nativos estavam queimando. Alguns metros adiante, ajudou Melody a subir um barranco, tornando-lhe a mão e esquecendo-se de soltá-la até chegarem a casa.

— Terminamos o vestido para o baile — ela comentou, na porta. — Quer ver se está de acordo com o que você queria?

— Tenho certeza de que está. E prefiro esperar para vê-la com ele.

— Obrigada por me trazer... de volta. — Ela ia dizer "para casa", mas se conteve a tempo.

— De nada. — Ele ergueu a mão que estava segurando e, antes que ela pudesse puxá-la, levou-a aos lábios.

Estava escuro, mas Melody ainda virava e revirava na cama, analisando as próprias emoções. O medo a dominava. Não podia estar se apaixonando por aquele tirano arrogante, o homem que era seu dono. Quando ele se aproximava, não importava o que ela estivesse fazendo, todo seu corpo reagia. Respirava quando ele respirava, atenta à expressão sensual, o coração disparando ao menor sinal de irritação, e batendo forte como um tambor ao olhar mais casual da parte dele.

Era quase como se tivesse se tornado uma parte de Paul. Estava perdendo a identidade... e lutava contra isso com todas as fibras de seu ser. Se deixasse esse amor vingar, na certa haveria de querer apenas servir e agradá-lo, e ele a dominaria por completo. Não mais seriam amo e criada apenas por um contrato, e sua vontade própria deixaria de existir...

— Não! — protestou, em voz alta. — Sou Melody Van der Veer! Tenho uma identidade!

Pensou em Beatrice, ainda atraente para os homens, ainda amada, querida e cortejada. E respeitada por sua coragem e independência de espírito. Ela nunca seria diminuída pelo amor ou prejudicada pelas próprias emoções.

— Nem eu — Melody jurou. — Vou ao baile do governador para me divertir, não para ser olhada com desejo por alguns políticos. Vou dançar, e até flertar um pouco, se quiser. Se alguém perguntar meu ponto de vista, vai ouvir minha opinião, não o discurso patriótico que Paul deve ter preparado para mim.

No entanto, ela não conseguia se esquecer do ardor que surgia nos olhos dele, sempre que falava dos maori. E sabia que esse ardor surgia também em seus olhos, que os pontos de vista dele eram os seus, e que o amor que ele sentia por aquela terra estava fazendo com que também ela a amasse...

CAPITULO XIX

Cansadas da longa viagem, Melody e Beatrice ficaram contentes de chegar à casa dos Reid, em Wellington, onde foram recebidas como velhas amigas. A família havia aumentado, com a compra de um pequenino cão apropriadamente

batizado de Ai-tua Iti, "Pequeno Problema". Pertencia a Ani, mas fora adotado por todos. No momento em que Melody se sentou no sofá, ele se atirou para ela, tentando, em vão, subir-lhe ao colo.

— Aiíua! — Amy ralhou.

Mas Melody já levantava o cãozinho nos braços, lutando para que ele não a lambesse demais.

— Ele é perfeito! — exclamou, rindo. E, dirigindo-se à bolinha de pêlos: — Você é adorável, belezinha!

Rindo, com os outros, das estripulias do cãozinho, ela olhou para Paul... e baixou a cabeça depressa.

— Não vejo você rir assim desde que David a amarrou ao poço. Deveria fazer isso mais vezes, Melody.

— É que não tenho muitos motivos — Melody respondeu, virando-se rapidamente para Amy.

Aquela noite, depois de já estar combinado que ficariam para jantar com os Reid, Melody foi dar um passeio pelo jardim. O som de vozes e risos, vindo da casa, aquecia seu coração, por isso ela não notou a brisa fria, só as flores e o barulho das folhas. A paz do lugar envolveu-a, fazendo-a sentir o quanto amava aquela terra e seu povo, tanto brancos, quanto maori, mas principalmente os infortunados mestiços como David, cujo único crime consistia no fato de seus pais terem conseguido superar a distância que separava as duas raças. Ela vira a beleza das matas e das campinas, navegara pelos mares tempestuosos e lagos tranqüilos, sentira o poder do rio Wanganui e seus afluentes.

"Não quero ir embora", pensou, de repente "Não quero, porque agora aqui é o meu lar!"

Necessitando subitamente da presença dos amigos, ela enveredou por um caminho estreito, pouco visível na penumbra, e não conteve uma exclamação de dor ao prender os cabelos e a manga do vestido nos galhos de uma planta espinhosa.

— Droga! Agora vou ter de me pentear de novo.

Cuidadosamente, tentou se livrar, mas seus esforços só serviram para piorar a situação. Outra exclamação abafada escapou-lhe dos lábios, e então ouviu Paul Savage chamando por ela.

— Estou aqui! — gritou.

Ele aproximou-se e parou diante dela, a cabeça inclinada para o lado,

tentando não rir de sua expressão meio zangada, meio envergonhada.

— Você gosta mesmo de procurar confusão, hein? Ela corou.

— Quer fazer o favor de me soltar? Cada vez que eu tento, fico mais presa.

Colocando no bolso o papel que trazia nas mãos, Paul adiantou-se.

— Seu penteado vai se desmanchar, Se bem que eu não sei por que vocês, mulheres, têm mania de prender os cabelos, quando são tão mais bonitos soltos.

— E que nós nos vestimos mais para as outras mulheres do que para os homens.

— Então, sugiro um trabalho rápido, aqui, e uma ida ao quarto de Amy, para consertar o estrago. — Ele começou a tirar-lhe os grampos da cabeça.

— Ah, mas...

— Prefere passar o resto da noite aqui? Não se esqueça de que estamos hospedados num hotel, desta vez e é melhor pentear seus cabelos de um modo mais simples, no quarto de Amy, do que sair do jeito que está.

Sem esperar, ele continuou a soltar as mechas dos espinhos. A princípio, estava em pé atrás dela; depois, quando os fios sedosos já caíam pelos ombros de Melody, foi para a frente, tirando os pedacinhos de galhos e folhas presos entre os fios. Por mais tempo do que seria necessário, conservou as mãos nos cabelos escuros e brilhantes, percorrendo-os com o olhar, as feições sérias.

Melody sentiu a emoção que o unia e quis falar, mas teve medo. À medida, no entanto, que os dedos de Paul acariciavam-lhe a nuca, provocando arrepios, arriscou-se:

— Estou livre, agora.

— Está. — Os olhos dele, muito escuros na penumbra, procuraram os dela. — Completamente livre. — Do bolso, ele tirou a folha de papel. — Este documento a faz completamente livre, Melody Van der Veer. Você não é criada de mais ninguém.

Ela segurou o documento, fitando-o, sem entender. Com as feições tensas, mas voz sob controle, Paul prosseguiu:

— Agora pode escolher se fica ou se vai. A ajuda que quero de você, no baile, jamais poderia ser dada por uma criada, só por uma mulher livre, que sentisse o mesmo que eu sinto em relação ao futuro desse povo.

— Foi... foi por isso que me libertou?

— Em parte. — Ele sorriu. — O resto não tem importância. Você é livre. Não era isso que queria, desde o começo?

— Claro... Claro que sim...

Mas na voz dela faltava convicção, e Paul fez uma pergunta que ainda não estava preparada para responder:

— Não era essa a única coisa que a prendia aqui? Melody olhou novamente para o papel.

- Foi tão repentino! Não consigo pensar direito. É mesmo verdade?

— É legal, Melody. Você está completamente livre de mim. — Percebendo que ela examinava seu rosto, Paul virou-se abruptamente para o outro lado. — Quer que eu a leve para dentro ou prefere ficar sozinha por alguns momentos?

— Eles... Tia Bia já sabe?

— Ainda não. Deixei para você lhe dizer.

Paul ofereceu-lhe o braço. Depois de uma ligeira hesitação, Melody aceitou-o.

— Quanto ao baile...

— A escolha é sua. Tem uma semana para pensar. Durante esse tempo, pretendo discutir negócios com alguns conhecidos.

Eles já estavam quase entrando na casa, quando Melody tomou consciência exata do que acontecera e estacou, obrigando-o a parar também.

— Eu sou Melody Van der Veer de novo!

— Você nunca deixou de ser.

- Não. — Os olhos dela estavam brilhantes de emoção. — Mas agora voltei a ser. Posso ir para onde quiser, fazer o que quiser!

— Pode

— Então... — Melody fez uma pausa, extasiada. — Então, eu vou ao seu baile. Não por sua causa, Paul, mas por Maata, David e todos os que precisam ter voz ativa no governo de seu próprio país. Eu sei o que é estar totalmente sujeita à vontade de outra pessoa, e posso defendê-los com mais convicção do que você imagina.

Banhada pela luz vinda da janela, os olhos cheios de lágrimas de emoção e as faces coradas de entusiasmo, ela estava tão linda que o deixou sem fôlego.

— Obrigada, Paul. Não sei por que me libertou, mas com isso você me

devolveu a vida.

— Foi assim tão ruim?

— Foi... Não... É que, para mim, a liberdade é o bem mais importante da vida. Na Inglaterra, eu poderia ter tido uma prisão de ouro, mas...

Melody interrompeu-se abruptamente. Estivera a ponto de confessar que matara, para escapar de uma prisão por pouco. Horrorizada, deixou-o onde estava, correu para dentro, juntando-se à conversa dos outros. Logo depois ele entrou, e ela o contemplou com novos olhos.

Por que Paul a libertara? O que esperava ganhar com isso? Com certeza mais do que sua ajuda no baile, pois arriscara-se a perdê-la de uma vez por todas, no dia seguinte.

Com a conversa de Amy e as anedotas picantes de tia Bia ressoando em torno de si, Melody achou impossível se concentrar e deu descanso a suas emoções. No entanto, cada vez que se virava para Paul, encontrava o olhar dele fixo em seu rosto. E, quando tentava conversar com os outros, sentia a intensidade com que ele a observava. Certa de que o melhor seria se retirar logo, alegou uma dor de cabeça e pediu que a levassem para o hotel.

— Não, Paul, fique — murmurou, ao vê-lo se levantar. — É só chamar uma carruagem... Não quero estragar a sua noite.

— Eu posso voltar, depois.

— Por favor...

Ele concordou, e minutos depois uma carruagem parou diante da porta. Beatrice anunciou que iria junto e mal esperou que saíssem para perguntar:

— E então? O que aconteceu?

Melody meneou a cabeça, incapaz de partilhar seus pensamentos até com a tia, sua única parenta viva e melhor amiga.

— Foi alguma coisa que Paul disse? Vocês tiveram outra discussão, no jardim?

— Não... Não foi nada disso. A senhora se importa se deixarmos este assunto para amanhã?

— De jeito nenhum, meu anjo — Beatrice garantiu. Já percebera que a sobrinha estava muito tensa e sabia que seria contraproducente forçar uma confissão.

Na manhã seguinte, cheia de atividade e compras, Melody não teve

oportunidade de falar de sua recém-adquirida liberdade, mas agiu como se um grande peso tivesse sido tirado de seus ombros. Um peso que, no entanto, fora substituído por outro, e que Beatrice percebeu de imediato, quando finalmente recebeu a boa notícia, na hora do almoço. Depois de abraçar a sobrinha, partilhando lágrimas de alegria, ela voltou à atitude prática de sempre.

— Agora que você está livre, precisamos pensar no futuro. Sinceramente, nunca pretendi passar o resto da minha vida numa fazenda perdida no meio do mato, por mais confortável que seja. Wellington, no entanto, é uma cidade que está crescendo, e, se mais gente vier da Inglaterra, chegará perto de ser civilizada, um dia.

— A senhora não pensa em voltar para a Inglaterra?

— Como você não pode, não. E não pense que sinto muita falta de Londres. São as pessoas que contam, não os lugares. Desde que de vez em quando eu tenha a oportunidade de ver uma ópera, uma corrida de cavalos, freqüentar um baile, uma soirée...

— Tia Bia, a senhora é impossível! É claro que iremos para onde quiser. Posso trabalhar como professora de piano ou governanta, e a senhora pode ser... o que era, antes de se tornar uma pessoa tão querida da aristocracia londrina. Que tal irmos para Paris? Ou Nova York? Ouvi dizer que Nova York é o melhor lugar para...

— Mas você não quer ir, quer? — Beatrice interrompeu-a. — Você ama Windhaven... E não é só a Nova Zelândia e seu povo... Resumindo, não é só Windhaven que a prende aqui. Mas vamos deixar para pensar nisso depois. Agora, temos de planejar nossa campanha, e o governador não é tolo. Pode ser um sujeito de idéias preconceituosas, mas não é tolo. Temos um ou dois dias para nos prepararmos e também para ver o que Wellington pode nos oferecer, em termos de futuro.

Poderia ter preparado Melody para o que viu na noite ao baile, com carruagens e mais carruagens despejando convidados à porta da mansão branca do governador. Ela, que sempre pensara em Wellington como uma colônia povoada por imigrantes pobres, teve de refazer suas idéias ao se deparar com os integrantes dos três regimentos britânicos na cidade, em seus uniformes verdes, vermelhos e amarelos, misturando-se com mulheres, vestidas com sedas belíssimas, e civis, elegantemente engalanados em cores mais discretas.

Paul foi recebido com fria polidez por alguns e muito entusiasmo por outros. Melody logo se tornou o centro das atenções, mas em sua opinião, nenhum dos olhares que recebeu, cheios de admiração, por parte dos homens, e ciúme,

por parte das mulheres, chegava aos pés do que lhe dera Paul Savage, ao vê-la com aquele vestido.

Ela se vestira com uma hora de antecedência, deixando os cabelos soltos sobre os ombros, como ele gostava. A nuvem de chiffon salientava a curva deliciosa de seus seios, quase... apenas quase... visíveis através das dobras diáfanas do tecido. Atraindo a atenção para o ponto mais baixo do decote enganadoramente modesto, estava um raminho de clematíes em forma de estrela, igual aos que espalhara pelos cabelos.

Paul a esperava no saguão do hotel, e ela descera a escada de cabeça erguida, feliz com sua recém adquirida liberdade, os olhos cor de safira brilhando entre os cílios longos e escuros. O vestido envolvia-a como as pétalas de um botão de magnólia e parecia exigir, sutilmente, que esse botão fosse colhido.

Pitando-a, ele não pudera deixar de pensar que lhe dera a liberdade, permitindo que escapasse de suas mãos para sempre. Ali estava o espírito que ele tentara dominar... e que acabara por dominá-lo. A beleza que tentara possuir... e que acabara por possuí-lo. A idéia cortara seu coração e, antes que pudesse recuperar o autocontrole, seu olhar encontrara, o dela.

Melody estacara, perturbada com o olhar ardente, que parecia queimar até sua alma. Sem perceber passara a ponta da língua pelos lábios entreabertos, pedindo ao homem diante de si, com todas as fibras de seu ser, que desse vazão ao desejo que via nos olhos dele.

Paul dera um passo para a frente, e estacara por sua vez, respirando fundo.

Ela não era sua! Não era mais sua, para tomá-la nos braços e levar escada acima. Não era mais sua, para descobrir o que havia por trás da miragem, acariciando, explorando e fazendo com que ela explodisse num grito de suave agonia.

Apertando os punhos para evitar que tremessem, ele se curvara numa leve mesura.

— É mesmo um vestido inesquecível, Melody. Sem dúvida, terá todos os homens presentes ao baile a seus pés.

Melody baixara o olhar, tentando abafar as sensações desconhecidas que se espalhavam por seu corpo.

— Que desagradável, para eles! Tomara que consigam se recuperar para uma dança, pelo menos.

Nesse instante, Beatrice aparecera no topo da escada, magnífica em um vestido de cetim cor de bronze.

— Alguém falou em dançar?

Paul virou-se, estendendo a mão para recebê-la.

— Nem sei como tenho coragem de levá-la, lady Davenport. Sem dúvida, vou passar a noite inteira lutando contra candidatos a seduzi-la.

— Por favor, não lute demais, sr. Savage, porque estou ansiosa por uma noite animada.

A noite, sem dúvida, foi animada, e no fim Melody culpou o vinho e a rica alimentação pelo que aconteceu. Elas começaram bem, dançando todas as músicas e promovendo sua causa com uma conversa leve, típica de flerte.

— Cada um a seu modo — Beatrice aconselhara, quando ainda estavam no hotel. — Os homens não gostam de mulheres capazes de pensar, minha querida, por isso teremos de forçá-los a reconsiderar seus pontos de vista com olhares ingênuos e perguntas inocentes,

Melody no entanto, achou muito cansativo ter os pés pisados, a cada passinho, e ainda precisar fingir-se de tola. Sentiu-se obrigada a só dançar com pessoas que pudessem influenciar o governador, e chegou a invejar as garotas que rodopiavam nos braços de jovens oficiais. Paul sumira numa sala, logo depois da chegada, e pelo comentário dos homens que entravam e saíam de lá, ela ficou sabendo que as facções opostas estavam se tornando bastante acaloradas. Num dado momento, queixou-se de sede a um de seus pares, que a levou para a beirada da pista de dança onde estava um grupo de homens e mulheres da mais alia camada da comunidade.

Uma escolha infeliz, pois imediatamente uma prepotente matrona atacou-a.

— Sra. Van der Veer, que bom ter vindo se juntar a nós! Estávamos mesmo admirando o seu vestido. Tão... simples que chega a ser extraordinário.

Melody forçou um sorriso.

— Eu gosto de linhas clássicas, sra. Cavendish. E ouvi dizer que o grande costureiro, monsieur Worth está revolucionando Paris com linhas similares. — Correndo os olhos pelo vestido da mulher, de crinolina vermelha, enfeitado com flores de seda branca no colo, ela não resistiu a um pequeno comentário: — Eu gostaria muito de usar um vestido tão brilhante e decorado quanto o seu, mas não tenho o porte necessário para isso.

Como a inteligência da mulher não era mais brilhante, ela achou que estava

sendo elogiada.

— Realmente, eu tenho um certo... je ne sais quoi.

A pronúncia das palavras francesas foi atroz, mas o fato de a mulher ter falado uma frase em outra língua mereceu a aprovação de todo seu grupo, incluindo o próprio marido.

— Minha Amélia sempre teve dom para línguas — ele observou, sorrindo abertamente. — Ela até aprendeu uma ou duas palavras de maori! Isso ajuda muito com os criados, não é mesmo, sra. Van der Veer?

Melody vislumbrou a tia se aproximando e não conteve um suspiro de alívio, antes de responder:

— Não temos criados em Windhaven, sr. Cavendish. Pelo menos; não no sentido que o senhor dá à palavra.

— Mas vocês têm maoris lá, não têm?

— Talvez a sra. Van der Veer não encare seus empregados como criados — sugeriu um rapazinho de olhar meigo. — Afinal, nesta terra não há muita diferença entre um criado e outros tipos de empregados.

De imediato um advogado gordo, com dedos cheios de anéis, protestou.

— Ao contrário, há muita diferença! Um criado é um ser inferior, que trabalha muitas horas por um salário mínimo. Não pode estar na mesma categoria dos meus escriturários, por exemplo!

Melody não conteve o riso.

— Não, mas aposto que muitos dos colonizadores por aqui estão, até mesmo as pessoas que trabalham para eles, sejam elas maori ou pakeha.

— Bravo, Melody! — Beatrice aplaudiu. — Se continuar assim, no entanto, vai acabar fazendo o sr. e a sra. Cavendish acreditarem que o que caracteriza um criado é a cor de sua pele e a falta de estudo.

O advogado concordou, com veemência.

— Sem dúvida uma combinação dos dois, no que diz respeito a este país. São todos selvagens sem inteligência.

— Os criados, o senhor quer dizer? — Melody perguntou. — Porque não pode estar falando das centenas de maori educado pelos missionários, que lêem e escrevem melhor que a maioria de nossos bravos soldados brancos, que lutam contra eles, no norte. Nem dos chefes que aprenderam a negociar a paz em nossa língua, quando viram que não nos daríamos ao trabalho de aprender a deles.

— Mas a senhora concorda que eles são selvagens, não é, sra. Van der Veer? — insistiu um bem nutrido batista, que lutara muito para instilar o medo de Deus em sua congregação.

— Não, eu não concordo. Os maori têm uma fé tão grande em sua religião quanto o senhor na religião cristã. Sua confusão começou depois que foram convertidos, como vocês dizem. Um dos meus amigos mais queridos é um chefe maori, um cristão que viveu e praticou o cristianismo por muito tempo, antes de resolver ser batizado.

— Impossível! — exclamou o sr. Cavendish. — Que a senhora tenha a coragem de confessar que convive amigavelmente com esses selvagens...

Melody lançou-lhe um olhar de desprezo, antes de continuar como se não o tivesse ouvido:

— O senhor concorda que muitos dos ideais da cristandade estão baseados nos Dez Mandamentos? — Fez uma pequena pausa, esperando o gesto de assentimento do batista, depois prosseguiu: — Então concorda, também, que há poucos cristãos em posição de mando, atualmente, já que os Dez Mandamentos nada dizem sobre ser certo matar a família de um homem, roubar suas terras e tomar sua esposa e filha, simplesmente porque sua pele é um pouquinho mais escura ou ele não tem a mesma religião. Não há mal em tentar convertê-los, mas não quebrando promessas e dando-lhes falsas esperanças. Usem a força de vontade, não a força bruta. E perdoem a confusão que fazem, uma vez que mandam para ensiná-los, ao mesmo tempo, presbiterianos, católicos, batistas, protestantes, budistas e até maometanos! Não é de admirar que, no fim, eles voltem aos velhos deuses. Um homem é cristão pelo modo como age, e, se eu passar o resto da minha vida ajudando quem eu puder, sem prejudicar ninguém e encarando cada dia como um milagre de renascimento, então serei um dos eleitos de Deus... não importa o nome que eu lhe dê. E, se eu quiser conversar com meu deus, no meio de um campo, numa quarta-feira, por que tenho de esperar até estar num edifício superlotado de gente, num domingo? Se eu quiser falar com Ele numa igreja católica, numa mesquita ou num templo, porque é o lugar mais próximo, a troco de que devo ir embora, só porque não estou usando um chapéu ou não posso entender a língua do livro de orações? Ela respirou fundo, o rosto corado, os olhos faiscantes, sem perceber que muitas outras pessoas haviam se aproximado, atraídas pela voz clara de uma linda moça que parecia ter saído de um conto de fadas.

— Se eu quiser venerar o meu deus na minha casa e na minha terra, que eu conquistei, cultivei e da qual tiro meu sustento, por que não deveria? Só porque um idiota qualquer, que não é da minha cor nem fala a minha língua me mandou

parar... e ainda exige que eu lhe entregue a minha terra?

Houve um silêncio pesado... respirações alteradas... depois uma explosão de sons... aplausos, bravos, vaias, exclamações de censura... e o barulho da sra. Cavendish caindo ao chão, desmaiada.

— "Não julgueis para não serdes julgados. — Beatrice sorriu para o pobre batista que havia começado tudo e segurou Melody pelo braço, empurrando-a para o terraço. — Vou buscar Paul. Pelo amor de Deus, não saia daqui nem torne a abrir a boca. Ouvi dizer que eles mantêm lobos famintos, no porão!

— Ah, meu Deus, o que foi que eu fiz?! — Melody murmurou, fitando as lanternas chinesas que decoravam o jardim.

Encontrando-a no terraço, isolada, longe do caos que tinha provocado, Paul sentiu um aperto na garganta. Estendeu a mão... mas logo deixou-a cair ao longo do corpo. Ela não era mais sua, para que a tocasse.

Quando Melody se virou, já não viu mais a ansiedade e a melancolia no rosto dele. Em vez disso, surpreendeu uma expressão neutra, cuidadosamente controlada, que tomou por censura.

— Desculpe, Paul! Eu não sei o que me deu. Agora, estraguei tudo para você! — Ela caminhou para ele, os olhos azuis ansiosos à luz do luar. — Vou pedir desculpas a todos e...

— De jeito nenhum! — Paul apertou os maxilares, resistindo à vontade de abraçá-la. — Você conseguiu dividir essa gente... Uma coisa que minha diplomacia jamais teria conseguido... Uma coisa que só você seria capaz de fazer...

— Quer dizer que você não me odeia?!

Com todo o cuidado, Paul colocou o manto sobre os ombros dela, escondendo a peie acetinada e as curvas que o vestido quase deixava à mostra.

— Eu? Odiar você?!

Ela sentiu a força nas mãos dele e estremeceu, tomada por uma mistura de medo e ansiedade. Perturbada, viu-o levar uma de suas mãos aos lábios, esfregando-os de leve em seus dedos, os olhos fixos nos seus.

— Melody Van der Veer, nunca senti tanto orgulho de alguém como de você, esta noite!

Melody teve a impressão de que ia explodir de alegria, mas agarrou-se à sanidade, murmurando:

— Eu... fico contente por ter... feito alguma coisa pela sua causa.

Ele sorriu.

— Como eu havia previsto, você foi uma emissária irresistível. Não deu trégua a ninguém. Tem certeza de que não quer ficar em Wellington, para obrigá-los a correr para o mar?

De repente, Melody sentiu um enorme cansaço.

— Eu só quero ir para casa o mais depressa possível... para Windhaven...

Um pequeno brilho de esperança surgiu no olhar de Paul... mas foi logo disfarçado.

— Claro. Você deve estar querendo fazer as malas e se despedir de todos, agora que está livre para partir.

Ela assentiu, incapaz de falar, sentindo algo esfriar em seu íntimo. Com uma estranha rouquidão na voz, Paul continuou:

— Sua liberdade também lhe dá o direito de ficar, é claro. Vai ter de providenciar muitas coisas, planejar o futuro. Você pode não querer passar a vida numa fazenda perdida no meio do mato, mas se não tiver alternativa, por enquanto...

Ele se calou repentinamente, maravilhado com a luz de alegria que surgiu nos olhos cor de safira.

— Eu não tenho planos, Paul... Por enquanto, pelo menos...

— Então está resolvido. Você fica em Windhaven, enquanto quiser,

— Vou estranhar ser hóspede, em vez de criada. Acha que também vai estranhar não ser mais meu dono?

— Eu nunca fui seu dono, Melody. Nenhum homem seria capaz disso. — Por um breve instante, ele encostou a ponta dos dedos ao rosto dela. — Vamos procurar sua tia. Mais uma noite no hotel e depois... para casa!

Melody pensou, depois, que fora sua preocupação com o futuro que a levava a ter aquela impressão, na volta para o hotel. Mesmo assim o choque do que viu acompanhou-a durante vários dias.

A carruagem tinha acabado de entrar na rua principal. No céu, a lua brilhava, iluminando tudo quase como se fosse dia. Eles passavam por alguns prostíbulos, quando na porta de um deles apareceu um homem. A carruagem ia depressa, e as feições do homem não puderam ser vistas com clareza, mas algo no modo dele, na postura, fez com que Melody gritasse; agarrando o braço de Beatrice. Logo em seguida, no entanto, ela soltou um riso tremulo e pediu desculpas.

— Acho que dei para ver fantasmas, tia Bia. O que a senhora estava falando do major Oglethorpe?

Procurou prestar atenção, enquanto a cor voltava a seu rosto pálido e seu coração retomava o ritmo normal. Afinal só podia estar delirando, quando tivera a impressão de ver Luther Hogge na porta daquela casa!

CAPITULO XX

Alucinação ou não, a lembrança do odiado rosto de Hogge manteve Melody quieta durante toda a viagem de volta a Windhaven. Bastou, porém, que avistasse a casa para se animar e esporear o cavalo, ansiosa.

Beatrice trocou um olhar com Paul, mas nada disse. Sua esperança era que aqueles dois, tão orgulhosos e teimosos, conseguissem se entender antes do fim da semana, data que Melody havia marcado para partirem com destino à América.

Só Beatrice testemunhara as olheiras da sobrinha, depois de uma noite de lágrimas e agoniantes decisões. Penalizada, sugerira que ficassem em Wellington, mas Melody se negara terminantemente, dizendo que era muito perto. Ao que parecia, ela tinha a ilusão de que uma grande distância a ajudaria a tirar Windhaven e seu arrogante dono da cabeça.

Maata estava lá para cumprimentá-los. E David, que desceu correndo os degraus da varanda e se atirou nos braços de Melody. Ela o abraçou, rindo, feliz, mas o riso morreu em seus lábios quando seu olhar encontrou o de Paul, por cima da cabeça do menino. Ele tinha uma expressão tão tensa que ela sentiu, inexplicavelmente, que o traíra com seu gesto afetoso. Afinal, ambos sabiam que não ficaria ali por muito tempo.

Delicadamente, Melody afastou o garoto.

— Alguma novidade?

— Muitas! — David retrucou, quase explodindo de excitação. -O Tio Brett está aqui, com um amigo. Eles chegaram dois dias atrás.

—Brett?! Aqui?! — Melody correu para dentro da casa seguida de perto pelos outros. — Brett!

Ele se achava junto à lareira e, quando ela entrou na sala, suas feições perfeitas registraram um lampejo de incrível alegria... para logo em seguida ficarem sérias.

— Você veio! — Melody exclamou.

— Claro que nós viemos — trovejou Patrick O'Shaughnessy. Ele avançou e abraçou Beatrice, beijando-a na boca. — Meu Deus, como senti a sua falta, mulher! Por que não me escreveu? Até num lugar perdido como este deve haver alguma forma de correio. — Afastou-a de si, assumindo um ar sério. — Temos muita coisa a contar, Beatrice... principalmente o Brett, aqui.

Paul havia recuperado a compostura, depois do golpe de ver Melody se jogar nos braços de Brett. Sugerindo a David que deixasse os adultos conversarem sozinhos durante algum tempo, esperou o menino sair e aproximou-se com um sorriso polido.

— Pensei que você estivesse bem seguro em Natchez, Brett.

— Natchez não oferece mais segurança — Patrick comentou. — Nem qualquer outro lugar do sul. Foi por isso que viemos. Aqueles idiotas conseguiram começar uma guerra!

Todos o fitaram, incrédulos.

— Foi em dezembro, logo depois que vocês vieram embora. A Carolina do Sul foi o primeiro Estado a se desligar da União, e logo outros Estados sulistas a imitaram, como o Texas. Em fevereiro formaram outro país, os Estados Confederados da América. Em março os Estados Unidos elegeram outro presidente, Abraão Lincoln, que decidiu não aceitar a separação. Ao mesmo tempo, mandou algumas tropas para o Fort Sumter, que se encontrava muito desprotegido. Parece inacreditável, pois é um fortzinho sem a menor importância, mas no dia 12 de abril as forças confederadas abriram fogo contra ele. As tropas se renderam e o incidente transformou-se numa tragédia. Assim que eu li a respeito, tomei providências para sairmos de lá. Brett não tem condições de carregar uma arma, e eu não tinha a menor intenção de lutar por uma causa daquelas.

Beatrice, a primeira a se recuperar do choque, levantou uma das sobancelhas, irônica.

— Quer dizer que perdeu o gosto por uma boa luta, Patrick?

— De jeito nenhum, milady. Ainda gosto de lutar... mas não por causas perdidas!

— Não simpatiza com nenhuma das facções, então?

— Eu vivi no norte e no sul, e o que passei me permite afirmar que minha lealdade é só pelos meus e por mim mesmo. Mas não viemos para cá só por causa da guerra. Brett vai lhes contar.

Melody tomou o braço de Brett, meio séria, meio risonha, e confessou:

— Se era preciso uma guerra para nos vermos novamente, fico contente por ela ter sido declarada. Tenho pensado muito em você, e agora o tenho aqui.

Ele enrijeceu ao ouvir essas palavras; depois, gentilmente, livrou-se das mãos dela.

— Também tenho pensado em você, Melody. Na verdade, não tenho pensado em outra coisa, desde que veio para cá. Não conseguia dormir nem comer, imaginando você como escrava neste lugar selvagem, trabalhando no campo... ou pior ainda. Ele a tratou bem?

— Paul? Claro. — Ela o viu relaxar as mãos, e sussurrou: — Você estava mesmo preocupado! Quer dizer que... ainda me ama.

Uma expressão atormentada surgiu nos olhos do rapaz, e ele tornou a apertar os punhos, com um gesto violento.

— Amo... e que Deus me perdoe por isso!

— Como assim? O que foi que aconteceu, Brett? — Gelada, ela tornou a segurar a mão dele. — Seja lá o que for, não tem importância. Eu o ajudarei. Todos o ajudarão. Está pensando na sua cegueira? Ah, Brett, posso cuidar de você, agora que está aqui. Eu também o amo. E muito!

Realmente, Melody o amava. Amava a gentileza e a ternura que ele sempre demonstrara... e naquele momento achou que seria capaz de enfrentar qualquer adversário; até mesmo Paul, para preservar a convivência deliciosa que tinham conseguido.

O rosto perfeito de Brett registrou uma tristeza infinita, enquanto ele lutava para não perder o controle sobre si mesmo.

— Claro que você me ama, querida. É natural que uma garota ame... o seu próprio irmão.

— Como?! O que foi que você disse? Lágrimas surgiram nos olhos sem visão.

— Melody... eu sou seu irmão.

- Não estou entendendo. — Melody não ouviu as exclamações de Beatrice e Paul, tão incrédulos quanto ela. Sem resistir, permitiu que Brett a levasse para se sentar no sofá, os olhos fixos no rosto dele. — Não pode ser! Não acredito nisso!

— Ah, minha querida, eu daria tudo para que não fosse assim. Quando Patrick resolveu vir embora, Nanny ficou com medo do que poderia acontecer entre nós e revelou um segredo que vinha guardando há anos. Deus me perdoe, no começo eu não acreditei e até bati nela, para obrigá-la a confessar que mentia!

— Conte-me tudo — Melody pediu, com um palidez de morte.

Numa voz angustiada, com muitas pausas, Brett narrou toda a história, terminando:

— Você vê, Nanny amava nossa mãe tanto quanto odiava papai. Ela temia pela sua vida e achou que era melhor ser escrava do que morrer na revolta. E, quando Alex apareceu, foi como se Deus tivesse respondido às orações dela. Nanny se vingaria de papai, dizendo a ele que a mulher e a filha estavam mortas, e você seria criada em perfeita segurança. Naturalmente, seu nome teve de ser registrado no livro dos escravos, mas ela nunca pensou que pudesse vê-la de novo. — Com um gemido, ele enterrou o rosto nas mãos. — Ah, Melody, por que você saiu da Inglaterra? !

Melody sentiu um imenso cansaço invadi-la.

— Isso não tem mais importância. Tudo mudou. Por duas vezes, descobri que não sou quem eu pensava ser. Não sei mais em que ou em quem acreditar. Alguns meses atrás eu era a filha de Alexander e Charity Davenport, uma mimada aristocrata inglesa. Depois, tornei-me a filha ilegítima de Alex Davenport e de uma escrava chamada Eleanora. Agora... sou filha de Arabella e Luke Savage, ambos mortos no dia do meu nascimento.

Beatrice abraçou-a, mostrando que alguns sentimentos nunca mudam.

— Melody, meu anjo, acho que isso é verdade. É uma história fantástica demais para não ser. E explica uma série de fatos, até os seus olhos azuis, meu bem. Ah, querida, você tem passado por tanto sofrimento! — Seu olhar voltou-se para o Adônis loiro, junto à Melody. — Vocês dois têm. Deve ter sido terrível para você também, Brett.

— De certo modo, durante a viagem eu consegui aceitar. Mas agora, tendo Melody aqui... perto de mim...

Todos haviam se esquecido de Paul, que travava sua própria batalha, em silêncio, sozinho como sempre. Ouvir Melody dizer que amava Brett atingira-o como um golpe. Naquele momento percebera que não conseguira nada libertando-a, a não ser a chance de perdê-la para sempre. Depois, ouvindo a história de Brett, experimentara um instante de esperança. Esperança que logo fora substituída pela raiva, ao perceber que ela sempre seria atraída por homens fracos e delicados, exatamente o oposto do que ele era. Parecia-lhe um absurdo que uma mulher de espírito livre, tão forte e corajosa como Melody, pudesse desperdiçar a vida com rapazes como Brett e Hugh Van der Veer, de quem ouvira falar por Beatrice.

Tocando o sino com um gesto decidido, Paul chamou Maata.

— Acho que um drinque vai fazer bem a todos. A sala já está inundada de lágrimas e emoção, de modo que um pouco mais de líquido... Patrick?

O irlandês assentiu, e Maata logo apareceu com vários copos e garrafas de bebida, numa bandeja. Paul serviu duas doses generosas de brandy.

— Lady Davenport?

— Brandy, por favor. Estou precisando de algo forte.

— Melody? Brett?

Melody virou-se para Paul, fitando-o como se o estivesse vendo pela primeira vez.

— Também quero algo forte. E você, Brett?

— Nada, obrigado. — Ele se levantou. — Maata?

— Sim, senhor?

— Pode me levar para o meu quarto? Por favor, me desculpem. No momento não sou boa companhia, e é melhor eu me retirar.

Assim que Brett saiu, um silêncio momentâneo envolveu o ambiente. Então, Patrick disse:

— Não quer me levar para uma caminhada, Beatrice? Assim poderá me contar o que anda fazendo, longe da minha boa influência.

Ela lançou um rápido olhar para Melody, que assentiu.

— Vá, tia. Eu estou bem.

— Não, querida, você não está. Mas não creio que possa ajudá-la, no momento, e estou querendo conversar com Patrick.

Melody olhou para Paul, mas ele fitava, pensativo, o copo, que já enchera duas vezes. Suspirando, ela concordou:

— Vá, sim. Na hora do jantar, todos nós estaremos melhores. — Mas nem ela acreditou em suas palavras e, quando os dois saíram, murmurou: — Vou dar uma olhada em David...

Paul continuou em silêncio, e ela arriscou mais uma vez:

— Paul... Eles vão ficar aqui... Brett e Patrick? O olhar que ele lhe lançou foi atemorizante.

— Onde mais? — perguntou, esvaziando novamente o copo.

Nesse ponto Melody resolveu se refugiar em seu quarto.

— Ah, Brett! — suspirou, tirando os grampos dos cabelos para aliviar a repentina dor de cabeça. — Ah, meu amor!

Foi nesse momento, ao ouvir suas próprias palavras, que entendeu a profundidade e o tipo de sentimento que nutria por ele: um amor cheio de ternura, absolutamente sem paixão, de uma irmã por um irmão.

Durante o jantar, as emoções já haviam se acalmado, mas a tensão continuava, com Paul obviamente bêbado e tratando a todos com fria polidez.

— E por que não? — Beatrice questionou, cheia de simpatia, mais tarde, — De uma só vez, ele ficou sem uma escrava e ganhou uma prima adotiva. Você não foi a única cuja vida virou de cabeça para baixo, minha querida, embora todos nós tenhamos a mania de pensar que nossos problemas são mais sérios que os dos outros.

— Eu sei, tia Bia. Mas não consigo entender uma pessoa que não só se recusa a pedir simpatia, como ainda nega, a cada passo, que precise disso. Já Brett... — Ela meneou a cabeça. — Não.

-Brett mudou. Já não é mais o mesmo, parece ter mais segurança no modo de falar e andar. Ele... ele também não precisa mais de mim!

Beatrice lançou-lhe um longo olhar, mas nada disse. Durante os dias que se seguiram, no entanto, sua paciência quase esgotou. Paul tinha sua válvula de escape, cavalgando para longe ao menor pretexto, mas os outros não podiam sair da paliçada, pois os maori continuavam atacando, rio acima.

Patrick não se importava de ficar preso, pois ele, como Beatrice, tinha um dom instintivo para fazer amigos. Os dois eram vistos constantemente juntos, mas sempre na companhia de outros, como se tivessem medo das próprias emoções. Melody logo percebeu que a separação havia servido para cimentar o relacionamento do casal. Continuavam a se provocar, mas também trocavam olhares que desmentiam as provocações. Beatrice falou-lhe de sua juventude infeliz; e ele revelou a infância pobre que tivera, na Irlanda.

— Mas você, sendo uma lady, não pode fazer idéia do que seja isso.

Beatrice sorriu, desta vez sem humor.

— Possuir um título não faz com que todas as portas se abram automaticamente para você. E o dinheiro não compra afeto e amor, embora possa atrair muita inveja.

— Mas você nunca passou fome ou andou descalça.

— Não, mas, se tivesse andado, ninguém teria notado. Meu pai queria

filhos, muitos filhos, para herdar o lugar caindo aos pedaços que ele chamava de "base" da família. Mas minha mãe quase morreu ao me dar à luz, e o médico aconselhou-a a não engravidar novamente. Meu pai se mudou para outro andar da casa e nunca mais falou conosco, a não ser por meio de frases sociais, do tipo "passe-me o sal".

— E o seu irmão... o suposto pai de Melody?

— Ele foi o arco-íris depois da tempestade. A situação intolerável durou bem mais do que cinco anos. O divórcio era inconcebível no nosso nível social, mas eu, pelo menos, não conhecendo outra vida, não o acharia tão ruim. Papai nunca foi cruel e não me faltava nada que o dinheiro pudesse comprar, mas para minha mãe, a mulher que o amava, a vida se transformou num inferno, e um dia ela tentou o suicídio. Seu desespero atingiu-o, finalmente, e deve ter sido naquela noite que Alex foi concebido. Minha mãe teve um parto tão difícil que nunca mais pode deixar a cama, e meu pai dedicou todo seu amor a Alex. Eu era tratada como uma estranha, isolada, sempre aos cuidados de governantas e professores. Adotei os livros por companheiros e passei a estudar a vida de mulheres que traziam os homens na palma de suas mãos, como eu gostaria de fazer com meu pai. Também estudei política e comecei a me sentar para ouvir os amigos de meu pai, tão silenciosa que eles se esqueciam da minha presença e revelavam mais do que pretendiam. — Beatrice sorriu novamente, com amargura. — Eu tinha quinze anos quando me esqueci de ficar de boca fechada e censurei um senhor pela opinião que tinha sobre os pobres. Meu pai então me mandou para a casa de parentes, em Londres, para que me ensinassem a ser uma lady.

Patrick riu.

— Eles devem ter lamentado o dia em que nasceram!

— Eu dei muito trabalho, mesmo, e dois anos depois deixei-os para me juntar a uma companhia de teatro. O que me faltava de talento, sobrava de entusiasmo. Não preciso nem dizer, no entanto, que isso também não durou muito.

— Mas deve ter mantido a casa sempre cheia, enquanto durou. Imaginem, ver lady Davenport representando?

— Eu podia não gostar de meu pai, mas jamais desgraçaria o nome da família. Não naquela época, pelo menos! — Beatrice também riu. — Além do mais, eu tinha dezessete anos e não gostava do meu nome. Por isso, adotei o de "Boadicea Devine".

Melody, que já ouvira a história uma dúzia de vezes, apenas sorriu, mas Patrick explodiu numa gargalhada. Então, erguendo-se de um salto, obrigou Beatrice a fazer o mesmo, tomando-a nos braços.

— Mulher, você vale todo o ouro do fim do arco-íris, e eu a amo por isso!

Poucos centímetros separavam os rostos sorridentes, e Melody prendeu a respiração. Beatrice estava perturbada, e Patrick mais ainda, mas foi ele que se dominou primeiro. Recolocando-a na cadeira, declarou com voz ligeiramente trêmula:

— Mas chega disso! É melhor eu ir dar uma olhada numas cercas, senão o patrão vai exigir que eu pague pela minha hospedagem. — Na porta, no entanto, ele se virou, os olhos azuis brilhando. — Não há dúvida de que você escolheu bem, minha "divina rainha guerreira"!

— Tolo! Meninão crescido! — Beatrice gritou. Mas não havia censura em sua voz.

No fim da semana, Paul anunciou que iria a Wanganui, buscar suprimentos. Patrick imediatamente disse que ele e Beatrice iriam junto, se não fosse inconveniente.

— Faz tempo que não piso numa cidade, e Beatrice está precisando de um passeio.

— Não sei, não — ela protestou. — Acho que já cruzei demais essa estrada.

— Só que nunca com Patrick Aloysius O'Shaughnessy!

— Tenho amigos, lá, que podem hospedá-la. — Paul ofereceu. — Um casal de missionários. Geralmente, não gosto de missionários, mas esse casal é gente boa e sincera, que ficará contente em recebê-la durante alguns dias. — Os olhos escuros voltaram-se para Melody, que lutava para se concentrar num livro de sonetos. — Você também pode ir, se quiser, Melody. Com Maata, Brett ficará em boas mãos.

Como o tom de voz dele não mostrava mais que um polido interesse, ela meneou a cabeça.

— Prefiro ficar, obrigada. Prometi ajudar Maata a fazer compotas, em troca de algumas lições de culinária. Vou precisar disso... depois. Também quero fazer uns retratos de Maata e David, para guardar de lembrança, quando...

Melody hesitou, não querendo dizer "quando eu for embora", pois tudo em seu íntimo se rebelava contra aquela idéia. Deixar aquele lugar perfeito e a amizade de todos seria ruim, mas se separar de David... e... outros... partiria seu coração.

No dia seguinte o trio partiu, acompanhado por vários maori armados. Visitariam amigos e parentes na cidade, e receberiam um generoso pagamento

pelo serviço extra, embora não fizessem questão disso, pois amavam Paul como a um irmão.

Assim que eles se foram, Melody saiu procurando seu livro de esboços. Metade das páginas já estava cheia de desenhos do céu, de pássaros, de flores e de paisagens, e mostravam o amor cada vez maior da artista por aquela terra. Havia também esboços de crianças maori, de pessoas idosas, de Maata, da casa e de David, em uma centena de poses. Mas ela queria o esboço de mais alguém, e seus olhos adquiriram uma expressão suave, ao fitá-lo.

Brett estava reclinado na grade da varanda, com o rosto erguido para o sol. Tinha a pele bronzeada, e Patrick dissera que isso ele conseguira graças à ruidosa família em Natchez, que fazia questão de levá-lo em suas viagens de canoa. Com eles, Brett desenvolvera os sentidos da audição e do olfato, e aprendera a detectar a posição de uma pessoa, ao primeiro som. Ele podia carregar e descarregar um rifle com segurança, e confessara que havia até atirado num crocodilo, uma vez. Depois, a fera o jogara ao chão com um golpe de seu rabo letal e, se não fosse Seth, o pior teria acontecido.

Brett se movimentava cada vez com maior segurança pela casa, deixando muitas vezes a bengala de lado. Era como se pudesse sentir a presença dos objetos diante de si, e uma ou duas vezes Melody surpreendera Paul observando-o com os olhos apertados, como se ele também estivesse reavaliando seu desprotegido primo.

Havia ainda uma certa tensão entre ela e Brett, quando ficavam sozinhos. Como Beatrice dissera, a lógica nem sempre era capaz de mudar os ditames do coração, e Melody sabia que Brett ainda a amava. Isso, no entanto, mudaria com o tempo, e eles voltariam a experimentar a mesma proximidade de antes. Enquanto isso, ela faria o possível para que não ficassem sozinhos e tentaria dominar a vontade que tinha de tocá-lo e lhe fazer confidências, como quando estavam na América. Com um sorriso satisfeito, Melody sentou-se num tronco da árvore, a uma distância em que ele não poderia notar sua presença, e começou a desenhá-lo. Queria captar apenas a pose descontraída, pois o rosto poderia desenhar depois, de memória.

Quase uma hora se passou, com Melody absorta em seu trabalho. O local estava vazio, com os homens trabalhando fora da paliçada ou patrulhando a área. O sol ia alto, e começou a esquentar. Colocando o livro de lado, ela verificou se estavam mesmo sozinhos e soltou os cabelos, deixando que caíssem sobre os ombros. Puxou também o vestido um pouco para baixo, permitindo que a brisa suave acariciasse seu colo.

O vestido era o mesmo daquela noite desastrosa, quando, furioso, Paul a

beijara com tanta brutalidade. Nunca mais o usara, apesar de ter fechado novamente o decote. No entanto, era um de seus trajes mais leves, por isso o escolhera naquela manhã, já que Paul não estaria ali para vê-la.

A lembrança daquele conflito... e de muitos outros desde então... fez com que se esquecesse do livro de esboços. Reclinada no tronco de madeira, com os olhos fechados e a cabeça apoiada nas mãos, ela voltou o rosto para o sol. Por um instante, teve a impressão de ouvir os passos de Paul ressoando pelo chão de terra batida, aproximando-se, o corpo dele bloqueando a luz...

— Lindo, minha querida. Lindo mesmo...

Sobressaltada, ela abriu os olhos, dando com o rosto terrivelmente marcado de Luther Hogge diante de si.

Hogge Vivo! Nem em seus piores pesadelos essa possibilidade lhe ocorrera. Nunca pensara que pudesse ver novamente aquele rosto odioso, que as cicatrizes repuxavam de um lado, dando a seu dono um aspecto grotesco. Ela queria gritar, rejeitando aquela presença, mas nenhum som saiu de seus lábios entreabertos. O sangue fugiu-lhe das faces, mas o alívio da inconsciência lhe foi negado, e ela continuou a fitá-lo, o corpo paralisado.

— Sim, Melody, estou vivo — ele declarou baixinho. — Durante algum tempo, cheguei a pensar o contrário... O tempo em que os cirurgiões trabalharam em meu rosto, apesar dos meus pedidos desesperados para que terminassem o que você havia começado. Mas eu queria vingança... acho até que foi isso que me manteve vivo... e gastei uma fortuna tentando, em vão, localizá-la.

Melody meneou a cabeça, tentando controlar a sensação de irrealidade.

— Como foi então...

— Pura sorte. Sua tia escreveu para um sujeito que ela chama de John Brown. Ele estava na Índia, numa missão diplomática, mas o mordomo reconheceu o nome da remetente e levou a carta para mim, achando que eu sabia de tudo a respeito. Daí em diante, foi fácil. A Agência Pinkerton, em Nova York, alguns contatos na Carolina do Norte e em Nova Orleans... e aqui estou eu.

Hogge deu um passo para a frente. Horrorizada com a aparência dele, ainda em estado de choque, ela foi incapaz de fugir.

— Seu rosto nunca me saiu da mente, esse tempo todo. No início, eu a odiei. Depois, devagarinho, durante meses de tormento, o ódio foi morrendo e os velhos sentimentos voltaram. — A boca horrível curvou-se num sorriso fantasmagórico. — Eu soube, então, que precisava ter você, Melody. Mesmo quando descobri que possuía sangue negro... que tinha sido vendida como escrava

a um fazendeiro... continuei a querê-la.

Outro passo à frente e Hogge estava praticamente sobre ela, o olhar devorando os ombros expostos e a curva dos seios sedutores, revelados pelo vestido puxado para baixo.

— Eu sei que não é mais virgem, que foi usada como escrava, que sentiu as mãos de um camponês na sua pele, e que não preciso mais me casar com uma garotinha inocente... Agora, só tenho de comprar uma mulher experiente e ainda incrivelmente linda. Você vai gostar do aroma de perfume, depois do cheiro de suor, e de mãos macias, depois de dedos calejados pelo arado.

— Não! — Melody protestou, num fio de voz. E estremeceu quando as mãos dele, com aqueles dedos grossos e repulsivos, agarraram seus braços, forçando-a a se levantar.

— Mereço uma pequena recompensa, minha querida, depois de tantos meses de espera.

Mas antes que a boca deformada pudesse alcançar a dela, o grito que estava preso na garganta de Melody explodiu num som desesperado, cheio de horror.

Brett saiu de seu estado de semi-letargia, levantando-se aos tropeços.

— Melody? Melody!

Com um gesto brusco, ela se libertou do abraço odioso, gritando:

- Não, Brett! Fique onde está!

E correu para protegê-lo, mas Hogge chegou primeiro, arrancando a bengala das mãos do rapaz.

— Não! —: Melody gritou. — Não está vendo que ele é cego!

Brutalmente, Hogge jogou Brett ao chão, batendo-lhe com a bengala na têmpora e na nuca.

Nesse momento, atraído pelo grito, David saiu correndo da casa. Mas estacou, arregalando os olhos ao ver a cena.

— Corra, David! — Melody pediu, soluçando, enquanto lutava contra Hogge. — Vá buscar ajuda!

Com um grito, no entanto, o menino jogou-se para a frente, chutando e esmurrando corajosamente o inimigo.

— Largue minha tia! Largue!

Hogge largou, virando-se com um gesto quase casual para atingir a têmpora

do menino com um murro. Melody gritou novamente, voltando a atacá-lo, mas ele ergueu o garoto semi-inconsciente no ar, dizendo por entre os dentes:

— Você gosta deste negro? Por acaso tomou gosto por pele escura, depois que descobriu sua raça?

— Solte-o — Melody implorou. — É só uma criança. Eu faça o que você quiser, mas solte o menino!

O sorriso horrendo tornou a aparecer na boca deformada.

— É, acho que faz mesmo. Muito bem. Nós vamos sair daqui tranquilamente. Meu cavalo está nos portões. Eu disse aos guardas que era seu parente, e é assim que vamos sair.

David começou a se debater.

— Eu não vou! — E não conteve um gemido, quando Hogge dobrou seu braço nas costas.

— Pelo amor de Deus, Luther! — As lágrimas escorriam pelo rosto de Melody. Nesse momento, Brett gemeu, e ela se virou instintivamente para ele.

— Não, minha querida — avisou a voz odiada.

— Mas ele está ferido!

— Eu também estava, e vou me lembrar daquele ferimento cada vez que me olhar num espelho. Pode imaginar o que tem sido a minha vida? É capaz de fazer idéia do número de portas que se fecharam para mim, dos clubes que se esvaziavam, assim que eu entrava? A situação chegou a tal ponto que eu não saía mais. E as mulheres que passei a ter, desde então... O que traz de volta a minha presença aqui, não é mesmo? Mas já é hora de irmos. A criança vai conosco até a costa, para garantir o seu bom comportamento.

Melody fitou-o por entre lágrimas, e sentiu um enorme alívio crescer em seu íntimo, como se todos os seus sentimentos, todas as suas emoções, tivessem acabado.

— Eu vou com você, Luther, e lhe dou a minha palavra de que farei o que quiser. Mas, se você machucar David, juro que o mato!

Os olhos miúdos do homem encontraram os dela, e ele percebeu que a moça diante de si não era mais a mesma, que havia nela algo...

De repente, soou o barulho de gritos e cavalos a galope. Um tiro ressoou, levantando poeira aos pés deles, e uma voz gelada elevou-se.

— Meu primeiro tiro nos apresentou, sr. Hogge. O segundo acabará com

qualquer chance de relacionamento que possamos ter.

Melody cambaleou, sem se atrever a acreditar. Hogge, por sua vez, empalideceu, os olhos brilhantes cheios de malevolência, mas soltou o menino, que correu para os braços de Paul.

— Papai!

Como em câmera lenta, Melody viu Beatrice vir para o seu lado, enquanto Patrick se abaixava junto a Brett.

— Está cometendo um erro, senhor — Hogge disse, escondendo a raiva sob um tom gentil. — Melody e eu nos conhecemos muito bem. Tanto que ela ia ser minha esposa.

Paul apertou os lábios, e Melody gritou, horrorizada:

— Não! Paul...

Mas a atenção dele estava fixa no outro homem.

— Não permito que ninguém encoste a mão em meu filho ou ataque meus hóspedes, e o senhor fez os dois, sr. Hogge. Seu relacionamento com a sra. Van der Veer pode ser resolvido depois. Agora, o senhor está em minhas terras, e vou lhe pedir que se retire.

— Melody vai comigo. Tenho dinheiro para comprá-la, e ela já concordou.

— Só por causa de David — ela protestou.

Foi como se ela não tivesse falado, pois Paul ignorou-a, continuando com a atenção presa a Hogge.

— A minha resposta é "não", sr. Hogge. E não o aconselho a discutir... — Ele levou a mão ao Colt que trazia na cintura. — A não ser que queira ficar sem a outra metade do rosto. Hogge respirou fundo, depois virou-se para Melody.

— Mil desculpas, Melody. Comprá-la do seu fazendeiro vai ser mais... dispendioso... do que pensei. — Sem se descontrolar, ele tornou a olhar para Paul. — Como eu nunca ameaço em vão, e creio que o senhor é igual, vou-me embora.

No entanto, estou a par da raça e do status de Melody, e voltarei para tratarmos de negócios, quando o senhor estiver mais acessível. Quero Melody e para isso estou disposto a lhe dar um bom lucro.

Paul empalideceu e enrijeceu o corpo, mas nesse momento Brett gemeu, atraindo seu olhar. Quando tornou a levantar a cabeça, Hogge caminhava para os portões. Xingando baixinho, decidiu que acertaria contas com o brutamontes em outra ocasião e foi para junto do primo.

Melody, no entanto, chegou primeiro, agoniada com o gemido do rapaz.

— Brett! Oh, Brett, você está bem? — Desesperada, passou as mãos pela cabeça dele, encontrando um inchaço na parte de trás e um ferimento na têmpora direita.

— Melody? O que foi... onde...

— Não fale, Brett. Estamos a salvo. Paul chegou, e Luther foi embora.

— Luz!... Há... luz!!! — Vagarosamente, Brett cobriu os olhos com a mão. Logo depois, descobriu-os... cobriu-os novamente... e tornou a descobri-los. — Antes era só escuridão, mas agora há... um pouco de luz!

— Vamos, Brett — disse Patrick gentilmente. — Você levou uma pancada feia na cabeça e precisa descansar. Acho melhor o médico dar uma olhada em você, também.

Virou-se para Paul, que assentiu. Imediatamente, o irlandês levantou o rapaz nos braços e caminhou para dentro.

— Não! — Brett protestou. — Você não entendeu o que eu disse... eu posso ir andando!

— Para cair dezenas de vezes, daqui até o seu quarto? Fique quieto, menino, e finja que está completamente bêbado, como em Natchez... Não vai ser preciso muita imaginação!

Melody começou a tremer, enquanto eles se afastavam, ainda brigando, e deixou que a levassem para a sala, onde lhe deram um copo de brandy.

— Beba! — mandou Beatrice.

Ela tomou um gole, tossiu, e depois, com um soluço, tomou o resto. Só então olhou ao redor. Beatrice estava a seu lado, no sofá, e Paul diante da lareira, fitando-a atentamente, com um braço sobre os ombros de David.

— Como... Por que vocês voltaram?

— Agradeça a sua tia — Paul murmurou, com uma ponta de zanga na voz.

Melody fitou-o, sem entender aquela reação, e Beatrice resolveu interferir.

Quando nós chegamos ao ancoradouro, o capitão do vapor, que conhece Paul muito bem, quis saber se tínhamos encontrado o homem que viera com ele para uma visita a Windhaven. Pelo que disse, o visitante tinha passado a noite em Pipiriki Lodge e alugado um cavalo para seguir viagem.

Nesse ponto, Patrick entrou na sala, anunciando que Brett estava na cama,

aos cuidados de Maata.

— O garoto ainda insiste que está vendo luzes, mas não quero que se iluda. Uma pancada na cabeça causa muitas sensações estranhas, e ele pode estar imaginando coisas.

— Coitado do Brett! — Melody exclamou. — Ele devia estar fora de si para tentar me salvar, mas foi um gesto maravilhoso. Eu jamais me perdoaria se... se...

— Ele está apaixonado por você — disse Paul. — Isso às vezes afeta a mente de um sujeito.

Beatrice lançou-lhe um olhar de censura, apressando-se em continuar:

— Pelo que o capitão nos disse, ficou claro que o visitante só podia ser Hogge. A princípio eu não queria acreditar, mas depois tive de me render às evidências.

— Ela agiu como uma louca! — Sorrindo, Patrick levou a mão ao ombro de Beatrice. — Disse que era uma questão de vida ou morte e que tínhamos de voltar, mesmo que matássemos os cavalos de cansaço.

— É que na hora eu não tinha condições de me explicar bem. Só disse a Paul que nós tínhamos saído da Inglaterra por causa de Luther, que você achava que o tinha matado e que ele na certa viera atrás de vingança. Graças a Deus, chegamos a tempo!

Um soluço escapou dos lábios de Melody.

— Se não fosse pela intervenção de Brett e David... David se atirou contra Hogge como um tigrezinho para me defender. — Ela fitou o menino. — Mas David, nunca mais faça isso, por nenhum motivo. Foi um gesto maravilhoso, de muita coragem, mas você não deve atacar um adulto, A história de David e Golias só funciona na Bíblia!

David correu para abraçá-la.

— Mas eu amo você!

Melody retribuiu o abraço, fechando os olhos para melhor saborear o momento.

— E eu amo você, meu pequeno guerreiro. — Abrindo os olhos, ela encontrou os de Paul e viu neles zanga, frustração... e algo bem mais profundo, que não soube definir. Afastando o menino de si, disse com um sorriso tímido: — Nunca mais faça isso, senão eu lhe dou uma surra!

— Você não teria coragem. Jamais! Posso procurar Maata e pedir um doce? Eu mereço, não é mesmo?

— Está bem, — Ela continuou sorrindo, comovida. — Peça uma dúzia... Mas não vá passar mal, depois, hein? — Esperou que o menino saísse, e se dirigiu aos outros: — Tia Bia, o que eu faria sem a senhora? E Patrick, também. Paul... eu ainda não lhe agradei por ter salvado a minha vida.

De novo, a máscara polida tomou conta das feições másculas.

— Não foi tanto assim.

— Se eu tivesse ido com Luther, teria sido a mesma coisa.

— É mesmo? — A incredulidade dele era patente.

— Paul!

— O homem a conhece bem... Até que ponto, prefiro não saber. O problema é que estava em minhas terras e pretendia machucar você e David, depois de já ter ferido Brett. Não gosto de homens que praticam violências contra cegos, mulheres e crianças. Não creio que haja mais nada a ser dito.

— Você precisa me deixar explicar! Hogge é perigoso. Gastou uma fortuna para me achar e não vai desistir agora.

Algo brilhou nos olhos escuros, desmentindo o tom frio com que ele falou.

— Então, sugiro que resolvam sua briguinha de namorados num lugar mais adequado, que não seja tão público. Agora, se me dão licença, tenho uma fazenda a dirigir... e há outro cavalheiro andante à espera, precisando dos seus cuidados!

Interpretando corretamente o olhar de Beatrice, Patrick perguntou:

— Você se importa se eu for junto?

— Não. — Sem mais, Paul dirigiu-se à porta.

Quando os dois saíram, Beatrice tomou as mãos da sobrinha entre as suas.

— Patrick vai falar com ele, e depois, numa hora mais conveniente, nós lhe contaremos toda a história. Neste momento, Paul está sofrendo as conseqüências de uma grande dose de medo, zanga e ciúme. Uma combinação letal, para a qual não há remédio a não ser o tempo. Enquanto isso, acho melhor seguir a sugestão dele. Brett foi muito valente e merece um elogio seu. Mas tome cuidado, porque ele ainda não aceitou o fato de ser seu irmão.

— Eu sei, tia Bia, e preciso ter uma conversa séria com ele. Só preciso pensar no que vou dizer! Quando Hogge atacou... apesar de saber que Brett é cego... eu lutei para protegê-lo, como lutaria para proteger David... mas não Paul. Os... os sentimentos são diferentes. Mesmo que não fosse cego, Brett é tão gentil, terno e amoroso... Eu sempre teria vontade de protegê-lo.

— E quando Paul é gentil... o que acontece?

— Uma pessoa como Paul conforta com sua gentileza, protege com sua força. Pode-se lutar ao lado dele, até matar por ele, como no ataque dos maori. E, se ele cai, isso nos dá raiva, não medo. — Melody calou-se, ciente de que havia revelado demais. Então, a amargura reapareceu. — Mas homens como Paul só precisam de mulheres como companheiras de cama. É melhor eu ir ver Brett, mesmo. Ele, pelo menos, precisa de mim.

Durante os dias que se seguiram, Melody, maravilhada, percebeu que aos poucos Brett ia recuperando a visão. Começou na primeira tarde, quando ela foi vê-lo e encontrou-o deitado, muito quieto, de olhos fechados. Ele se virou quando a porta se abriu, sorrindo.

— Melody?

Ela correu para abraçá-lo.

— Ah, Brett, meu tolinho maravilhoso! Você não devia ter feito aquilo. Mas eu o amo pelo que fez. Amo muito. Sua coragem e desprendimento...

Brett afastou-a de si, com um gesto firme, mas gentil.

— Eu a amo, também, Melody... Mas não como irmão... E é esse o meu tormento!

— Brett...

— Ouça, quando eu estiver em condições de viajar, vou voltar para casa. Não para a Carolina ou Natchez, pois esses lugares representam um passado com o qual eu não posso mais viver, mas para San Francisco. Patrick tem amigos lá, e talvez eu consiga... nem sei o quê! Só sei que tenho de sair daqui.

Observando o rosto bonito, Melody sentiu o coração se apertar.

— Nunca, mais vou... vê-lo, então?

— Talvez... um dia. — Brett sorriu. Sem vontade, mas sorriu. — Vi a luz de vários modos hoje, meu amor. Muitos homens levam a vida inteira para ver, e outros não conseguem nunca.

— A escuridão continua mais fraca, mesmo agora que você descansou?

Ele se virou para a janela.

— Continua. Mas ainda sou cego, e um homem cego não tem serventia para você. Mesmo que não fôssemos irmãos, eu não ficaria, apesar de já ter pensado de modo diferente. Mas isso foi há muito tempo. — Brett calou-se por um instante, depois pediu: — Vá se juntar aos outros. Eu gosto de ficar sozinho de

vez em quando.

No dia seguinte, quando Melody entrou no quarto, ele anunciou:

— Você está com um vestido claro. Tirou o luto!

— Oh, Brett!

Ela o abraçou, soluçando, suas lágrimas misturando-se com as dele. Os outros vieram, também, até Paul, que se pôs a mostrar objetos e fazer perguntas, com a voz embargada de emoção.

— São só formas, mas eu posso ver você... uma figura... cinza... de camisa clara... segurando alguma coisa!

Durante mais um dia e uma noite, Melody e Maata se revezaram junto dele. Então, ao anoitecer do Último dia, mais de uma semana depois que Hogge o jogara ao chão, Brett virou-se quando Melody entrou e fitou-a da cabeça aos pés.

Ela prendeu a respiração, mas, quando ele olhou novamente para a janela, com lágrimas escorrendo pelo rosto, o medo a dominou.

— O que foi, Brett? Não me diga que acabou! Você não consegue ver meu vestido? É um vestido de baile, de chiffon. Coloquei-o especialmente para que você o visse.

Mais uma vez ele a encarou, sem tentar esconder a angústia em seus olhos claros,

— Melody... minha doce... irmã! Se eu soubesse que você era tão linda, teria ido embora antes disso. Olhos azuis como safira, cabelos negros e pele macia como as pétalas de um botão de rosa. — Brett respirou fundo. — Isto é uma coisa com a qual eu tenho de aprender a viver, minha irmã... Mas não aqui... Não agora... Não sou forte o bastante.

Tomada por urna tristeza tão grande quanto a que sentira com a morte do pai, Melody o abraçou.

— Brett... Será que eu sempre vou amar você?

— Sempre... Como eu vou amá-la... ou pelo menos tentar... como um irmão deveria. Nem que leve o resto da minha vida!

Os lábios dele procuraram os dela. Pela primeira vez, ambos sabiam, sem incesto, só com uma tristeza imensa pelo que poderia ter sido.

CAPÍTULO XXI

— Mas o que é isso?! — exclamou uma voz furiosa, vinda da porta. Paul Savage olhava para Melody e Brett, rígido, a cicatriz que lhe marcava o rosto parecendo ainda mais branca, em contraste com as feições tensas.

Praguejando, ainda sofrendo com a agonia da separação que viria, Brett empurrou Melody para o lado, girou nos calcanhares e acertou um murro no queixo do primo. Paul, que avançava em direção a eles, recuou alguns passos, cambaleante, enquanto Brett declarava:

— A primeira vez que senti vontade de fazer isso eu estava com oito anos!

— Você pode mesmo ver!

— O bastante para sair daqui, E pretendo ir embora amanhã.

— Brett! Tão cedo?! — exclamou Melody.

Ele sorriu para a irmã, e seu rosto expressava tudo, quando disse:

— Quanto mais cedo, melhor, não acha?

Procurando esconder a confusão que sentia, ela baixou os olhos para as mãos. Mas Paul já percebera a tensão no ar, e seu tom foi surpreendentemente gentil.

— Você não precisa ir, Brett, mas concordo que é o melhor, tendo em vista a situação. Vou mandar um dos homens acompanhá-lo a Wanganui.

— Não é necessário. Patrick e Beatrice disseram que iriam comigo, quando eu quisesse, e na volta trariam os suprimentos que você encomendou na semana passada.

Num impulso, sabendo que tinha de dizer aquilo, mesmo que partisse seu coração, Melody murmurou:

— Isso vai facilitar tudo para você, Brett. E, enquanto eles estiverem na cidade, podem aproveitar para reservar uma passagem para mim no primeiro navio que sair para a Inglaterra.

Um pesado silêncio envolveu-os. Incapaz de enfrentar os olhos escuros fixos em seu rosto, ela continuou:

— Não sou mais procurada como assassina, lá, e poderia ter voltado há muito tempo.

— E Luther Hogge? — Brett perguntou, preocupado.

— A lei me protegerá. Além disso, tia Bia tem um amigo que ocupa um alto cargo no governo.

Nenhum protesto saiu dos lábios de Paul, e afinal ela ergueu os olhos para

ele, encontrando apenas aquela máscara inescrutável.

— Você pode fazer o que desejar, Melody. É livre, agora, e não há nada aqui para prendê-la. Todos sabem que você só voltou de Wellington porque queria se despedir de Maata e dos outros. Vou falar com Patrick. Eles na certa vão querer ir com você.

— Não... Não fale com eles, por enquanto. Vou contar a tia Bia depois do jantar. Pode ser que eles tenham outros planos.

De novo, o rosto dele nada manifestou.

— Está bem. Eu só vira perguntar a Brett se ele gostaria de ir a Rotorua comigo, na semana que vem. É lá que estão as fontes naturais de água quente. Mas agora isso está fora de questão, por isso vou deixá-los a sós, para que terminem sua... conversa.

Paul saiu, fechando a porta atrás de si com desnecessária firmeza.

— Droga! — Brett exclamou. — Melody, você tem certeza de que está agindo certo?

Incapaz de fazer a análise íntima que tal pergunta exigia, ela assentiu, torcendo para que ele acreditasse.

— Eu seria muito tola se ficasse onde não me querem nem precisam de mim. Vai ser bom voltar para a Inglaterra. Rever velhos amigos, ir a festas, à ópera... Meu Deus, como senti falta disso tudo! E não é de admirar, pois sou de lá. Não existe nenhum lugar no mundo como Londres!

— Pois eu cheguei a acreditar que você estava se apegando a St. Clare.

— Não, Brett, só ao dono da St. Clare. Por ele eu teria considerado aquele mausoléu meu lar, mas o destino não quis. — Melody forçou um sorriso brilhante demais. — Assim, chegamos de novo ao ponto de partida. Retornarei a Londres. Hogge está vivo e provavelmente logo encontrará outras vidas para destruir, já que eu estarei sob a proteção de John Brown. John tem tanto poder que pode arruinar o próprio Luther, se quiser. Será quase como se esse ano não tivesse acontecido, a não ser pelo fato de que agora tenho um irmão a quem escrever.

— Não!

Diante da dor de Brett, Melody abandonou o fingimento e foi até ele, abraçando-o com força.

— Desculpe! Eu só estava tentando suavizar esta situação horrível. Com o tempo, sei que nós dois aceitaremos a realidade. — Ela se afastou um pouco para fitar o rosto perfeito de Brett, notando que os olhos dele pareciam mais azuis,

agora que eram capazes de enxergar. —Preciso me trocar para o jantar.

— Este vestido é lindo.Obrigado por ter deixado que eu o visse. Vou guardar esta lembrança... como todas as outras que tenho de você.

Melody sentiu um nó na garganta. Sabia, agora, que existiam tipos diferentes de amor, um tão forte quanto o outro. Seu amor por Brett era tão profundo quanto o que sentira por seu pai ou o que sentia por David. A separação seria muito dura, só o tempo poderia amenizar a dor que trariam.

— Até o jantar, então.

— Está bem. Estou precisando mesmo ficar sozinho. Tenho muita coisa em que pensar.

Quanto Brett entrou na saía de jantar, mais tarde, estava completamente mudado, e Melody soube que o que o estivera atormentando fora resolvido. Ele se vestira de preto, com uma camisa branca, o que acentuava sua silhueta esbelta. Aproximou-se da mesa com passos confiantes, e havia em seus olhos uma estranha luz, quando se sentou em seu lugar.

David adquirira o hábito de jantar com a família, em vez de comer mais cedo, na cozinha, com as crianças maori. Sentindo na atmosfera algo que não conseguia entender, ele olhou de um para o outro, mas não se atreveu a fazer qualquer comentário.

Depois que a sopa de cogumelos foi substituída por um rico prato de carne assada, Brett começou:

— Patrick... Você mencionou que essa guerra na América não pode ser vencida por ninguém, mas sem dúvida o sul logo porá um fim a ela. Afinal, o sul está lutando para manter um direito que acha que Deus lhe deu, e isso incutirá mais força a seus soldados. O irlandês sorriu.

— O sul pode achar o que quiser, que isso não o fará vencer. O norte pode pôr em campo quatro homens para cada sulista. Tem fábricas de pólvora e canhões, além de armamentos em quantidade. O que o sul vai usar para atirar nos ianques? Fardos de algodão? Ou pretendem surrá-los até a morte com folhas de tabaco? Isso sem falar em estradas e rios navegáveis. Quanto a estradas de ferro para transportar tropas e suprimentos... — Patrick meneou a cabeça. — São tolos, todos eles.

Num tom baixo, Paul perguntou:

— Posso saber o que você está pretendendo com esta conversa, Brett?

O rapaz fitou o prato por um momento, depois olhou direta-mente para

Melody.

— Decidi me juntar ao Exército Confederado.

Foi como se ambos estivessem sozinhos, e as exclamações dos outros soaram abafadas, parecendo vir de muito longe dali. Melody sentiu uma vontade louca de agarrar-se a Brett e sacudi-lo, ordenando-lhe que não fosse para o que seria morte certa, só por sua causa.

Ele, por sua vez, fitando os lindos e torturados olhos cor de safira, explicou:

— Só uma guerra é grande o suficiente.

Ela entendeu e assentiu, os olhos cheios de lágrimas.

— Mas que tolice! — Patrick estava dizendo. .

— Não é possível que você ainda acredite em escravidão! Só Paul nada disse. Ele vira e entendera a agonia de sentimentos que havia entre os dois.

Brett deu um sorriso triste.

— Não, não vou lutar por acreditar na escravidão. Vi, por mim mesmo, a infelicidade que isso pode causar e não acredito mais que um homem deva ser dono de outro, apesar de a Bíblia afirmar que os "servos devem obedecer seus amos". E olhe que sou um sulista, nascido e criado como um membro da aristocracia, que sempre se surpreende quando é mordido por um cachorro em que bateu ou jogado ao chão por um cavalo que chicoteou. Se precisa haver um motivo socialmente aceitável, vamos dizer que estou lutando por uma causa perdida... um sonho passado, que nunca mais voltará.

— Mas você não sabe nada de guerra — Patrick insistiu.

- Não se trata de um duelo romântico, num campo verdejante, ao nascer do sol. Nem de uma marcha gloriosa ao som de tambores, Trata-se de sangue derramado, órgãos lacerados, gritos, choro, e o mau cheiro de suor, sujeira, medo e cadáveres que ninguém tem medo de enterrar. É solidão, tristeza e tédio, mas a sensação de que todo mundo sabe o que está fazendo, menos você. E nesta guerra estúpida você ainda terá a chance de apontar sua arma para um irmão... e vê-lo apontando a dele para você!

— Tenho sido super protegido desde os sete anos. Sempre me disseram o que vestir, o que comer, o que fazer e até o que dizer às pessoas. Já é tempo de isso mudar, não acha? Fico grato pela sua preocupação, meu amigo... meu grande amigo... mas já é hora de eu permitir que você volte a sua própria vida.

— Não tente mudar de assunto, menino. Você não tem a menor noção de

sobrevivência, e, mesmo que saiba carregar e descarregar uma arma, não, faz idéia do que seja matar.

— O mesmo acontece com a maioria dos outros soldados que lá estão, Mas não creio que seja preciso muita inteligência para aprender.

— Nenhuma — comentou Paul secamente. — A inteligência só é necessária na hora de decidir se deve matar ou apenas ferir o inimigo. E, se você resolver matar, que homem escolher; o rapazinho inocente do campo, cujo único crime foi nascer no norte, ou o general maníaco, que lhe ordena que faça um ataque suicida à boca de um canhão inimigo para enchê-lo de glória. Mas isso tudo é irrelevante, não é? Até agora você falou muito, mas não disse nada que realmente conte.

O sorriso de Brett morreu, e ele lançou um olhar involuntário para Melody, a seu lado.

— Em todo caso, acho que não há muita coisa a ser dita, há? — Paul continuou. — Você resolveu achar uma guerra para si mesmo... e qualquer uma serve.

O olhar dos dois era cheio de compreensão mútua.

— Então, espero que encontre o que está procurando.

David não conseguiu se conter mais.. Não entendera direito o que fora dito, mas sabia que aquela guerra era entre homens que gostavam de negros e homens que não gostavam, Com a mente cheia de lembranças amargas de seu grande inimigo, perguntou:

— Você não está indo embora por minha causa, está? Não é porque sabe que sou um mestiço, é?

— David! — Brett estendeu a mão para pegar a do garoto apertada sobre a mesa. — A minha partida não tem nada a ver com isso! Quando olho para você, não vejo um mestiço, mas um jovem guerreiro que arriscou a própria vida para salvar a Melody e a mim. Vejo um rapazinho nascido de um líder entre os homens, e de uma princesa entre as mulheres. Você é um amigo de que tenho muito orgulho, David, não importa o seu sangue. David sorriu, tímido, mas incapaz de ocultar o prazer.

— Então, se você tem mesmo de ir... Mas vou sentir a sua falta. — E prosseguiu, mostrando a capacidade de adaptação da juventude: — Pelo menos vou ter tia Melody para me fazer companhia, quando você for embora e papai sair.

Um silêncio desagradável caiu sobre eles, e Brett lançou um olhar para Melody. Aquele era o momento que ela temia. Pensara em contar a todos

individualmente, mas agora era tarde demais.

— David... — começou, hesitante. — David, querido, eu também vou embora. Não vai ser hoje nem amanhã, mas será logo.

A incredulidade surgiu nos olhos do garoto, tão parecidos com os do pai, mas ainda incapazes de esconder seus sentimentos.

— Você não pode! Melody engoliu em seco.

— Eu preciso. David. Eu... e os outros... temos de voltar para casa... para que você e seu pai possam reassumir sua vida normal... a vida que vocês tinham, antes... antes...

— Mas eu pensei que você tinha vindo para ser minha nova mãe!

— Ah, David!

Com os olhos cheios de lágrimas, ela se inclinou para abraçá-lo. Mas ele empurrou seus braços para longe, levantando-se abruptamente da cadeira.

— Também, eu não preciso de outra mãe! Não preciso de ninguém, muito menos de você!

Soluçando, o menino correu para fora da sala.

— David!

— Deixe-o — ordenou Paul, - Você já disse tudo o que tinha para dizer.

— Eu preciso ir atrás dele... explicar...

— Não, querida — Beatrice interferiu com gentileza. — Eu falo com ele. Sei mentir melhor do que você.

- A senhora também acha que eu errei! Todos vocês acham!

Pode ter sido prematuro, mas eu não podia continuar mentindo. Ele tinha de saber, mais cedo ou mais tarde. Por que não vão até lá fora, tomar um pouco de ar? Vocês podem! Todos podem fugir desta situação horrorosa. Até Brett pode arranjar uma guerra para ir lutar!

Paul pronunciou o nome dela num tom baixo, tentando interrompê-la, e Melody se virou para ele, furiosa.

— A culpa é sua, por isso não venha com histórias! Você me colocou nesta situação! Em primeiro lugar, me arrastou até aqui. : E eu nunca quis vir! Nunca quis me apaixonar pelo seu maldito país, o seu filho ou... — Ela parou de falar bruscamente, respirando fundo, lutando contra as lágrimas, corada, os olhos brilhantes de sofrimento, magnífica em sua fúria. — Estou contente por ir embora. Ouviu, Paul Savage? Contente!

Soluçando, Melody ergueu-se de um salto, jogando a cadeira ao chão, e correu para seu quarto.

No silêncio que se seguiu, Maata entrou para tirar a mesa, lançou um olhar em torno e recuou, apressada. Patrick tossiu e recebeu um olhar zangado da parte de Beatrice. — Eu entendo o ponto de vista de Melody — ela comentou, dirigindo-se a todos —, mas acho que minha sobrinha está cometendo um erro. Se me dão licença, vou falar com ela.

Beatrice encontrou Melody soluçando, com o rosto enterrado no travesseiro, e abraçou-a imediatamente.

— Calma, querida! Ninguém vale as suas lágrimas!

— Brett vai embora, para ver se alguém o mata, só porque me ama! David está sofrendo, porque me ama! E Luther Hogge virou um verdadeiro monstro, porque me ama! Que tipo de mulher eu sou, tia Bia? Não tenho forças para impedir o que está acontecendo!

— Brett vai enfrentar essa guerra e encontrar o esquecimento... ou a resignação... de que precisa. E sobreviverá, porque a Natureza parece ter predileção pelos tolos. David tem a resistência da juventude e vai se recuperar, com o tempo. Quanto a Luther Hogge. Nunca houve nada que você pudesse fazer para impedir o que aconteceu. O que ele sente não tem nada a ver com amor. Ele a considera um objeto, lindo, sem preço, fora do alcance de todos, e resolveu tê-la.

- Eu gostaria de ter nascido homem!— Melody explodiu. E depois, com um sorriso trêmulo, murmurou: — Mas aí eu poderia ter sido como Brett... ou David... ou Luther... — Respirando fundo, afastou-se da tia. — Sou uma tola por me sentir assim! Deveria estar pensando em David, não em mim. A senhora poderia ir atrás dele e explicar, tia Bia? Ele deve estar se sentindo completamente abandonado. Eu daria qualquer coisa... Não, eu não daria qualquer coisa... Eu não suportaria a atitude arrogante de Paul Savage um minuto além do necessário. Como ele tem a coragem de ficar zangado comigo, quando a culpa é toda dele?

Sabidamente, Beatrice nada comentou, limitando-se a abraçar a sobrinha mais uma vez, antes de sair.

Sem ânimo, Melody começou a tirar o vestido, a anágua e as roupas de baixo. Ainda se achava dominada pela raiva e o desespero, mas agora havia também uma mescla de outros sentimentos, completamente desconhecidos. Jogando água fria no rosto, ela soltou e escovou os cabelos, terminando por colocar um penhoar de seda negra, enfeitado com rendas, que comprara em Nova York,

— Não vou deixar que ele me magoe — jurou. — Vou seguir meu próprio caminho. Posso até tomar conta de tia Bia, se for preciso... — O rosto de Patrick lhe veio à mente, e um sorriso surgiu em seus lábios. — Se bem que acho que não vai ser preciso. Serei só eu, então... Mas antes só que sob o tacão da bota daquele... selvagem!

Como que ecoando seus pensamentos, uma batida firme ressoou na porta. Tia Bia não era, porque ela entraria sem bater, e Patrick ou Brett não a procurariam ali.

— Vá embora, Paul!

Mas ele entrou assim mesmo, e ela o encarou, repetindo:

— Me deixe em paz, Paul. Não temos mais nada para nos dizer.

— Ao contrário. Temos, e muito!

— Não! Eu vou embora. Não amanhã, embora eu esteja morrendo de vontade de ir, mas no próximo navio para a Inglaterra. No momento... não quero falar com você... Saia, por favor.

— Por que não amanhã? Poderia seguir o seu precioso Brett até a frente de batalha. E brincar de enfermeira, enquanto ele vive as próprias fantasias!

— Pare com isso! Brett tem mais sentimentos do que você jamais terá! Mais compaixão e mais amor, além de ser um cavalheiro da cabeça aos pés. Ele me ama com uma pureza que você nunca conhecerá!

— Não diga! Pois não é essa a minha impressão. E você adora esse papel de mulher intocável, não é, Melody Van der Veer? Adora conquistar corações, mas Deus ajude o coitado que se aproximar demais. O último que fez isso ganhou uma bala de recompensa. Céus, seu marido devia morrer de medo de você!

— Não! — Melody gritou, cobrindo as orelhas. Estava apavorada com a raiva que transparecia nas palavras dele mas sentia, ao mesmo tempo, a mágoa que o atormentava e que era tão grande quanto a sua.

— Talvez seja até bom você ir embora, pois só Deus sabe quantos de seus apaixonados ainda podem aparecer por aqui. Talvez até seu falecido marido levante do túmulo e venha reclamar os próprios direitos! Já ouvi falar de... "damas"... que preferem se dizer viúvas a admitirem que foram abandonadas!

— Não! Ele morreu, e Luther... - Ela lhe deu as costas, lutando contra a horrível lembrança. — Luther estava morto... ,

Mas a voz sem piedade interrompeu-a, prosseguindo:

— Uma excelente representação, mas já vi melhores. Você não é mais uma

virgem ingênua. É uma mulher casada, que depois da morte do marido... se é que ele está morto... foi viver durante mais de seis meses com um sujeito do caráter de Luther Hogge. E depois, em Nova York. Mas foi uma parada rápida demais, até mesmo para uma viúva tão necessitada de conforto quanto você! Já a viagem para o sul... Eu conheço aquele país, sra. Van der Veer. Sei o que pode acontecer a duas mulheres, viajando sozinhas... A vigilância de sua tia foi tão fraca quanto tem sido aqui? Depois... meu caro primo Brett despertou seus melhores sentimentos. Quanto tempo passou com ele, antes de ver como realmente era? Um mês? Dois? Uma mulher experiente teria de agir rápido para suplantar a deliciosa Celine.

Melody virou-se de novo para ele, os olhos cor de safira faiscando.

— Chega! Você pode acreditar no que quiser de mim, mas não ofenda Brett!

Os olhos de Paul se estreitaram.

— Então, era Brett! Acrescentou incesto à sua lista? Deus é testemunha de que você enfrentou o leilão com incrível frieza! Achou que ele levantaria um exército para libertá-la? Ou já estava enjoada dele e atrás de caça maior?

Melody ergueu o punho fechado, mas Paul o agarrou cora dedos de ferro, torcendo-lhe o braço para trás das costas e puxando- a de encontro a si.

— Não, você não vai fazer isso! Pela segunda vez, não! Já me fez de tolo, mas agora acabou. Quase acreditei no seu desdém, mas agora sei que não era mais do que uma "cena". Quantas ainda tem em seu repertório? Que atriz você é! Sua tia insinuou, uma vez, que já tinha "feito a vida" por aí. Por acaso a ajudou como isca? Ouvi dizer que isso é comum. Vai ver o coitado do Van der Veer já recebeu "mercadoria usada", apesar da sua pouca idade quando se casou com ele.

Magoada até o fundo do coração por aquelas acusações, Melody estremeceu e baixou a cabeça.

— Se você acredita nisso, é capaz de acreditar em qualquer coisa — murmurou, completamente desanimada. Tornou a fitá-lo com olhos agoniados, que espelhavam o sofrimento dos dele. — É claro que já estive com outros homens... Tantos que até perdi a conta! Não era isso que queria ouvir? Está satisfeito agora? Não acha melhor eu ir embora, também?

— Não! — A negativa saiu como um gemido, expressando profunda dor. — Não! — Quase contra a vontade, Paul procurou os lábios dela com os seus, num gesto estranhamente gentil, mas de uma ansiedade insuportável. — Não! — repetiu. — Já esperei demais.

Melody gritou o nome dele, afastando a boca com um gesto brusco,

enquanto lutava contra o desejo por aqueles lábios sensuais.

— Não, por favor! Não é verdade. Nada disso é verdade! Por favor, Paul... Nunca houve ninguém... Ninguém!

— Ninguém, hoje. Ou esta semana... este mês... ou este ano? Mentirosa! — A voz dele foi quase um soluço. — Mentirosa!

Paul jamais acreditaria na verdade, depois daquilo, e Melody, enquanto lutava para se livrar das mãos dele sentiu a raiva e o desejo que o dominavam.

— Ah, Paul! — exclamou, junto à boca dele. — Você está enganado! Tão... enganado!

De novo ele a calou com um beijo cheio de paixão, onde se misturava um profundo ressentimento. Apertada entre os braços de ferro, Melody agarrou-o pelos cabelos, puxando, lutando contra ele e contra o fogo que queimava em seu íntimo. Uma batalha insana, que perdeu no momento em que Paul a levantou nos braços e moldou seu corpo ao dele, atirando-a no vértice de um furacão de emoções.

Ah, corpo traidor!

Paul apertou-a ainda mais, e ela gritou... para sentir, no momento em que seus lábios se abriram, a língua quente invadir sua boca.

Ele provou as lágrimas que deslizavam pelas faces de Melody e imediatamente afastou a cabeça procurando-lhe o olhar.

— Não... Pare com isso, por favor! — ela pediu.

Mas seus olhos a traíram, e ele, em vez de parar, beijou-a novamente, nas faces, nas pálpebras, nas têmporas, no queixo e no pescoço, antes de voltar para a boca, que acariciou com surpreendente gentileza, murmurando palavras suaves.

— Tenho esperado por você — falou, de encontro aos lábios dela. — Há muito tempo. Tempo demais!

Melody teve a impressão de que aquele tempo fora toda sua vida, e que o momento que viviam representava a culminação de seus sonhos mais secretos. O penhoar deslizou pelos ombros, mas ela só tomou consciência disso quando dedos firmes envolveram-lhe os seios. De novo murmurou um protesto, que se transformou num gemido, quando aqueles dedos começaram uma carícia que era puro tormento. Os dentes de Paul moveram-se por sua orelha, mordiscando o lóbulo, e um delicioso arrepio percorreu-lhe a pele, enrijecendo os mamilos rosados. Um mundo de sensações queimava em seu íntimo, despertando uma estranha dor, que mais parecia um latejar. No instante seguinte, estava sobre a

cama..Presa sob o corpo dele, ainda tentou resistir, gritando-lhe o nome, mas sua voz soou como uma doce carícia.

— Tempo demais! — Paul repetiu.

E ela sentiu as carícias lhe incendiarem lentamente o corpo, ousadas, embriagadoras.

— Seus outros apaixonados lhe ensinaram isto? — ele perguntava, com voz rouca. — E isto? E isto?

Melody, incapaz de se controlar, entregou-se inteira à onda de prazer. Deixou que ele a despisse, e viu extasiada as roupas de Paul serem atiradas longe, revelando-o numa esplendorosa nudez.

Paul se posicionou sobre o corpo que se abria para receber o seu. Murmurou o nome dela, cego de desejo, sofrendo com a lembrança de todos os outros que já haviam amado aquele corpo perfeito. Quase enraivecido, penetrou-a... e seu choque ecoou o grito de Melody. Imobilizou-se por um instante, mas o ardor em seu íntimo já consumira todo o remorso, e ele recomeçou a se mover no ritmo da paixão. Beijando as pálpebras fechadas de Melody, sentiu o gosto de sal nos lábios e repetiu o nome dela, vezes sem conta.

Quando tudo acabou, Paul deitou-se ao lado e aconchegou-a junto a si, mantendo o contato de pele com pele.

— Melody, por quê...

Ao fixar os olhos cor de safira, viu neles uma mistura de sofrimento e paixão, já morrendo... e um desespero como nunca imaginara possível.

— Vá embora — ela pediu. — Não quero que me toque, nunca mais!

— Melody.

— Você foi meu primeiro homem, Paul Savage, e me possuiu com ódio, acreditando nas mentiras criadas pelo seu ciúme. Eu sonhei... todos esses meses... talvez durante anos... como seria esta primeira vez. — Melody rolou para longe, rejeitando a paixão e o prazer intenso que ele a fizera conhecer. — Vá embora!

Vá embora daqui!

Com o coração pesado, ele levantou e se vestiu. Da porta, ainda se virou chamando-a baixinho, procurando algum sinal de rendição.

— Vá embora! — ela repetiu, dando vazão à raiva e à mágoa. Quando Beatrice entrou, sem bater, como sempre, viu em primeiro lugar o penhoar amassado no chão e depois a sobrinha nua, encolhida sobre a cama.

— Ah, meu amor! — exclamou, correndo para abraçá-la. Melody afastou-a, endireitando-se com um sorriso trêmulo nos lábios.

— Está tudo bem, tia Bia. Verdade! Mas vamos ter de contar tudo a Paul. Vá atrás dele e diga-lhe... Fale tudo, por favor!

— Eu vou. E vou lhe dizer muita coisa mais! Quando eu terminar, Paul Savage vai estar achando que o último ataque maori foi um verdadeiro piquenique!

— Não... eu estou bem, tia Bia. Ele não me machucou. — Um riso incerto escapou-lhe dos lábios. — Pelo menos, não muito... Ah, tia Bia, vai ser sempre assim? É sempre assim entre um homem e uma mulher?

Entendendo mal, Beatrice assegurou:

— Não, minha querida. Depois da primeira vez, não machuca mais.

Melody meneou a cabeça.

— Não... isso não foi nada. Não durou mais que um instante ele foi tão gentil depois, quando percebeu... Não, eu estou falando é da sensação de amor e ódio, tudo ao mesmo tempo. Ah tia Bia, o que vou fazer? Eu o amo tanto!

Pela primeira vez Melody admitira, em voz alta, o que seu coração já sabia há muito tempo.

Com ternura, Beatrice acariciou-lhe a testa, empurrando para trás os cabelos negros. Palavras eram desnecessárias. Nenhum resposta era possível. Ela continuou a embalar Melody, até sentir estremecer. Só então disse:

— Você sabe que pode ficar, não é?

— Não! — Com um gesto brusco, ela se afastou. — Tenho de ir. Não quero me sentir assim por ninguém. Nunca mais! Quero me sentir segura, calma e tranqüila. A senhora precisa reservar passagem para nós, quando for a Wangamii com Brett. Quero ir para casa, no primeiro navio que partir! — Ir para a Inglaterra ainda é ir para "casa"? — Beatrice perguntou. E, sem esperar resposta, prosseguiu: — Vou falar com Paul. Não se preocupe com nada.

Encontrou-o no escritório... e hesitou na porta, chocada com o ar abatido do homem diante de si, inclinado sobre a escrivaninha, com a cabeça entre as mãos. Chamou-o baixinho, e ele ergueu os olhos, pela primeira vez sem ostentar a máscara polida com que costumava esconder os próprios sentimentos.

— A senhora sabe. Beatrice assentiu.

— Precisamos ter uma conversa franca, Paul Savage.

— Eu vou me casar com ela, é claro.

Um leve sorriso surgiu nos lábios de tia Bia.

— Ela pode não querer você... Mas antes de discutirmos esse problema, de amor versus dever, há alguns fatos que deve saber...

Já era tarde, muito tarde, quando Paul voltou ao quarto de Melody. Ela havia se lavado, trocado o lençol que exibia a prova irrefutável de sua virgindade perdida e colocado uma camisola de cambraia, fechada no pescoço. Depois, escovara os cabelos e fora para a cama. Seu corpo todo doía, mas muito pior era a mágoa que escondia no fundo do coração.

— Vá embora. — exclamou, virando a cabeça para o outro lado.

— Melody... nós precisamos conversar.

Com relutância ela se sentou, apoiada à cabeceira da cama, sentada sobre as pernas. Paul adiantou-se lentamente, indo acomodar-se junto dela.

— Não creio que ainda exista alguma coisa a ser dita. Tia Bia deve ter lhe dado todas as... informações necessárias. Não tenho nada a acrescentar.

— Não quero que você deixe Windhaven.

— Ah, não quer! — Melody sentiu a raiva crescerem seu íntimo. — Então agora, depois que descobriu que não sou a vagabunda que me julgava, posso ficar em sua casa! Por outro lado, agora também sou... "mercadoria usada", pelos padrões da sociedade. Uma mulher perdida, o que lhe dá o direito de me usar como sua... sua prostituta!

Ele estendeu a mão em direção a ela, que se encolheu.

— Não me toque! Já suportei demais a sua arrogância. Não quero ouvir mais nada da sua parte! — Ódio e amor por aquele homem misturavam-se no coração de Melody. — Lutei a seu lado numa guerra maori, e depois cuidei de você por dias a fio. Limpei sua casa e capinei sua maldita terra! Fui uma companheira amorosa para seu filho, ouvi seus sonhos, tratei bem seus amigos e espionei seus inimigos. Já o vi bêbado e sóbrio, zangado e alegre, doente e sadio. Fiz por você tudo o que uma esposa faria, Paul... até mais... mas não serei sua prostituta!

— Você seria minha esposa?

— Você não pode me pedir isso! Prefiro ir embora e deixar tudo isto que eu amo. E já dei o primeiro passo, contando a tia Bia... O que foi que você disse?!

Ela o fitou com olhos incrédulos e viu, nos dele, algo com que nunca havia sonhado. Paul não estava sorrindo, quando a segurou pelos ombros.

— Melody... Eu estou lhe pedindo para se casar comigo...

— Mas...

— Eu a amo — ele confessou, com simplicidade. — E isso é tudo que importa.

Mesmo notando sinceridade na voz dele, Melody meneou a cabeça.

— Não, para mim. Você me violentou, e agora, por causa de um sentimento de honra errôneo... ou um sermão de tia Bia... resolveu me oferecer o seu nome.

— Eu disse que a amo. Não é o bastante?

— Já foi... Mas agora não é mais. Algumas semanas atrás eu ficaria feliz ouvindo essas palavras, porque acharia que podiam ser sinceras. Mas agora, não. Agora, sei que meus padrões estão muito acima dos seus. Você só está querendo transformar a sua ex-escrava numa companheira de cama legal. Eu quero... ou melhor, eu exijo... muito mais do que isso. Exijo lealdade e confiança, companheirismo e aquilo que vem de partilhar esperanças, medos e decisões, além de horas boas e más. Desculpe, Paul. — Com lágrimas nos olhos, Melody admitiu a morte de sua última esperança de felicidade. — Eu não posso aceitar o tipo de amor que está me oferecendo. Não é suficiente.

— É a sua última palavra?

Havia um mundo de tristeza na pergunta feita em voz baixa, e como ela nunca julgara possível ouvir isso vindo daquele homem arrogante, líder de tantos... não acreditou. Com os lábios apertados, lutando contra o sofrimento e fazendo o possível para não perder a auto-estima, assentiu em silêncio.

— Só me resta lhe desejar boa noite, então.

Melody baixou a cabeça, e logo depois ouviu a porta se fechando.

"Sua tola!", seu coração gritou. "Sua tola teimosa e cheia de orgulho!"

Na manhã seguinte, no entanto, havia outras coisas em que pensar: os preparativos para a viagem de Brett... e a ausência de David.

— Eu tentei falar com ele, ontem — Beatrice contou, preocupada —, mas David não quis me ouvir. Não é como dialogar com um rapazinho. Mesmo sendo tão independente, não podemos nos esquecer de que ele só tem sete anos.

— Ele acaba voltando — Paul garantiu. Um Paul estranhamente humilde, preocupado com outras coisas além de um filho que tinha o hábito de desaparecer. — Vai levar algum tempo, mas ele volta. Há uma velha cabana junto às margens do Wanganui, para onde David vai quando quer ficar sozinho. Sinto muito, Brett, ele devia estar aqui para se despedir. Mas é possível que você ainda o veja, a caminhe do ancoradouro.

Brett assentiu, distraído.

— Claro...

Ele só tinha olhos para Melody, cujo rosto pálido e com olheiras testemunhava uma noite mal dormida. Será que um dia tornariam a se encontrar? Ele conseguiria aprender a amá-la, sem sentir aquela dor atroz no fundo do coração?

Beatrice também estava quieta, naquela manhã, e na hora de partir abraçou Melody com força.

— Nós voltaremos daqui a alguns dias, e então poderemos falar do futuro. O mundo é a sua ostra, querida.

— E a senhora é a minha pérola — respondeu Melody. — Mais preciosa que diamantes e mais constante que o mar.

— Minha nossa! — riu Beatrice, emocionada. — Patrick? Brett? Vamos?

O irlandês colocou a mão enorme sobre o ombro de Melody.

— Até daqui a alguns dias. E, quando vocês forem ter a tal conversa, quero participar, ouviu? Não confio nas duas para andar pelo quintal, que dirá pelo mundo! E vou junto nem que seja só como companhia.

— Não sei, não... Acho que você vai ser muito mais do que isso, Patrick O'Shaughnessy!

Melody virou-se para Brett, e o sorriso morreu em seus lábios. Não havia nada... absolutamente nada... que pudesse ser dito. Sem condições até para pronunciar-lhe o nome, ela foi para os braços dele.

Brett beijou-a nos cabelos, apertando-a de encontro ao peito como se quisesse fundir seus corpos. Depois, repentinamente, disse:

— Vá para dentro — pediu. — E não olhe para trás.

Um último olhar agoniado, e ela obedeceu, caminhando com as costas eretas, os olhos ardendo.

Minutos depois Paul entrou, e Melody soube que os outros tinham partido. Incapaz de encará-lo ou falar de Brett, murmurou:

— Estou preocupada com David.

— Ele está bem. Só quer chamar a atenção. Esse menino é capaz de fazer qualquer coisa para manter você aqui. Mas acaba aceitando... Crianças sempre se adaptam, embora às vezes levem tempo. No fim, tudo voltará a ser como antes... pelo menos no que diz respeito a David.

Melody pensou em se abrir, mas hesitou. E acabou não tendo coragem de revelar seus sentimentos ou a sensação de vazio que a invadia sempre que pensava em separação.

— Você provavelmente está certo. David deve aparecer, no máximo, para jantar. Eu falo com ele, então.

— Como quiser. Agora, tenho de sair para patrulhar os campos e vistoriar algumas cercas. Antes de voltar, passo pela cabana. Melody...

— Vou aproveitar para ler um pouco. Livros não faltam, nesta casa. — Para pôr logo um fim à conversa, ela evitou fitá-lo nos olhos. — Vou pegar alguma coisa de Shakespeare... Ele parecia preferir a fantasia à realidade.

— Talvez isso lhe faça bem... Mas aqui só existe a realidade, Melody. A realidade dura e fria. A terra. Os maori. Os cristãos. E a batalha constante entre o homem e a natureza.

— Eu não estou fugindo da realidade, Paul, só descansando um pouco dela. Ou você já se esqueceu de tudo que tia Bia lhe contou? Não sou mais uma debutante inocente, à porta da vida. Sou uma mulher que já atirou em vários homens, primeiro defendendo a honra, depois, defendendo a sua vida e a minha. Uma mulher que enfrentou um leilão, onde fui desnudada por centenas de olhos e, no fim, comprada e vendida como uma peça de carne. Que maior realidade você pode desejar? Ah, deixe-me em paz! Eu só quero um pouco de tranquilidade. Houve um tempo em que tocar piano me ajudava. Na música encontrei consolo para a morte de meus pais, achei forças para suportar a presença de Hogge e até mesmo para viver nesta terra, como sua prisioneira. Por favor, Paul! Não é possível que ainda sinta necessidade de me provocar. Deixe que eu viva pelo menos estes últimos dias em paz!

Paul se adiantou, a ponto de dizer qualquer coisa, mas depois mudou de idéia.

— Vou para os campos do norte, depois darei a volta até o rio e voltarei pelo sul. Se precisar de mim, mande um dos irmãos de Maata me procurar. Eles conhecem essa rota. David na certa vai voltar comigo, e você poderá lhe falar da sua realidade. Só não garanto que uma criança de sete anos entenda seus motivos para abandoná-la.

— Isso não é justo!

Mas ele já se fora, batendo a porta atrás de si.

Durante quase uma hora, Melody tentou se concentrar no livro de Shakespeare, mas a palavra "abandonar" não lhe saía da mente.

— Eu não estou abandonando David! — protestou de repente, em voz alta.
— Não é assim!

Mas no fundo ela sabia que estava, e era essa a causa de sua inquietude.

Quando, momentos depois, uma súbita agitação ocorreu no pátio, interrompendo seus pensamentos, Melody sentiu-se aliviada. Mais que depressa, saiu para a varanda e viu Te Whatíioao raki e seis guerreiros chegando a cavalo. O chefe tinha uma expressão séria e, sem preliminares, ordenou: — Você tem de vir conosco, mihi Van der Veer. Ele fez um gesto, e um dos guerreiros adiantou-se, puxando um cavalo sobre o qual, amarrado à sela, vinha um homem branco.

— O que é isso, Te Whatitoaorakí? Deixe esse homem descer!

— Com prazer. Ele contamina um bom cavalo. — Tirando a faca com um gesto rápido, o chefe cortou as cordas que prendiam o homem, permitindo que ele caísse ao chão.

O prisioneiro tinha sido muito maltratado, mas parecia não ter ferimentos graves, e Melody foi ajudá-lo a se levantar. O cheiro de falta de banho e roupas sujas só servia para acentuar-lhe a péssima aparência física. De cabelos oleosos, com os olhos injetados de sangue e sem dentes, era um exemplo típico das camadas mais baixas, que freqüentavam os cortiços e cais do mundo inteiro.

— Ele foi pego em Te Tuhi por uns primos meus, dopa Man-gatoa. Estava bêbado e atacou uma das meninas mais novas, obrigando-a a pedir socorro — o chefe explicou, com evidente . nojo. — Trouxe uma mensagem para você, mihi Van der Veer, além disso... — Do cinto ele tirou um pedaço de pano, que entregou a ela.

— Mas isso... isso... — Com uma palidez de morte, não querendo acreditar na evidência diante de si, Melody ergueu os olhos para o maori. — Essa é a manga da camisa de David!

Te Whatitoaoraki, voltando-se para o homem.

— E a mensagem, kuri?

O sujeito fungou, limpando o nariz na barra da camisa.

— Você não tem motivo para me xingar de cachorro, seu selvagem pintado! Sou um homem branco e tenho amigos muito ricos.

— A mensagem — Melody exigiu, quase avançando no homem.

— Meu amigo rico, o que está com o menino, mandou dizer que vai procurar você no próximo navio, e no outro. Depois disso, o garoto "desaparece da face da Terra". Foi assim que ele disse. Se você for sozinha, o garoto não vai sofrer nada.

Mas se levar uma única pessoa que seja, nunca mais verá o menino. Você tem de ir sozinha e chegar a tempo. Ele acha que o mestiçinho é importante para você.

Melody fechou os olhos por um momento, e num tom gentil Te Whatitoaoraki lhe disse:

— Vai dar tudo certo. Vamos mandar alguém atrás de Paul, e depois meus guerreiros e eu iremos com você ver esse homem.

— Não, eu preciso ir sozinha. Hogge não está brincando. Ele é um demônio em forma de gente, capaz de matar David sem um segundo de hesitação.

— Rawiri é do meu sangue.

— Mas ele é meu... Eu o amo como a um filho! — Melody exclamou. E acrescentou, numa súbita inspiração: — Patrick e tia Bia devem estar entrando em Wanganui. Se eu conseguir chegar lá antes do que Luther espera, poderei encontrá-los. Ainda não sei como eles poderão me ajudar, mas... Ah, meu amigo, será que você é capaz de me fazer chegar a Wanganui antes do navio que Luther está esperando?

Te Whatitoaoraki fitou o vestido que ela usava, cheio de anáguas.

— Tenho uma canoa de guerra, no meu pa. Você acha que é capaz de galopar até lá e descer o rio nela? Meus homens são os melhores com um reme?

— Dê-me dez minutos — Melody pediu, correndo para dentro da casa.

Depois de vestir uma blusa leve e a mais simples de suas saias novas, deixando de lado anáguas e corpetes, ela voltou apressada para junto deles, encontrando um cavalo já selado à sua espera. Pertencentes a uma das poucas tribos maori a usar cavalos, os guerreiros de Te Whatitoaoraki tinham uma aparência formidável, sobre as montarias meio selvagens, e ela ficou contente por poder chamá-los de amigos.

O sujeito que trouxera o recado de Luther não estava mais lá, e, diante de seu olhar interrogativo, Te Whatitoaoraki fez um gesto de indiferença.

— Ele era só um mensageiro, não valia o trabalho de matá-lo, por isso o soltamos. Sem cavalo, ele vai ter de andar muito para voltar a Wanganui.

— Mas isso é impossível! Sem uma canoa, armas ou qualquer outra forma de proteção, ele não sobreviverá!

— Não cabe a nós dizer quem os deuses vão favorecer. Queria que ele fosse conosco, para ir lamber as botas do patrão assim que chegássemos?

Melody respirou fundo, dando razão a ele.

— Vamos?

O chefe assentiu, correndo os olhos pelas roupas práticas, mas que revelavam inteiramente as formas perfeitas da moça. Seu amigo Paul encontrara outra mulher tão linda e corajosa quanto a primeira. Uma mulher capaz de lutar ao lado dele, numa batalha, e arriscar a própria vida para salvar-lhe o filho. Uma criança que ela quase chamara de "sua".

— Um dos meus homens irá atrás de Paul, com o irmão de Maata. Mas nós não podemos esperar.

Melody montou e partiu a galope, com o chefe maori e o bando de guerreiros. Eles fustigaram os animais até o limite de suas forças, para chegar logo à aldeia fortificada, e momentos depois Melody viu a linda waka taua, a canoa de guerra. Mesmo tensa como estava, não pôde deixar de admirar a habilidade do artesão que esculpira a proa e a popa da embarcação transformando -a num trabalho de arte.

Sem uma palavra, Te Whatitoaorakí e seus homens entraram na estrutura de mais de nove metros de comprimento e pegaram os remos de quase dois metros. Assim que Melody se acomodou na parte central, deram a partida, movendo-se em direção ao meio do rio.

Quando a canoa atingiu a correnteza, o chefe deu uma ordem breve, e os homens, como se fossem um só, inclinaram os dorsos bronzeados e mergulharam os remos na água arremetendo para a frente com a velocidade de um golfinho. Se em sua primeira viagem Melody sentira medo, naquela corrida suicida contra o tempo ela teve a impressão de que o coração ia parar. Agarrada às beiradas, fechou os olhos e rezou, enquanto a floresta verdejante ia sendo cruzada, cada vez mais depressa. A viagem parecia não ter fim, e ela chegou a achar que jamais recuperaria o equilíbrio. Os homens remavam sem parar, só mostrando o esforço a que tinham submetido seus músculos quando seu líder, afinal, anunciou:

— Wanganuií

Uma última curva os separava de seu destino, mas eles se dirigiram à margem do rio. Diante do olhar interrogativo de Melody, Te Whatitoaorakí sorriu.

— Se quiser anunciar nossa chegada para a cidade inteira, é só irmos até o ancoradouro nesta canoa de guerra, tripulada por um bando de guerreiros armados. Na minha opinião, o melhor será passarmos todos despercebidos. Tenho um primo, dono de uma escuna, que poderá nos arrumar roupas e conseguir as informações de que precisamos. Por enquanto, você não pode ser vista, kui, pois não é o tipo de mulher capaz de passar despercebida. Já eu e meus homens, em

roupas européias, viramos outro grupo de "nativos da cidade".

Melody levou a mão ao braço dele.

— Nós o encontraremos, não é? E vamos salvar David!

Te Whatitoaoraki tornou a sorrir, mas foi um sorriso que não lhe chegou aos olhos.

— Iti noa ana, he pito mata. Literalmente, quer dizer: "É só um naco, mas ainda não foi cozido". Na sua língua seria: "Onde há vida, há esperança". Faremos o possível para encontrar Rawiri, e, quando o encontrarmos, esse homem, Hogge, vai se arrepender de ter vindo à Nova Zelândia.

— Preciso ir atrás de tia Bia e Patrick, Se não pudermos encontrar Hogge logo, terei de tomar o navio, como ele mandou. Patrick pode se esconder até Hogge aparecer, e depois nos seguir.

— Como nós faremos, o tempo todo. Agora, é melhor eu ir atrás do meu primo, e você, da sua tia. Fique com ela. Ainda temos três horas, antes de o navio chegar. Kia tupatote haere.

Tenha cuidado.

— Você também, meu amigo. Eu me sinto mais segura, sabendo que você estará por perto.

Com um gesto ele chamou os guerreiros e desapareceu em meio à vegetação, deixando dois para esconder e vigiar a canoa. Melody entraria sozinha na cidade, para não despertar comentários. Seria um escândalo uma mulher branca ser vista na companhia de maori, principalmente um tão corpulento como Te Whatitoaoraki.

Sentindo-se muito sozinha e vulnerável, Melody percorreu quase um quilômetro que a separava da cidade.

— Eu vou encontrar você, David — murmurou para si mesma. — E, quando encontrar, juro que sou capaz de tudo para garantir sua segurança. — Engoliu em seco, sentindo os olhos se encherem de lágrimas. — Vou fazer tudo que puder, até deixar você e tudo que eu amo para voltar com aquele animal à Inglaterra. Ah, David, só espero que você entenda! Mas... se nem seu pai entende... Eu amo vocês, mas nenhum dos dois ficará sabendo disso, agora.

Respirando fundo, Melody apressou o passo. Não era bom se prender ao passado, nem às incertezas do futuro. No momento, o importante era encontrar Patrick e tia Bia.

— Deus do céu, permita que eu chegue em tempo! — rezou. E depois, num

tom mais baixo, orou também a Rangi-nui-e-tu-nei, o deus Céu, o pai dos outros setenta deuses maori. Afinal, precisaria de toda a ajuda que pudesse conseguir.

CAPÍTULO XXII

Naquele dia, os deuses tinham decidido favorecer os que amavam e eram amados. Beatrice estava no segundo hotel em que Melody entrou e, depois de ouvir as notícias, mandou um mensageiro à procura de Patrick. O irlandês chegou vinte minutos depois e ouviu o relato com um ar sombrio, andando de um lado para o outro.

— Nós vamos encontrar o menino, eu juro! — exclamou, socando o punho de encontro à palma da outra mão. E, ecoando as palavras do chefe maori, acrescentou: — Quando eu puser as mãos naquele sujeito, ele vai precisar de mais de vinte médicos para ficar em pé de novo! Fiquem aqui. Eu volto assim que puder. Depois de mais de uma hora procurando em becos e bares, Patrick viu Luther desembarcando de uma escuna de transporte de mercadorias, ancorada junto ao cais. Já localizara um dos homens de Te Whatitoaoraki, pois mesmo em roupas européias eles não podiam esconder sua verdadeira identidade, embora muitas vezes fosse necessário um guerreiro para reconhecer outro.

Foi com confiança, portanto, que Patrick se aproximou do maori recostado casualmente à parede de uma taverna.

— Homem de Te Whatitoaoraki?

O maori fitou-o, sem dar a menor impressão de ter entendido, mas Patrick notou a ligeira dilatação de suas pupilas e um leve apertar da mandíbula.

— Meu nome é Shaughnessy. Conhece lady Davenport? E a sra. Van der Veer? — E logo em seguida, frustrado: — Mas que droga, homem! O sobrinho do seu chefe, Rawiri, está correndo risco de vida, por causa daquele sujeito gordo, lá, e você fica aí, bancando o índio de pedra! Onde está Te Whatitoaoraki?

O homem endireitou o corpo.

— Te Whatitoaoraki perto. Quer que eu siga o homem Hogge?

— Até que enfim. Quero você e um dos seus companheiros falantes. Quando Hogge parar, fique com ele e mande seu companheiro atrás de mim. Estou no Hotel Rainha Vitória. Conhece o lugar?

— Rainha "Wikíttria" boa mulher... Hotel horrível... Conheço o lugar. Patrick levantou os olhos para o céu.

— Se algum dia vocês assumirem o governo deste país, nossos diplomatas terão de modificar inteira mente seu método de aproximação. Vocês não desperdiçam tempo com palavras, hein?

Peia primeira vez, o jovem maori sorriu.

— Matua wakapai i tou maral, ka Wakapai ai i te marae o te tongata, — Ele riu, ciente de que Patrick era um pakeha, sem o menor conhecimento de sua língua.

— Está bem, seu selvagem pintado e sorridente. O que foi que você disse?

— Eu disse; "Limpe sua própria casa, antes de limpar a de outro homem". — Com outro sorriso largo e um andar felino, completamente em desacordo com as roupas que vestia, o rapaz virou-se e saiu na direção que Luther Hogge havia tomado.

Patrick ficou onde estava, seguindo-o com o olhar, e viu o rapaz fazer um gesto com uma das mãos. Imediatamente outro maori deixou o jogo de dados, que estava sendo realizado sobre a calçada, e foi se juntar a ele.

O irlandês meneou a cabeça, incrédulo. Se aqueles guerreiros magníficos podiam entrar em bando numa cidade... e uma cidade fervilhando de soldados de Sua Majestade... e passar despercebidos, que chance poderiam ter seus habitantes, contra um ataque planejado?

— Ainda bem que eles estão do meu lado — murmurou para si mesmo, voltando para o hotel.

— Talvez fosse melhor nós chamarmos os soldados — Beatrice sugeria, quando Patrick entrou no quarto.

Mas Melody já tomara a sua decisão.

— Eles não dariam a menor importância a um garotinho mestiço. E, se Luther tem poder para comprar pessoas influentes, que dirá alguns soldados. Não, eu tenho de me encontrar com Hogge e aceitar as exigências que fizer. — Um brilho ardente faiscou nos olhos dela. — Vou fazer tudo que puder para garantir a segurança de David. Mas, depois que ele estiver livre, o caso será apenas entre mim e Hogge. A senhora conseguiu aquela passagem para a Inglaterra, tia Bia!

Beatrice não conseguiu disfarçar um certo embaraço.

— Eu... Nós íamos ver isso amanhã, antes de voltarmos para Windhaven.

Pela primeira vez, em vários dias, Melody sorriu.

— A senhora é uma mentirosa, tia Bia? Não tinha a menor intenção de me

mandar de volta para a Inglaterra. — E, sem esperar resposta, continuou: — Onde pode estar aquele animal, o Hogge?

Patrick adiantou-se.

— Melody, acho que você deveria deixar que Te Whatitoaoraki e eu tomássemos conta da situação.

Os olhos cor de safira ergueram-se para ele, cheios de medo e zanga.

— Você desperdiçou tempo! Já devia ter me dito que o encontrou. Onde? Leve-me até ele!

Patrick nunca vira aquele lado da personalidade de Melody, o da tigresa defendendo os filhotes, e, surpreso, respondeu:

— Ele está sendo seguido por dois homens do chefe, no momento. Assim que parar em algum lugar, um deles virá atrás de mim.

— Onde você o viu? Não podemos perder tempo!

— Espere, querida! — Beatrice gritou, vendo o rosto corado e os olhos faiscantes da sobrinha com a mesma surpresa de Patrick. Ela sabia que Melody havia se afeiçoado muito ao garoto, mas nunca pensara que fosse tanto. — Não se preocupe, nós vamos encontrar Hogge. O menino não vai sair ferido.

— Ele não é "o menino"! É David e... e é meu!

No limite da resistência, Melody explodiu em lágrimas. Ouviu as palavras de consolo e sentiu-os braços de Beatrice em torno de si, mas nada disso parecia ter importância, e, quando bateram na porta, correu para abrir.

O guerreiro bronzeado fitou-a com uma expressão instantânea.

— Não longe. Venha, agora.

Sem um olhar para trás, Melody saiu com ele para a brilhante luz do sol.

— Fique aqui, Beatrice. Eu vou com ela — Patrick ordenou bruscamente.

— De jeito nenhum! — Jogando um xale sobre os ombros, Beatrice saiu à frente dele, atrás da sobrinha.

O maori os levou a um depósito de linhaça, nos arredores da cidade. O local fazia parte de um moinho em desuso e tinha várias dependências em torno. Melody quis correr para lá, mas o rapaz segurou-a pelo braço, preocupado.

— Espere. Hemi não está aqui. O homem Hogge pode ter ido em outro lugar.

— Estamos perdendo tempo — Melody protestou. — Se Hogge está aqui

com David, preciso ir ao encontro dele. Você e Patrick, estarão perto. Se eu não conseguir dialogar com ele, serão dois contra um. Nessas condições, e se eu concordar em acompanhá-lo, Hogge não vai ferir David. É a mim que ele quer. Se não houver ninguém no depósito, teremos de recomeçar nossa busca. Podei ser que seu amigo esteja atrás dele.

Vendo que o rapaz ainda hesitava, ela gritou:

— Ah, faça como quiser! — E, livrando-se da mão dele, subiu correndo a trilha, em direção ao depósito.

— Deixe — Patrick murmurou, quando o maori fez menção de segui-la. — Ela terá mais chance de falar com Hogge, se ele achar que está sozinha. Enquanto isso, você vai por este lado, que eu vou pelos fundos. Não podemos esperar pelo seu amigo. Se bem que eu acho que não vamos encontrar nada...

O maori assentiu e afastou-se, com passos silenciosos.

— Fique aqui, Beatrice. Não quero me preocupar com a sua segurança, se Hogge estiver armado... como eu acho que está... Não... Sem discussões! Melody já deve estar chegando. Olhe! Ela está na porta.

Patrick começava seu avanço, quando ouviu Melody gritar por ele. Sem a menor cautela, correu para o depósito, abrindo a porta de supetão para dar com ela de joelhos, no canto mais distante. — Corra, Patrick! Pelo amor de Deus, corra! — Inclinação sobre o corpo de Hemi, o maori, ela tentava conter o sangue que saía de um ferimento a faca, no peito do rapaz. — Foi Hogge, aquele maldito! Eu sei que foi ele!

Em segundos o outro maori apareceu, seguido por Beatrice. Patrick já havia tirado a camisa do rapaz, para fazer um tampão, e usado a sua para enfaixá-lo.

— Precisamos de um médico, e depressa. Aqui, homem! Ponha sua mão aqui e aperte, assim. Eu volto já, já, com um médico, nem que tenha de carregar o sujeito no colo.

Patrick saiu correndo do depósito, e Melody tentou tranquilizar o jovem maori.

— Seu amigo vai ficar bom. Olhe, já está recuperando a consciência. — Virou-se para o rapaz ferido: — Não tente falar. Você está em segurança. O médico não demora.

Mas ele a interrompeu com um gesto fraco e uma voz tornada áspera pela dor.

— "Wikitória"... O homem Hogge... "Wikitória"... Me fez dizer...

— O hotel? Ele foi para o hotel. — Melody levantou-se de um salto. — Ele nos encontrou... Deixou uma mensagem... Eu tenho de ir — Com os olhos brilhantes de medo e raiva, ela agarrou a manga de Beatrice. — Diga a Patrick onde estou. Se houver uma mensagem, deixo lá para que vocês vejam e sigam as instruções que ele der.

— Não! Este rapaz pode dizer a Patrick onde estamos. Não vou permitir que entre na toca do leão, nem que seja por um segundo. E Hogge não vai estar no hotel. Ele pode ser um filho do demônio, mas não é tolo. Está fazendo uma guerra física e mental, e, agora que sabe que você está aqui, fará com que sofra bastante antes de desferir o coup de grâce.

Mas Melody já saía, e Beatrice não teve alternativa a não ser ir atrás.

No hotel, o recepcionista adiantou-se rapidamente para recebê-las.

— Sra. Van der Veer, esteve aqui um homem, procurando pela senhora. Quis saber qual era o seu quarto. Eu... eu sinto muito, mas ele... ele não era do tipo com quem se pode discutir.

Os corações batendo forte, elas correram para o quarto. A chave estava na fechadura. Afinal... e em cima da cama...

— Deus do céu! — exclamou Beatrice, vendo a camisa de David sobre a cama, rasgada a faca e ensopada de sangue. Virou-se para Melody, os olhos banhados em lágrimas, mas a moça meneou a cabeça.

— Não! Ele não está morto! Eu saberia, se estivesse!

— O sangue...

— Não sei... Pode ser um aviso... terrível e cruel... O maori estava sangrando muito. É isso! — Um brilho duro surgiu nos olhos cor de safira. — A senhora mesma disse que ele está fazendo uma guerra física e mental. Hogge quer me levar ao desespero. Quer que eu sofra tanto quanto ele sofreu. Não vai matar David, porque é o único trunfo que tem. Preciso pensar. Tenho de pensar!

Ela se deixou cair sobre a cama, ao lado da terrível evidência da crueldade de Luther Hogge, e enterrou a cabeça entre as mãos. Houve uma batida na porta, e Patrick entrou, muito sério.

— O garoto vai sobreviver. Mais um pouco, no entanto, e Luther Hogge seria responsável por outra morte. — Notando a camisa ensangüentada e a atitude de Melody, ele sussurrou: — Não! Não pode ser!

— David está vivo — Melody declarou, com convicção. — Eu sei que está. Só não sei onde.

Patrick correu a mão pelos cabelos, a testa franzida. De repente, bateu a mão espalmada na porta.

— A escuna! Eu vi Hogge saindo de uma escuna, lá no cais. É o lugar perfeito para esconder o garoto, e, se ele conseguir que você suba a bordo, pode partir com a próxima maré sem que ninguém fique sabendo. Vocês simplesmente desapareceriam da face da Terra. — Ergueu as mãos, quando Melody levantou-se de um salto. — Não, desta vez nós vamos nos preparar. Se fosse necessário, eu enfrentaria a tripulação inteira de mãos nuas, garota, mas acho que isso não faria nenhum bem a David. Vou procurar Te Whatitoaoraki e aí, sim, iremos até lá.

Melody assentiu, aceitando que haviam perdido a vantagem da surpresa e que Hogge estava brincando com eles, como um gato com o rato.

— Depressa, por favor, Patrick!

Só quando ele saiu ela voltou a sentar na cama, notando, com gratidão, que a tia removera a camisa de David para outro lugar.

— Não se preocupe, nós vamos encontrar David — Beatrice falou, cheia de firmeza. — Com os guerreiros de Te Whatiteao-raki do nosso lado, não vai sobrar um único buraco nesta cidade onde Hogge possa se esconder.

Melody apertou a mão da tia, grata pelo apoio, mas em sua mente havia apenas a imagem de um garotinho assustado, que se encontrava numa situação horrível, porque ela traía a confiança e o amor que ele lhe dedicava.

Depois de uma hora que lhe pareceu uma eternidade, um dos homens de Te Whatitoaoraki apareceu para levá-los ao cais. O maori não falava inglês, por isso, no momento em que viu Patrick, Melody correu para ele, ansiosa.

— Qual é a escuna? Eles viram Hogge? Sabem se David está a bordo?

— Calma, menina! A escuna é aquela lá, mas ninguém viu sinal algum de Hogge ou do garoto. No entanto, há uma grande atividade a bordo, e a maré vazante deve começar em menos de duas horas. Pode ser que eles estejam lá dentro, e só há um meio de descobrir com certeza.

Audaciosamente, ele subiu com Melody a prancha de embarque, seguido de perto por Beatrice e o chefe maori. Fechando o cortejo iam seis dos melhores guerreiros, aparentemente um bando, de nativos mal vestidos e amigáveis. Mas a tripulação da escuna não se deixou iludir e puxou as armas, enquanto o capitão se adiantava para falar com Patrick.

— Não temos lugar para passageiros, companheiro — ele declarou, com um sotaque que traía as docas de Londres e uma enorme variedade de portos até Wanganui. — Como pode ver também não temos tempo para conversa fiada, por

isso é melhor dizer logo o que quer e ir embora.

— Sujeito amigável esse, hein? — Patrick sorriu para Melody, os olhos azuis brilhando com a antecipação do confronto, depois voltou-se para o capitão: — Sou da mesma opinião, meu senhor, por isso vou direto ao que nos trouxe aqui. Nós dois sabemos que um tal de Luther Hogge subiu a bordo desta escuna com um garotinho. Eu quero o menino de volta e lhe ficaria grato se tivesse a bondade de me dizer onde eles estão.

— Não estão aqui. Agora, dê o fora do meu barco! O sorriso de Patrick alargou-se.

— Se é assim, você não vai achar ruim de meus homens e eu darmos uma volta pelo seu barco, antes de irmos embora.

— Você me ouviu! Dê o fora deste barco, ou solto meus cachorros em cima de você!

O capitão indicou os dez ou doze homens inquietos que tinham se agrupado em torno dele, com uma coleção assustadora de armas, que iam desde arpões até velhas cimitarras.

Te Whatitoaoraki afastou Melody para o lado e avançou um passo, sua figura corpulenta mostrando-se um complemento letal para o corpo avantajado do irlandês.

— Capitão — disse baixo e com precisão —, se não permitir que meus homens revistem seu barco, não terá mais cachorro nem canil. Os... nativos amigáveis que vê nas docas não são tão amigáveis quanto aparentam e teriam imenso prazer em queimar o seu barco. — E acrescentou, depois de uma ligeira pausa, a título de explicação: — O garoto com Luther Hogge é meu sobrinho. O capitão olhou de um para o outro e passou a língua pelos lábios, sabendo que fora vencido. Fizera tudo que fora pago para fazer, mas havia morte no olhar daqueles homens. Com um gesto, mandou que a tripulação recuasse. Os marujos obedeceram, ainda que relutantes e resmungando.

— Como eu disse, eles não estão aqui. Pode ver por você mesmo. O sr. Hogge me pagou para usar a cabine por algum tempo, e me pediu para manter você aqui o máximo que pudesse. Ele sabia que vocês viriam. Sairemos com a maré. Vou deixar um homem para trás, com um barco a remo, e a senhora deve vir com ele para bordo assim que estivermos em alto-mar, moça. Só então o sr. Hogge vai soltar o garoto.

— Onde ele está agora? Eu tenho de saber — Patrick interferiu.

Os homens de Te Whatitoaoraki acabavam de voltar de sua busca, e pelas

expressões, era evidente que nada tinham encontrado.

— Eu juro que não sei! — o capitão insistiu, agressivo. E, quando uma faca apareceu na mão do chefe maori, gritou: — Eu juro por Deus! Ele disse para eu fazer um sinal quando a moça estivesse a bordo, que iria ao nosso encontro. Disse também que estaria no último lugar que vocês poderiam pensar, por isso é melhor desistirem.

— Nunca! — Melody exclamou. — Patrick, não podemos desistir!

— Claro que não, minha querida. Nós os encontraremos. Agora a caça se torna o caçador. — Mas o olhar dele não mostrava convicção, quando a seguiu de volta a terra.

Melody viu a mesma falta de esperança refletida em todos os rostos em volta de si, até no de Beatrice, que se adiantou para abraçá-la.

— Claro que o encontraremos, meu bem.

Mas a voz dela não demonstrava o otimismo habitual, e Melody sentiu-se de repente muito sozinha.

— Ah, Paul se pelo menos você estivesse aqui! — murmurou para si mesma. E depois, em voz mais alta: — Precisamos pensar. Qual é o último lugar que nos passaria pela cabeça?

Um jovem maori aproximou-se do chefe e disse algo enquanto os outros esperavam, incertos. Te Whatitoaoraki assentiu, e com um sorriso de gratidão e alívio o rapaz afastou-se, apressado.

— Ele volta logo — o chefe explicou. — É irmão de Hemi, o homem ferido, e está ansioso para saber como vão as coisas por lá.

— Tenho de lhe agradecer por ter ficado conosco tanto tempo, apesar do ferimento do irmão. — O leve sorriso que surgira nos lábios dela morreu, quando uma idéia lhe passou pela mente. — Não é possível! Ele não faria isso! — exclamou. Mas a idéia persistiu, e ela se voltou para Patrick. — Sabe onde ele deve ter se escondido? O último lugar que passaria pela nossa cabeça? O depósito de linhaça! Só pode ser.

Beatrice fitou-a com os olhos faiscando.

— É mesmo! Ele voltou sobre os próprios passos. Como faz a raposa, quando é perseguida... Como o animal que ele é!

A notícia rapidamente se espalhou e, como se fossem um só, todos retornaram ao moinho. Te Whatitoaoraki ordenou aos guerreiros que se espalhassem pelo mato, de modo a ficarem fora da visão do depósito, mas

próximos o bastante para poderem atingi-lo com tiros.

Dominando o mal estar, Melody saiu das sombras, mas o chefe colocou uma mão firme sobre seu ombro.

— Nós vamos todos.

— Preciso ir sozinha. Não quero arriscar a vida de David, se é que ele ainda tem alguma chance.

O chefe, no entanto, não cedeu.

— Nós vamos juntos.

Sem outra escolha, e no fundo contente pelo apoio, Melody concordou. Com o maori de um lado e Patrick e Beatrice do outro, foi em frente, o coração batendo forte, rezando para todos os deuses; principalmente para a Virgem Maria e Papa-tu-a-nuku, a mãe Terra dos maori. Porque eram elas, acima de todos, que conheciam as alegrias, esperanças, tristezas e dores da maternidade.

Antes que atingissem o depósito, houve um brilho de metal na janela e um tiro ressoou. Em seguida, veio a voz de Hogge.

— Parem aí! Você foi esperta me encontrando, Melody, mas cometeu um erro ao trazer seus amigos. Estava avisada!

— Luther... eu lhe imploro... deixe David sair. Faça o que você quiser. Por favor, Luther...

— Mande seu exército de negros recuar, senão o garoto paga.

— Não! — declarou o chefe, antes que Melody pudesse responder. — Se você soltar a criança, vive; se a machucar, morre. A escolha é sua.

— Eu solto o menino, mas quero salvo-conduto até a escuna que está esperando a maré vazante. E a mulher vai para a Inglaterra comigo.

— Eu vou, Luther. É só você soltar David.

— Não! — gritou Beatrice.

— Só se for por cima do meu cadáver — completou Patrick.

— Eu tenho de ir! Vocês não entendem?!

— Hogge! — chamou Patrick. — Como vamos saber que o garoto está aí e com vida?

Houve um momento de silêncio, depois Hogge apareceu devagar, segurando David diante de si. Os homens escondidos levantaram as armas, mas logo em seguida, relutantes, tornaram a abaixá-las. Não eram atiradores de elite e não

podiam ter certeza de não ferir David, caso disparassem.

Melody deixou escapar um soluço ao ver o menino, e um murmúrio zangado soou entre os homens. David devia ter lutado contra Hogge, em algum momento, pois tinha a marca azulada de uma pancada no rosto. Parecia cansado, assustado e muito pequeno, junto a seu raptor. Mesmo assim começou a se debater quando viu seus salvadores, gritando.

— Tia Melody!

Hogge torceu-lhe o braço para trás, fazendo-o gritar de dor.

— Como podem ver, ele está vivo e precisando de um pouco de disciplina. — Puxou o garoto de volta para o interior do depósito, fechando a porta, antes de exigir: — Quero sua palavra de que terei salvo-conduto. E quero Melody aqui. Solto o garoto assim que a escuna zarpar. Lá, terei proteção suficiente.

— Eu tenho de ir — Melody gritou. — Vocês não viram? Eu tenho de ir! — E correu para o depósito, antes que pudessem impedi-la.

— Volte! Não seja tola, — berrou Beatrice.

Mas já era tarde demais. A porta do depósito abriu-se, e Melody foi puxada para dentro.

À luz ao lampião a óleo, ela viu David no chão, junto a um rolo de linhaça, onde fora jogado. Ele esfregava os olhos, lutando para não chorar, mas, quando viu Melody, ergueu-se de um salto e correu para ela. Melody abraçou-o com força, embalando, beijando e murmurando baixinho palavras de ternura e conforto.

— Muito bonito — soou a voz odiosa. — Nunca pensei que você tivesse um instinto maternal tão forte, minha querida. Isso serve aos meus propósitos de uma maneira extraordinária.

Melody fitou-o com os olhos brilhantes, cheios de lágrimas.

— Eu nunca o perderei por isso, Luther! Vou com você para a Inglaterra, nos termos que quiser. Serei sua escrava, pronta a satisfazer todos os seus caprichos, mas só sentirei ódio por você, até o fim dos meus dias!

Uma expressão, feia surgiu nos olhos dele, mas a voz não se alterou.

— Não duvido, minha querida. Não duvido. E é por isso que vou levar o garoto conosco... para garantir a sua docilidade.

— Não!

Era horrível demais! Pensar naquela criaturinha perfeita da seiva, amorosa

e livre, sendo escravizada naquela casa escura e apanhando por qualquer falta real ou imaginária que cometesse, encheu Melody de revolta.

— Você não vai fazer isso! — gritou, erguendo-se de um salto e avançando para retalhar o rosto odiado de Luther Hogge com as unhas.

Ele a segurou pelos punhos, recuando alguns passos, chocado pela violência do ataque. Por um momento os dois lutaram, batendo na mesa e jogando o lampião sobre os rolos de linhaça. Então, Hogge atingiu-a com um murro no estômago, e Melody caiu, com o corpo dobrado para a frente e contorcendo-se de dor.

Foi a vez de David atacar. No entanto, um tapa cheio de desprezo o atirou para o lado.

— Eu cuido de você depois!

Melody foi a primeira a ouvir o estalar do fogo e fitar, horrorizada, as chamas que lambiam os rolos de linhaça.

— Luther! — chamou, num tom quase inaudível.

Mas ele já tinha visto. Tirando o paletó, começou a bater e a pisar nas chamas, chutando para o lado alguns rolos. A linhaça, no entanto, estava muito seca e incendiou-se em segundos.

Numa reação instintiva, Melody levantou-se aos tropeções, agarrou David e correu em direção à liberdade. Alcançava a porta, quando ouviu o palavrão de Hogge. Houve um barulho ensurdecedor, e uma bala enterrou-se na madeira, junto à cabeça de David. Desesperada, ela abriu a porta e jogou-se para fora, arrastando o menino junto.

Patrick levantou-a nos braços e Te Whatitoaoraki agarrou David, correndo com eles para onde os outros esperavam.

— O fogo! — Melody gritou, ainda com o estômago doendo do soco de Hogge, — O lampião virou. Vocês têm de ajudar Hogge!

— Ele poderia ter matado você — Patrick rosnou.

— Você não pode deixar que ele morra queimado. Mesmo sendo quem é!

A porta estava em chamas, agora, e o interior do depósito parecia um inferno. Um grito animal, mais de raiva do que de dor, chegou ao ouvido deles.

— Pelo amor de Deus, façam alguma coisa!

— Não dá mais — The Whatitoaoraki falou baixinho. — Ninguém pode entrar... ou sair de lá.

De repente, um grito que fez o sangue gelar nas veias de todos soou:

— Melodyyyy...

Logo em seguida veio o som de um tiro. Melody caiu de encontro ao peito largo do irlandês. — Acabou, pequena, acabou.

Mas ela sabia que se lembraria, para sempre, daquele grito horrível.

— Podemos ir para casa, agora? — uma vozinha perguntou, trazendo-a de volta à realidade.

— Claro... Claro, meu amor! E o mais depressa que pudermos.

Melody virou-se para Te Whatitoaoraki, mas não precisou dizer nada.

— A waka taua está esperando.

— Tia Bia, a senhora e Patrick vão voltar também, não é?

— Vamos, mas de um jeito mais civilizado. Vamos tomar o vapor, rio acima.

— Os cavalos estarão esperando por vocês no ancoradouro. Agora, tenho de levar David para casa. Paul já deve estar louco de preocupação.

O maori pousou a mão em seu braço.

— Estamos perdendo tempo. Mande dizer a Paul para nos esperar no pa, e ele não é um homem paciente.

Beatrice sorriu.

— Você é tão bom na arte de suavizar os fatos que supera até a nós, ingleses! Vá indo, Melody. Vou voltar para o hotel e trocar de roupa. Já estou até começando a me acostumar com essa história de mudar de lady inglesa para filha de fazendeiro, de um momento para o outro.

Patrick segurou-a pelo braço, quando o grupo começava a se afastar.

— Não faça uma mudança muito drástica, desta vez — mandou. — O vestido de tafetá cor de bronze vai dar bem.

Beatrice arregalou os olhos cinzentos.

— Mas esse é um dos meus melhores trajes!

— Você pode se trocar de novo, quando chegarmos ao ancoradouro. Eu gostaria muito que subisse o rio com o vestido cor de bronze. Tenho umas coisinhas para lhe dizer, e vai ser mais fácil se você estiver parecendo um anjo caído do céu.

Não pela primeira vez, desde que o irlandês entrara em suas vidas, Melody viu a tia corar.

— Anjo, hein? Pois sim! Só se for um anjo de meia-idade, acima do peso e com o halo definitivamente manchado.

Patrick sorriu.

— É assim que eu a quero.

— Pois não vai me ter de jeito nenhum, Patrick O' Shaughnessy!

O sorriso dele alargou-se.

— Esse é exatamente o ponto que quero discutir, mas a meu modo e na hora que me for conveniente. Melody, querida, é melhor você ir andando. Boa sorte. Vejo você esta noite.

Impulsivamente, Melody o abraçou.

— Até a noite, Patrick. Será um jantar de comemoração! Já temos muita coisa a celebrar, mas pode ser que haja mais ainda, quando você chegar.

Beatrice fungou, afastando-se alguns passos para esconder os olhos brilhantes. Piscando para Melody, Patrick foi se juntar a ela.

— Está bem, Te Whatitoaoraki, vamos para casa — disse Melody.

Mas em seu coração havia uma ponta de tristeza, pois sabia que Windhaven nunca poderia ser seu lar, enquanto Paul Savage a visse como uma escrava liberta, a quem julgara mal.

Foi com essa mistura de sentimentos que ela subiu a bordo da estreita canoa de guerra e ouviu o início do canto que marcaria o ritmo dos remos. Te Whatitoaoraki num dos bancos, altivo e bonito como um deus pagão, usando sua voz sonora e gestos largos para animar os homens. Eles também cantavam a canção familiar, Via moi, toia mai, te waka — "Cuidado com a canoa" —, enquanto impulsionavam a embarcação cada vez com maior rapidez, até uma pequena parede de espuma se levantar de cada lado.

Livre do medo e da tensão da última viagem, Melody foi tomada por uma sensação extasiante, orgulhosa do fato de ser parte daquele grupo magnífico. Ao mesmo tempo, sentiu uma certa desolação por saber que logo teria de voltar à Inglaterra.

— Inglaterra! — exclamou de repente, esperando ser tomada pela mesma onda de saudade que a dominara ao sair de lá. Mas nada sentiu. — Meu lar — murmurou então, e a imagem que lhe veio à mente não foi a das colinas verdejantes e da chuva fina, caindo sobre as ruas brilhantes. Em vez disso, viu um bosque, no topo de uma elevação, e lá embaixo uma casa cheia de ângulos estranhos, sombreada por uma gigantesca árvore hoa.

— Não chore, tia Melody — David consolou-a. — Está tudo acabado, agora. Nós vamos chegar logo em casa. Papai estará esperando, e tudo vai dar certo de novo.

Entre lágrimas, ela sorriu para o menino. Como poderia deixá-lo?

- É verdade meu guerreirozinho, nós logo estaremos em casa. Não vou deixar David! Jurou. Vou lutar com unhas e dentes para ficar com ele. Você que se dane, Paul Savage! Eu vou ficai! Você pode me expulsar da sua casa, mas não pode me expulsar do seu país! Ele é o meu lar, agora! Meu!"

CAPÍTULO XXIII

Avisado pelo som da corneta de concha, Paul soube que Melody estava chegando muito antes de avistar a canoa. Quando finalmente a enxergou, pensou que jamais esqueceria aquele quadro comovente.. Sentada altivamente, com um dos braços envolvendo o menino, ela estava suja de pó, molhada pela água do rio e com o coque de cabelos negros começando a se desfazer. Mesmo assim, havia em torno dela uma aura de tanta beleza que ele sentiu um nó na garganta. Beleza que rivalizava com o brilho dos olhos cor de safira, os quais espelhavam uma rebeldia totalmente nova.

Para Melody, vê-lo no ancoradouro, em pé, na pose tão familiar, com as pernas separadas e as mãos nos quadris, foi como ouvir um grito de guerra. Ao mesmo tempo, a visão do peito bronzeado, exposto pela camisa semi-aberta, e das coxas musculosas, envoltas em uma calça de linho, fez seu coração disparar.

Ambos desejavam se abraçar, deixar que o contato de pele com pele, boca com boca, apagasse a agonia por que haviam passado. Mas ambos esconderam a emoção sob uma capa de zanga.

— Que droga, Melody! Nunca mais faça isso comigo — ele gritou, no momento em que ela pôs os pés em terra. — David é meu filho. Se ele estiver em perigo, eu cuido de tudo!

— Você não estava lá para cuidar de nada — ela replicou, acalorada, — Além do mais, não era você que Luther Hogge queria!

— Não, papai! — David pediu, abraçando o pai pela cintura e levantando para ele os olhos suplicantes. — Tia Melody salvou a minha vida!

Paul apertou os maxilares, abraçando o menino com força, reprimindo os

beijos com que uma mulher não teria acanhamento de cobrir o filho. Paul Savage era um homem em todo o sentido da palavra, mas em momentos como aquele sua força transformava-se na maior fraqueza.

— Seu filho está bem, meu amigo — Te Whatitoaoraki interferiu. — E esta moça teria dado a própria vida por ele.

— É verdade, papai. Tia Melody disse que ia voltar para a Inglaterra e ser escrava do homem Hogge se ele me soltasse. Como uma pakeha pode ser escrava de alguém, papai?

Muito pálido, Paul ergueu os olhos escuros para Melody.

— Deus permita que você nunca descubra, meu filho.

— O tal Hogge também disse que levaria nós dois para a Inglaterra, para garantir a... a... não-sei-o-quê de tia Melody.

— Docilidade — Melody explicou, enfrentando o olhar de Paul.

Ele soltou o filho e virou para o outro lado, incapaz de encarar qualquer um dos dois.

— Meu Deus! — exclamou baixinho, deixando transparecer uma profunda angústia na voz, — Eu devia ter matado aquele maldito, quanto tive a chance.

— Isso também já foi resolvido — o maori contou.

E, enquanto caminhavam para o pa, em meio a muitas pausas, preenchidas por David com grande dramaticidade, Paul ficou sabendo de tudo. Ele ouviu em silêncio, de vez em quando pousando a mão no ombro do filho ou fingindo esmurrá-lo no braço, com ar brincalhão. E apertou os punhos, com uma raiva insana, quando David relatou como havia se encontrado com

Hogge no bosque, e o assassino o enganara para que fosse com ele.

— Ele estava esperando, papai. Estava sentado debaixo das árvores, olhando para a casa. Disse que tinha voltado para pedir desculpas por ter me machucado, e perguntou quem eu realmente era e para onde ia. — A voz do garoto perdeu a força, tornando-se mais baixa, — Eu respondi que não era ninguém, porque ninguém me queria, e que estava fugindo de casa.

Melody sentiu um nó na garganta, mas dominou-se, enquanto David continuava, num tom mais firme:

— Ele falou que, se eu quisesse que todos fossem atrás de mim e me pedissem desculpas, devia ir com ele. Disse que era amigo de tia Melody e que havia comprado um presente tão grande para mim que nem tinha conseguido trazer para cá. E garantiu que eu ia ficar numa casa bonita, na cidade, comendo

tanto doce quanto quisesse, enquanto esperava tia Melody chegar para me pedir desculpas por não me querer. Melody não agüentou.

— Ah, David! Eu sempre quis você, desde o começo!

— Eu sei disso, agora, mas naquele dia estava muito zangado com você. O homem Hogge me levou para um barco em Wanga-nui, não para uma casa, e eles me deram uma bebida ruim. Eu cuspi, mas eles me bateram e eu bebi tudo. Aí, dormi. Quando acordei, estava naquele depósito. Ataquei Hogge de novo, mas ele me bateu e eu parei. Depois, tia Melody chegou.

A narrativa ofegante, incerta, revelou mais do que as palavras. O rosto de Paul assumiu uma expressão terrível de se ver.

No pa, eles foram para a whare de Te Whatitoaoraki, onde uma mulher lhes serviu uma refeição, cujo principal prato foi carne de porco, assada em forno aberto. Todos se sentaram do lado de fora, já que era proibido comer dentro de casa, e aceitaram sua parte, embora nenhum deles estivesse com fome. David, com a capacidade de recuperação das crianças, logo saiu para brincar com os amigos e contar sua grande aventura. Foi quando o chefe disse:

— Há ocasiões, meu velho amigo, em que devemos parar de falar e começar a pensar. Deixe Rawiri aqui. Eu falo com ele. Não há mais perigo, agora que Hogge se foi. — Te Whatitoaoraki voltou os olhos para Melody, embora continuasse se dirigindo a Paul. — Não há nada que pague o que devo a esta mulher, mas creio que, a meu modo, posso lhe agradecer por ter salvado a vida de Rawiri.

O maori se levantou e entrou na whare escura, mas voltou logo, trazendo nos braços o manto lindo que Melody já vira. Era azul e cinza, verde e vermelho, feito de penas minúsculas de ka-kāriki, o papagaio da cor do arco-íris. Ele sorriu de surpresa e admiração de Melody, que se ergueu devagar, incapaz de acreditar no que via.

Paul levantou-se também, colocando-se ao lado dela.

— Aceita este presente, Melody, Toa Itil — o chefe perguntou, chamando-a de "Pequena Guerreira". Com todo o cuidado, colocou o manto sobre os ombros dela. — Este manto só deve ser usado pelos ariki, que podem nomear seus ancestrais até o primeiro a chegar a esta terra, ou então por rangatiri, como eu, que são de nascimento nobre e grande coragem. Não creio que exista aqui um só homem capaz de dizer que você não pode usá-lo.

Melody não tentou enxugar as lágrimas que escorriam por seu rosto, quando ele se inclinou e encostou o nariz no seu.

— E hoa, você faz parte do meu país. Haverá mais pessoas como você, que

encontrarão seu coração aqui, embora sejam de outra raça e outra fé. Paul foi o primeiro que encontrei, e você é a segunda, por isso peço que aceite a gratidão de um velho guerreiro.

Ela sorriu por entre as lágrimas.

— Seu país é o meu país, Te Whatitoaoraki, Maata me ensinou que em todo coração há... .Te Taepaepatanga o'te rangi".

Em voz baixa e grave, Paul traduziu:

— "Um lugar onde o sol alcança o horizonte. Melody, acho que está na hora de irmos. Temos... de pensar um pouco.

O olhar dela encontrou o dele.

- Não, Paul, quem tem de pensar é você. Eu já pensei tudo que era necessário.

Ele a fitou, observando o manto de penas sobre os ombros frágeis, os cabelos despenteados e o rosto mostrando marcas de cansaço e tensão, e a viu mais mulher do que qualquer uma tinha o direito de ser. Assentiu, então, indicando os cavalos. Ela foi a frente, parando um momento para agradecer à moça que havia preparado a refeição, num maori sonoro e fluente.

Sem esperar ajuda, Melody montou num dos cavalos e partiu. Ele seguiu atrás, mais devagar, notando que ela se lembrava muito bem da trilha entre a vegetação. Um pouco adiante, arriscou:

— O manto de kakâriki...

— Duvido que eu o use novamente, um dia.

— Ficaria meio deslocado, mesmo num baile londrino.

— Realmente... Mas não estou pensando em ir embora. Só acho que não posso vesti-lo para limpar a casa ou capinar o campo. Seria um crime.

— Você não vai mais voltar à Inglaterra?

— Não, Paul. Este é o meu país, agora. Continuaram em silêncio, só tornando a falar muito depois, quando a trilha desembocou junto à margem do rio. Melody freou o cavalo, sorrindo.

— Está ouvindo um pássaro chamar? Na certa se perdeu. Nesta época, já deveria estar mais ao sul.

— Ele está fora de seu território — Paul concordou. — Como outros que conheço.

— Ele vai ter de achar o caminho de volta ou se ajustar ao novo ambiente.-,

como outros que conheço — ela replicou.

O sol sumia no horizonte quando eles chegaram ao alto da última colina, saíram do meio das árvores e avistaram Windhaven lá embaixo. Como naquele primeiro dia, Melody parou o cavalo, encantada com o que via.

— Estamos em casa — Paul murmurou, os olhos fixos no rosto dela.

— Em casa — Melody confirmou, admirando o sol que desaparecia, cedendo lugar à noite neozelandesa e cobrindo a terra com um manto alaranjado.

— Case-se comigo, Melody — ele pediu baixinho. Ela enrijeceu, mas não se virou para fitá-lo.

— Melody... Quero lhe pedir desculpas. Acho que nunca pedi desculpas a ninguém. Eu pretendia domar você... como domei a terra. Eu a quis desde o primeiro momento em que a vi, mas nunca a enxerguei como realmente era. Achei que o medo, que você escondia sob a agressividade, era rebeldia, e que o seu orgulho... o orgulho dos Savage, que eu deveria ter reconhecido... era puro capricho. Vi sua teimosia, mas não a gentileza. Vi a sua sensualidade, mas não a inocência que ocultava, e só quando destruí essa inocência comecei a compreender. Eu estava errado, tão errado!

— Estava mesmo — Melody concordou, com um leve tremor na voz.

— No entanto, apesar de mim mesmo... e de você também, Melody... comecei a amá-la. Eu quero que você fique, que faça deste lugar o seu lar. Quero você ao meu lado, como igual, como minha esposa.

Nesse instante, o sol desapareceu por completo no horizonte, rendendo-se ao inevitável, e Melody suspirou, declarando numa voz rouca, que ele guardaria na lembrança para sempre:

— Não vou me casar com você, Paul.

Ele sentiu o coração disparar e uma sensação de opressão na garganta. Tivera tanta certeza! O desespero cobriu sua alma, mas então ela se voltou e... de repente, lá estava seu futuro, inteirinho, refletido nos maravilhosos olhos cor de safira!

Melody ainda lançou um olhar ao redor, para a terra indomável, eternamente misteriosa, coberta pelo manto estrelado da noite, antes de terminar, sorridente:

— Eu vou aceitar você, Paul Savage... mas é com a Nova Zelândia que vou me casar. Se bem que... Deus me ajude, eu o amo quase tanto quanto a este país!

Com isso, ela esporeou o cavalo e desceu a colina a galope... na direção de

casa.